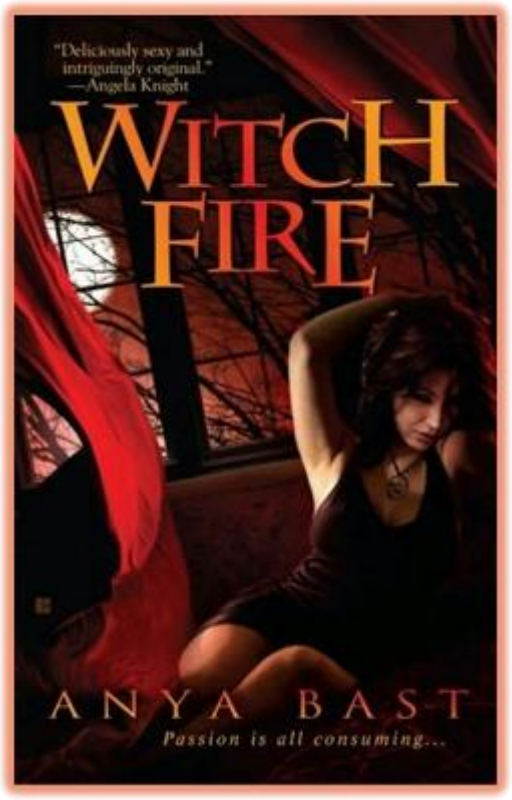


Anya Bast

Bruxo de Fogo

Depois de um casamento caótico e um árduo divórcio, tudo o que Mira Hoskins quer é estabilidade e normalidade. Mas quando o sexy Jack McAllister entra em sua vida, descobre que o que deseja não é sempre o que necessita. Jack é um bruxo poderoso com a capacidade de dominar o fogo e é tudo, menos normal. Como chefe de um destacamento de segurança do O Aquelarre, uma organização nacional que regula os bruxos da nação, Jack foi atribuído para vigiar Mira. Ela é uma bruxa natural que nasceu com a capacidade de invocar o ar. E embora não esteja consciente de seu talento, um grupo de bruxos renegados descobriram sua existência e estão decididos a roubar seu poder — e sua vida.

Disp em Esp: *El Club de las excomulgadas*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Tessy*
Revisão Final: *Karla Costa*
Formatação: *Greicy*
TWKliek

Comentário da Revisora Tessy: Adorei o livro! Tem um bom enredo, com uma mocinha decidida, apesar das decepções e um mocinho tudo de bom... E melhor ainda cenas eletrizantes e hots... Mal posso esperar pelo próximo!!!.

Comentário da Revisora Karla Costa: Maravilhoso, encantador e divertido, são adjetivos para descrever esse livro. Vale MUITO a leitura. Estou como Tessy, ansiosa pelo próximo... será do divino Thomas Monahan? Adoro...

Capitulo 1

Ele se via como o pecado, mas parecia à salvação. A salvação para sua preguiçosa libido, de qualquer jeito.

Seriamente preocupada com o homem sentado na mesa oito, Mira jogava pratos de fígado e cebolas, o especial do dia. Não podia recordar a última vez que um homem a tinha distraído dessa maneira, a fez sentir de novo como uma tola adolescente. Não podia recordar a última vez que tinha olhado um homem e tivesse tido uma reação instantânea, primitiva. Infernos, até tinha começado a pensar que tinha perdido por completo seu desejo sexual.

Ainda continuava vivo e bem.

Pôs sua caneta atrás da orelha quando terminou de anotar o pedido e deu uma olhada no homem. Sentou-se na mesa do canto, bebendo a goles seu café preto e lendo o Star Tribune[1]. Tinha estado ali perto de duas horas e não tinha querido nenhuma comida. Normalmente se incomodaria, especialmente porque estava ocupando assentos de primeira durante a hora mais concorrida do dia, mas estava disposta a perdoá-lo. Uma atração visual como a dele era estranha no Mike's Diner. Era tão bonito que sentia vontade de se jogar em cima do pobre cara, mas seu chefe não via com bons olhos assustar os clientes. De qualquer forma, garçonetes recentemente divorciadas e manchadas de gordura provavelmente não estariam na lista normal deste homem.

Não era só sua aparência física o que o fazia tão atraente. Era sua atitude e seus gestos. Era a forma em que se mantinha com tanta confiança. Era um desses homens aos que as mulheres tinham uma profunda reação, instintiva, uma resposta que as devolveria aos dias do homem das cavernas, quando as fêmeas eram atraídas pelo maior, o mais malvado dos homens ao redor.

Ao menos 1,92 de estatura e poderosamente construído, o homem parecia caminhar e respirar sexo. Parecia que podia proteger uma mulher de qualquer ameaça e cuidar realmente bem de seu corpo enquanto o fazia.

É óbvio, isso era provavelmente só sua quente imaginação e o escasso impulso sexual trabalhando horas extras. Isso, sem dúvida, ocorria quando a pessoa inesperadamente

[1] ***Star Tribune*** *É o maior jornal do estado de Minnesota e publicado sete dias por semana em uma edição para a região metropolitana de Minneapolis-Saint Paul.*

redescobria sua libido.

Como resultado, tinha fantasias sexuais com um desconhecido no momento mais concorrido de seu turno. Em vez de preocupar-se se o saleiro e o pimenteiro estavam cheios, perguntava-se como seria sentir suas mãos por seu corpo, imaginando seu duro peito roçando contra seus seios nus.

Quando Mira atendeu uma mesa, servindo as bebidas e assegurando-se de que os clientes tinham tudo o que necessitavam, olhou de novo ao homem por debaixo de suas pestanas. Sentiu a necessidade de gravá-lo na memória para que mais tarde pudesse ser o protagonista de suas fantasias. Durante os últimos meses, seu vibrador se encheu de pó na gaveta de sua mesa de noite. Agora tinha uma razão para tirá-lo de novo.

Era largo de ombros e musculosamente magro. Sua pele dourada, banhada pelo sol parecia desafiar o inverno de Minnesota e fez que Mira desejasse passar seus lábios e mãos sobre ele. Cabelo negro sedoso emoldurava um rosto cinzelado, uma face interessante com sobrancelhas negras e uma sexy barba em sua mandíbula esculpida.

Era atraente, entretanto, não era um menino bonito. Este homem tinha uma face que bem poderia congelar a alguém sólido ou transformar os ossos de uma mulher em mel quente, dependendo de sua expressão.

O homem era o sexo com pernas, mas foi sua boca e seus olhos o que realmente fizeram Mira se fixar nele. Longas pestanas escuras marcavam seus olhos celestes. Pareciam frios a primeira vista, mas quando sorriu, o olhar desses olhos enfraqueceu seus joelhos. E tinha uma boca totalmente indecente. A ligeira curva de seus lábios cheios e sensuais trouxe para a mente toda espécie de tentadoras imagens, pele sobre a pele em movimento, extremidades enredadas, respiração irregular, ofegos e línguas trabalhando como dois corpos fundidos em meio de retorcidos lençóis…

— Hey, cuidado! — Um cliente se queixou quando ela esteve a ponto de atropelá-lo depois de limpar uma mesa.

— Sinto muito — Esboçou um sorriso e se desculpou. Estava realmente distraída esta tarde. Soprando uma mecha de cabelo escuro de sua face, levando a bandeja à parte posterior, à máquina de lavar pratos. Ao passar perto dele, roubou seu milésimo olhar.

Usava um par de jeans ajustados, um pulôver de pescoço alto cinza, um comprido abrigo negro e botas negras. Sua roupa era informal, mas cheirava a dinheiro. O aroma que tinha recebido de sua cara colônia e a Mercedes prateada que estava estacionada em frente foram suficientes para dizer que o tinha a montões.

Não. Definitivamente não era seu tipo.

Em todo caso, fez uma promessa a si mesma de evitar novas relações pelo menos durante um ano. Devia a si mesma manter essa promessa.

Não que ele a desejasse, de todos os modos.

Dirigiu-se à cozinha, enganchando uma mecha solta de cabelo atrás da orelha quando chegou, e pôs o pedido que tinha acabado de tomar. Era a hora do almoço, e o restaurante estava abarrotado de gente do centro da cidade dando uma rápida dentada antes de dirigir-se de volta ao

escritório. Ninguém queria ir muito longe, em fevereiro; Mike's Diner era o suficientemente bom com este tipo de frio de Minnesota. Os sons das conversas e o ruído dos talheres quase afogavam o fio musical, e se sentia calor no pequeno restaurante.

Normalmente, quando não estava tão distraída, era nesta parte do dia quando ela estava metida na rotina. Toda sua realidade se convertia na sincronização de anotar pedidos, servir comida e bebidas. O tempo ia rápido e suave. O ritmo da hora do almoço no restaurante era como o "clackety-clack" das engrenagens bem engraxadas de um trem a toda velocidade nos trilhos.

Era boa em seu trabalho, capaz de sentir as necessidades das pessoas com uma intuitiva naturalidade que tinha tido toda sua vida. Seus clientes regulares sempre comentavam como ela tinha entregado justo o que eles estavam pensando em pedir acompanhado de batatas fritas ou uma fatia de bolo de mirtilos[2]. De acordo, não estava curando o câncer, mas ao menos estava sendo um membro produtivo da sociedade. Além disso, as gorjetas não eram más. Mira estava economizando para retornar à escola e terminar sua licenciatura em Psicologia. Não tinha a intenção de ser uma garçonete profissional pelo resto de sua vida.

— Mira, pedido! — Chamou Mike da cozinha.

Ela recolheu seu pedido e se dirigiu para entregá-lo, fazendo caminho entre o concorrido restaurante para a mesa sete. Estava justo ao lado da mesa oito onde o *Sr. Muito bonito* ainda bebia seu café. Pintou um grande sorriso de: "me dê-uma-boa-gorjeta" e serviu o homem da mesa sete sua comida. Ele se via como um tipo de Gerente Intermediário lutando por subir na escala corporativa. Depois de trabalhar no restaurante pelos últimos seis meses, tinha uma boa relação com a multidão da hora do almoço.

— Posso trazer algo mais, senhor? — Perguntou ela alegremente.

O homem levantou a vista de seu prato e se concentrou em seu colar.

— É alguma espécie da Satanista?

Seu sorriso murchou e a indignação passou através dela no tom zangado da voz do homem. Sua mão voou para o pentagrama ao redor de seu pescoço. Maldição, tinha esquecido tira-lo antes de seu turno.

O desprezo seguiu à indignação. Este cara nunca teria dito nada se ela tivesse estado usando um crucifixo. As pessoas sempre identificam o pentagrama com o Satanismo, ainda quando não tem nada a ver. Normalmente, teria dado uma lição de sensibilidade religiosa, mas este não era não era o momento ou o lugar.

— Não — Respondeu ela friamente — Não sou uma Satanista. Posso lhe trazer outra coisa, senhor?

— E, o que? É alguma coisa Gótica, então?

— Não, não é uma coisa Gótica. Quer outra Coca-Cola?

— Por que usa essa maldita coisa por aqui? Ofende as pessoas.

— Deixe a garçonete em paz.

Sua cabeça se levantou. Era o *Sr. Muito bonito*. Ele sequer tinha levantado a cabeça de seu jornal. Sua profunda, ressonante voz comandava autoridade inclusive sem sua direta atenção.

---

[2] ***Mirtilo*** *também conhecido como uva-do-monte.*

— Ela não quer explicar suas preferências de joalheria. Só quer saber se você quer mais bebida.

O da Gerência Intermediária pareceu intimidado instantaneamente pela nota de agressão na voz do *Sr. Muito bonito*. É por isso que provavelmente não chegaria muito longe na escala corporativa, pensou Mira com satisfação.

— Estou bem — O da Gerência Intermediária respondeu, olhando a seu prato — Sinto muito.

— Não há problemas — Disse ela, voltando-se.

Deu um olhar ao *Sr. Muito bonito*. Ele olhou por cima de seu jornal, e seus olhares se encontraram por um momento. Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso antes que retornasse sua atenção ao Tribune. Ela imaginou esses grossos lábios beijando entre seus seios e por seu estômago. A imagem de sua escura cabeça trabalhando entre suas coxas a lambendo e uma profunda dor sexual encheu sua mente.

Um bebê gritou a um par de mesas mais à frente, interrompendo seus prazenteiros pensamentos. Mira desejou que não estivesse trabalhando e pudesse estar em casa derrubando-se em suas fantasias com este homem.

Depois que teve uma pequena pausa, Mira mergulhou na sala de descanso para tirar o colar e pô-lo em seu armário. Ao sair, tomou uma cafeteira e caminhou de volta à mesa do *Sr. Muito bonito*. Ele a olhou enquanto se aproximava.

— Gostaria de outra xícara de café? — Ela sustentou a cafeteira e inclinou sua cabeça ao lado em questão.

Ele sacudiu a cabeça.

— A conta.

Ela baixou a cafeteira, escavou no bolso de seu avental por sua conta e a pôs na mesa.

— Obrigada — Disse ela em voz baixa — Quero dizer, pelo que disse.

— É Wicca? — Perguntou ele enquanto pegava sua carteira e tirava uma nota de vinte.

Ela assentiu.

— Eu me criei Wicca, mas não pratico magia nem nada assim de louco. Wicca é minha religião. Eu me criei com ela — Manteve sua boca fechada assim não balbuciaria. O homem a fazia sentir vulnerável e tola. Sem mencionar… não muita gente a tomaria instantaneamente por uma Wicca ao ver seu pentagrama.

Ele jogou os vinte na mesa e ficou de pé. O ligeiro aroma de sua colônia, picante, e um pouco amadeirada, assaltou seus sentidos. Deu uma olhada a sua garganta livre do colar.

— É uma pena que tenha que escondê-lo devido à ignorância de outros.

OH. Estava apaixonada.

Momentaneamente muda, baixou os olhos a nota.

— Uh, me deixe trazer seu troco.

— Não, guarde-o — Virou e se foi.

Ela tomou a nota e sua conta. Seu café com recheio grátis tinha sido só um dólar vinte e cinco.

ଔଔଔ

Jack McAllister fechou a porta do automóvel atrás dele e se concentrou além dos flocos de neve caindo e a janela de vidro do restaurante para ver Mira Hoskins considerar a gorjeta que lhe tinha deixado. Ela olhou fora da janela, pondo os vinte e sua conta dentro do bolso de seu avental, e depois inclinar-se sobre a mesa para tomar sua xícara de café vazia e o jornal jogado. Sua saia subiu atrás, revelando a doce curva de sua panturrilha, um pouco da cremosa pele de sua coxa, a suave parte posterior de seu joelho. Era um lugar tão sensível na maioria das mulheres.

Ele gemeu. A mulher tinha um lindo par de pernas, pernas que tinha imaginado envoltas ao redor de sua cintura mais de uma vez desde que ele tinha sido atribuído para vigiá-la. Seu cabelo era comprido e espesso, de uma rica cor chocolate.

Jack o tinha imaginado transbordar-se sobre a borda de seu colchão enquanto ele afundava seu pênis dentro dela. Tinha imaginado colocando sua mão em sua vagina enquanto ele a estendia com seu rosto de barriga para baixo em sua cama e a tomava por trás, dando estocadas em seu úmido calor. Jack a faria rasgar os lençóis, faria gozar com a boca aberta e indefesa diante da luxúria, fazendo-a esquecer tudo exceto o modo em que ele possuiu seu corpo.

Apostava que ela faria os mais doces sons quando gozasse.

Jack amaldiçoou. Tinha sabido quando aceitou o trabalho que o fogo e o ar tinham uma atração natural, mas tinha subestimado o poder da afinidade mágica. Jack tinha um enorme apetite sexual, entretanto tinha pensado que poderia resistir a esta mulher. Ela não era para ele, em nenhum nível. Ele sabia disso conscientemente. Não obstante, seu pênis parecia ter diferente ideia. Não podia deixar de pensar em suas exuberantes, suaves curvas e em como se sentiria ela sob suas mãos. Querendo que fosse poderosa, primitiva, uma resposta instintiva de sua magia à sua. Nada mais. De todos os modos, estava desejando fortemente à única mulher que sabia que não devia desejar.

Em qualquer outro nível, exceto o mágico, ela não era seu tipo. Mira Hoskins não era uma mulher a quem se fodia e depois deixava. Era uma mulher a que conservar. Uma das que ama. Uma que se mete em sua vida para sempre.

Ele a olhou recolher a xícara e seu guardanapo jogado e dirigir-se de novo à cozinha. Parecia absolutamente inconsciente de sua beleza. Os homens reparavam nisso constantemente, mas parecia não se dar conta. Deixava seu cabelo natural, comprido e liso. Nunca usava muita maquiagem. Essa inconsciência sobre sua aparência a fazia ainda mais atraente.

Jack amaldiçoou de novo e arrancou o motor.

Mira era uma boa mulher, o que significava que não era seu tipo de mulher. Ele pelo geral se deitava com mulheres que estavam casadas e queriam curtas aventuras, ou mulheres solteiras que estavam nisso para passar um bom momento sem ataduras. Jack se mantinha afastado de mulheres como Mira Hoskins.

Especialmente de Mira Hoskins.

Tinha tomado este trabalho para saldar a dívida que devia. Tinha que permanecer

profissional. De todas as formas ela era a prima de seu chefe. Monahan cortaria sua cabeça por seduzi-la e possivelmente não a que estava sobre seus ombros.

ଔଔଔ

Mira saiu pela porta traseira do restaurante antes de fechar. O frio ar noturno arrebatou o fôlego instantaneamente, forçando-a a rodear mais as bordas de seu casaco. O restaurante de Mike estava localizado justo no meio de Minneapolis, fazendo extra frio o vento que corria por entre os edifícios. O vento açoitava sua saia ao redor de suas pernas vestidas de nylon e intumescia suas panturrilhas. Entretanto era revigorante. Ela sempre tinha amado o vento, inclusive quando este arrebatada o calor dos seus pulmões.

Tomou seu caminho sobre o congelante estacionamento para seu desmantelado Honda Accord e entrou. O frio assento intumesceu seu traseiro ao fazer contato e Mira ofegou. Tudo o que queria era chegar em casa, tomar banho para tirar o gordurento fedor de sua pele e instalar-se com um jantar de TV[3]. Colocou a chave na ignição. Também tiraria esta noite seu vibrador da gaveta, o *Sr. Muito bonito* a tinha inspirado.

O automóvel levou várias tentativas antes de arrancar, mas logo os pneus estiveram fazendo ranger seu caminho sobre o pavimento gelado, na rua e para casa.

Em todo o caminho para seu apartamento, a sensação de estar sendo observada a inquietou. Era ridículo. Estava em seu automóvel só depois de tudo.

A menos que a sensação viesse de estar sendo seguida.

Ligou o rádio e tratou de ignorar sua inexplicável paranoia, fazendo caso omisso dela, como se fosse só sua imaginação, mas isso não impediu de revisar seu espelho retrovisor cada cinco segundos. Ela tinha estado tendo esta sensação frequentemente nas últimas duas semanas. Era ridículo, é óbvio. Ninguém a espreitaria, ninguém salvo Ben, talvez. Mas Ben provavelmente não importava com ela para investir tanto tempo. Depois de tudo, Ben tinha ido a pastos mais verdes e ao esquecimento. Estava longe muito ocupado. Esmurrando sua nova namorada loira e peituda, Trixie, para incomodar-se com ela nunca mais.

Quem demônios se chama Trixie de todas as formas? Soava como o nome de uma stripper, entretanto Trixie era uma fisioterapeuta que se mudou de Duluth a dois anos atrás. Quando Ben machucou seu joelho no ano passado, Trixie tinha passado umas pequenas "horas extras" ajudando-o a recuperar-se. O pobre bebê tinha requerido carinho extra e cuidados especiais.

Mira soprou forte, e empanou de branco o ar no ainda frio automóvel. Desejava a Trixie melhor sorte com Ben do que ela tinha tido. Ben não era do tipo que se mantinha fiel por muito tempo. Quase sentia pena pela outra mulher.

Mas não o sentia muito.

Ela murmurou o capitulo vinte e cinco dos Conselhos Wicca a seu automóvel vazio. "Ser

[3] ***Um jantar de TV*** *também conhecido como comidas congeladas.*

sempre verdadeiro no amor, para que seu amante não seja um falso maior[4]" Mira suspirou. Ben tinha sido incrivelmente falso.

Deteve-se de um lado, de um vaso de barro, não muito longe da entrada de seu edifício na Randolph Avenue no próximo St. Paul. Para alimentar seu novo medo, assegurou-se de que outros automóveis não pararam atrás dela antes que recolhesse sua bolsa e se dirigiu para dentro escolhendo cuidadosamente onde pisar sobre a mal limpa calçada coberta de neve.

Ela se dirigiu pela porta principal do velho edifício e desceu um curto lance de escadas. Havia só dois apartamentos no porão e de muito pouco luxo. As escadas e as paredes eram todas feitas de blocos de concreto sem adornar e cheirava um pouco mofado. Um só foco pendurava de uma corrente por cima de sua cabeça, jogando sombras, quando abriu a porta de seu apartamento.

Uma vez dentro, tirou o casaco e chutou a calefação. Entrou na cozinha, introduziu a mão no bolso de seu avental, pegou um maço de notas de um dólar e os pôs dentro do pote de bolachas em forma de um porco rosa sobre sua bancada. Agora estava muito mais perto da escola noturna. Sentia-se bem em ter um objetivo. Dava a sua vida um propósito.

De pé em meio de sua cozinha, sorriu. Era muito humilde. Seu apartamento consistia em um diminuto quarto, um banheiro microscópico, uma minúscula cozinha sem lava-louça e uma muito pequena sala. O lugar era escuro e estava decorado com móveis desiguais de segunda mão.

Era uma lixeira.

Mas era sua lixeira. Seu sorriso se ampliou, pela primeira vez em sua vida tinha um lugar que era só dela. Poderia não ser muito, mas era liberdade.

A luz de mensagem na secretária eletrônica piscou. Ela se aproximou e pulsou *Reproduzir*.

— Mira — Se ouviu a voz de Ben — Quero meu estéreo. Já disse milhares de vezes que é meu… — Pulsou *Apagar*. O bastardo a tinha enganado repetidamente durante seu casamento. Quando descobriu, tinha-se visto forçada a fazer um exame para enfermidades de transmissão sexual. Enfermidades de transmissão sexual! Fechou seus olhos por um momento, sentindo essa familiar mistura entre traição e vergonha.

Continuaria conservando o maldito estéreo.

Mira tinha conhecido Ben na universidade. Ele tinha estado perto de tramitar sua licenciatura em leis, e uma vez que se graduasse, casariam-se. Ben a tinha convencido de algum jeito de abandonar a licenciatura em psicologia para tratar de ficar grávida. Ele estava fazendo suficiente dinheiro para manter a ambos e tinha professado realmente querer filhos. Ele tinha conseguido um trabalho em uma firma local e, quando eles não tinham estado acomodados, tinham sido capazes de poder subsistir naqueles primeiros anos.

Por sorte, ela nunca tinha conseguido conceber. Mira queria filhos, mas não quando Ben tinha estado tentando fazer bebês com a metade da população feminina de Minnesota. Uma vez que descobriu as numerosas aventuras de Ben e todas as suas mentiras, confrontou-o e exigiu o divórcio no mesmo dia.

Tinha quebrado o coração, mas qualquer resto de amor que tinha tido pelo Ben se evaporou nos trâmites do processo do divórcio. Ben tinha brigado com ela a cada passada do caminho, Mira

[4] *Em inglês é uma rima.*

seguia ainda pagando honorários, mas tinha arrumado para conseguir dele um pouco de manutenção conjugal, ao menos pelo tempo que levasse terminar sua licenciatura em psicologia.

A ira cresceu nela tão forte que quase a sufoca. Ben tinha mentido constantemente. Tinha dado anos de sua vida, sua confiança e seu amor, e tinha tratado seus sentimentos como lixo. Tinha-a tratado como lixo.

Tinha sido muito estúpida em abandonar a escola e depender dele financeiramente. De uma vez. Tinha estado tão apaixonada que nunca poderia ter imaginado que seria infiel. Pensou que sua vida seria como a de seus amigos. Inclusive se não tinha uma carreira, teria filhos, um grande casamento e seria feliz.

Obviamente, essas coisas não eram para ela.

Ele tinha ficado com a casa em Eden Praine. Ela não a queria. Tinha querido seu próprio lugar. Livre de lembranças e sufocos, com a promessa de um fresco início. Além da pensão, ela tinha tomado muito pouco de sua antiga residência em uma tentativa de criar uma nova vida.

As lágrimas queimaram seus olhos, e ela piscou para afastá-las. Derrubar-se na auto compaixão era o menos produtivo que podia fazer. De todas as formas, tinha estado livre do Ben por seis meses e cada dia sua vida era melhor.

Mira observou ao redor de seu apartamento com um pouco menos de confiança da que tinha tido um momento antes.

Verdade?

Afugentou o brilho de dúvida com uma sacudida de cabeça e pressionou *Reproduzir* para ouvir a seguinte mensagem. O horripilante som de um homem respirando encheu o apartamento. Sem palavras, sem voz, só o estranhamente ameaçador som de uma respiração.

Mira estremeceu. Depois de sentir-se como observada, realmente não precisava de chamadas de brincadeira como essa. Pressionou *Apagar* e se afastou da secretária, sentindo arrepiar cada pelo de seu corpo. Pelo geral, teria rido, mas não esta noite. Esta noite fazia uma espiral de temor na boca do estômago.

Alguém bateu na porta, forte. Sobressaltada, Mira saltou um metro no ar.

— Mira Hoskins? — A voz do homem soava apagada através da porta — Precisamos falar com você.

Precisamos... quem?

Ela não se moveu, não respirou. A voz era estranha. Não havia razão concebível para que alguém devesse estar batendo em sua porta às onze da noite. A voz de sua avó se introduziu em sua mente… *O estrangulador de Boston nunca tem que quebrar uma fechadura, sabe.*

Bang! Bang! Bang!

— Senhorita Hoskins, sabemos que está aí. Abra. Só precisamos falar.

De maneira nenhuma abriria essa porta.

Silêncio. Ficou cravada no chão, esperando que se fossem.

— Senhorita Hoskins — Disse a voz suavemente depois de uns momentos — Vamos fazer isto da forma fácil, sim?

O sangue de Mira correu frio e seu coração disparou. Isso definitivamente soava como uma

armadilha. Pegou o telefone para chamar 911, mudo. Sem sinal.

— OH merda — Respirou. Tinham cortado sua linha telefônica. Como tinham cortado sua linha telefônica?

Olhou para as janelas. Diminutas janelas de porão. Quase muito pequenas para permitir atravessar o ar, e muito menos a uma mulher de tamanho normal.

Não havia escapatória. Isso significava briga.

O pânico fazia seu coração palpitar e suas mãos tremerem, foi à cozinha, tirou uma faca e caminhou nas pontas dos pés pelo curto vestíbulo para a porta, com o fim de olhar pelo olho mágico.

O som de madeira estilhaçada encheu seus ouvidos e a porta veio voando, abrindo-se. Bateu justo na testa. Uma dor cegante explodiu na cabeça por um momento, depois se sentiu cair de costas, para a escuridão.

Capitulo 2

Mira despertou com uma palpitante dor de cabeça. Piscou e o teto do vestíbulo surgiu à vista. Fazendo uma careta pela dor, estendeu sua mão para tocar a cabeça. Alguém a forçou para baixo.

— Não a toque, tem um inferno de golpe.

— Qu…

Ele se inclinou sobre ela, entrando em seu campo de visão. Mira ofegou em reconhecimento. Forçando-se a levantar, caminhou de costas até que bateu na parede atrás dela. Lamentou instantaneamente o rápido movimento quando as náuseas ameaçaram vencê-la. Com os olhos muito abertos se engasgou e brigou contra o impulso de vomitar no piso do vestíbulo.

O homem do restaurante. O arrumado. O *Sr. Muito bonito*.

Sua mente gaguejou sobre a situação. O *Sr. Muito bonito* em seu apartamento. A sensação de ser observada. Os homens derrubando sua porta.

Ele estendeu sua mão como se ela fosse algum animal selvagem ao que domar.

— Esta tudo bem, não vou machucá-la.

Supunha-se que ia acreditar nisso?

Mira olhou além dele. A porta de seu apartamento continuava totalmente aberta, e dois enormes homens que não reconhecia caídos imóveis no piso de concreto, na parte inferior da escada.

— Que demônios está acontecendo? Quem são vocês? — A histeria afiou sua voz, fazendo-a parecer disforme a seus próprios ouvidos.

— Meu nome é Jack McAllister. Sei que tem muitas perguntas, mas agora devo tirá-la daqui.

Suas palavras apenas se registraram como algo parecido ao sentido. Ela sabia uma coisa, não ia a nenhum lado com este cara, não importava quão muito bonito fosse. Senhoras e senhores, tinha mau gosto para homens!

Seu olhar procurou e aterrissou na faca de cozinha que soltou quando a porta a golpeou.

Estava no meio deles, mais perto dela. Mira se jogou sobre ela. Seus dedos se fecharam ao redor do cabo no mesmo momento em que Jack a deteve, apanhando seu pulso. Seu fôlego brotou com muita força pelo peso dele. A escuridão manchou sua visão por um momento, mas enroscou seus dedos ao redor do cabo da faca e obstinadamente se agarrou a ele.

Ele caiu rodando com ela, ainda mantendo a mão apertada ao redor de seu pulso. Mira ofegou de alivio ao tirar seu peso de cima, tratando de puxar seu braço, que só teve êxito machucando seu ombro. Tinha a faca, mas não podia usá-la.

Mira se fixou em uma lasca na parede em frente dela, mantendo cada pingo de força de vontade que tinha para permanecer consciente.

— Não desmaie — Disse Jack — Precisa permanecer acordada.

Não me diga, quis dizer ela, mas não podia fazer chegar às palavras. Sua vida provavelmente dependia de permanecer consciente.

— Mira, estou aqui para te ajudar. Esses homens ali fora no vestíbulo, eles estiveram te seguindo. Precisamos ir daqui antes que mais musculosos apareçam. Há muito que explicar e não posso fazê-lo agora. Só sei que estou aqui para te proteger. Entende? — Ele soava como se estivesse falando com uma menina de três anos.

— Por que… Devo… Confiar em você? — A expulsou com voz entrecortada, ainda fixando-se na lasca da parede.

— Porque não tem outra opção. Agora vou soltar seu pulso. Pode conservar a faca se estiver tão unida a ela. De todas as formas, não acredito que esteja em condição de usá-la.

Ele tinha um ponto.

Jack deixou solto seu pulso, e ela lançou um golpe torpe, investindo contra ele de todos os modos. Ele se jogou para trás no segundo último. A ponta quase roçou sua garganta.

— Whoa. Possivelmente me equivoquei — Balbuciou. Agarrou seu braço, arrancou a faca de seus dedos e atirou através da sala.

Mira olhou fixamente à arma fora de seu alcance com consternação.

Jack a agarrou pela cintura com suas perturbadoras, longas e fortes mãos e a levou de um lado a outro em seu colo. Ela se agarrou em sua camisa. Lutou por um momento contra ele e depois ficou imóvel. Sua cabeça nunca tinha afetado tanto como desta vez. Não podia sequer respirar sem dor. Tinha uma concussão cerebral? Precisava ir ao hospital?

— Por que está fazendo isto? — Ofegou ela.

Ele ficou olhando-a com uns impressionantes olhos azuis. Parecia uma coisa estranha de estar observando nesse momento, mas esta era uma situação estranha.

— Disse a você. Estou te protegendo, Mira — Ele respondeu com uma voz terna que não parecia concordar com seu comportamento brusco.

Mira piscou diante do enjoo que se fez mais intenso. Jack apertou seus braços ao redor dela, sua expressão preocupada. Ele estava quente e cheirava sexy. Irracionalmente, desfrutava senti-lo contra ela.

Além disso, havia dois dele. Isso o fazia estranhamente agradável.

Sua cabeça pendurava como ameaçada pela inconsciência.

— Merda — Respirou — Mira?

Escuridão.

ଔଔଔ

Jack desceu o olhar para a mulher em sua cama. Parecia muito pequena e frágil na king-size com dosséis. Sua face ovalada aparecia pálida, e um enorme hematoma tinha florescido em sua testa. Ela seguia usando seu uniforme rosa do restaurante e sapatos brancos de trabalho.

Tinha suficiente experiência em curas para saber que ela não tinha uma concussão cerebral. Uma vez que a tinha carregado até o automóvel e levado a alguma parte onde pudesse concentrar-se, tinha-o determinado. Do contrário a teria levado a emergências, embora isso tivesse incrementado o risco de detecção de Crane.

Nada disto tinha acontecido exatamente de acordo com o previsto.

Mira precisava permanecer escondida no momento, e seu apartamento estava bem guardado magicamente contra indiscretos olhos e ouvidos. Ela teria um inferno de dor de cabeça por uns dias, mas esse era o alcance de suas lesões. Não havia nada que fazer por agora, salvo esperar a que ela despertasse.

Sentou-se na borda de sua mesa e jogou com um acendedor Zippo[5] de prata. A chama flamejava de forma intermitente na penumbra do quarto enquanto repassava os eventos do dia em sua mente. Quase chega muito tarde. Os valentões de Crane quase a tinham pego. Jack sabia, ele tinha ouvido tudo sobre essa pequena confusão de seu chefe. Se tivesse se atrasado uns minutos mais, poderia ter perdido Mira completamente.

Jack tratou de imaginar-se dizendo a Monahan que tinha deixado Crane levar não só a sua prima perdida faz muito tempo, mas também uma das bruxas do ar, elementares mais poderosas do que eram conscientes, e tudo porque tinha sido detido por um policial na interestadual 94 quando a seguia para casa. Ele somente tinha estado tentando ir ao passo de Mira. A mulher conduzia como um morcego do inferno, entretanto ele tinha sido o único detido pelos sempre vigilantes patrulheiros de estrada de Minnesota.

Deixou o Zippo a um lado, deslizou-se da mesa e aproveitou para estudá-la.

A luz do vestíbulo derramava, fazendo seu comprido e enredado cabelo brilhar. Sua tez era morena, bronzeada inclusive em pleno inverno, e sua pele parecia porcelana, muito suave e perfeita. Era o tipo de pele que suplicava ser acariciada e beijada. O tipo de pele que desejava estar nua, sentir o rastro dos dedos de um homem.

Jack deixou escapar uma lenta e tranquila respiração e deixou que seu olhar seguisse a linha de sua magra garganta até a borda de seu uniforme. Inclinou a cabeça para o lado em contemplação. Seus seios eram talvez taça B, provavelmente coroados com mamilos rosa. Seios o suficientemente grandes para encher suas mãos e esparramar-se um pouco. Mamilos perfeitos

---

[5] ***Isqueiro Zippo*** *foi criado por George G. Blaisdell em 1932, em Bradford, Pensilvânia. Muitas vezes, o design dos isqueiros Zippo é retangular com tampa articulada. Ao contrário dos isqueiros de plástico, Zippo são recarregáveis com um combustível especial, que inclui principalmente a nafta, mas também trabalha com algum líquido inflamável, como gasolina, querosene, etc.*

para explorar com sua língua.

Sentia-se como um lascivo admirando-a dessa forma agora, mas não podia evitá-lo. Era a atração sexual natural entre fogo e ar. Com Mira era excepcionalmente forte.

Agachou-se e tirou umas mechas de cabelo escuro de sua face. Suas longas pestanas desciam por suas bochechas e sua boca era adorável, grosa e expressiva. Parecia-se com sua mãe.

Deuses e deusas. Parecia-se com sua mãe.

Uma pontada de pesar apertou seu peito enquanto as lembranças vinham. Jack esfregou uma mecha do sedoso cabelo de Mira entre seu polegar e o dedo indicador e deixou que as lembranças o levassem pela milionésima vez.

Ele acabava de fazer dez anos e seu pai o tinha considerado o suficientemente grande para observar o lançamento de seu primeiro círculo. Seu pai reclamava que Jack tinha muito de sua mãe nele e que era tempo de começar seu treinamento. A mãe de Jack tinha morrido quando ele tinha tido cinco, por isso não sabia se era certo, só que as qualidades de sua mãe eram algo que seu pai acreditava, tinham que ser expulsas dele. Seu pai não tinha sido capaz de forçar a maldade fora de outra maneira, assim decidiu que tinha chegado o momento de que Jack começasse sua educação na arte da magia negra.

Esse dia Jack esteve perto dos amigos de seu pai e observou quando quatro bruxas atadas foram tiradas de sua zona à sala de rituais na mansão de seu pai. Uma bruxa para cada um dos elementos. Jack pôde sentir suas habilidades através de sua magia quando entraram. Volátil, imprevisível fogo, como ele. Suave, fresca, entristecedora água. Firme, profunda, poderosa terra. Finalmente, ar. O ar era uma magia que uma bruxa não podia sentir até que ele ou ela era golpeado com toda a força de seu poderio. Como um tornado em um espaçoso dia do verão. Todas as bruxas estavam ensanguentadas e golpeadas, mas todas seguiam lutando por seu destino.

Todas exceto a bruxa do elemento ar.

Ela se ajoelhou em seu lugar no círculo, seu formoso cabelo escuro caía sobre seus ombros, e enfocou seus olhos diretamente sobre Jack. Ele nunca havia sentido tal profundidade de dor em uma pessoa. Ela estava pronta para morrer. Queria-o.

Os amigos de seu pai murmuravam que a mulher tinha observado seu marido fechar um círculo no dia anterior e isso tinha quebrado sua vontade. Duvidavam de sua prudência. Claro, não necessitavam sua prudência para fechar este círculo. Eles só necessitavam sua magia.

Inclusive em sua jovem mente, Jack finalmente compreendeu que seu pai sacrificou bruxas no altar da magia negra com o fim de ganhar poder. Estes eram os sapatos que seu pai esperava que ele enchesse. Estes eram os sapatos que seu pai disse nunca poderia ser capaz de encher porque era muito fraco, muito poluído.

Se o ser forte significava fazer isto, então Jack sabia que seu pai estava certo, ele tinha muito de sua mãe nele.

Jack se moveu e quis afastar o olhar dos olhos vazios da bruxa do ar elementar, mas sentia a necessidade de manter uma conexão com ela. O que na verdade queria fazer era fugir. Jack queria fazer algo, algo para não ter que olhar o círculo sendo emitido. Em troca ele sustentou o olhar da

mulher quando seu coração palpitou com força e sua mente correu.

Seu pai e seus amigos tomaram seus lugares e começaram o ritual. O som do canto encheu o ar, fazendo-o crepitar com seus poderes combinados. Isto levantou os pelos dos braços de Jack e fez zumbir seus ouvidos. O poder que se deslizava por sua pele parecia como o veludo negro, enchendo-o, dando a sensação de enjoo e euforia. A magia em seu peito reagiu brilhando cálida e sedutoramente em resposta, querendo ser liberada.

Imerso nela, Jack se sentiu quase invencível. Ao olhar as expressões entusiastas de seu pai e seus amigos, Jack se perguntou que deviam sentir. Tinha que ser muito mais poderoso para quem trabalhava o feitiço.

As bruxas fazendo seu involuntário sacrifício se deslizavam sob a escravidão das poderosas forças escuras exercidas sobre elas. Suas faces se contorcionavam em dor quando não puderam brigar contra a violação de sua magia. Isso foi o que puxou Jack da estranha, agradável letargia que o tinha roubado. As bruxas não podiam mover-se, mas seus rostos mostravam sua agonia.

Eventualmente, sossegaram-se e se voltaram submissas. Seus corpos se enfraqueceram quando o feitiço arrastou seu poder ao centro do círculo com o fim de abrir um portal para uma convocação.

Seu pai tinha explicado que assim era como se chamava um demônio, uma entidade sobrenatural capaz de um grande poder que estaria preso a ele e seus amigos como um servente por um tempo em troca do presente de quatro bruxas, mais um favor ou dois. Era uma coisa formosa, seu pai o havia dito, um maravilhoso sacrifício para gerar uma criatura tão magnífica

Jack permaneceu em silêncio, sustentando o olhar da mulher quando a magia a possuiu e destruiu. Pouco a pouco, Jack observou à luz sangrar por seus olhos até que estiveram mortos e frágeis, até que se deixou cair no chão como uma marionete cujas cordas foram liberadas lentamente. Ele queria fazer algo, lutar contra seu pai e seus amigos para salvá-la, mas o medo o manteve enraizado em seu lugar. Como cada uma das bruxas morreu a sua vez, o ar no centro do círculo começou a brilhar quando o demônio foi dado à luz.

Ele nunca viu a besta em carne e osso. Jack correu.

Fora da casa, pela larga e frisada entrada de carros da mansão de seu pai, além da porta, correu o mais rápido que pôde. Os criados o tinham açoitado, mas Jack tinha chegado antes à rua e desapareceu escondido entre as casas, os arbustos e os automóveis até o anoitecer. Depois correu direto a Hannah, a irmã de sua mãe.

Seu pai nunca o tinha procurado depois disso. Deixou que a tia de Jack o criasse. Talvez pensasse que Jack era um excessivo problema para incomodar-se. Muito fraco, muito poluído. Jack não sabia.

Ultimamente, ele tinha rejeitado o nome de Crane pelo sobrenome de solteira de sua mãe McAllister. Uma vez completado seus dezoito anos, tinha procurado o *Aquelarre* e tinha estado trabalhando para eles desde então.

Sua tia o tinha criado bem e com amor, tanto como sua mãe provavelmente o teria feito se tivesse sido o suficientemente forte para ficar. Tinha escolhido este trabalho por seu pai e também por esse dia. Ele ainda podia sentir emoção enroscada nele como uma serpente que ataca. Ódio

por seu pai e a si mesmo por ser o filho de seu pai, mas, a maior parte, raiva contra si mesmo por não ter feito nada para ajudar aquelas bruxas naquele dia.

A lembrança vivia como algo vibrante dentro dele. Não sabia se alguma vez seria livre de seu controle. Jack olhou para baixo aonde empunhava o cabelo de Mira e relaxou seus dedos, deixando os sedosos fios cair no travesseiro. O devia. Tinha visto sua mãe morrer e não tinha feito nada para ajudar. Ficou ali, com medo, quando podia ter lutado contra seu pai e amigos, talvez pudesse ter quebrado o feitiço, o círculo, algo.

Jack tornou a sentar-se na mesa. Thomas Monahan, o cabeça do *Aquelarre*, tinha encarregado Jack de vigiar a Mira Hoskins logo que descobriram sua existência. Se o *Aquelarre* sabia de sua existência, o mais provável é que também Crane soubesse. Jack tinha estado a seguindo de perto por duas semanas, sentando-se em seu automóvel no frio para vigiá-la no trabalho e em seu apartamento. Pelo geral, ele não fazia trabalhos de guarda-costas como esse diretamente, mas este era especial. Mira era especial.

Ela se moveu na cama, despertando lentamente. Jack se sentou em sua mesa na escuridão, acendendo e apagando rapidamente o Zippo distraidamente enquanto a observava.

Ontem havia se sentido obrigado a fazer contato com ela, por isso tinha entrado no restaurante e a tinha observado trabalhar. Seus olhos eram cor avelã. Às vezes café, às vezes verdes. Seu sorriso era natural e parecia genuína. Verdadeiramente parecia agradar as pessoas, algo que ele não podia dizer de si mesmo.

— Mmmm, huh? — Murmurou Mira de sua cama. Ela ofegou quando o viu no quarto escuro e se empurrou para cima em uma posição sentada, sua mão foi instantaneamente para sua cabeça pelo brusco movimento.

Jack deixou o Zippo.

— Como se sente?

Ela tomou uns momentos para responder.

— Como se tivesse sido atropelada por um caminhão, sequestrada e agora estou temendo por minha vida. Como está você?

— Está aqui para sua própria proteção.

— Isso é o que provavelmente diriam todos os assassinos em série.

Ele se deslizou da mesa, caminhou até a borda da cama, e acendeu a luz. Ela o olhou inquieta e se moveu ao centro do colchão, longe dele. Ele a olhou dar uma olhada ao redor do quarto, estudando os móveis de mogno, as pinturas na parede. Centrou seu olhar em cada saída por vez, a porta na parte principal de seu apartamento, a porta do banheiro, e a janela.

— Não tente com a janela — Disse ele — Estamos no andar cinquenta e dois. Está com fome? Com sede?

Ela umedeceu seus lábios.

— Quero que me diga o que está acontecendo.

— Sua cabeça deve doer. Quer uma aspirina, possivelmente?

Mira duvidou.

— Uma aspirina estaria bem.

Ele entrou no banheiro para pegar a embalagem das aspirinas e um copo de água. No momento em que voltou, ela tinha ido. Surpreendente. Ele podia ouvi-la buscando provar as fechaduras da porta principal com desespero.

Jack suspirou, baixou a embalagem e o copo de água, e caminhou pela sala de estar até ela.

Estava trabalhando na fechadura superior e xingando pelos cotovelos quando chegou até ela. Pressionou seu corpo contra o dela e cobriu sua mão com a sua. Acalmou-se imediatamente e estremeceu um pouco.

Jack se esforçou em não desfrutar da sensação dela pressionada contra ele, mas não podia evitá-lo. O som de sua respiração, áspero no ar tranquilo, fez sacudir sua libido com interesse. O fez pensar em outras situações em que ela poderia ficar colada contra ele, sua respiração entrecortada. Uma situação em que eles estariam usando muita menos roupa e Mira se sentiria um pouco mais amistosa para ele. Era natural, recordou a si mesmo de novo, a atração natural do fogo ao ar.

Sua pélvis cavava seu magnífico traseiro nessa posição, seu peito assegurando a suas costas. Não podia evitar perguntar-se que faria ela se deslizasse suas mãos sobre seus seios, agarrasse a barra de sua saia e suspendesse. Como se sentiria seu sexo nu em sua exploradora mão? Que tipo de sons ela faria se a acariciasse?

Você estúpido bastardo, repreendeu a si mesmo. Gritaria como uma sirene.

Mas lhe deem tempo e poderia seduzi-la. Ele sabia como tocá-la para fazê-la desejá-lo… Suplicar por ele. Embora pensasse que não devia, podia tentá-la, colocá-la em sua cama.

A tênue essência de seu perfume de rosa atormentou seu nariz enquanto se inclinava e colocava sua boca perto de seu ouvido.

— É incrivelmente previsível. Inclusive se saísse da porta principal, nunca poderia ser capaz de chamar o elevador sem meu código de segurança.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que meu apartamento é o único neste andar. O que quer dizer que tenho o elevador em modo de segurança. Não pode acessá-lo sem meu código. Ninguém sobe ou desce sem ele. Ninguém nem sequer pode deter-se neste piso sem minha permissão — Além disso, as guardas mágicas no lugar não a deixariam cruzar a soleira uma vez que ela tivesse aberto a porta. Mas ainda não estava pronta para essa informação, de todos os modos.

— É uma prisioneira aqui. Uma princesa em uma torre — Ele respirou suavemente dentro de seu ouvido. Ela estremeceu contra ele de novo e sua respiração se entrecortou.

— Estranharão, sabe. Meus empregadores estranharão quando eu não vá trabalhar. Além disso, fez muito barulho ontem à noite. Alguém deve ter visto, ouvido...

— Não fiz barulho, Mira. Os homens que estavam tentando te sequestrar fizeram — Ele fez uma pausa — De todos os modos, seus vizinhos não estavam em casa. É por isso que os valentões escolheram esse momento para irromper em seu apartamento. Vive no porão do edifício, um lugar muito isolado. É velho e bem protegido do som. Duvido que alguém percebesse algo. Eles planejaram dessa maneira.

Sua respiração se enganchou.

— O que quer dizer? Quem são eles?

Era difícil deixá-la ir, mas deu um passo atrás. Ela se voltou. O medo e a ira guerreavam em seu rosto, e a segunda ganhou. Seus olhos eram mais verdes que cafés agora, fazendo-os brilhar de ira.

— Sua aspirina e suas respostas estão no quarto — Respondeu ele.

Com um olhar ameaçador, ela retornou ao quarto.

Ele a seguiu. Uma vez dentro, ele se dirigiu à mesinha de noite e observou quando ela tomou o remédio. Jack recolheu um par de pijamas de seda azul que tinha deixado sobre uma cadeira próxima. Era provavelmente de seu tamanho.

— É tarde e estou cansado. Encontrei estes em uma de minhas gavetas. Seguro que servirão — Apontou com a cabeça para do banheiro — Vá e ponha isso. Sinta-se livre para tomar uma ducha se quiser. A porta se fecha por dentro, se isso fizer que se sinta mais segura. Entretanto varri o banheiro. Tudo o que poderia ser uma arma está confinado, assim não perca seu tempo olhando.

Ela o olhou fixamente, sua mandíbula fechada e formosos olhos brilhando.

— Vá e explicarei tudo quando sair. Não vou machucá-la.

Ela olhou os pijamas.

— De quem são?

— Não de uma mulher que acabo de matar, prometo-o. Foram deixados aqui por uma amiga.

— Com certeza que tem montões de amigas.

Jack encolheu os ombros.

— Não o faço muito mal por mim mesmo.

Mira bufou.

— Estou segura que é o rei de uma-só-noite.

— Uma-só-noite não é satisfatória para um casal.

Ela pestanejou.

— Não me atrevo a especular porque pensa isso. Então aqui estou, perguntando por quê.

Ele sorriu.

— Uma noite não é o suficientemente longa para aprender o corpo de uma mulher, como gosta de ser tocada — Fez uma pausa e baixou um pouco sua voz — Pergunto-me quantas noites comigo poderia aguentar, Mira?

Ela inalou fortemente.

— Maldição, é um porco arrogante.

Ele encolheu os ombros e estendeu os pijamas de novo.

— Vai pegá-los ou não? Já deve estar doente de sua roupa de trabalho, e não serão cômodas para dormir.

Ela hesitou, depois pegou a roupa e entrou no banheiro. Obviamente, não se sentia o suficiente tranquila para tomar uma ducha porque retornou depois de cinco minutos de pijamas. A cor deixou seus olhos um pouco mais café, ele o tinha observado, e suas unhas dos pés pintadas

de vermelho apareciam da parte inferior das calças muito compridas.

— Sente-se na cama — Instruiu.

Ela se sentou, e ele se deixou cair a lado dela. Mira tratou de deslizar-se longe, mas ele a segurou na parte superior do braço.

— Fica quieta — Ordenou — Não vou machucá-la.

Ele estendeu a mão e afastou seu cabelo com o fim de examinar seu hematoma. Ela recuou.

— Está tudo bem, só quero dar uma olhada.

Ela manteve um olhar temeroso quando ele deu uma olhada mais perto do hematoma. Cobriu a lesão com sua mão e ela sentiu sua palma esquentar-se. Concentrando-se na área, fez o melhor que pôde manipulando as células para regenerá-las mais rápido. Não pôde fazer muito por ela, mas pôde fazer algo. Curar, ironicamente, estava no campo do fogo.

— Está quente — Ofegou ela — O que está fazendo?

— Já quase terminei.

Tirou sua mão e notou com aprovação que o hematoma já parecia um pouco melhor — Quanto sabe a respeito de seus pais?

— Meus pais?

— Sim, você sabe. As pessoas que a procriaram? Morreram quando você era uma garotinha, te deixando para ser criada por sua avó.

— Sei quem são — Disse bruscamente — Sei quando e como morreram. Como sabe você disso?

Ele esperou um momento antes de responder.

— É meu trabalho saber tudo sobre as bruxas que se colocam sob meu cuidado.

Ela o olhou fixamente por um momento, registrando claramente a palavra bruxa.

— OH, está louco! Você pensa… O Wicca… No restaurante… Demônios! — Calou-se, puxou de seu apertão e se dirigiu para a porta.

Ele a agarrou pela cintura antes que fosse muito longe e a segurou contra seu peito. Ela se sentiu frágil contra ele e brigou por não subestimar sua força e machucá-la.

— Tem que se sentar e escutar o que tenho a dizer.

Mira lutou contra ele, mas ele só apertou seu agarre até que se acalmou.

— Não tenho que escutar nada do que tenha a dizer, você, louco filho de cadela! — Gritou ela a todo pulmão.

Jack lutou com ela e a levou de novo à cama e a sentou. Desejava que houvesse uma maneira mais fácil de fazer isto, para fazê-la entender que ele estava do seu lado.

— A merda com tudo — Foi correndo de novo, e ele a apanhou pela cintura de novo, balançando-a sobre suas costas aterrissando na cama.

— Por favor. Fique. Quieta.

Olhou para ele. Sua cabeça tinha que estar palpitando a estas alturas. Também tinha que saber que não tinha oportunidade contra ele. Tinha muito mais músculo e peso que ela.

Não podia derrotá-lo em uma batalha física. O irônico era que ela podia vencê-lo com sua magia; só que não sabia como exercê-la.

— Não queria ter que fazer isto, mas não me deixa outra opção. Se jogue para trás contra os travesseiros — Ordenou ele. Quando não cumpriu, o acrescentou um "Faz agora"

Ela recuou, e ele tomou uma parte de corda da gaveta de sua mesinha de noite. Ele se sentou escarranchado sobre sua cintura e atraiu suas mãos sobre sua cabeça.

Com uma destreza que vinha de muita prática, rodeou seus pulsos com os extremos, atando-os apertando o suficiente sem cortar a circulação, e assegurou os extremos a um aro na parede sobre o centro do colchão. Deixou-o suficientemente frouxo para que ela pudesse pôr seus braços abaixo e voltar-se. Tinha lugar para mover-se, mas não seria capaz de desfazer a corda muito facilmente. Jack era especialista em atar nós.

Quando terminou, sentou-se ao lado dela sobre a cama.

— Vejo que é um verdadeiro perito — Grunhiu e olhou o aro — Usa-o muito, não é? Sabe tudo de como pôr um pedaço de corda?

Ele sorriu.

— Tive minha prática com uma grande quantidade de mulheres dispostas. A palavra chave é disposta. É uma linda corda, por certo, o aro está feito para repousar sobre a pele. Não te irritará.

— Não sou uma mulher disposta.

— Quase corta minha garganta em seu apartamento. Fica atada — Ele se sentou e admirou sua obra. Ela parecia muito bem atada a sua cama. Muito bem.

Jack obrigou a sua mente a retornar de novo ao tema. Sentou-se na borda da cama.

— Me diga o que sabe de seus pais — Demandou.

Ela aspirou como cansada e farta. Outra mulher já estaria chorando. Ela estava furiosa. Mira podia parecer mansa no exterior, mas sua coluna era feita de aço.

— Minha mãe era uma secretária. Meu pai trabalhava em uma construção. Morreram em um acidente de automóvel quando eu tinha três anos. Tenho lembranças confusas sobre eles pelo que não posso estar segura realmente do que tenha acontecido. Talvez deseje estar dentro de sua existência. Se outras coisas, mas tudo é lixo de segunda mão contado por minha avó — Ela fez uma pausa — Por quê?

— Seus pais não morreram em um acidente automobilístico. Eles morreram, mas isso não é como conheceram seu fim. Não vou jogar aqui, de acordo? Sei que não vai acreditar em mim, mas seus pais eram bruxos. Seu elemento era o ar. É uma estranha habilidade que passaram a você — Ele exalou um fôlego — É uma bruxa, Mira.

Capitulo 3

Olhou-o fixamente por um momento e depois riu asperamente.

— Primeiro de tudo está louco. Segundo, sou uma Wicca, não uma bruxa. Há uma diferença. Wicca é uma religião, e a bruxaria é uma prática. Wicca é sobre espiritualidade, a adoração ao Deus e a Deusa, observar a Roda dos Anos[6]. A bruxaria é sobre lançar feitiços para obter alguns

[6] ***A Roda do Ano*** *é para o Wiccas e neopagãos o ciclo anual das temporadas da terra. Consiste em oito festivais, espaçados a intervalos aproximadamente iguais durante todo o ano. Estes festivais são referidos pelos wiccas como Sabbats.*

resultados. Eu não pratico a bruxaria. Nem sequer acredito nisso, pode ser um Wicca e bruxo. Mas eu sou só uma Wicca! — Terminou ela com um grito. Seu rosto estava vermelho como uma beterraba.

— Não importa no que acredita, o que não o faça não significa que não seja certo — Ele sacudiu sua cabeça — Pode ser que sua religião seja a Wicca, mas a bruxaria está em seu sangue. É uma bruxa natural, só que não se deu conta. Seu elemento é o ar, igual ao de seus pais. Isso significa que seu poder está concentrado em controlar ao ar, separar sua consciência de seu corpo, a habilidade intuitiva, dirigindo e acessando a ondas de som. Seu poder consiste em manipular tudo do reino do ar, mas como, Mira, é quase tudo. É o elemento mais poderoso.

— Louco — Murmurou ela de novo — Esteve vendo muitos episódios de Charmed[7].

Ele a ignorou.

— É de verdade uma bruxa elementar, com a magia natural correndo através de suas veias. Não estou falando de uma posse de espíritos, nem de lançar feitiços. Não há caldeiras borbulhantes, nem velas multicoloridas para queimar, nem ramalhetes de ervas para purificações. Só o poder elementar, e a habilidade de exercê-lo.

— Sim, o que seja. Provavelmente também acredita no Coelhinho de Páscoas.

— Com certeza amou o vento desde menina. Com certeza deixa suas janelas abertas sempre que pode, que desfruta de um dia de muito vento, e encontra desculpas para estar fora, acha os tornados poderosos e intrigantes. Com certeza ama a sensação da brisa movendo o cabelo atrás de seu pescoço...

— Todo mundo ama essas coisas.

— Não, não o fazem. Com certeza sempre esteve predisposta ao som. Às vezes acorda ouvindo vozes em seu quarto, ou às vezes ouve pessoas dizendo seu nome enquanto dorme, ou possivelmente escuta sons tão reais que são como se acontecessem em seu quarto. Talvez, às vezes, parece que ouve os pensamentos de outras pessoas, ou antecipa a seus desejos. As pessoas provavelmente dizem que é intuitiva, mas vai muito mais à frente que uma simples e natural intuição.

Olhou-o fixamente. Sua face estava pálida.

— Estou certo, não é?

Mira afastou o olhar dele com desprezo e soluçou.

— Pelo que percebo, andou conversando com Ben. Melhor, ele disse tudo isso.

Encolerizou-se ao ver que ela o comparava com um idiota como Ben Williams. Ele sabia tudo sobre seu ex. Era um egoísta, estúpido bastardo, que não reconheceria o ouro nem que o tivesse em suas mãos.

— Não me associe com ele — Disse em voz baixa.

Ela o olhou, com os olhos muito abertos.

Jack passou a mão por sua face, e se forçou a não deixar-se levar pela irritação que sentia.

---

[7] ***Charmed*** *é uma série de televisão americana que narra à mudança na vida das três irmãs Halliwell —Prue, Piper e Phoebe — que, depois da morte de sua avó Penny, descobrem O Livro das Sombras e se convertem em poderosas bruxas cujo grande propósito é combater o mal e proteger aos inocentes.*

Ele se inclinou aproximando-se dela.

— Em algum nível, sempre soube que é diferente — Deteve-se e elevou uma sobrancelha — Me diga que não é verdade.

A boca de Mira de fechou de repente.

Ele recuou.

— Necessita-se um para conhecer outro. Meu elemento é o fogo — Estalou seus dedos e abriu a palma de sua mão. No centro queimava uma pequena chama azul. Era um truque de boas-vindas, mas espetacular para os não iniciados.

Mira ofegou e se resguardou o mais que pôde entre os travesseiros.

— Como faz isso?

— É magia. Minha magia. A magia do fogo.

— É só um truque, e um estúpido.

Ele se concentrou na chama, deixando-a estender-se e subir por seu pulso e o interior do braço sobre sua manga. Mira ofegou.

— Sim, é um truque, mas não como pensa. Tomou um tempo aprender este. O fogo é um elemento complicado, perigoso e imprevisível. Toma muito tempo aperfeiçoá-lo. Tenho minha dose justa de cicatrizes para mostrar.

— Co...Como faz isso? — Perguntou ela novamente.

— Invoco o fogo que apareça no centro minha mão. Sustento-o com minha mente e assim não me queima. Tomou muito tempo desenvolver a força de vontade e a concentração para governar o fogo.

— É impossível — Ofegou Mira, olhando a chama.

Ele dobrou seu braço, deixando à chama recuar a seu redor, prendendo-o gentilmente. O fogo era como um mascote para ele, agora que podia controlá-lo com confiança. Ele sorriu, vendo a cara de Mira.

— Impossível — Ofegou ela novamente.

— Sua mente foi treinada para acreditar que isto é impossível, que as pessoas não podem manipular seu entorno e criar coisas do nada. A realidade é muito maior do que pensa. Muito mais flexível. Você pode fazer isto também, mas com o ar, não com o fogo.

— Eu… Posso criar ar?

— Quando há uma ausência dele. Ou seja, com o treinamento preciso, seria capaz de criar uma brisa, ou uma rajada de vento.

A expressão de Mira trocou de admiração a ceticismo.

— Então suponho que nunca vou sentir calor — Disse encolhendo os ombros — Nem vou ficar apanhada em um bote, no meio de um lago em um dia sem vento. OH, posso expulsar meu secador de cabelo agora? E...

— Mira? — Disse ele insinuador e sutilmente, ignorando sua brincadeira — Sabe o que acontece quando o fogo é alimentado pelo ar? — Manteve seu olhar fixo nela enquanto acendia a chama em seu pulso. Explodiu brilhantemente — Complementamo-nos um com o outro.

Mira perdeu o fio de seus pensamentos. Em realidade, era mais como se tivesse naufragado

em algum lugar em sua cabeça. A primeira impressão que explodiu em sua mente depois que as palavras de Jack limparam todo o resto, foi que o fogo consome ao ar.

Os escuros e hipnotizantes olhos de Jack aprisionaram os de Mira, e não pôde afastar o olhar.

— Você e eu temos uma atração natural — Disse ele gentilmente.

A gentileza deste homem era perigosa.

Ele extinguiu a chama com outro estalo de dedos, e mostrou sua mão e seu antebraço, assim ela podia ver que não estava usando nada especial, e não se machucou, embora fosse verdade que em seu pulso havia o que parecia com uma velha queimadura. Ela farejou o ar, mas não cheirou nenhum químico.

— É um bom mago, e o que? — Disse ela com voz trêmula — É um louco assassino em série que gosta de fazer truques para seus reféns, e quer crer que é coisa de magia.

Ele a ignorou.

— Seus pais não queriam te expor a nada destas coisas. Eles ocultaram seu nascimento do *Aquelarre*. Estavam em seu direito de fazê-lo. Seu último desejo era que sua madrinha te deixasse crescer como uma menina normal. Mas faz um par de semanas sua madrinha, Annie Weber, recebeu uma chamada que a perturbou. Preocupou-se de que fosse o homem que machucou seus pais, o homem que lidera um grupo de bruxos para seu próprio ganho. Annie estava tão preocupada, que desafiou a última vontade de seus pais e nos chamou.

Mira se sentiu aflita por tudo o que ele havia dito, mas se concentrou em uma só coisa, inclusive se era mentira.

— Quem machucou meus pais?

— Seu nome é William Crane. Ele lidera uma facção de bruxos… De feiticeiros em realidade, chamados os *Duskoff*, que traíram o *Aquelarre*. Sua fachada é uma diversificada companhia multinacional chamada Duskoff Internacional. Os não-bruxos não concorrem para os postos executivos.

— Feiticeiros?

— Os feiticeiros são os bruxos que traíram seu *Aquelarre*, homens e mulheres. Os *Duskoff* são um grupo velho. Sua história remonta à Idade das Trevas. Não importa a quem façam mal, e o fizeram com seus pais. Crane enviou esses homens a seu apartamento, esses que derrubaram sua porta.

Ela dirigiu um olhar de puro ceticismo.

— Então, está me dizendo que uns feiticeiros assassinaram meus pais — Disse com tom seco.

Ele assentiu.

OH, está bem. Deixe-me entender então toda esta falsa história.

— Então, o que querem de mim?

— É uma poderosa bruxa que pode dominar o elemento do ar. Necessitam-lhe para completar um círculo. Foi para o que utilizaram a seus pais. O círculo está composto por...

— Terra, fogo, água e ar. Sei disso.

Ele assentiu.

— Não há muitas bruxas como você. Estão procurando. Eu estou aqui para te proteger para meu chefe, o homem que lidera o *Aquelarre*. Seu nome é Thomas Monahan.

Interessante. Monahan tinha sido o nome de solteira de sua mãe.

— Então, sou como… O que? Uma espécie em perigo de extinção?

Ele sorriu.

— Suponho.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Qual é o elemento de Crane?

Ele olhou para outro lado enquanto respondia.

— O fogo, como eu.

— Para que é o círculo?

— Para chamar um demônio. Os membros do *Duskoff* mantêm uma posição alta no mundo dos negócios e da política. Não alcançaram essa posição sem ajuda. Crane obrigou a seus pais a completar dois círculos para ele. Seu pai completou um, e sua mãe o segundo — Fez uma pausa — Isso arrebata de uma bruxa todo seu poder, e um bruxo não pode viver sem magia. É similar a um órgão vital.

Mira riu.

— Bem, que boa imaginação tem Jack. Como explica o fato de que vi os recortes de jornais do acidente de meus pais? Se espera que acredite em alguma destas…

— O acidente automobilístico foi arrumado. Não foi a seus pais a quem encontraram entre os restos. O *Duskoff* não deixa pontas soltas. Não deixam mistérios que as autoridades não mágicas possam rastrear até eles.

Mira afastou o olhar, com um soluço crescendo em sua garganta. Mal recordava a seus pais. Eles eram uma imagem difusa que via depois de uma forte emoção. Sua vida inteira, tinha tido um espaço vazio aí, onde seus pais tinham estado.

Tudo o que tinha querido era tê-los em sua vida. Tudo o que tinha querido era que seu pai a tivesse animado quando jogava futebol na liga juvenil, ou que sua mãe a tivesse aconselhado quando teve seu primeiro encontro. Annie fazia um grande trabalho, suprindo a ambos, mas isso não levou a nostalgia que Mira sentia por seus pais.

— É um bastardo por estar jogando comigo dessa maneira — Disse em voz baixa — Não pensa que ainda sofro pelo de meus pais? — Tratou de afogar o soluço, mas uma lágrima rolou por sua bochecha— Maldito seja.

— Mira, sinto muito — Jack secou sua lágrima com seu polegar. Ela afastou sua cabeça de um puxão, e o olhou fixamente. Em realidade, ele parecia arrepender-se de suas palavras. Parecia miserável. Acaso não se veria triunfante, alguém que tivesse querido causar mal?

Toda aquela situação era muito confusa. Por que jogar com ela desta forma? Qual era o ponto?

Ele suspirou e tomou o telefone sem fio de sua base na mesinha de noite. Jack marcou um número e sustentou o telefone em seu ouvido. Ela franziu o cenho quando ouviu tocar.

— Olá? — Era sua madrinha. Ouvia-se aturdida, como se a chamada a tivesse despertado.

— Annie? — Disse Mira — Annie, tem que me ajudar! Fui sequestrada por um louco que se chama Jack....

— Céu? Mira? — Respondeu sua madrinha, ouvindo-se mais acordada— Isso significa que eles foram atrás de você. Sinto muito que isto esteja acontecendo — A voz de Annie rompeu em um soluço — Esperava estar equivocada.

Mira guardou silêncio por um momento.

— O que quer dizer?

— Não estava segura se a pessoa que chamou estava relacionada com o Crane, assim que pedi ao *Aquelarre* que a mantivessem vigiada e interviessem se algo acontecesse. Esse homem, Jack McAllister, está te protegendo Mira. Faz o que ele te peça.

Sem palavras, sentou-se por um momento, processando as palavras de sua madrinha.

— Mas o que este homem está dizendo não pode ser verdade — Replicou lentamente — Simplesmente não pode ser.

— Sinto muito não ter dito nada disto antes, coração. Estava cumprindo com o desejo de seus pais. Sim, o que Jack está dizendo é verdade. Sei que parece incrível — Deixou escapar um leve soluço — Devia ter te preparado. Por favor, me perdoe. Esperava que o *Duskoff* não viesse atrás de você, e que sua vida permanecesse sem problemas.

Uma lágrima rolou pela bochecha de Mira enquanto tudo o que tinha passado a afligia. Ficou calada, sem saber que mais dizer. Jack tirou o telefone de seu ouvido, e o pôs no dele. Mira via a frente, enquanto Jack e Annie falavam. Algo próximo a catatonia pendia sobre ela.

Jack a olhou com um gesto de preocupação em seu rosto.

— Eu cuidarei dela, Sra. Weber, prometo-o. Não deixarei que a machuquem, tem minha palavra — Deteve-se, escutando algo que Annie estava dizendo — Sim, o direi — Desligou o telefone, e o retornou a seu lugar em sua base carregador.

Talvez, poderia ser outro truque. Ao melhor, de alguma forma, ele tinha sido capaz de falsificar a voz do Annie?

Doía-lhe a cabeça.

Jack a olhou.

— Annie me disse que recordasse quando era menina, e foi ao pátio, e viu uma nuvem de tempestade sobre o caminho. Havia uma seca, e ela aproveitou um momento que ninguém podia vê-la para regar seus tomates usando magia. Annie também é uma bruxa, e seu elemento é...

— A água — Mira concluiu — Pensei que tinha sonhado.

Jack virou suas costas.

— Tem muito sobre que pensar esta noite. Vou dormir.

— Jack?

Ele se voltou para ela.

— Assassinou os homens que invadiram meu apartamento?

Seu silêncio glacial era uma resposta suficiente.

Ela suspirou profundamente e olhou para um lado.

— Tinha que assassiná-los?

— Meu trabalho é te proteger. Se os tivesse deixado vivos, saberiam que está comigo, e teriam guiado a seus inimigos até aqui. Se Crane te apanhar, será usada para completar o círculo, e morrerá. Suas mortes estavam garantidas. Era ou você ou eles — Deteve-se — Escolhi você.

Suas mortes estavam garantidas. Ele o havia dito sem nenhuma emoção.

—Já me encarreguei disso. Seus corpos desapareceram. Rápido e eficientemente. Ninguém vai sentir saudades, exceto Crane, e não vai haver nenhum rastro que traga as autoridades não mágicas até sua porta.

Como se encarregou disso? A pergunta estava na ponta de sua língua, mas a engoliu, decidindo-se que realmente não queria saber a resposta. Lambeu os lábios e afastou o olhar dele.

— Então, há bruxos maus e bruxos bons? Crane é mau, e Annie é boa.

— Não, não é branco e preto. Alguns são na maior parte bons, outros são na maior parte maus, e outros são cinza.

— Você como é?

Ele sustentou seu olhar, e respondeu com segurança.

— Cinza.

Um redemoinho de ansiedade agitou seu estômago. Havia um mundo de desânimo em seus olhos quando disse essa palavra, e ela se perguntava por que.

— Tenho perguntas.

Ele se voltou e tirou a camiseta. Os músculos se esticaram por suas costas e seu peito, e as cicatrizes apareciam por aqui e por lá. A imagem dele sem camisa fez com que sua garganta secasse. Afastou sua vista.

— E terá as respostas… Amanhã — Respondeu ele — Estou cansado, vou dormir.

— Não vai me desatar?

— Não confio que não vá escapulir até a cozinha, agarrar uma faca e terminar o que começou em seu apartamento — Voltou-se para cravar o olhar com seus provocadores olhos azuis. Sua voz caiu a uma pecaminosa fila sedutora — De todas as formas, eu gosto da maneira que se vê presa a minha cama. Talvez algum dia esteja presa aí de boa vontade.

— Em seus sonhos, psicopata.

Ele riu longamente, desfez-se de seus sapatos, e tirou as calças e as meias. Jack ficou aí, em suas boxers azuis, enquanto arrumava sua roupa sobre uma cadeira. Ela deixou que sua vista passeasse sobre suas fortes e peludas pernas, seu extremamente lindo traseiro, e o vulto da frente, que estava realmente volumoso.

— Hey! — Ela objetou.

Ele riu.

— Essa foi uma reação retardada.

— Não foi!

—Se te faz feliz — Disse ele enquanto ia para o outro lado da cama — Normalmente durmo nu.

OH, Virgem Santa!

Ele se meteu na cama e apagou a luz. Imediatamente ficou de lado, de costas para ela, deixando-a na escuridão e entre seus revoltos pensamentos. Odiava sentir-se tão atraída por ele. Odiava inclusive mais a possibilidade de que Jack soubesse que se sentia atraída para ele.

Mira tratou de afastar-se um pouco dele. O calor emanava do corpo de Jack, um rastro interessante considerando sua habilidade mágica. Ele gemeu enquanto relaxava em uma cômoda posição para dormir, e o sexy som disparou consciência através dela.

Ela tratou de não desfrutar de seu calor e do som de sua respiração no tranquilo ar. Tratou com esforço, de não imaginar como seria as mãos dele aninhando seus seios, roçando seus mamilos até que se endurecessem. Como seria sua boca na dela? Como seria seu pênis pressionando contra a entrada de seu sexo?

Mira estremeceu e fechou seus olhos, afastando esses pensamentos de sua mente. Era perverso considerar algo disto em sua situação. Resmungou ao quarto escuro.

— Poderia ao menos me soltar.

— E deixar que tenha vantagens sobre mim? — Respondeu ele com falso recato em sua voz — De maneira nenhuma. Doces sonhos.

— O que acontece se tiver que ir ao banheiro?

— Então te deixarei ir. Não sou um monstro Mira.

— Isso está aberto ao debate.

Ele sorriu.

— Tudo vai se esclarecer logo. Não te prendi forte, mas se de verdade estiver incômoda ou precisa ir ao banheiro, me chame.

Ela escutou como a respiração de Jack ia da normalidade à profundidade, assinalando que ele estava adormecido. Ele tinha deixado a corda o suficientemente solta, para que pudesse descansar suas mãos sobre seu peito. Esteve um tempo tentando desatar o nó com seus dentes, mas ele a tinha preso tão bem, que não pôde descobrir como liberar-se. Sabendo que não poderia sair do apartamento de todas as formas, rendeu-se e repicou seus dedos em sua clavícula, enquanto os acontecimentos desse dia assaltavam sua mente.

Mira apostaria tudo que uma das habilidades de uma bruxa com o poder do elemento da água, era ler as emoções. Annie sempre tinha sido muito empática, até o ponto de ter uma habilidade sobrenatural. Mira tinha sido incapaz de ocultar qualquer coisa enquanto crescia.

Depois estavam esses estranhos incidentes sem explicação na vida de Mira. Momentos nos que tinha estado muito emocionada, zangada ou aflita, e algo assim como uma brisa a tinha rodeado, inclusive quando ela estava entre edifícios em um dia sem vento. Houve momentos nos que sentiu uma cálida explosão de poder no centro de seu peito quando aspirava uma pulmonada de ar em um dia da primavera. Havia outras coisas também, todas tão leves, que sempre tinha encontrado uma explicação razoável para elas.

Será que esses acontecimentos tinham manifestado sua magia de forma independente? Talvez porque nunca tinha treinado seu poder, tinham emergido dela em momentos ao acaso?

Sacudiu sua cabeça. Tola. Estúpida. Jack realmente a estava convencendo.

Reclinou-se contra os travesseiros, procurando um lugar cômodo para estender-se. Tudo

aquilo era quase suficiente para fazer acreditar, mas não ainda. Sua mente racional não estava pronta para render-se ao domínio da realidade que tinha conhecido. Nessa realidade seus pais tinham morrido em um acidente automobilístico. Não havia nenhuma tola conspiração.

E não havia nada como a magia.

Capitulo 4

Mira despertou sobre seu lado com um punho pressionando contra sua boca. O aroma do café da manhã a tinha tirado de seu sono, e ela tinha aberto seus olhos lentamente, a um quarto vazio com a luz de sol jorrando pela janela. Jack a tinha desatado em algum momento da noite. A corda não tinha impedido de dormir em realidade. Sua mente o tinha feito. Esfregou os pulsos. A corda nem sequer tinha deixado marcas. O homem tinha talento.

Gemendo, rodou pela cama e terminou com seu nariz no travesseiro de Jack. Gemeu de novo, desta vez por causa do aroma dele. A essência picante e levemente amadeirada fez que suas terminações nervosas explodissem em atenção.

O homem era uma ameaça, pura e simples.

Nunca tinha conhecido um homem tão atraente como Jack. Dado que tinha tão bom gosto com homens, imaginou que Jack resultaria ser um louco de atar.

Talvez.

Sentou-se, sua mente reproduziu a voz de sua madrinha ao telefone a noite passada. Se Jack de alguma forma a tinha falsificado, era endemoniadamente bom. Mas por que ele faria tão grandes esforços para tramar esta estranha história e depois fazer todo o possível para fazê-la acreditar? Nada disto tinha sentido, mas a alternativa era muito bizarra para considerá-la.

E o que há do fogo? Como poderia alguém falsificar algo assim? A menos que Jack fosse um mago louco com inclinações a fazer brincadeiras elaboradas. Esfregou o arco do nariz. Não. Aquilo simplesmente não encaixava. E inclusive, se tivesse falsificado a chamada a Annie, como poderia saber sobre o incidente do jardim? Ninguém, exceto ela, sabia sobre isso. Mira nem sequer sabia que Annie se deu conta de que tinha caminhado ao pátio e tinha visto a garoa cair sobre o atalho do jardim. Sem mencionar os homens que jaziam na entrada de sua casa quando recuperou a consciência a noite anterior. Dos que Jack… Engoliu com força… Se encarregou. O que acontecia a eles? Intuitivamente sentiu que esses homens de verdade tiveram a intenção de machucá-la. Mira não tinha essa impressão sobre Jack.

Não acrescentou nada mais; sua mente lógica se negava a crer que algo daquilo fosse verdade. Tudo isto fez que sua cabeça doesse muito mais que antes.

Exalou um forte suspiro e se deslizou até a borda da cama. Jack golpeou as panelas na cozinha, claramente engajado em preparar o café da manhã. Curiosa, abriu a gaveta de sua mesinha de cabeceira e olhou atentamente. Dentro havia mais cordas, nada para surpreender-se, e um punhado de pacotes de camisinhas.

Seus olhos se abriram amplamente e fechou a gaveta de um empurrão. O ruído fez que a dor se estendesse por sua cabeça, mas Jack parecia não tê-lo escutado. Ele seguia golpeando coisas na

cozinha enquanto cozinhava algo que cheirava delicioso. Mira se perguntou se ele preparava o café da manhã para as mulheres com quem usava as cordas e as camisinhas. Provavelmente, decidiu. Justo depois de que ele retorcesse suas palavras, ao final, declarando que a magia existia.

Ficou de pé e caminhou para o banheiro. Olhando-se no espelho pendurado sobre a bancada de mármore branco, inclinou-se e examinou seu hematoma. Era uma coisa espantosa, cobrindo toda a parte direita de sua testa. Lindo. Supôs que deveria estar feliz de não ter partido a pele, ou não ter recebido uma ferida mais séria na cabeça. Olhando mais de perto e franzindo o cenho, riscou o hematoma com seu indicador. A cor se via mal.

Mira franziu o cenho ao seu reflexo. Ela não era enfermeira, mas tinha tido uma boa dose de hematomas, e este se via mais antigo do que em realidade era. Definitivamente não era lindo, mas estava a caminho para desaparecer.

Como era possível isso?

Encolheu os ombros. Provavelmente estava equivocada, tampouco era como se tivesse ido à faculdade de medicina.

Uma toalha de banho, uma toalha de rosto, uma escova de dente embalada e uma barra fresca de sabão jaziam na mesinha de porcelana perto da ducha, correção, a enorme ducha. Um par de jeans e um suéter de seda azul descansavam na bancada. Mais refugos de uma amiga, talvez? Sentia-se enormemente irritada de ser forçada de usar as roupas que as amiguinhas de cama de Jack tinham deixado ali.

Mira se perguntou se ele as teria preso ao aro.

Estremeceu, imaginando a si mesma presa por um momento. As imagens vieram sem arrependimento. O grande corpo de Jack cobrindo o seu, a pele escorregando contra a pele, deslizando-se com suas transpirações combinadas. Seus pulsos atados sobre sua cabeça, Jack entre suas coxas. Ela, a sua mercê e dominada completamente por ele.

Mira gemeu, e o som se ampliou pelo enorme banheiro. Como se supunha que sairia disto, enquanto se sentia atraída por seu raptor?

Podia a Síndrome de Estocolmo aparecer tão logo?

Voltou-se, fechou a porta, e checou tudo duas vezes antes de tirar a roupa. Necessitava uma ducha. O aroma de comida seguia agarrado a ela sutilmente. A ducha poderia acomodar pelo menos quatro pessoas, e os jorros de água procediam de três direções diferentes. Depois de regular o controle da temperatura a seu gosto, meteu-se na ducha e fechou a porta. A água morna se deslizou por seu corpo, arrancando um gemido queixoso de prazer de sua garganta. Mantendo cuidadosamente seu hematoma fora da pressão da água, ensaboou suas mãos e as esfregou contra seus braços e seu seio. Seu corpo estava sensível, sexualmente acordado. Tinha passado um comprido tempo desde que havia se sentido assim. Seus mamilos endureceram quando passou suas mãos sobre eles, saindo das brancas borbulhas de sabão. Inclinando sua cabeça para trás com um suspiro, percorreu seu abdômen com a palma de suas mãos, passou seus dedos pelo grosso cabelo escuro que cobria seu monte de Vênus, e pinçou entre suas coxas. Acariciou seu sensível clitóris. Tinha passado um comprido tempo desde que se provocou a si mesma um orgasmo.

Permaneceu um momento com as mãos entre suas coxas, sentindo o calor de seu sexo irradiar na palma de sua mão. Era uma mulher saudável, com necessidades que não tinham sido satisfeitas. Isso tinha que explicar sua intensa atração pelo Jack. De todas as formas, estava desejando aceitar essa explicação, desde que a alternativa era muito tenebrosa. Teria alguma aula de perigosa fantasia de abdução pela que deveria procurar terapia?

Mira terminou seu banho, saiu da ducha e se vestiu com as esmolas.

Os jeans eram incômodos e muito pequenos para ela, assim terminou irritada novamente, enquanto saía do banho, penteando seus cabelos, secos pela toalha e com um pente que tinha encontrado em uma gaveta. Provavelmente sua irritação era o resultado tanto de sua inexplicável frustração sexual como de ter que usar as pequenas doações de alguma das amantes do Jack.

Jack estava sem camisa e descalço no meio do quarto. A imagem dele ali à luz do Sol, com seu cabelo desalinhado pelo sono, era suficiente para baixar seu coeficiente intelectual 50 pontos. Deteve-se e o olhou fixamente um momento, com a boca aberta, antes de reagir.

Um pentagrama pendurava de um comprido dedo de Jack.

— Encontrei isto no tapete da sala.

— Deve ter caído enquanto me abordava — Caminhou para ele e tomou o pentagrama.

Segurou seu pulso antes que ela pudesse puxá-lo, e a aproximou dele. Os músculos de seu antebraço e seu peito se esticaram pelo movimento. Ondas de prazer e apreensão percorreram seu corpo, enquanto ele afastava o cabelo úmido de seu rosto e tomava seu queixo, para dar uma olhada ao hematoma.

— Hoje está melhor.

Mira franziu o cenho.

— Não estou segura. Não se vê como… de todas as formas, assim é como se vê.

— Eu ajudei um pouco.

Mira o olhou receosa.

— Impossível.

Seu olhar sustentou a dela com firmeza.

— Tem muito que aprender a respeito do que é possível — Estudou a face de Mira por um momento — Tem olhos muito bonitos. Não posso definir se são café ou verdes.

Piscou, e sentiu a necessidade de baixar o olhar, sentindo-se repentinamente consciente de si mesma.

— Obrigada.

Ele sustentou seu pulso por um segundo mais, e depois a deixou ir.

Afastou-se dele, e colocou o colar.

— Suponho que ficarei aqui por algum tempo.

— Supõe bem.

— Vou necessitar algumas coisas se for ser sua prisioneira. Não tenho mais roupas que as que deixaram suas amiguinhas, e julgando por suas insignificantes medidas, aparentemente não eram humanas. Necessito um sabão apropriado para meu rosto, um xampu que não cheire a homens… e maldição, necessito roupa de baixo limpa! — Concluiu grunhindo.

Jack caminhou ao escritório, tomou uma caneta e um bloco de papel de notas e os alcançou.

— Faz uma lista. Trarei tudo o que necessite.

Mira tomou o lápis e o papel, e elevou as sobrancelhas.

— Não irá mexer em minha gaveta de roupa intimas, não é?

— Só faça a lista.

Ela se sentou na borda da cama, e fez a lista, enquanto Jack terminava de vestir-se, depois a entregou.

— Juro que não vou mexer em sua gaveta de roupa intima — Disse — Agora, está com fome? Fiz o café da manhã.

Ela afirmou com a cabeça, e seguiu seu nariz até a cozinha. Mira não tinha tido a oportunidade de dar uma boa olhada no apartamento desde que chegou inconsciente a primeira vez, e tratou de fugir salvando sua vida a segunda vez.

Estava decorado como um apartamento… Caro. O piso era de madeira polida, e havia tapetes diante do sofá e no saguão. Jogo de mesas espalhado pelo corredor. A maioria dos móveis pesados era de madeira. Peças de arte moderna penduravam das paredes, havia estátuas nas mesas.

O apartamento tinha um plano aberto. No canto, uma escada levava até o segundo andar à área do loft, um corredor, e uma série de portas fechadas, provavelmente mais quartos ou talvez um escritório. Parecia-se como o apartamento de um solteiro rico, e provavelmente tinha sido decorado profissionalmente. Na verdade não podia imaginar Jack selecionando o elegante sofá bege combinado com as almofadas bordadas em vermelho, ou o impressionante vaso de cristal azul no elegante pedestal que se apoiava contra a parede.

Ou melhor, o tinha ajudado uma de suas amiguinhas. Talvez depois de que fossem às compras, tinha tirado a roupa, tinha pressionando-a contra o sofá de dois lugares, e a tinha tomado por trás, até que ela tivesse gritado seu clímax ao ostentoso e silencioso apartamento.

Mira suspirou. Claramente necessitava terapia e medicação. Os pensamentos sexuais e imagens que continuavam aparecendo em sua mente eram incomuns para ela. Para não mencionar que o pensamento de Jack com outra mulher, era estranhamente incomodo. Elevou um olhar cheio de ira a Jack, enquanto ia à cozinha, como se fosse sua culpa que tivesse perdido os sentidos.

Bom, bom, era sua culpa.

A cozinha era grande, com uma ilha no meio. Sobre a ilha pendurava uma grande prateleira com panelas de cobre e taças de vinho de cristal. Haviam dois lugares arrumados na bancada de café da manhã. Jack caminhou com uma frigideira na mão e pôs dois ovos e fatias de bacon em ambos os pratos. O estômago de Mira grunhiu.

Sentou-se no lugar que tinha uma embalagem de aspirinas. Seu sequestrador era tão considerado. Mira verteu café de um garrafão que havia na mesa em uma xícara, e bebeu só para fazer uma careta de asco.

— Está frio — Se queixou.

Jack se aproximou e tocou seu prato.

— Agora deve estar melhor.

Cravando um olhar de "acredito que está louco", Mira tomou outro bocado dos ovos, que por pouco teve que cuspir, porque estava muito quente. Soltou seu garfo e o olhou cautelosa.

— Quantas provas mais necessita, Mira? — Jack aproximou e tomou o pentagrama em suas mãos. Ele esfregou seus nódulos contra sua clavícula até que ela tremeu e seus mamilos se endureceram.

— Como pode me culpar por duvidar de uma história tão louca?

Puxou-a com suavidade até que seu nariz ficou a umas poucas polegadas dela. A respiração de Jack agitava os finos pelos de sua face. Esses sensuais lábios estavam separados de sua boca só por um pequeno espaço. O coração de Mira martelou em seu peito.

— Este pentagrama, não preciso te explicar este símbolo — Ronronou com sua suave voz de chocolate.

Ela lambeu os lábios e piscou nervosamente um par de vezes. Jack rebuscou e tomou o pentagrama em sua mão.

— Depende de suas crenças. Para mim, simboliza os quatro pontos dos elementos, terra, ar, água e fogo. O ponto superior é para o Espírito. Estou consciente de quão perto isto se parece com seu sistema de ma...magia — Teve que lutar para dizer a última palavra.

Ele a olhou nos olhos por um muito breve momento. Por um segundo, pensou que ele a beijaria, e seus olhos se entrecerraram um pouco. Considerando essa possibilidade, seus sentimentos quanto a aquela possibilidade eram alarmantemente desconcertantes.

Em vez disso, ele soltou o colar e se reclinou em sua cadeira.

— Annie me disse que não deixa de usá-lo nem um só dia.

Mira se afastou com facilidade dele, estranhamente relutante a fazê-lo, e acariciou o pendente. O metal ainda estava morno pela mão de Jack. Deixando-o cair, suspirou.

— Annie é uma Wicca. Ela me criou assim.

— Poderia ter se rebelado contra sua religião. As crianças se rebelam contra seus protetores por muitíssimas razões. Poderia ter escolhido a fé de seus pais. Eles eram católicos, verdade? Annie me disse que se converteu a Wicca imediatamente, e se manteve fervente a ela durante toda sua vida.

Mira começou a comer seus ovos de novo. Estavam bons, orvalhados com manjericão e salsinha e cozidos à perfeição.

— Então isso prova o que? — Perguntou entre um bocado de comida e outro.

— Usar esse símbolo ao redor de sua garganta cada dia, prova que pode tirar a mulher da bruxaria, mas não pode tirar a bruxa da mulher.

Mira o ignorou e seguiu comendo seu café da manhã. Não sabia como responder a isso, assim trocou de tema.

— Bom — Disse assinalando à cozinha com sua faca para manteiga — Sequestrar pessoas deve ser muito lucrativo.

Ele se deteve, com uma parte de ovo a metade de caminho para sua boca.

— Não sequestro a pessoas para viver — Soava um pouco assombrado, mais irritado.

— De verdade? E o que faz então?

— Trabalho para Thomas Monahan, o líder do *Aquelarre*. Encarrego-me de sua segurança — Baixou seu garfo e limpou sua deliciosa boca com um guardanapo.

— Faz soar como um valentão de aluguel.

Jack sorriu.

— Algumas vezes o sou, mas a maior parte do tempo envolve mais as habilidades. Se comparar Monahan com o Presidente dos Estados Unidos, eu seria o equivalente ao chefe do Serviço Secreto, ou talvez da NSA[8].

— Como conseguiu esse trabalho?

— É uma longa história — Ele tomou um gole de café.

Isso significava que não queria falar disso. Interessante.

— Então, não deveria estar protegendo Monahan? — ela perguntou antes de dar outra mordida.

Ele soprou.

— Monahan não necessita de proteção. Resolve bem, caso esteja sozinho. Disse-me que te protegesse.

— Por que sou uma espécie em perigo de extinção? Parece-me estranho que alguém tão importante como você esteja gastando seu tempo em proteger a alguém como eu.

— Vende-se por muito pouco. Sua espécie é estranha. Mas, além disso, não esteja tão segura de que essa seja a única razão pela que Thomas Monahan te quer a salvo.

Ela soltou seu garfo e o contemplou em silencio por um momento.

— O que quer dizer?

Jack sorriu.

— É ele quem tem que explicar isso não eu.

Sua voz era toxicamente doce quando disse

— Se faz um comentário dúbio como esse, mereço uma explicação.

— Não me corresponde dizê-lo. Já disse mais do que deveria — Meneou sua cabeça — Tem alguma maneira de me fazer deixar passar. Só tem que saber que é especial para Monahan, isso é tudo, e não por nenhuma das sinistras razões que estão passando por sua mente agora mesmo.

Ela o olhou. O homem com certeza, gostava de brincar com jogos mentais.

Ele descansou seus cotovelos na mesa e a olhou com seus inquietos olhos azuis. A calidez se converteu em frieza. Seus olhos claros pareciam ter a estranha habilidade de conter ambos, fogo e gelo. Sua expressão se endureceu.

— Não me corresponde dizê-lo — Repetiu com finalidade.

— Está bem — Soltou ela. Era uma discussão para outro momento.

Ele deixou seu garfo.

— Vão sentir sua falta no trabalho se não ligar. Tem que fazê-lo e dizer que não poderá ir por um tempo.

---

[8] *A Agência de Segurança Nacional, em inglês: National Security Agency, também conhecida como NSA, é uma agência de inteligência criptológica do Governo dos Estados Unidos, administrada como parte do Departamento de Defesa.*

— Como pode estar seguro de que não vou gritar "assassino sangrento" ao telefone para deixar o Mike saber que estou em problemas?

— Em primeiro lugar, não está em nenhum problema, aqui comigo, ao menos.

Isso era discutível. Dependendo de que tipo de problema ele se referia.

— Em segundo lugar. Acredito que é o suficientemente curiosa para ficar por um tempo por sua própria vontade.

Ela deixou escapar uma risada curta e cínica.

— Acredita muito. Como acha que vou sobreviver sem trabalhar? Alguns de nós necessitamos nossos salários para pagar as contas.

— Não se preocupe pelo dinheiro agora, não quando sua vida está em perigo. O *Aquelarre* já concordou pagar suas contas por um tempo. Pensa que são como umas férias pagas. Só que não são.

— O que?

— Precisa treinar.

Mira o olhou por um momento antes de replicar.

— Por quê?

— É uma espécie poderosa de bruxa, que não teve em sua vida nem um dia de treinamento. Não quer saber quem é?

Mira se encolheu. O comentário a golpeou em algum lugar sensível. Afastou-se da mesa, ficou de pé e foi rapidamente para longe dele.

— Eu sei quem sou, e não sou uma bruxa — Respondeu de costas a ele.

— Acredita saber quem é Mira? Eu vejo uma mulher à deriva, não alguém completamente segura de si mesma. Vejo uma mulher que se enganou até pensar que sabe para onde se dirige.

Mira fechou os olhos, sentindo a verdade dessas palavras espalhar sobre ela. Desde seu divórcio, tinha estado brigando muito duro para levar sua vida a um caminho mais positivo, mas não estava segura de ter ficado na direção correta. Mira tinha se perguntado mais de uma vez se estava enganando a si mesma.

Nem sequer o tinha escutado aproximar-se. A mão de Jack se apoiou em seu ombro e a fez voltar-se, até ficar cara a cara. A expressão que ele tinha parecia conflitiva, mas só teve um momento para considerá-lo. Seus braços a rodearam, seu calor, seu aroma e sua masculinidade se fecharam sobre ela, e ele a apertou contra seu peito, enquanto sua boca ia em busca da dela.

E o resto do mundo simplesmente desapareceu.

Inclinando sua boca sobre a dela, passou sua língua contra os lábios de Mira. Ela abriu a boca para permitir o acesso, e agarrou seus antebraços, sentindo o manejo e o jogo de seus bíceps. Sua língua se enredou eroticamente contra a dela. Morna. Úmida.

Saboreando. Provando.

Isso esfumou todos os pensamentos de sua mente. Sacudidas de prazer subiram por sua espinha e através de seu corpo.

O som de um gemido que parecia em parte êxtase, em parte tortura, saiu da garganta de Jack, fizeram que seus joelhos se debilitassem.

Ele cortou o beijo, e pousou sua testa na dela por um momento. Ambos respiraram forte e levianamente.

— Mira — Sussurrou. E só a palavra parecia rasgar dele.

Assombrou-se com tal intensidade, mas então a beijou novamente e ela se afogava. Desta vez, seus lábios se deslizaram sobre os dela suavemente. Seu corpo se sentiu fraco pelo fácil e sedoso percurso dos lábios de Jack sobre sua boca. Jack mordeu seu lábio superior, deixando-o ir gentilmente de entre seus dentes, antes de inclinar sua boca sobre a dela, e explorar com sua língua entre seus lábios uma vez mais.

Mira ouviu um som baixo e vulnerável e se deu conta que vinha dela. A dureza da ereção de Jack pressionava em seu estômago. Ele estava excitado. Muito, muito excitado.

Jack colocou a mão por baixo de seu suéter, por suas pequenas costas, e tocou sua pele. Tudo o que pôde fazer foi aguardar e salvar sua vida enquanto ele a acariciava, seus fortes dedos massageando seus músculos com uma autoridade que fizeram que seu sexo vibrasse com urgência.

Ele elevou suas mãos, atrasando-se no fecho do sutiã, depois as moveu para baixo, desfazendo-se de seus jeans e assaltando seu traseiro. Jack a apertou contra seu corpo grande, ele fez um apreciativo e apagado som na parte de trás de sua garganta.

Além do beijo “derrete-joelhos”, algo mais se chocou dentro dela. Um pingo de poder desenvolvendo-se, espraiou-se em alguma parte, no centro de seu peito. Isso pulsou, depois fez cócegas, depois estremeceu. Finalmente cresceu quente. Sentiu-se como um casulo florescendo em rosa e crescendo para o sol.

Enquanto a boca de Jack trabalhava sobre a dela, um broto de poder intensificava-se e se estendia para fora, procurando. Mira ofegou na boca de Jack, e encontrou os laços de calor emanando dele e se misturou com eles. O poder que florescia dentro dela era sereno, mas muito forte. Jack estava quente. Era um calor que soube instintivamente, tinha o poder de queimá-la em mais de uma forma.

Era magia. Sua magia. A magia de Jack.

Mira soube profunda e profusamente. Jack tinha chamado a sua magia usando a dele. Apesar de que era nova, sentia-se como uma parte dela longamente perdida, como retornar para casa. Queria chorar pela alegria que a enchia, sentindo o broto de poder deslizar-se como um dragão que despertava de alguma parte perto de seu coração.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e afogou um gemido, agarrando os ombros de Jack, enquanto suas magias dançavam juntas, esfregando uma contra a outra, fundindo-se e separando-se. Eles pareciam encher um ao outro, complementando-se mutuamente.

Enquanto ele alternava pequenos beijos sexys com língua profundamente, penetrando possessivamente sua boca, suas magias se misturavam. A sensação era irresistível, e o corpo de Mira respondia forte e rapidamente. Cada pequeno movimento que Jack fazia, causava fricção contra seus mamilos através de sua roupa, e a excitação se esquentava entre suas coxas.

Maldita seja esta roupa. Ela queria senti-lo pele a pele.

Capitulo 5

Seu duro pênis pressionava contra ela, uma poderosa tentação. Mira se estendeu entre seus corpos, percorrendo com seus dedos sobre seu pênis, através dos jeans de Jack. Tudo o que podia pensar era em tocá-lo, sustentá-lo, pôr sua boca nele. Queria-o dentro de seu corpo, queria que suas magias escapassem de suas correias, e se fundissem completamente, enquanto seus corpos faziam o mesmo.

Tão abruptamente como tinha iniciado todo aquilo, Jack terminou o beijo.

— Não, não o faça — Murmurou Mira antes de poder se conter.

Olhou-a por um momento, seus olhos desfocados

— Sente o poder dentro de você?

Ela assentiu, mordendo seu lábio inferior e olhando sua boca.

— Essa é sua magia reagindo com a minha – ar com fogo. Me diga que não é uma bruxa agora — Sua voz soava tensa.

Por um comprido e embaraçoso momento, ele a observou. Os lábios de Mira se sentiam inchados por seus beijos e seu corpo… Desejando. OH, quanto o desejava, mas ele a soltou e caminhou irado fora da cozinha, amaldiçoando sob seu fôlego.

Petrificada pela abrupta saída do paraíso, Mira cambaleou para trás com pernas que pareciam de algodão. Suas costas golpearam a parede da cozinha com um baque surdo, e se deixou cair até que se sentou no piso de azulejos. Em alguma parte nas bordas de sua mente, escutou golpear a porta de saída.

Mira deixou escapar uma cuidadosa pausa de agitação. Cada parte de seu corpo ainda estava trêmulo. Seu clitóris se sentia inchado, e seus mamilos estavam duros e sensíveis. Queria chorar porque ele a tinha deixado dessa forma, embora se sentisse um pouco aliviada. Enquanto a beijava, tinha caído sob alguma espécie de estranho feitiço. Ir para cama com ele, isso teria sido um engano.

Fez uma careta diante a ideia de que isso acontecesse, e a da sensação de sua magia apagando-se, contraindo-se uma vez mais no centro de seu peito, sem o Jack para tirá-la fora dela. A tristeza saltou diante sua perda. Mira pressionou a palma de sua mão contra seu peito, e inalou suavemente. Nunca soube que tinha estado aí, e já sentia saudades sua presença.

Com um só beijo, Jack tinha nublado algumas coisas, e tinha feito outras incrivelmente claras. Todo aquilo era verdade. A magia dele, a dela. Eram reais, tangíveis, força e poder dentro de seus corpos. Agora que tinha tido sua magia em suas mãos, nada que dizer, nada que duvidar.

Mira fechou seus olhos. E, ai, merda… Era uma bruxa. Uma de verdade. Não simplesmente uma Wicca que se chamava a si mesma bruxa. Não. Era uma verdadeira bruxa com um poder mágico para invocar.

Olhou suas mãos. Estavam tremendo.

Isso significava que todo o resto era verdade. Seus pais não haviam falecido em um acidente de carro; tinham sido assassinados. Pior, o assassino saiu impune.

Mira lambeu os lábios, seguiam tendo sabor de Jack, e engoliu com força. Se havia a

possibilidade de que pudesse de alguma forma levar os assassinos de seus pais diante da justiça — Qualquer justiça que existisse neste caso.

De tão só pensá-lo, a adrenalina se disparou através dela. Não era exatamente do tipo rude e belicosa, pronta para percorrer a cidade armando confusões em busca de vingança, mas eles tinham assassinado os seus pais. Queria… Precisava fazê-los pagar por isso.

Jack tinha razão. Ficaria por vontade própria.

Levantou-se e procurou o telefone. Afundando-se em uma poltrona pegou o telefone sem fio que encontrou em uma mesa, ao final da sala, e marcou o número do restaurante com dedos trêmulos. A mentira travou em sua língua, mas disse a Mike que tinha uma urgência familiar, e precisava estar um tempo fora para endireitar as coisas. Era uma espécie de verdade. Ao menos não tinha que fingir a trêmula emoção de sua voz.

Não era como se pudesse contar a verdade. Não podia dizer que tinha descoberto que algumas das coisas que explodiram a outra noite eram realmente verdades, e que ela era uma delas. E, ah, por certo, tinha que vingar a morte de seus pais causada por um grupo de feiticeiros, ao mesmo tempo se proteger de que esses mesmos feiticeiros a utilizassem para invocar a um demônio. De alguma forma sabia que Mike simplesmente não acreditaria. Como a grande pessoa que era, Mike assegurou que poderiam se arrumar sem ela por um tempo, e desejou o melhor. Disse que não se preocupasse e que seu trabalho ia esperar quando retornasse.

Mira desligou com um nó em sua garganta e lágrimas queimando os olhos. Trabalhar no restaurante tinha sido sua âncora por meses, e agora se sentia a deriva. O caos tinha impregnado sua vida nas últimas vinte e quatro horas e o caos tinha um nome—Jack McAllister.

Descansando seus cotovelos nos joelhos, cobriu o rosto com as mãos, cuidando de não pressionar sua ferida. Os muito pequenos jeans se afundavam incomodamente em seus quadris, e apertavam fortemente suas coxas. Irritada, desabotoou o primeiro botão, ficou de pé, e caminhou com ferocidade para uma dos quartos de hóspedes para ver se encontrava outras roupas. Uma busca nos closets e cômodas de ambos os quartos extras deram nada por resultado.

Mira foi ao quarto de Jack. Não podia suportar estar dentro dessas constritivas roupas nem um segundo mais. Se Jack se incomodava com ela, por rebuscar em seu armário para procurar algo usável, não se importava.

Depois de abrir umas tantas gavetas, encontrou um moletom esportivo cinza, e uma jaqueta que dizia Universidade de Minessota em imprecisas letras vermelhas e douradas. Desfez-se das roupas emprestadas, e colocou as suaves e gastas com um suspiro. Eram muito grandes para ela. As mangas penduravam por debaixo de suas mãos por uns bons centímetros, e as calças sobravam ao redor de suas pernas.

Pior, o material ainda tinha o aroma de Jack. Agarrou a frente da jaqueta, e a pressionou contra seu nariz, inalando e fechando os olhos. Quase inconscientemente, passou os dedos pelos lábios, recordando o beijo de Jack.

O sexo com Ben nunca tinha sido bom. Só tinha alcançado o orgasmo com ele um punhado de vezes. Seus clitóris tinha estado ou muito sensível, ou muito insensível, ou Ben já tinha alcançado o clímax primeiro que ela. Ben a tinha feito sentir como se fosse sua culpa, e talvez o

fosse. Talvez fosse uma dessas mulheres que tinham uma situação difícil, a menos que o fizesse ela mesma. Mira se perguntou se teria alguma situação difícil com Jack.

Mas Jack não a queria. Não realmente. Virtualmente tinha fugido dela depois de beijá-la.

Obviamente, só o tinha feito para acender a magia dentro dela, e provar de uma vez por todas que era real. Mordeu o lábio inferior. Claro que sua ereção parecia muito genuína.

Mira engoliu seco quando recordou a pressão contra ela, e depois recordou o pacote de camisinhas na gaveta de sua mesinha de noite. Estava sendo uma tola. Um homem como Jack McAllister com certeza ficaria duro de beijar uma árvore.

Sacudindo sua cabeça, caminhou para a janela da sala. Rua abaixo, Minneapolis se espalhava a seus pés, sob um céu frio e azul claro. Haveria logo lua cheia. Conhecia a data exata de cada lua cheia. Mas não haveria terra disponível para realizar sua oferenda mensal. Nem modo no piso cinquenta e dois. Duvidou se poderia sair lá fora para realizar seu ritual de cada mês.

Não desde que havia homens por aí procurando por ela para assassiná-la.

Mira estremeceu diante da compreensão finalmente registrada. Recuou da janela e tratou de não pensar nisso. Tratou de não pensar em seus pais. Tratou de não pensar no beijo de Jack. Tratou de não pensar em seu novo status de bruxa.

Em vez disso explorou o apartamento de Jack, passeando seus dedos sobre as lisas mesas de mogno, o caro tecido dos sofás e cadeiras, sobre os objetos de arte. As caras esculturas de Frederic Remington[9] pareciam ser as favoritas. Não havia nenhuma partícula de pó em nenhuma parte, o que a fez pensar que devia contratar a alguém para a limpeza.

Eventualmente alcançou a escada de espiral e subiu. A sua esquerda havia uma porta. Abriu-a e um sopro de ar gelado a golpeou na face. O teto. Então Jack tinha uma *penthouse*. Fazia frio, mas pôs a cabeça o necessário para dar uma olhada no céu de Minneapolis e em uma estufa média. O verdor se mostrava através dos painéis de cristal. Isso significava que Jack o mantinha temperado e cultivava plantas nele.

Bom, ele era cheio de surpresas.

Tremeu e fechou a porta. Talvez tivesse encontrado a solução a seu problema da lua cheia. Não era o ideal, mas ao menos poderia encontrar um pouco de terra dentro da estufa.

Atrás dela, havia uma área aberta que dava para a sala. O canto tinha um par de estantes com livros, uma cômoda e confortável poltrona turca em um canto. Duas portas terminavam neste pequeno canto de leitura. A primeira sala parecia ser um escritório, com todos os acessórios, um computador de luxo, impressoras e outros eletrônicos mais.

A outra porta estava fechada com chave.

Hummm.

O homem tinha fechado com chave uma sala em seu apartamento. Esta era sua residência pessoal, a voz da educação sussurrava em sua cabeça que respeitasse isso. Mas por outro lado, estava procurando respostas.

Poderiam estar atrás dessa porta.

---

[9] ***Frederic Remington*** *Foi um pintor, ilustrador, escultor e escritor dos Estados Unidos, que se especializou na descrição do oeste americano.*

Tentou abri-la novamente, e se ajoelhou para examinar a fechadura. Era bem simples, nada muito complicado. Não é que fosse uma perita chaveira, nenhuma consumada arrombadora, mas estava acostumada a forçar com uma alavanca uma fechadura igual a esta no pátio traseiro de Annie, cada vez que sua caprichosa e distraída madrinha, sumia com as chaves de sua casa. Não teria que rompê-lo. Jack nunca saberia que tinha estado ali.

O que Jack não sabia, não poderia feri-lo, mas o que ela não sabia, poderia matá-la. Necessitava respostas, ponto. Decidida, Mira girou em torno e retornou ao escritório. Procurou em todas as gavetas do escritório, até que encontrou um clip, e retornou à porta. Suas habilidades "abre-fechaduras" estavam apoiadas exclusivamente em girar e manipular os pinos até que a porta se abrisse. Tomou um tempo.

Finalmente, o cabo girou e abriu a porta. Meteu o clip no bolso, ficou de pé e acendeu a luz.

— OH! Wow... — Suspirou.

Outra surpresa. Nunca teria tomado o Jack como do tipo artista, inclusive com as caras estátuas de Remington dispostas por toda a sala, mas tinha que ter sido Jack quem fez aquelas impressionantes fotos que estavam na sala.

Brilhosos retratos em preto e branco e colorido, penduravam emoldurados nas paredes, e pendiam de cavaletes fortuitamente esparramados por toda a sala. Mira caminhou ao redor deles, estudando-os. Deteve-se diante de várias fotos de uma mulher mais velha com o cabelo grisalho. Sua mãe, talvez?

Havia fotos de celeiros cobertos de neve, largas grades de quatro tábuas capturadas no calor do verão, e outras capturas relacionadas com a natureza. Havia fotos de meninos e pessoas maiores, jovens rostos brilhantes e radiantes, justapostos com enrugadas e nodosas mãos. Todas pareciam fazer uma declaração a respeito da beleza da vida e sua natureza fugaz.

Suas sobrancelhas se enrugaram. Jack era capaz de realizar uma profunda declaração filosófica através da arte? Prateleiras se recostavam contra a parede, cheias de equipamentos fotográficos e outros eletrônicos. Ao lado jazia uma mesa, contendo o que parecia ser cinquenta álbuns de fotos. Caminhou para lá, passou o dedo sobre um álbum de capa negra sobre a mesa e o abriu. Uma foto sensual de uma muito bela loira em uma reveladora lingerie saudou seus olhos. Fechou o álbum rapidamente.

Sério. Devia tê-lo sabido melhor.

Esta era a sala privada do Jack, e se umas espantosas mulheres sem-roupa queriam que Jack as fotografasse. Quem era ela para julgar? Demônios, as mulheres provavelmente caíam em cima umas das outras, desejando atenção como aquela da parte de Jack. O ciúme não bem-vindo cravou-a por um momento antes que pudesse arrancá-los.

Abruptamente, tomou outro álbum, encontrando-o cheio com o que pareciam fotos de vigilância de um homem gordo com algum de seus comparsas. Interessante. Jack tirava fotos de alguns dos bruxos e feiticeiros aos que vigiava. Deixou esse álbum e inspecionou os outros.

Passeou seu dedo daqui para lá sobre um álbum de-bom-preço-em-couro que se sobressaía um pouquinho do resto. Era tão lindo. Mira o abriu e inalou um suspiro.

Seu próprio rosto estava lá.

Capitulo 6

— NÃO, NÃO, NÃO — Gritava, passando de uma página à outra. Todas eram dela, reproduções tiradas quando ia ao trabalho, ou estava de retorno a casa. Quando estava em um descanso ou no mercado…

Levou uma mão à boca. Nunca tinha sabido que Jack a tinha vigiado tão de perto. Ele virtualmente devia ter sido sua sombra por umas boas duas semanas. Havia dito que a tinha estado vigiando, mas tirando fotos?

Isso era algo horripilante.

Exceto…

Começou desde o começo do álbum uma vez mais. As primeiras fotografias eram como uma foto-gravação de seu dia, indiferentes com iluminações ou sua expressão facial, somente documentação de suas atividades diárias.

Mas à medida que passavam as fotos, ia tomando um tom pessoal.

Mira se deteve em uma, que a mostrava a ponto de entrar em seu automóvel. Tinha apertado seu casaco contra seu corpo protegendo-se contra o frio do dia, o sol brilhante e frio resplandecia sobre sua cabeça. Seu carro estava no meio da imperfeitamente povoada rua frente ao restaurante. Não havia outro veículo em toda a prolongação do estacionamento, nenhuma outra pessoa. Não soube como não tinha notado que alguém a observava. A rua tinha sido fotografada, assim parecia que se estendia para o infinito.

E estava aí, sozinha, com uma expressão de desolação em seu rosto.

Outra a mostrava na cafeteria que estava uma rua abaixo, aonde ia algumas vezes à hora do almoço, para ter uma mudança de cenário. Ele tinha estado no restaurante cheio de gente com ela, sentado em um canto, a julgar pelo ângulo da foto. O lugar tinha estado cheio, mas ela tinha estado sozinha em sua cabine, olhando pela janela. Ele a tinha enfocado, rabiscando as pessoas que havia a seu redor. Seu reflexo na janela aparecia difuso.

Na verdade tinha essa expressão em seu rosto tão frequentemente?

Mira fechou o álbum, engolindo em seco, e se afastou de lá. As primeiras imagens eram do negócio, mas aproximando-se do final, Jack a tinha usado como um objeto para sua arte. Ele parecia capturar coisas dela que ninguém mais via. Sentimentos e emoções que nunca tinha compartilhado com ninguém. Ele tinha capturado seus momentos íntimos, sem sequer ter falado com ela. Voltou-se, apagou a luz, e fechou a porta.

Com a mente feita uma confusão de pensamentos confusos, desceu as escadas.

Entendia por que em principio ele tinha começado a tirar as fotos. Eram por uma questão de vigilância. Deveria sentir-se espantada, desde que a estava seguido, tirando fotos dela como um perseguidor. Esse fato a tirava fora de si, mas o outro, as fotos posteriores, amorteciam essa irritação. Por que seu enfoque tinha trocado para um ângulo tão íntimo ao final? O que o tinha feito olhá-la através de uma lente mais pessoal?

Por agora não diria a Jack que tinha visto as fotos. Tinha suficiente para lutar com todo o

resto. Sem mencionar que teria que admitir que tivesse forçado a fechadura de uma sala fechada a chave. Embora para falar a verdade, isso não tinha comparação ao quão longe que tinha ido sua intromissão. Distraída ainda, maravilhou-se com as estantes que pareciam albergar cada clássico escrito, com uns quantos thrillers políticos, e uma confusão de novelas de terror.

Em uma prateleira mais baixa, divisou uma cópia forrada em couro de Frankenstein da Mary Shelley. Pegou, derrubando uma caixinha de madeira no processo. Um anel de prata rodou pelo chão. Sustentando o livro em uma mão, ajoelhou-se e examinou a jóia. Era um anel de homem, pesado e bem trabalhado artesanalmente. Uma C marcava a superfície com uma letra elaborada, e símbolos ocultos rodeavam as bordas. Mira franziu o cenho. Uma C do que? Do *Aquelarre*[10], talvez? Talvez fosse algum misterioso e engenhoso anel decodificado que eventualmente ela também receberia. Depositou o anel de volta à caixa, e a devolveu à prateleira.

Depois de tomar um copo de água da cozinha, e lavar a louça do café da manhã, acomodou-se no sofá com o livro. Prendeu-a por um tempo, até que o cansaço a dominou. Cabeceando, deixou o livro a um lado, e se deitou para tomar uma sesta, com sua cabeça em um dos sofisticadas travesseiros. O ruído da porta abrindo a despertou. Olhou para Jack sonolentamente, enquanto ele deixava cair umas sacolas de lojas na mesinha do café que estava frente a ela. Nem sequer a olhava nos olhos.

Talvez o beijo na verdade o tivesse enojado e não podia nem suportar olhá-la agora.

O corpo de Mira ainda sentia a pressão dele sobre ela. A lembrança de seu calor, o sentimento de seu corpo apertado a ela toda à tarde. Um ambíguo, e meloso calor se filtravam entre suas coxas quando pensava na boca de Jack sobre a sua. Isso eclipsava tudo, inclusive encontrar essas íntimas fotos que tinha tirado às escondidas.

Era tão patética.

Sentou-se e olhou atentamente dentro das sacolas, vendo tecidos envoltos em papel, e um matagal de etiquetas de vendas.

— Comprou tudo novo? Isto deve ter custado uma fortuna. Só sugeri que fosse a meu apartamento e pegasse algumas de minhas coisas.

— Não podia fazer isso. Crane provavelmente está vigiando sua casa. O mais provável é que não saiba onde está, e é melhor que todo fique assim.

Ah!!

— O mais provável é que não saiba onde estou? Isso não é muito reconfortante. Então. O que comprou?

Consciente de si mesma, passou seus dedos entre seu cabelo emaranhado pela sesta, recordando que estava usando as roupas dele e provavelmente parecia ridícula. Não respondia, assim levantou a vista e o encontrou olhando-a. A lembrança do beijo parecia aparecer nos olhos de Jack. Mira viu um brilho de calor sexual ali, a necessidade tranquilamente descoberta, antes que ele afastasse o olhar.

Com o estômago agitando-se, e perguntando se não o tinha imaginado, parou de alvoroçar o cabelo, e forçou a si mesma a baixar o olhar e centrá-lo nas sacolas.

[10] ***Aquelarre*** *em inglês é Coven.*

Ele passou a mão pelo queixo

— Comprei tudo o que tinha na lista. Seu sabonete, seu xampu, alguma roupa que possivelmente te caiba melhor, roupa íntima nova. Comprei outras coisas que pensei apreciaria também, perfume. Notei que usa essa coisa de essência de rosas — clareou a garganta — Também comprei algumas bobeiras para seu cabelo, prendedores e coisas assim. Espero que não se importe.

Isso era terrivelmente considerado. Como tinha ocorrido? Mira elevou as sobrancelhas.

— De verdade? Obrigada. Tem alguma irmã ou algo?

— Não, mas tive um par de…

— Namoradas — Mira mostrou o polegar voltado para cima — Entendi.

Procurou dentro das bolsas, tirou uma sexy tanga negra e a deixou pendurar de seu dedo indicador. Mira o olhou com uma sobrancelha elevada. Por que Jack comprando sua lingerie, via-se mais íntimo que o ter rebuscando em sua gaveta de roupa intima?

Ele clareou garganta e se moveu incomodamente.

— Não sabia de que tipo usa normalmente. Comprei diferentes estilos.

— Sou uma garota do tipo biquíni. Não gosto do estilo fio dental. Embora, pensando bem... — Deixou cair o pedacinho de nada em seu colo e suspirou — Quanto custou tudo isto? Agora mesmo, não posso pagar muito.

— Não se preocupe por isso. Como disse, o *Aquelarre* concordou cobrir seus gastos com o intuito de te manter longe do Crane.

— Bom… Obrigada — Ela gostaria de pagar cada centavo que pudesse.

— Não há problema — Sua boca se torceu um pouco — O que está usando?

Mira sentiu como se ruborizava.

— Sinto muito. Procurei em suas coisas — Quase nem pronunciou o final da frase e estremeceu diante o duplo significado.

— Veem-se enormes em você. Parece que está se afogando — Uma nota de diversão tingiu a voz.

— Precisava encontrar algo mais cômodo. Espero que não se importe.

— Não, não me importo — Jack caminhou para seu quarto.

— Jack?

Ele se voltou.

— Quando disse que nossas magias tinham uma espécie de atração… Que quis dizer?

— O ar e o fogo têm uma afinidade natural, assim como a terra e a água. Sempre têm uma atração mágica. Mas algumas vezes há uma intensificação da atração física também se ambas as partes estiverem tão inclinadas.

— Que tão inclinadas?

— Se eles estivessem sexualmente atraídos um pelo outro, sem que a magia esteja presente, há uma intensificação. É o que está acontecendo entre você e eu.

A mente de Mira se revolveu por um segundo. Sua pergunta tinha sido pela magia. Somente a magia. Unicamente a magia. Isso tinha sentido. Punha tudo em seu lugar.

Ficou de pé e caminhou para ele, ainda com as calcinhas em suas mãos. Mira lambeu os lábios e torceu a seda, forçando a si mesma a olhar a qualquer parte menos a ele.

— Só queria saber isso, ah, sobre o que aconteceu na cozinha — Olhou ao longe — Me demonstrou coisas fazendo… isso.

Jack deu um passo para frente, agarrou a roupa intima, e a usou para empurrar a Mira contra ele. Por pouco se explodia contra seu peito. De repente se encontrou envolta em toda essa sedutora e embriagadora masculinidade.

— Quando fiz… isso — Disse arrastando as palavras em um tom sedoso — Não quererá dizer quando te beijei, Mira? Lembra-se dessa parte, não é?!

O estômago de Mira caiu até seus pés. O olhar de Jack centrou-se completamente em sua boca. Como se seus lábios fossem comida e ele estivesse faminto.

— Sim, é óbvio.

— Tem alguma ideia de quão difícil foi para eu deixar de te beijar?

— De verdade? — Perguntou ela com genuína surpresa antes de poder deter-se.

Sua voz desceu em volume.

— Desejo-te de uma forma muito poderosa. Quero fazer coisas com você que o bobo de seu ex nunca teria sonhado fazer. Isso é o que acontece quando o ar e o fogo se juntam. Entende? Pode senti-lo? Essa intensa atração entre nós?

— É incrivelmente poderoso.

— Sim — Murmurou ele — Fodidamente irresistível.

Olhou-o, fascinada, como o músculo de sua mandíbula trabalhava. Era como se ele tratasse por todos os meios de manter-se afastado dela.

— É uma mulher sensual. É como se tivesse palha seca empilhada dentro de você, esperando por uma faísca. Eu poderia ser a faísca, mas…

— Meu marido sempre me disse que era frígida — Soltou Mira. Colocou uma mão na boca, desejando poder engolir de novo o íntimo segredo.

— O que?

Mira ferozmente baixou sua mão e a pôs a um lado, e soltou um suspiro de firmeza. Muito tarde para retroceder.

— Diz-me que sou sensual, fala sobre a palha esperando ser acesa. Bem tinha muito trabalho para me provocar um orgasmo. Dizia que era minha culpa. Que era incapaz de obtê-lo durante o ato.

Jack rilhou os dentes. O músculo de sua mandíbula trabalhou de novo. Desta vez não parecia como se estivesse esforçando-se por manter-se afastado dela; via-se zangado.

— Frígida? Humm. Isso foi o que ele te disse?

Abriu a boca para dar uma melhor explicação, mas então os lábios dele ficaram em cima dos dela. Seus dedos se enredaram no cabelo de Mira, e sua língua se uniu com a dela, em um movimento possessivo que a fez choramingar.

No dia anterior, no restaurante, quando tinha fantasiado beijando Jack, soube que seria endemoniadamente sexy. Sem engano, a ternura que o demonstrou foi uma surpresa. Jack não só

beijou. Fez amor suave e facilmente a sua boca, fazendo que seu corpo respondesse como se na verdade estivesse fazendo amor. Seus mamilos se endureceram e se sentiu quente e úmida entre suas coxas.

Arrancou de um puxão as calcinhas de sua mão e as jogou no chão. Mira deslizou seus braços ao redor dele, beijando-o, lançando sua língua dentro de sua boca com abandono. Queria saboreá-lo, conhecê-lo, sentir o calor de seu corpo contra o dela. Empurro-a para trás um pouquinho, até que ela sentiu a parede contra suas costas. Aí a abandonou, imobilizando-a com seu enorme corpo.

Que o Deus e a Deusa a ajudassem, ela não queria retroceder.

Sua magia se desencadeou vagamente dentro dela, procurando a de Jack. Deixou-a ir, deixou-a liberar-se por acaso só em busca da dele, enroscando-se, e dançando e fundindo-se uma com a outra. Intensificou-se o prazer que sentia ao estar em seus braços, e Mira se deixou levar com um pequeno suspiro.

Jack encontrou a barra de sua jaqueta e colocou sua mão dentro, para acariciar suas costas. Seu polegar esfregou acima e abaixo, alcançando mais abaixo, até que se deslizou por debaixo da cintura do moletom esportivo e deixou a sua mão descansar em seu quadril. Ela se agarrou a ele para sustentar-se por suas súbitas pernas fracas.

Mira queria isso, queria mais que tudo nesse instante que a tocasse. Era somente a magia o que fazia que o desejasse? Nesse momento, não se importou a razão atrás daquilo. Tudo o que importava eram suas mãos em seu corpo.

Ele se deteve abruptamente e se afastou do beijo. Voltando a cabeça a um lado, fechou os olhos e amaldiçoou em um ofego.

— Ja-Jack. O que aconteceu?

— Maldição — Murmurou ele, então sua boca se fechou sobre a dela novamente e introduziu seus dedos muito por debaixo da cintura do volumoso moletom por trás… E descobriu que não estava usando nada de roupa intima.

— Demônios Mira — Grunhiu enquanto fechava suas mãos em sua nudez traseira, introduzindo os dedos entre seus glúteos e fazendo que Mira se apertasse contra ele e gemesse — Está tentando me matar? — Ele deslizou sua mão sobre o quadril de Mira e enredou seus dedos em seu pelo púbico. Mira ofegou na boca de Jack, e estremeceu abruptamente diante a surpresa do contato íntimo.

Jack continuou, sua mão cálida contra o monte de Vênus de Mira.

— Me deixe te tocar — Murmurou — Só uma vez. Só um pouco.

O feitiço que tinha entristecido sobre ela e a forma em que seu corpo tinha respondido diante de seu beijo, seu toque… Estava excitadíssima. Era uma má ideia. Jack provavelmente sabia. Ela definitivamente sabia. Mas morreria se não a tocasse agora.

Mira assentiu, respirando com força.

— Vamos — Gemeu ele — Se abra mais para mim. Quero mais de você.

Sua respiração se conteve em sua garganta e uma pesada combinação de adrenalina e necessidade sexual a encheu. Perguntou se tudo era algum tipo de sonho descontrolado. Separou

suas coxas um pouco mais para ele.

— Isso — Seus dedos tocaram as dobras de Mira, deslizando-se através de sua umidade — OH sim, é tão bom.

Mira suspirou, e ele inclinou sua boca sobre a dela, apanhando o som com sua língua. Acariciou seus lábios interiores e deslizou sobre seus clitóris. Este despertou diante dos cuidados de Jack, crescendo com tanta sensibilidade, que cada toque enviava uma onda de prazer através de seu corpo.

Sua outra mão deslizou para base de seu pescoço, depois se entrelaçou brandamente entre seu cabelo. Jack o usou para inclinar a cabeça de Mira, descobrindo sua garganta em todo seu esplendor diante dele. Seus sensuais lábios seguiram a linha da mandíbula de Mira, e desceram por seu pescoço, enquanto trabalhava entre suas coxas. Tocou-a com paciência, esfregando seus clitóris uma e outra vez, até que a guiou para as bordas de um poderoso clímax.

Jack pressionou o dedo do meio contra sua abertura, abrindo uma brecha, e deslizando-se dentro. A Mira escapou a respiração enquanto todos seus nervos floresciam a vida. Tinha passado um comprido tempo desde que um homem a tocasse aí. Jack estremeceu contra ela, tirando o dedo e depois voltando a colocar. Sua nata, pronta para ele, e seu dedo saía e entrava com facilidade.

— Mira — ele gemeu contra seu pescoço — Esta tão quente e apertada. Como a seda. Seda e mel. Maldição. Quero meu pênis aí — Acrescentou um segundo dedo ao primeiro, fazendo que a respiração de Mira se fizesse mais forçosa.

— Jack — Murmurou apenas.

Ele movia seus dedos fora e dentro dela, balançando-a contra a parede com cada movimento, e esfregando com a palma de sua mão seu clitóris inchado ao qual tinha prestado tão deliciosa atenção. Todo seu mundo se transformou na mão de Jack esfregando seu sexo.

Jack percorreu com a ponta de sua língua debaixo do lóbulo de sua orelha até onde seu pescoço se unia com seu ombro.

— Você gosta da forma como estou te tocando? — Murmurou em voz baixa.

— S-sim.

— Vai gozar para mim?

— Ahhh!! — Ela exalou.

Jack a mordeu brandamente, no lugar exato onde seu pescoço se unia com o ombro. Era um ato de dominação, de posse. Como se quisesse marcá-la em alguma forma primitiva. Estremeceu e cravou seus dedos no antebraço dele para manter o balanço de suas pernas trêmulas. Ao mesmo tempo, ele incrementou o impulso de seus dedos, esfregando com determinação contra seu sensibilizado clitóris. As primeiras ondas de um orgasmo invadiram seu corpo, incrementando-se com força enquanto Jack empurrava dentro dela.

O prazer que Mira sentiu se intensificou, explodiu, irrompeu através de seu corpo. Gozou contra a mão de Jack, seus suaves ofegos e suspiros enchiam o ar entre eles. Os músculos de seu sexo pulsavam e se contraíam ao redor de seus endurecidos dedos.

Empurrou brandamente até que ela se acalmou e as ondas de seu poderoso clímax se foram

extinguindo, depois afastou sua boca da pele de Mira, e deu um suave beijo. Jack respirava tão pesadamente como ela, quando retirou sua mão do interior do moletom esportivo.

— Isso é quão frígida você é, Mira — Murmurou tempestuosamente — Somente necessita um homem que te toque da forma correta. Com paciência e carinho. Entende?

Ela assentiu, seu corpo tremendo.

— Apesar do que acaba de acontecer, não sou o homem correto. Compreende isso. Sou o último homem na Terra que te merece.

Jack a deixou e caminhou para seu quarto fechando a porta.

Mira se apoiou contra a parede e olhou à porta com uma mistura de profunda satisfação física e uma incrível confusão. Seu corpo ainda estremecia diante da consciência dele. Seu sexo vibrava com a memória do contato dele. Seu sabor jazia em sua língua ainda e a crueldade de suas palavras ainda ressoava em seus ouvidos.

Sou o último homem na Terra que te merece.

Capitulo 7

Mira dobrou as pernas por debaixo dela no sofá e se afundou na cópia de Jack de *Matar ao Mockingbird*, só prestou um pouco de atenção, embora amasse a novela. Geralmente observava a Jack passear pela sala.

Ele mal tinha mantido uma conversa com ela durante os últimos dois dias, limitando sua comunicação a monossílabos por resposta e grunhidos. O homem tinha estado ruminando a uma obra de arte.

O que tinha acontecido entre eles, depois de que ele retornasse das compras, permanecia como um elefante na sala. Estava aí. Era enorme. Mas ambos o estavam ignorando.

As refeições, embora deliciosas (como evidenciavam um ou dois quilos que tinha ganhado) eram especialmente incômodas.

Comiam depressa e com a mínima comunicação. Uma televisão teria sido boa, teria encoberto a falta de vozes humanas no apartamento. Em vez disso punham música, e Jack passava muitíssimo tempo acima em seu escritório ou na "secreta" sala fechada. Claramente, queria permanecer tão longe como fosse possível dela, mas não podia. Era incômodo para ela também. Apenas o conhecia, e não só tinha permitido o acesso a sua velha caverna do amor, mas sim tinha provocado um orgasmo.

A pior parte é que ela o deixaria fazê-lo novamente sem pensá-lo. Ele a havia tocado da forma correta. Estremecia ao recordá-lo, seu corpo se tornava quente.

Com Ben sempre tinha sido sobre ele. Tinham tido sexo no estilo missionário, talvez algumas vezes ela tinha estado em cima. Ocasionalmente, ele estimulava um pouco seus clitóris para tentar que ela gozasse, mas se dava rápido por vencido. Tinha estado temerosa de tocar a si mesma durante o sexo, temendo ofendê-lo.

Eles simplesmente não tinham acontecido na cama. Não tinham tido confiança, nem boa comunicação do primeiro dia. Mira mordeu o interior do lábio até que doeu, recordando as coisas

que Ben havia dito sobre suas razões para procurar sexo fora do matrimônio. Em retrospectiva, eles não tinham ajudado em nada. Desejava ter visto isso quando o conheceu pela primeira vez.

Lançou o livro sobre a mesa, e observou Jack que estava parado frente à parede das janelas que davam ao centro de Minneapolis, fechando e abrindo ociosamente um grosso acendedor prateado. Mira deixou percorrer seu olhar sobre seu largo e alto corpo. Tinha que admitir que ele a fazia sentir segura, apesar de que o que sabia dele deveria tê-la feito sentir de qualquer forma menos tranquila.

E ela o desejava com uma ânsia muito profunda até impregnar os ossos, como nunca antes tinha sentido por nenhum outro homem. Logicamente não deveria desejá-lo. Prometeu a si mesma, tinha jurado, que não ia ter nada que ver com os homens, pelo menos em um ano, até que tivesse a oportunidade de recuperar seus passos, depois do divórcio. Ainda assim, aí estava cobiçando um homem que no melhor dos casos parecia conflituoso. E perigoso, no pior.

Precisava tomar o controle sobre si mesma. Não podia deixar que esta atração entre fogo e ar tomasse o melhor dela.

Jack parecia dirigi-lo mais efetivamente que ela, em sua forma estoica e ruminante. A única coisa boa dos últimos dois dias era que seu hematoma se curou completamente. E embora ele insistisse em que dormisse com ele, ao menos já não tentava prende-la à cama. Isso era algo bom, recordou-se.

Ela se agarrou no sofá com seus dedos polegares e indicadores.

— Jack, tenho perguntas.

Ele resmungou algo entre dentes por resposta.

Mira suspirou.

— Jack, necessito que pare de grunhir e fale comigo.

Ele se voltou,

— Eu não estou grunhindo.

—Sério? Pois então está personificando muito bem um homem que o faz.

Jack piscou.

Ela deu um tapinha no sofá ao lado dela.

— Vem e se senta? Prometo que não vou te morder, embora não estou muito segura de que você não vá fazê-lo.

Ele deu um olhar escuro, e tomou a cadeira que estava perto do sofá.

Ela tirou o cabelo dos olhos e olhou para baixo.

— Como foi que Crane sequestrou meus pais?

Jack encolheu os ombros.

— Não sabemos muito. Sabemos que foi bem planejado e bem executado. É muito difícil aproximar-se sigilosamente de bruxos do ar, e Crane arrumou para sequestrar a dois de uma vez. Suspeitamos que uns feiticeiros fizeram uma emboscada a seus pais e os drogaram de alguma forma — Deteve-se e suavizou a voz — O que sim sabemos é que seu pai lutou contra eles, e saiu gravemente ferido.

Ela o olhou

— Como foi que o feriram?

Jack sustentou o olhar.

— Fogo. Provavelmente foi Crane. Tem a habilidade de despertar um fogo branco e quente que inclusive as poderosas bruxas do ar e da água é difícil extinguir.

— E minha mãe?

Jack afastou o olhar, para a janela.

— A história relata que ela foi forçada a ver seu pai no primeiro círculo demoníaco. Isso tirou a sua vontade de viver, assim estava muito dócil quando chegou a vez dela no dia seguinte.

Mira se levantou do sofá e caminhou para a janela, abraçando a si mesma contra um súbito calafrio. Sua mãe tinha perdido sua vontade de viver? Mas Mira era só um bebê quando isso aconteceu. Não tinha sido Mira suficiente para fazer que sua mãe desejasse sobreviver?

O calor do corpo de Jack a confortou por trás.

— Você perguntou.

— Precisava saber — Resolvida, voltou-se para ele — Me conte mais sobre o Crane.

Ambos estavam juntos, perto, aparentemente muito perto para o agrado de Jack. Olharam-se um ao outro por um momento antes que ele se movesse para sentar-se.

— William Crane — O sarcasmo era perceptível em sua voz — Nasceu de uma linha de poderosos bruxos do fogo, os quais remontam sua herança por volta do ano 1200. Eram de uma nobre casa mágica até que Crane se uniu ao *Duskoff*. Ele tinha tudo, a riqueza, o respeito e o status social que um bom *pedigree* mágico pode conseguir — Olhou-a — Como você, Mira. Hoskins é um sobrenome muito respeitado.

Ela sorriu

— Seriamente?

— Sim. Ambos, sua mãe e seu pai provinham de linhas fortes. É uma das principais razões pelas que ocultaram seu nascimento. Todos queriam que eles tivessem filhos, porque os filhos de dois bruxos do mesmo elemento sempre herdam esse elemento. Ambos eram de uma raça estranha e poderosa — Um pequeno sorriso curvou seus lábios — Você teria sido famosa.

Ela deixou que aquilo se assentasse em sua mente. Teria sido por isso que eles tinham ocultado tudo aquilo? Tinham tentado evitar as esperas da comunidade mágica? O perigo de ser uma estranha espécie de bruxa? Teriam tentado simplesmente protegê-la do *Duskoff*?

Aquela era uma informação que precisava digerir a seu tempo, embora provavelmente nunca soubesse as razões por trás das ações de seus pais.

—Se Crane tinha tudo o que necessitava, por que se uniu ao *Duskoff*? — Perguntou Mira.

Ele não respondeu.

— E então? — Pressionou ela.

— Crane vivia na retidão e bom caminho, sendo parte do *Aquelarre*, até que deu seu golpe por volta dos vinte e três anos de idade. Pelo tempo em que se voltou um feiticeiro, estava casado com uma mulher que exercia uma influência positiva em sua vida. Uma vez que Crane provou o lado escuro, a influência terminou. Crane tomou o caminho dos traidores por avareza. Ele era um poderoso bruxo, atraído para o *Duskoff* pela promessa de uma imensa riqueza e o poder que não

oferecia só seu sobrenome.

— Suponho que escalou rapidamente para os degraus superiores.

Jack fez uma careta.

— Crane tinha a manha de pensar tortuosamente. Ele criou muito dos círculos demoníacos e controlou as criaturas que apareceram.

Mira estremeceu.

— Ainda não posso acreditar que os demônios existam.

— Os demônios são entidades que vivem em... bom, suponho que você chamaria de realidades alternativas, mas isso não é completamente correto. Há diferentes planos de existência, com diferentes frequências de vibrações. A magia em um círculo demoníaco – os quatro elementos se misturam- cria um equilíbrio nas diferenças dessas vibrações e faz uma abertura pela que chamam um demônio.

— Está bem. Agora me dói a cabeça. Para que os utiliza *Duskoff*?

— Os demônios estão sob seu controle por um período de tempo negociado, mas as criaturas requerem de favores como pagamento, além disso, do presente da magia provê com o sacrifício dos quatro bruxos.

— Não quero saber nunca o que é que eles pedem de favor.

— Não, e é melhor que não te diga. É muito sinistro. *Duskoff* utiliza os demônios para influenciar eleições, assassinar pessoas, melhorar a rentabilidade de uma empresa. Não há muito que um demônio não possa fazer, e não se incomodam com a moral.

— O que aconteceu com a esposa de Crane? Transformou-se ela também em feiticeira?

Algo revoou nos olhos do Jack. Ele trocou o olhar.

Seus olhos sempre se escureciam cada vez que falava de Crane ou de *Duskoff*.

Teria se revelado contra Crane e tinha saído ferido de alguma forma? Haveria Crane machucado a alguém que ele queria?

Jack passou uma mão pelo cabelo.

— Escuta, o tempo de perguntas e respostas terminou. Direi isso mais tarde, está bem? — Ficou de pé — Tenho coisas que fazer agora.

Mira franziu o cenho. Aquilo foi rude.

— Está bem — Resmungou.

Jack caminhou para a sala, sua opção de refúgio.

— Jack?

Ele se voltou.

— Quando vai começar a me treinar para usar minha magia?

Ele fez uma careta.

— Isso requer que te toque.

Os olhos de Mira se abriram, e sentiu como ficava vermelha carmesim de vergonha e irritação.

Jack piscou lentamente, vendo sua expressão.

— Não, Mira. Não é que não te ache atraente. É justamente o contrário. Se te tocar um

pouco, quero te tocar muito. Entende? — Dirigiu um olhar fulminante pela enésima vez esse dia, depois acendeu seu isqueiro, caminhou para a sala e fechou a porta.

— OH!

Mira se sentou no sofá e tocou as bochechas ainda quentes. Ele poderia fazê-la sentir segura, mas ela apenas se confortável.

Capitulo 8

Mira deslizou da cama nas primeiras horas da manhã. O relógio na cômoda de Jack marcava 3:05 AM. A luz da lua se infiltrava através da janela sem cortinas, alagando o piso de madeira.

Ela olhou por um momento. A pálida luz prateada a chamava.

Cuidadosamente, saiu da cama e agarrou um par de jeans, meias, sapatos e um suéter. O piso rangeu quando se dirigia à porta, e ela se congelou no lugar olhando para a cama.

Jack jazia sobre suas costas com um braço atirado sobre sua cabeça em uma posição inconsciente que definia seus bíceps. Empurrou a colcha para o final da cama, a pesar do frio no quarto. Ele nunca usava uma camiseta para dormir e a posição revelava seu musculoso peito digno de lamber. O corpo de Mira se contraiu com a vista do dele.

Uma capa fina de cabelo escuro se estampava no peito de Jack, e se uniam em um atalho que descia por seu estômago e passava a cintura de suas boxers de algodão. O pensamento de onde se detinha esse atalho fez que um profundo rubor sobreviesse a seu corpo.

Suas mãos se crisparam ao redor das roupas que sustentava. Quanto tempo ele resistiria, se ela se arrastasse para ele e ocupasse sua mente e seu corpo em seduzi-lo? Provavelmente não muito. Mira nunca tinha seduzido a ninguém em sua vida, mas Jack a tentava a explorar novos horizontes.

Um sonoro ronco alcançou seus ouvidos. Rompeu o feitiço que a tinha balançando sobre seus calcanhares, quase pronta para voltar para a cama. Ela continuou. Vestiu-se na sala, e encontrou no closet o casaco azul escuro de lã de Jack e um par de luvas.

Nas pontas dos pés, dirigiu-se à cozinha para procurar uma oferenda. Normalmente, usava vinho vermelho, mas a adega de Jack estava vazia. Frustrada, girou-se em círculo no meio da cozinha, muito cálida no casaco de lã de Jack, procurando por algum substituto decente.

Nada. Bom, havia 2 litros de Coca-Cola na mesa, mas não usaria isso.

Foi ao refrigerador e encontrou leite, suco de laranja e Gatorade de limão. Quando era uma menina, sempre usava leite. Inclusive, algumas vezes tinha usado Kool-Aid[11] de uva. Annie sempre havia dito que era a intenção o que contava, não a oferenda em si mesma.

Ao não ter muitas opções, tomou o leite e encheu um copo, depois subiu as escadas para o teto e a estufa. O frio arrebatou a respiração quando abriu a porta. Inalou o frio e limpo ar, sentindo um sutil pulso quente em seu peito, por resposta. Sua magia. Podia ver através da contaminação luminosa da cidade, as estrelas espalhadas no céu, livre de nuvens, o que significava que a manhã ia ser gelada.

[11] ***Kool-Aid*** *É um suco ou bebida preparada com pó de diferentes sabores empacotado.*

Mira abriu a porta de cristal fino da pequena estufa, acendeu as luzes, e entrou no edifício com temperatura regulada. Jack somente tinha umas tantas plantas. Algumas samambaias, liliums, e outras coisas que não podia identificar. Vasos de barro vazios circulavam a sala. No centro, havia uma área coberta de grama, com uma fonte e alguns bancos de pedra. O som da água caindo chegou aos ouvidos. Fechou os olhos, desfrutando do pequeno sabor a vida em meio à crueldade do inverno. Dizia tão pouco de Jack ter um lugar assim, mas também não dizia muito dele, o tirar fotos artísticas. Basicamente, a única prova que tinha de que não o conhecia realmente. Voltou a apagar as luzes, para que a pequena sala fosse iluminada somente pela luz da Lua. Embora não fosse suficiente para ver bem, ao menos podia ver. Tirou as luvas e o casaco, deixou-os em um banco de pedra, e tomou o copo de leite para dirigir-se para um vaso de barro cheio de terra que estava perto da porta.

A sua direita, a Lua cheia pendia no céu, prateada e avultada, visível através da parede de cristal da estufa. Normalmente, ela faria isto fora, sem importar a temperatura, mas necessitava terra, e isso era difícil de conseguir no teto de um luxuoso edifício de apartamentos do centro.

Mira pôs o copo de leite no chão, e amontoou a terra com suas mãos, desfrutando da sensação da terra contra suas palmas.

Então, fechou os olhos e murmurou uma pequena prece.

Em seu peito, o calor de sua magia ronronou intensamente, respondendo à meditação, possivelmente, ou à oração. Sua respiração tomou por surpresa. Era uma sensação alheia, e lhe causava inquietação. Quando terminou sua oração, sua voz estava tremula, e a magia esquentava seu corpo. Perguntou-se como invocá-la, como controlá-la e usá-la.

Abriu os olhos e tomou o copo.

— De meus lábios— Tomou um grande gole de leite — "Até seu seio — E verteu o resto do leite na terra amontoada.

A porta da estufa se abriu, alarmando-a. Mira jogou o copo para o vaso de barro. As luzes se acenderam.

— Mira? — Disse a voz de Jack.

Ela deixou escapar um comprido suspiro de alívio.

— Que susto, quase me mata!

— O que está fazendo aqui fora?

Agarrou o metal da barra, sentindo o metal frio contra seus dedos.

— Fazendo minha oferenda mensal à lua cheia.

— A Artemisa? Essa é a deusa a que segue?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não especificamente. É só um ritual para mostrar respeito aos poderes maiores que à terra e eu.

Ele caminhou para ela, e ela se voltou para ele. OH... ele estava descalço, usando somente a calça de seu pijama azul escuro, e sem camisa.

Seus lábios se torceram.

— Tem um bigode de leite.

Horrorizada, Mira foi limpar, mas ele agarrou a mão. Seus olhos cobertos de espessas pálpebras, Jack alargou sua mão e lentamente passou a ponta de seu polegar sobre o lábio superior de Mira. O contato a fez sentir cálida em lugares que nada tinham que ver com sua boca.

Ela nunca tinha tido nem ideia de que os bigodes de leite fossem sexys.

— Como sabia que estava aqui? — Perguntou.

— Não poderia estar em nenhum outro lugar. Tenho alarmes instalados em todas as entradas. A porta do teto é a única regulada para te deixar passar. Imaginei que desfrutaria da estufa. Me esqueci de mostrar isso, mas vejo que o encontrou por si mesma.

— Poderia ter ficado na cama. Em seguida estaria de volta.

Ele procurou em um bolso e tirou uma chave.

— A porta joga o ferrolho automaticamente quando se fecha.

— Ah!

— Quer que te deixe sozinha por um momento?

Mira sacudiu a cabeça.

— Não tem frio?

— Bruxo de fogo, lembra?

— Por que tem este lugar?

—Faz muitas perguntas — Ele estirou a mão em um gesto dócil e despreocupado, e tomou sua mão. Com o dedo indicador, preguiçosamente sacudiu o pó da palma da mão — Há um conservatório no *Aquelarre*. É meu lugar preferido ali. Suponho que quis recriá-lo um pouco aqui em minha casa — Pequenas linhas enrugaram seus olhos quando sorriu — Todos os bruxos têm algo com a terra, não é assim?

Mira clareou garganta e lutou contra a necessidade de afastar sua mão da dele, antes de fazer algo do que se arrependesse.

— Não sei. Conheci poucos bruxos de verdade, só muitas pessoas que se etiquetam a si mesmos bruxos, mas não têm nenhuma magia verdadeira para chamar.

Ele soltou suas mãos.

— Todos os que conheço têm algo com a terra, incluindo você.

Sentia-se tão estranho ser chamada bruxa. Ela se moveu nervosamente e olhou para outra parte. Tudo o que queria era um pouco de normalidade em sua vida, um pouquinho de estabilidade. Era pedir muito? Em vez disso, tinha poderes mágicos valentes, e um sequestrador bruxo que estava muito bom, chamado Jack.

Sua vida na verdade tinha tomado um giro entristecedor e estranho. Como se maridos infiéis e divórcios turbulentos não fossem suficientes.

— Então, faz isto todos os meses?

Um sorriso distraído aflorou em seus lábios.

— Cada mês desde que era uma menina. Só perdi o de dar e receber duas vezes em minha vida.

— Estou impressionado. Como foi que perdeu isso?

— Tive varicela quando tinha oito anos. A outra ocasião foi… — Ela ruborizou.

— O que? — Ele aguilhoou.

— Quando saí em meu primeiro encontro com Bryon Richards. Foi a noite em que perdi minha virgindade — Riu.

Ele sorriu.

— Vamos, entremos.

Ela colocou o casaco de Jack, tomou as luvas, e o seguiu até o apartamento escada abaixo. Ele com facilidade tirou o casaco dos ombros quando chegaram à sala.

Mira caminhou até a cozinha e retornou, sentindo-se desconjurada porque sua rotina tinha sido interrompida.

— Aconteceu algo? — Perguntou Jack, pendurando o casaco no armário.

— Perdão. Fiz o mesmo por tanto tempo. Normalmente, bebo chá de rosa e verbena depois de fazer minha oferenda. Não acredito que tenha algumas folhas de chá verde, pétalas de rosa secas e um pouquinho de verbena limão, tem?

Ele se sorriu.

— Céus, estou vazio. Acredito que tenho um pacote de chá de camomila por aí.

Ela encolheu os ombros

—Certo.

Ele foi até a cozinha para preparar o chá, e ela se sentou no sofá. Abandonou-se no canto do sofá e apoiou sua cabeça contra a almofada, e escutou como ele fazia ruídos na cozinha, sentindo-se segura e cômoda. Apesar das arestas de desconforto que havia entre eles, o estar em seu apartamento era bom.

Cochilou um pouco, mas despertou quando ele retornou com as duas xícaras da fumegante infusão.

Ele tomou um gole e se reclinou contra o sofá.

— Sua magia cheira vagamente a linho fresco e a limão.

Ela o olhou com surpresa.

— Minha magia… cheira?

Ele assentiu.

— Não são todas as magias que têm um aroma ou sabor distintivo, mas a sua sim. Pensei que você gostaria de sabê-lo.

— Linho fresco e limão. Interessante.

— Sobre o Crane, tem razão em querer saber tudo o que possa sobre ele. Sinto se te despachei com a resposta faz um momento.

— Não há problema.

— A esposa do Crane nunca se transformou em feiticeira. Ela se suicidou. Seu filho foi viver com sua tia quando tinha dez anos, e Crane adotou a outro menino com qualidades que ele pudesse trocar e moldar.

— Crane perdeu seu herdeiro, mas obteve outro. Além do filho biológico do Crane.

— Provavelmente conheça seu filho adotivo — Ele a interrompeu — Seu nome é Stefan Faucheux.

Ela suspirou

— Stefan Faucheux? — Ele sempre estava nas páginas sociais, o favorito dos meios. O homem era rico, arrumado, e sempre parecia ter a uma estrela de cinema em seu braço.

A história de Stefan Faucheux era famosa porque era um obrigado trapo sujo dos ricos. De menino, tinha escapado dos serviços de proteção da França, preferindo viver na rua. Um dia, o milionário W. Anderson Crane cruzou com ele e o tinha adotado.

W. Anderson Crane… William Crane.

Fechou os olhos, dando-se conta de que sabia exatamente quem era Crane. Não tinha estabelecido a conexão antes. Era o assassino de seus pais quem tinha estado olhando das páginas dos jornais e as revistas durante toda sua vida.

Jack assentiu.

— Crane o encontrou em Paris. Fez um bom trabalho criando-o. Stefan é um feiticeiro poderoso, leal a Crane tanto como podemos imaginar, mas segue sendo muito ambicioso. Assim pode ver quão importante é que treine sua magia. Crane e Faucheux têm mais que só poder mágico, também tem o poder do mundo real.

— Se quero manter minha alma atada a meu corpo, entendo que preciso controlar minhas habilidades, Jack. Pensei que supostamente você me ajudaria — Mira deu um melodramático suspiro — Mas desde que sou toda sexy e você não pode resistir… Suponho que esperarei.

Ele tirou a xícara e a pôs na mesa do café. Depois aninhou sua mão entre os seios de Mira. A respiração de Mira se deteve em seu peito, sua surpresa se foi abruptamente. Sua magia respondeu instantaneamente ao toque de Jack, florescendo em seu peito.

Seu corpo reagiu também, despertando em lugares mais abaixo.

Ela passou a língua pelos lábios nervosamente.

— Ei, Jack?

— Pode senti-la aí dentro de você?

Ela assentiu.

— Senti-o também quando fiz minha oferenda agora mesmo.

Ele sustentou o olhar enquanto falava.

— Sua magia é poderosa e você é uma bruxa inteligente. Aprenderá a controlá-la mais cedo do que pensa.

Jack retirou sua mão. Sua pele parecia fria com a ausência de seu toque. Ela se recostou contra o sofá e sua magia se retirou, enrolando-se de volta no fundo de seu peito. Mira desejou que o resto dela ficasse, e assim foi. Assentou-se ali dentro dela, como uma pequena lembrança morna, relaxando-a.

Ele tomou sua xícara e bebeu. Mira notou que sua mão tremia um pouco.

— Me conte de Annie.

Jack a escutou divagar sobre sua madrinha, sua infância e inclusive sobre o Byron Richards. Ele parecia interessado, e ela falou até que a fadiga se apoderou de seu corpo e ficou adormecida no sofá.

A última coisa que recordava era Jack tomando-a nos braços gentilmente e levando-a à

cama.

ଔଔଔ

Mira se sentou na sala, pressionando com uma mão no lugar entre seus seios.

O beijo de Jack, seu toque, sua presença, seu fogo… Tudo nele tinha despertado sua magia. Mas foi Mira quem ordenou ficar em vez de esconder-se.

Agora era um morno brilho sempre presente, recordando que tudo o que tinha pensado que era certo sobre sua realidade… não era. Recordando que era muito mais do que tinha pensado, e não somente humana. Apesar destas verdades incômodas, seu crescimento se acostumou a essa presença. Era parte dela, uma companhia constante.

Sentia-se obrigada a liberá-la dessa prisão dentro dela. A compulsão tinha estado crescendo constantemente. Era quase como se o poder precisasse sangrar. Mira sabia que devia ter uma forma de acessar à magia por si mesma, sem o fogo de Jack para invocá-la, só que não estava segura de como fazê-lo. Jack estava em sua sala. Não tinha prestado nenhum interesse em ajudá-la a aprender, assim teria que fazê-lo por si só.

Mira descobriu uma posição agradável e fechou os olhos. Sempre tinha sido fiel à prática da meditação. Melhor suas habilidades nesta área poderiam ajudá-la agora.

Permitiu-se divagar um pouco, para encontrar um lugar confortável em sua mente onde o poder descansava. Sua respiração se aprofundou, e os sons na *penthouse* – o tic-tac gentil do relógio nos cantos, os suaves ruídos de Jack enrugando papéis em seu escritório- retrocederam até o final de sua mente.

Uma vez que se sentiu concentrada, desviou sua consciência para o centro de seu peito, sentindo a magia que sabia estava aí. Mas não sentiu nenhuma diferença em seu ligeiramente alterado estado de consciência. Sentia-se como encerrada em uma caixa, e ela não tinha a chave. Com sua mente, explorou as bordas da "caixa", procurando por alguma entrada, alguma fissura nas paredes que deixasse passar o poder.

Mira rapidamente se sentiu frustrada. Parecia não haver forma de acessá-la. Necessitaria sempre do fogo de Jack para invocá-la?

Detestou a ideia. Se esse era seu poder, deveria poder acessá-lo por si só.

Apertou as mãos em seu colo. Ela era a única podia ordenar sobre sua magia, ninguém mais.

O poder no centro de seu peito explodiu em uma labareda brilhante diante de sua declaração. O vento correu através da *penthouse*, fazendo que seu cabelo se agitasse ao redor de seu rosto, e virtualmente levantando-a do sofá.

Mira abriu os olhos, para ver algo similar a um vendaval correndo através da sala. O bonito vaso azul no pedestal se explodiu contra o chão, os papéis da mesa do canto foram varridos pelo ar e espalhados, algo na cozinha se esmagou.

O centro de seu peito resplandeceu com calor e a magia se espalhou por sua pele como uma mão enluvada em veludo.

Ficou de pé e deu uns poucos passos para o centro da sala, deixando que o ar corresse ao

redor dela, sacudisse seu cabelo, e empurrasse suas roupas. A euforia a assaltou e um sorriso se espalhou por seu rosto.

Queria ir além dos limites do apartamento. Rogava com grandes olhos de cachorrinho que soltasse as correias. Tão tentador como era soltar todo o poder e deixá-lo jogar, Mira tomou medidas drásticas com toda sua vontade, forçando-o a ficar dentro das paredes de Jack.

— Mira! — Gritou Jack sobre o ar uivante — Acalma-o!

Mira se voltou com os olhos abertos, para olhá-lo, enquanto ele permanecia de pé na soleira de sua sala. O vento caótico agitava o cabelo e puxava sua roupa. Os papéis giravam ao redor dele como um ciclone em miniatura.

A gravidade do que tinha feito a golpeou, fazendo que seu entusiasmo se aguasse. Tentou controlar seu poder, como tinha feito antes para mantê-lo dentro do apartamento de Jack, mas quando procurou com sua mente… Não havia nada para controlar. Livre, era incontrolável.

— Como? — Gritou ela em resposta.

Ele deu um olhar fulminante, e levantou as mãos. Algo brilhante resplandeceu nas palmas de suas mãos e de repente todo o vento na sala… Desapareceu.

Mira deu um grito afogado de pânico, incapaz de respirar por uns momentos como se todo o oxigênio de seus pulmões tivesse sido expelido. Paralisou-se sobre seus joelhos, respirando com dificuldade. O ar fora do apartamento correu imediatamente para preencher o espaço vazio, espalhando-se por debaixo da porta e das menores gretas. Fechando os olhos, ela o respirou a grandes goles.

Jack permanecia de pé, sustentando sua mão sulcada por uma linha azul e amaldiçoando.

— Deus, odeio fazer isto.

O silêncio desceu. Mira abriu os olhos e contemplou o desastre. Cristais quebrados, papéis espalhados, uma cadeira de escritório de pernas para cima, as cortinas parcialmente rasgadas de seus trilhos, os livros caídos da prateleira.

O que tinha feito? Levantou-se com dificuldade. Quando desentupiu sua magia, havia-se sentido intoxicada. Não tinha se dado conta do dano que estava fazendo.

— Não o faça de novo — Disse Jack em voz baixa e zangada, ainda sustentando sua mão.

— Não o farei de novo de propósito, mas não sabia o que estava fazendo! — Intercambiou um olhar com o rosto carrancudo de Jack — Sinto-o Jack. Sinto-o seriamente. Reporei tudo o que destruí.

Ele só a olhava com fúria.

Ela suspirou e caminhou para ele.

— Me deixe ver.

Ele a deixou tomar sua mão

— Vê-se pior do que é. Sarará.

Ela franziu o cenho. Uma queimadura marcava o centro da palma de sua mão onde ele tinha invocado o poder para extinguir o ar da sala.

— Jack de verdade, sinto muito.

Ele retirou sua mão.

— Não o faça — Sacudiu uma mecha de cabelo do olho — É minha culpa. Devia ter estado te treinando com sua magia nestes últimos dias. Devia ter imaginado que você sentiria pressão por acessá-la.

— Sentia, mas devia ter esperado.

— Sim — Respondeu ele — Mas continua sendo minha culpa — Caminhou para o sofá, vendo o vaso feito pedacinhos no chão. Mira o seguiu.

— Poderia ter sido pior — Continuou ele — Temos sorte de que não desatou seu poder mais do que o fez. Uma vez, uma bruxa de ar sem treinar provocou toda uma linha de tornados no Missouri. Ninguém pôde deter o poder que ela desatou. Trinta e cinco pessoas morreram, e se declarou estado de emergência.

Mira se sentou no sofá abruptamente.

Jack se sentou junto a ela.

— É importante que aprenda quanto invocar de uma só vez.

Nossa. Isto parecia pequeno considerando a última observação de Jack.

— Como aprendo a fazer isso sem ter que chamar a Guarda Nacional?

— Tem que saber, que acreditar, que corresponde só a você controlar esse poder. É tão simples e complicado como isso. Soa fácil, mas a crença verdadeira em seu poder não é algo que venha assim do nada. Se o fizer, significa que nuca será uma boa bruxa porque tem muito ego. As hipóteses com este tipo de habilidades podem ser devastadoras e muito perigosas.

— Perigosas?

— O mais gracioso da magia é que quanto mais a usa para a violência e o caos, mais te retorce por dentro. A magia de uma bruxa é uma parte integral dela. Cada vez que uma bruxa usa magia para fazer mal, é como acrescentar um poluente dentro do corpo e da mente...

— Crane deve ser como uma fossa séptica.

Os lábios de Jack esboçaram uma meio sorriso.

— Algo assim.

— Bem, definitivamente ele não está seguindo o princípio não machuque a ninguém — Murmurou Mira.

— Chegou o tempo de te treinar — Jack soou resignado — Vou te tocar — Disse.

Mira se sobressaltou.

— Bem… O que?

— Está tudo bem — Ele estendeu sua mão sã e a tocou entre os seios, exatamente no buraco de seu decote — Este é o assentamento de sua magia, mas vejo que você sozinha o descobriu — Disse ele ironicamente.

A esfregou aí, e ela tentou com todas suas forças não gemer. Sua magia se enfraqueceu, em resposta ao toque do dedo indicador de Jack acariciando sua pele. Mira fechou os olhos, desfrutando do morno e suave fulgor enchendo seu peito.

— Sente-o?

Tomou um momento registrar a pergunta. Sentia-se tão relaxada

— Sim.

— Se concentre em invocar uma faísca de seu poder. Nada mais. Somente o menor fio de sua magia. Visualiza-a em sua mente.

Mira forçou a si mesma a enfocar sua atenção no dedo de Jack esfregando-a para chamar a sua magia. Com cuidado, imaginou uma fibra de poder, extraindo-a do pequeno feixe de magia vibrando em seu peito. Era difícil de agarrar. Uma vez que pensou que estava no bordo da fibra, era difícil de invocar para fora. Finalmente, as arrumou deixando que o ar corresse entre eles.

— Bom — Murmurou ele — Posso sentir como está crescendo.

— Como é que sente?

— Suave, bonito e indeciso, mas com margens de poder não realizado. Cheio de possibilidades — Deixou escapar um suspiro — Parece tanto como você.

O comentário a deixou sem palavras.

— Também cheira como linho fresco e limão — Ele murmurou.

Era muito difícil concentrar-se nessas condições. Sua voz soava como chocolate derretido, rico, pecaminoso… E muito, muito mau para ela. Sua mão, tão perto de seus seios era inclusive pior. Custou toda sua concentração prestar atenção à tarefa que tinha encomendado.

— Agora o que quer fazer com este sopro? Corresponde a você dirigi-lo.

Mira se concentrou em acrescentá-lo em uma brisa, mas uma pequena. Sentia-se fresca e cheirava a madeira. Deixou-a soprar sobre Jack e ela, deixando-a jogar em seus cabelos e acariciar suas bochechas. A brisa se dissipou tão facilmente como se expandiu.

Sorrindo, abriu os olhos e encontrou Jack olhando-a fixamente, seu cabelo desordenado pela corrente de ar. Lentamente, ele retirou seu dedo de entre seu peito.

— Isso foi excelente.

O sorriso de Mira se alargou.

Jack ficou de pé.

— Agora, faz o mesmo cento e cinquenta vezes, e poderemos avançar a algo maior — Jack caminhou de volta para seu quarto.

O sorriso de Mira se foi desvanecendo enquanto o via fechar a porta. Ela suspirou, olhando ao redor todo o desastre que sua magia tinha causado, depois se pôs de pé e começou a limpar.

ଔଔଔ

Jack estava de pé na borda do círculo demoníaco no mesmo lugar onde seu pai parou quando Jack era um menino. O som do cântico alagou seus ouvidos.

A mãe de Mira se ajoelhou, com o olhar fixo nele, enquanto realizava o ritual que roubaria seu poder. Jack tratou de afastar o olhar, mas não pôde.

Enquanto estava de pé, vendo-a morrer, o rosto dela foi trocando lentamente no de Mira.

O cenário trocou. Agora ele estava em um cemitério, sob um céu noturno na metade do verão. A grama e o mato alagavam as bases das ruídas tumbas que o rodeavam, o ar estava aromatizado com a essência da podridão e as flores putrefatas. O fedor se acumulou na garganta, no nariz. Jack fez arcadas.

— Jack — O chamou uma suave voz feminina.

Voltou-se para o som, e viu uma mulher que jazia aos pés de um enorme anjo de granito. A escultura se rompeu em pedaços que caíram em câmara lenta ao redor da figura que jazia de barriga para baixo em sua base.

Era sua mãe, como se via nas fotos que sua tia tinha mostrado, só a beleza que havia possuído em vida, havia meio corroído na morte. Jack lutou contra a urgência de ir-se.

— Jack — Cantarolou sua mãe, estendendo suas mãos mofadas e cheias de gosma para ele — Deixa ter a Mira. Cuidarei bem dela, Jack. Jack…

— Jack!

Alguém o agarrou pelos ombros e o sacudiu. Jack despertou bruscamente. Estremeceu-se, desorientado, com os olhos desfocados enquanto a realidade se assentava sobre ele.

Tinha sido um sonho. Por todos os Deuses e Deusas, somente um sonho.

Mira recuou sobre seus calcanhares. A luz da lua infiltrando-se através da janela colorida- em um tom prateado pálido. Um das alças de sua camisola caiu sobre seu sedoso ombro.

Seu comprido e escuro cabelo solto, escurecia a metade de seu rosto, mas Jack podia apreciar que tinha uma expressão consternada.

— Estava gritando em sonhos — Disse ela — Um pesadelo?

Ele respirou profundamente e passou uma mão por seu cabelo. Demônios, o sonho o tinha feito suar.

O pesadelo ainda o tinha detento em suas garras, e não confiava em que pudesse formar alguma palavra ainda. Ainda podia ver a mãe de Mira no círculo, seu rosto transformando-se no de sua filha. O enjoativo aroma do cemitério ainda estava aceso em suas fossas nasais, e a voz de sua mãe ainda fazia eco em sua memória.

— Quer um pouco de água? Trarei isso — No momento que Mira se moveu para sair da cama, ele estava sobre ela.

Agarrou-a e a embalou sob seu corpo, precisando senti-la quente e viva, precisando sentir os batimentos de seu coração.

Capitulo 9

Ela pulou de surpresa e lutou contra ele por um momento, mas quando sua boca desceu por sua garganta para sentir a vibração de seu pulso através de seus lábios, deixou escapar um ligeiro suspiro e relaxou. Suas mãos acariciaram inseguramente seus bíceps antes de entrelaçar os braços ao redor dele.

Jack inalou a essência de sua pele e seu cabelo, o ligeiro perfume de rosas misturando-se com o aroma de limpo de seu sabão, e fechou os olhos. O impulso de tocá-la tinha aparecido de repente e incontrolavelmente, e agora a situação se tornou perigosa.

Jack arrastou seus lábios pela garganta dela, sobre sua mandíbula e para sua boca. Ficou suspenso aí, sem beijá-la, mas desfrutando simplesmente da respiração quente de Mira sobre seus lábios. Deixou cair a cabeça para beijá-la e gemeu. Sob sua boca, os lábios de Mira se pareciam

com seda morna. Quando moveu sua língua, ela abriu a boca, e ele se deslizou dentro do céu doce e quente.

Sua magia palpitou em seu peito, sentindo o contato físico com uma bruxa do ar. Suas magias cresceram, roçando-se uma à outra, e assentando-se. Era um sinal de que a constante aproximação dela, estava entorpecendo a reação de sua magia para a dela, e vice versa. Estavam encontrando seu equilíbrio.

Entretanto, encontrar o equilíbrio, não atenuava seu desejo por ela. Isso era algo pelo que preocupar-se. Mira esfregou com sua língua a de Jack, causando que a pura necessidade sexual sacudisse seu corpo, e se esqueceu de todas as coisas pelas que tinha que preocupar-se.

Jack estendeu sua mão para debaixo, e encontrou a barra de sua camisola, subindo-a brandamente. A palma de sua mão roçou a pele suave da parte superior da coxa, a leve curva do quadril e sua cintura. Saboreou cada polegada da carne descoberta.

Mira se moveu debaixo ele, produzindo suaves sons. Ele inseriu seu joelho entre as coxas de Mira, e se acomodou no berço de suas coxas, esfregando seu pênis contra ela através de seu pijama e os arrevesados lençóis. Ele sentiu calor contra seu pênis através do fino material que os separava. E se perguntou se ela estava igual de doce e úmida como aquele dia na sala.

Quando ela cortou o beijo, e arqueou as costas, abrindo suas coxas para ele, Jack por pouco não se derrete. Apertou a manta com a mão ferida por cima da cabeça de Mira, utilizando a dor que emanava da queimadura para tratar de manter o controle. Com a outra mão, esfregou a cintura de Mira, adorando a sensação de sua pele sedosa.

Seria fácil deslizar sua mão para baixo por seu quadril, e esfregar lugares de seu corpo mais suaves e sensíveis. Seria fácil afastar os lençóis entre eles, tirar as calças do pijama e enterrar seu dolorido pênis em todo esse suave e aflito calor e fodê-la larga e duramente até que ela gritasse seu nome.

Fechou os olhos, brigando contra a poderosa urgência. Seria um engano, mas um engano que ambos desfrutariam muitíssimo.

Teriam uma noite no paraíso antes de enfrentar totalmente o inferno.

Maldição. Como é que ele podia desejar tanto a esta mulher? Mira era a única mulher no mundo inteiro que ele não podia possuir.

Demônios, talvez fosse por isso. Se fosse assim, era pela razão equivocada.

Jack forçou a si mesmo a tornar-se a um lado com um gemido gutural de frustração. Tombou-se no colchão junto a ela, e pressionou as palmas de suas mãos contra seus olhos. Aquilo era uma tortura. Ou Thomas chamava logo com a permissão de mudar-se para o *Aquelarre*, ou ele se deixava levar por sua necessidade de seduzir a Mira.

Mira ficou em silêncio. O único som no quarto eram suas fortes e trabalhosas respirações, e o suave “tic-tac” do velho relógio da sala.

— Jack — Disse Mira lentamente — Que demônios foi isso?

— Mira — Ele tratou de tocá-la, mas ela se moveu, sentando-se abruptamente e escorrendo-se até a borda da cama.

— Não posso suportar isto por mais tempo — Disse Mira dando as costas.

— Maldição. Está a meu cargo, é meu trabalho, mas me sinto atraído por você — Colocou as mãos nos olhos — Desejo-te endemoniadamente.

— Está bem. Idem Jack, eu também te desejo — Riu por um momento — Aqui ambos somos adultos, assim qual é o problema?

Precisando andar com cuidado, ele tomou um momento para responder. Thomas tinha dado instruções de não falar sobre seu passado ainda.

Thomas acreditava que Jack era a melhor pessoa para proteger Mira, e Jack acreditava também, mas Mira precisava confiar nele como o tinha feito Thomas.

— Seria incorreto — Respondeu — Sou seu guarda-costas. Tenho um trabalho que fazer e preciso manter minha mente nisso. Não posso te proteger se estiver absorto contigo em minha cama. Me diga que não vê que dormir juntos seria um engano.

Absoluta verdade.

Ela tomou a manta que estava a seu lado.

— Estou de acordo em que dormirmos juntos seria um engano — Respondeu finalmente. Voltou-se para ele, com voz zangada e disse — Mas se estou a seu cargo, se sou seu trabalho, me explique todas essas fotos que tem de mim.

Jack se incorporou sobre seus ombros.

— O que? Que… — A realidade explodiu — Entrou à força em meu escritório de fotografia?

Ela ficou de pé e se afastou dele, cruzando os braços sobre o peito.

— Isso não é um assunto para discutir agora.

Jack saiu disparado da cama e caminhou com fúria para ela.

— Demônios que não o é! Você entrou a força em uma sala privada, forçou a maldita fechadura de uma porta em minha casa!

— Não forcei a fechadura, só a abri com algo.

— Semântica!

Ela se voltou para encará-lo.

— Considerando que fui sequestrada por um estranho dizendo que não era completamente humano, acredito que tinha a necessidade de explorar completamente meus arredores.

Jack a olhou fixamente por um momento e depois girou sobre seus calcanhares. Caminhou através da sala, correndo escada acima e chutou a porta do escritório de fotografia. A porta se estilhaçou sob a força de sua fúria. A fechadura definitivamente agora estava quebrada. Acendeu a luz, e a grandes pernadas chegou até o centro da sala. Sacudiu seu braço.

— Quer explorar? Vamos, explora. Não tenho nada que ocultar.

— Mentiroso.

Olhando, ela se deteve por um momento com os braços cruzados sobre o peito, depois foi direto a escrivaninha de carvalho e puxou o álbum aberto que tinha suas fotos. Mira moveu o álbum olhando-o acusadoramente.

— Por que Jack? Por que tirou todas estas?

Ele passou uma mão pelo cabelo, e foi parar junto a ela.

Mira folheou as páginas, revelando foto por foto. Deus. Ele tinha perdido um pouco o

controle.

— Vigilância — Murmurou Jack.

Olhou-o com as sobrancelhas elevadas.

— Ah, assim vigilância, não?

Ela puxou uma página onde estava sentada em um café em um de seus descansos, sorvendo uma xícara de café completamente só em um canto.

Procurou outra foto, uma em que estava na rua, com seu casaco e seu cachecol ao redor do pescoço. Estava olhando ao céu por alguma razão. O vento tinha agitada escuras mechas de cabelo através de seu rosto pálido. Seus olhos estavam fechados e um pequeno sorriso aparecia em seus lábios. O encantava essa foto. Era uma de suas favoritas.

— Para que necessita fotos tão íntimas minhas para a vigilância, Jack? — Perguntou brandamente — Para mim isto não me parece de sua incumbência. Isto parece pessoal.

Ele ficou aí de pé, sem palavras. Eram pessoais. Eram fotos da filha da mulher que o angustiou pelos últimos vinte e cinco anos.

Ou isso era o que Mira tinha sido a princípio.

Enquanto ele a olhava trabalhar no restaurante, indo a festivais de filmes antigos sozinha, Mira tinha começado a emergir como uma pessoa independente do que originalmente tinha sido para ele. Uma bela mulher, à deriva no mundo que a rodeava, só e procurando pedaços dela mesma que nem sequer sabia que estavam perdidos.

Jack tinha encontrado reflexos dele mesmo nela.

Depois disso, ele tinha querido tirar fotos por vontade própria, porque a alma de Mira tinha estado exposta, e ele tinha sido capaz de capturar a verdade de sua vida tão facilmente nesses momentos vulneráveis quando ela pensava que ninguém a estava vendo.

— Tirei porque é bonita Mira, e meu hobby é a fotografia. Essa é a única razão.

Mira soprou.

— Bonita? Agora sei que está mentindo.

Ele deixou escapar um suspiro de frustração.

— Sim, bonita. Na verdade penso que é linda. Sinto se não vê isso cada vez que se olha no espelho, mas eu sim vejo cada vez que a olho.

Ela fechou o álbum e o pôs sobre a mesa devagar. Jack desejou poder saber o que estava pensando, mas não tinha nem ideia.

— Foi uma invasão — Disse Mira de maneira quase inaudível.

— Sei. Não foi certo. Sinto muito — Parecia que ele estava cometendo engano atrás de engano com ela. Por que sentia como se viessem mais a caminho? Por que não podia simplesmente deter-se e deixá-la em paz? Era irresistível, e ele nunca tinha lutado com esse tipo de tentação antes.

Silêncio.

— Suponho que estamos empatados, quanto a invasão, considerando que irrompi em seu escritório — Disse ela finalmente.

— Está bem.

Ela se voltou para olhá-lo. Rodeando o nevoeiro, soprou-se uma mecha de cabelo do rosto e cruzou os braços.

— Por certo com o que sonhou?

— Contigo — Respondeu ele — E minha mãe — Afastou o olhar, para não revelar com seus olhos, que não estava dizendo a verdade completamente — Sonhei que minha mãe queria te levar com ela a sua tumba.

Mira se sobressaltou.

— Sua mãe está morta?

Jack assentiu.

— Sinto muito — Mira assinalou as fotos na parede — Suponho que ela era sua mãe.

Ele sacudiu a cabeça.

— Essa é minha tia. Ela me criou. Nunca conheci minha mãe. Disseram-me que era uma bruxa da terra.

Mira apertou os lábios por um momento.

— Jack, Crane assassinou a sua mãe?

Seu olhar se moveu com brutalidade para a dela.

— Por que pergunta isso?

Mira não sabia o perto que estava da ferida. Sua mãe provavelmente havia se suicidado por culpa de seu pai. Os doutores tinham diagnosticado depressão pós parto, e isso talvez desse algum credito a seu suicídio, mas Jack nunca saberia com certeza. Sem importar as razões, ela havia se suicidado e o tinha deixado sozinho para sofrer a vida com seu pai.

— Não sei — Mira estremeceu — Pensei que talvez Crane tivesse feito algo para te ferir em um nível pessoal.

Jack desviou o olhar.

— Ele o fez, mas não foi isso.

— Está bem — Deteve-se— Seu pai segue vivo?

Ele dificilmente podia culpá-la de amadurecê-lo a perguntas, e ela merecia todas as respostas que pudesse obter. Jack só desejava poder dizer toda a verdade.

—Está vivo — Seus lábios se torceram em um sorriso amargo— Não nos falamos muito.

— Se sua mãe era uma bruxa da terra, qual era o elemento de seu pai?

— Fogo. Herdei minha habilidade dele — Respondeu.

Ela mordeu o lábio. O observou esse pedacinho de carne rosada apanhada entre seus dentes brancos com interesse.

— Estava por te perguntar. De onde vêm os bruxos? Quero dizer… Você sabe, somos alienígenas ou o que?

Ele exalou um suspiro que não sabia que estava contendo. Ela estava se afastando das perguntas pessoais.

— Não sabemos. Há teorias. Talvez sejamos uma raça diferente, ou humanos que evoluíram um pouco mais. Sabemos que nos remontamos à época Suméria. Sabemos que uma vez vivemos entre os não-mágicos, e fomos adorados como deuses e deusas por nosso controle sobre os

elementos.

— Então os bruxos estiveram fora do armário uma vez?

Ele assentiu.

— Há uma especulação de que fomos a razão pelo que o culto aos Deuses foi etiquetado de demoníaco. As facções não-mágicas nos temiam, assim trataram de nos destruir. Fomos forçados a nos esconder, de vez em quando algum de nós era exposto, e condenado à inquisição. Esforçamo-nos muito de não ser expostos nesses dias — Deteve-se — É o único ponto onde o *Aquelarre* e *Duskoff* concordam.

— Sempre pensei que a Inquisição foi política da Igreja, histeria em massa, ou gente ambiciosa perseguindo a outros por sua própria conveniência.

— Houve muito disso, mas foram assassinados muitos dos nossos. A caça as bruxas de Salem foi iniciada por um caso de possessão demoníaca. Um demônio que *Duskoff* invocou possuiu o corpo de várias moças jovens. A histeria que seguiu não teve nada que ver conosco. Nenhum bruxo de verdade foi executado.

— Então nossas origens são praticamente desconhecidas.

Ele assentiu

— Enterrados no mistério.

— Humm — Ela o olhou fixamente, com seus profundos e penetrantes olhos — Eu gosto muitíssimo — Disse suavemente, sustentando o olhar.

— Mira…

Ela não respondeu. Somente baixou o olhar, passou seu dedo no álbum significativamente, e saiu da sala.

ଔଔଔ

— Ele a tem — Disse William Crane, golpeando seus perfeitamente cuidados dedos sobre a brilhante mesa da sala de reunião.

David, um magro e alto bruxo da água, que era tratado como um mensageiro estava parado frente a ele, com suas estreitas e nervosas mãos fazendo uma folha de figo frente ao meio de suas pernas. Era um irritante hábito nervoso, que fazia que Crane tivesse vontades de lhe bater, se as pessoas “golpeáveis” não fossem tão escandalosas.

Francamente, Crane não tinha esperado que se apresentasse nenhum problema tirando a bruxa do ar de seu apartamento, mas era certo o dito sobre fazê-lo você mesmo se queria algo que se fizesse bem. Agora estava sem alguns músculos contratados, e ele estava forçado a preparar uma maldita viagem para o norte, onde era inclusive mais frio que em seu lar, Nova Iorque.

Seus ossos doeram só de pensá-lo. O tempo o tinha desgastado mais e mais nestes dias. Estava chegando o ponto em que necessitaria que Stefan tomasse medidas por ele de vez em quando. Crane apertou a mandíbula.

Odiava ter que admitir essa verdade.

— Apostaria tudo que Thomas enviou Jack a intervir entre essa bruxa e eu — Crane grunhiu com mofa — É como o bastardo age.

Eles tinham estado jogando por anos, ele e Thomas Monahan. Igual a Crane tinha jogado com o pai de Monahan, o chefe anterior do *Aquelarre*. Ele eventualmente o tinha assassinado, e também estava por assassinar Thomas, um dia desses. Monahan era um irritante mosquito zumbindo ao redor de sua cabeça. Infelizmente, uma vez que Monahan se fosse, haveria outro mosquito do *Aquelarre* em fila para substituí-lo.

— Com todo respeito, senhor, não temos razão para suspeitar que Jack McAllister esteja a cargo da bruxa do ar. Estivemos vigiando a casa de McAllister no centro de Minneapolis. Não encontramos evidência de sua presença, ou da dele. Tentei obter informação de sua presença através do fluxo de água do edifício, mas não encontramos nada. Provavelmente Thomas não utilize Jack por sua… história, e eles se mudaram diretamente ao *Aquelarre* de Chicago.

Crane elevou seu olhar até o de David. Estava se atrevendo a dizer que estava equivocado? Falou devagar para que David o entendesse.

— Thomas usaria o Jack porque é o melhor, sem importar sua… história. Se ele ou a mulher saírem machucados ou algum outro evento imprevisto, ele gostosamente a levaria a seu apartamento de Minneapolis para uma cobertura rápida e segura.

David recuou. A folha de figo se estreitou um grau.

— Continuaremos tentando verificar sua presença, Sr. Crane.

Crane o olhou irritado.

— Meu filho não é tolo. Pôs poderosos feitiços de rejeição nesse lugar. Nunca poderão usar a magia para descobrir a presença dessa garota no edifício. Pode agarrar sua água e derramá-la no esgoto.

— Podemos postar homens em cada um de seus apartamentos por todo o país, embora acreditem que ele provavelmente tenha tomado refúgio no *Aquelarre*. Talvez, enquanto seguimos investigando em Minneapolis, poderíamos começar a preparar um plano alternativo para tirá-la do *Aquelarre*?

Crane o olhou, deixando que sua fúria se transbordasse por seus olhos.

— Admiro sua iniciativa, apesar de que está contradizendo, David. Dá-se conta disso, não é?

Outro passo de retrocesso. David estaria fora da maldita porta logo.

— Sinto muito, senhor.

— Se concentre em Minneapolis. Ainda não a moveu a Chicago. Estão a escondendo em algum lugar perto, e tem Jack escrito por toda parte. Sinto-o em minhas tripas. Ele tem à mulher. Traz os melhores quebra-feitiços que possa encontrar.

Crane suspirou, esfregou a ponte do nariz, e amaldiçoou a si mesmo por sua falha a respeito de Jack. A decisão de deixar que a tia de Jack criasse seu filho tinha sido o pior engano de sua vida.

Quando Jack era um menino, Crane tinha assumido que seu filho tinha herdado todas as qualidades de sua mãe, e nenhuma dele. Nunca pensou que a magia de Jack fosse tão forte, ou sua vontade. Tinha assumido que seu filho não seria útil de nenhuma forma.

Tinha resultado que depois de tudo. Jack tinha muito de seu pai em si mesmo. Tenacidade.

Força. Resolução. A habilidade de fazer tudo o que devia ser feito para obter um fim, e a capacidade de fazê-lo com uma impiedade sem precedentes.

De todos os operários do *Aquelarre*, Jack era o que mais trabalho lhe tinha dado.

O arrependimento tinha sabor amargo. Se Crane tivesse criado Jack e o tivesse transformado, Jack teria se convertido em um homem magnífico. Transformando-se em um homem como Stefan, e teria sido sua mão direita nestes dias. Crane poderia ter usado a alguém como Jack para promover sua agenda.

Mas tinha se voltado contra ele, Jack estava trabalhando para entorpecê-la.

Mas não era tudo mau. Crane tinha perdido Jack, mas tinha ganho Stefan, um estranho bruxo de fogo mestiço com uma assombrosa quantidade de poder e fúria.

Crane o tinha descoberto em Paris e o tinha tomado sob sua proteção à tenra idade de doze anos. Ele tinha preparado toda essa deliciosa fúria e ambição para um ponto afiado e perigoso.

Sim, tinha perdido seu filho, mas tinha arrumado para encontrar um herdeiro. Stefan usava sua atração como vantagem, e com frequência aparecia nas páginas sociais. Era uma estrela midiática e tinha sido eleito por várias revistas como um dos cinco solteiros mais cobiçados nos Estados Unidos. Ninguém conhecia o coração selvagem que pulsava abaixo na refinada fachada pública de Stefan.

Demônios, ele era um pai orgulhoso.

— Ela está aí — Concluiu Crane — Dê aos quebra-feitiços todos os recursos que desejem. Necessito a essa mulher. Teremos que fazer isto por mal, e forçar a entrada — Crane suspirou— Odeio fazer as coisas por mal.

— Sim senhor. Em seguida ponho a isso.

— E traz o Stefan da Europa. Necessito-o para isto. Cristo, se não pudermos ter esta mulher no círculo demoníaco, teremos que usar o Marcus. Não quero esbanjá-lo. Ele está perfeito onde está, sem muito poder para exercer contra nós e fácil de abater. De todas as formas, nem sequer sei se ele tem substância suficiente para fechar um círculo.

Seu bruxo mascote do ar tinha sido treinado faz tempo. Marcus só tinha o poder suficiente para dar a *Duskoff* alguns serviços muito necessitados no reino do ar, mas não tinha suficiente para combatê-los. Não como a mulher. A menos que eles a controlassem antes que ela obtivesse completamente seus poderes, ela poderia apagá-los da face da terra.

Crane se estremeceu de prazer. Ah, ela era deliciosa. Se seus pais foram incomensuráveis, ela era uma fonte de potencial inexplorado. Provavelmente tinha magia suficiente para fechar cinco círculos demoníacos. Ele só teria que jogar com ela um pouco, enquanto estivesse bem drogada, é obvio, antes que lhe permitisse a honra de realizar a tarefa mais importante para ele.

— Entendido senhor.

Crane observou David abandonar a sala de reunião, depois se levantou de sua cadeira de couro e cruzou a sala até o bar. Necessitava um gole. Estudou seu reflexo no espelho atrás do refinado bar. Os anos e a enfermidade agora se alinhavam em seu uma vez formoso rosto.

Seus olhos azuis claro era o único que se manteve igual através dos anos. Eram os mesmos olhos que tinha o rosto de Jack. Eram os olhos que as pessoas diziam que era estranho de

encontrar em um bruxo de fogo, com olhos tão gelados e frios. Tomou um pequeno copo de grosso cristal, e se serviu de Bourbon. O câncer estava crescendo dentro dele. Virtualmente podia senti-lo comendo-lhe por dentro. Poderia curar a si mesmo, mas a enfermidade estava limitando suas habilidades. Sofria ataques de náuseas severas e fadiga. Os ossos de suas pernas e seus joelhos, que era onde o câncer estava principalmente concentrado, doíam.

O medo o invadiu, e apertou a mão que tinha livre.

Medo. Não teria por que conhecer nada disso.

Tinha muito poder para dirigir, não somente na magia, mas também no mundo não-mágico. As empresas prosperavam ou se arruinavam a seu capricho.

Os políticos ganhavam ou perdiam a sua vontade. As pessoas viviam, sofriam ou morriam segundo seus desejos.

Como seu corpo estava fazendo.

Crane bebeu um comprido gole de Bourbon. Não havia nada que ele pudesse fazer para deter a lenta deterioração de sua saúde.

Exceto encontrar a essa mulher.

Capitulo 10

Agonia sexual.

Era a única forma de descrevê-lo.

Jack tomou um gole de seu Bourbon e observou a Mira sobre a borda do copo.

Deixando que o líquido se assentasse em sua língua por um momento, antes de deslizar-se garganta abaixo, riscou a curva da exposta panturrilha de Mira com seu olhar.

Supôs que ela favorecia seu moletom esportivo, porque era cômodo. Apesar de todas as roupas que tinha comprado, ela continuava usando-o frequentemente. Provavelmente, não se desse conta do sexy que ficava. Talvez, inclusive pensasse que se via menos atraente e deteria os desejos de Jack para ela.

OH, se fosse só esse o caso.

O moletom esportivo era dele, primeiro de tudo, e a ideia de seu corpo nu em sua roupa, provocava-lhe uma ereção. Segundo, o moletom era encantadoramente muito grande para ela, e a fazia parecer inclusive mais frágil e delicada.

Terceiro, ela andava pelo apartamento descalça, subindo constantemente as pernas do moletom para não tropeçar com elas, expondo assim suas panturrilhas adoráveis e suaves como a seda. Panturrilhas que ele queria lamber e beijar. Panturrilhas que queria acariciar com as palmas de suas mãos justo antes de guiar as pernas até sua cintura.

Tomou outro gole de sua bebida e a observou acomodar-se no sofá enquanto lia sua gasta cópia de The Call of the Wild[12]. Era uma de suas favoritas, embora não houvesse dito.

Parecia que Mira tinha percorrido toda sua biblioteca nos últimos dias. Não havia muito que fazer além de ler e navegar na Internet. Ele não tinha televisor. Não havia um em nenhum de seus

[12] *A chamada da selva. De Jack London.*

apartamentos.

Tinha um sistema estéreo, e já tinha repassado toda sua coleção dos CDs. Tudo desde o Mozart, passando por Led Zeppelin até o Nine Inch Nails. Tinha gostado da música clássica e o rock clássico, e tinha o atrativo hábito de dançar e cantar, imperfeitamente, ao compasso da música quando pensava que ele não estava vendo-a.

Voltou-se sobre seu estômago, totalmente concentrada na história. O suave e gasto material do moletom esportivo se ajustou adoravelmente a seu bem formado traseiro, definindo cada glúteo perfeito. Sua mente se remontou na lembrança de como esse muito suave lugar de seu corpo se sentiu entre suas mãos.

Ele pensou em muitas maneiras de passar o tempo, mais interessantes que ler ou navegar na rede. Por exemplo, poderia caminhar até ali e desfazê-la desse moletom esportivo, tirar a camiseta, e abrir suas suaves coxas. Poderia enterrar sua cabeça entre suas pernas e passar horas ali. Deus, apostava que era tão suave e quente aí debaixo, um prazer contra sua língua. Ele queria lamber seu volumoso e cremoso sexo até que Mira rogasse por sentir seu pênis.

Jack apostaria qualquer quantidade de dinheiro que ela nunca tinha experimentado um homem descendo por ela na forma correta. Nunca tinha experimentado um homem que o fizesse lento e soubesse onde tocar a uma mulher. Morria por lhe ensinar, morria por fazê-la gozar dessa forma, contra seus lábios, sua língua, seus dedos. Queria escutar os ruídos que ela fazia, queria prová-la, sentir o pulso de seu sexo ao redor de sua língua quando finalmente tivesse o orgasmo.

— Jack?

Ele piscou e se concentrou no rosto de Mira, saindo de seu vívido sonho.

Ela fechou a cara.

— Está bem? Estava me olhando fixo.

Jack relaxou sua mão ao redor do copo, dando-se conta de que o estava agarrando o suficientemente forte para quebrá-lo.

— Não se preocupe por mim. Estou bem — Grunhiu.

Um gesto dolorido sulcou o rosto de Mira, fazendo-o sentir culpado por seu tom áspero.

— Sinto muito — Respondeu Mira — Só perguntava. Como está sua mão?

Jack olhou a palma da mão. A queimadura tinha sarado em um nítido corte rosado que atravessava sua pele.

— Quase desapareceu.

Ela assentiu, fechou o livro e o deixou sobre a mesa.

— Já terminou?

— Sim — Suspirou Mira — Preciso sair deste lugar Jack. Se *Duskoff* não me matar em seu círculo, o aborrecimento o fará. Não podemos sair um momento, não sei, fazer as compras ou algo? Algo?

— Tem que ser assim. Ficamos aqui até que Thomas nos avise de que é seguro ir ao *Aquelarre*. O plano era te levar ali imediatamente, mas quando bateu a cabeça, tive que te trazer aqui.

Ela assentiu.

— Como é que Thomas Monahan está se assegurando de que é seguro nos mover? O que está fazendo o *Aquelarre* para nos ajudar?

— O *Aquelarre* está vigiando *Duskoff*, monitorando suas atividades, mas *Duskoff* nos está vigiando. Estamos a salvo entre estas paredes, e não podemos nos mover até que nos diga.

— *Duskoff* nos está vigiando — Mira estremeceu e recostou a cabeça em uma almofada olhando-o com seus grandes olhos escuros — Perfeito.

Deus, ela parecia tão frágil, tão quebrável. Ele sabia que era uma mulher forte mentalmente, mas fisicamente…

— Esteve praticando com sua magia?

— Estive praticando muitíssimo. Estou ficando boa. Agora tenho muito mais controle.

Ele assentiu

— Provavelmente seja hora de ir um pouco mais longe. Precisa aprender um pouco de magia defensiva básica.

— OH — Ela levantou sua cabeça — Acha que vou necessitar isso? Porque, na verdade, sou mais uma amante que uma lutadora.

E como ele gostaria de averiguar se isso era verdade.

Ele estremeceu.

— Melhor segura que ferida. Não estamos seguros de por que *Duskoff* quer riscar o círculo. Pode ser que eles venham por você com toda sua artilharia. Pode ser que deixem que o *Aquelarre* te tenha, pensando que é um problema muito grande com o que lutar — Jack apertou os lábios — Mas estou apostando pelo primeiro. Eles não deixam escapar bruxas como você tão facilmente.

— Bem. Estou apanhada neste apartamento até o próximo ano. Fantástico.

— Mira, eu não gosto mais que você. Mas Monahan tem o *Aquelarre* nisto. Eles pensam que agora mesmo está mais segura aqui, e eu também acredito. Assim não abandonaremos esta área resguardada e protegida. Não até que Monahan nos diga que é hora de fazê-lo.

Mira se sentou e deixou escapar um suspiro de frustração.

— Vou ter que me ocultar toda minha vida por meu tipo de magia especial? — Fez uma careta de dor e mordeu o lábio — Odeio me queixar, mas de verdade… é que não quero fazer isto pelo resto de minha vida. Só quero ser normal, estável — Suspirou — Isso é o que sempre quis, normalidade.

Jack baixou seu copo e sorriu.

— Não tem nem ideia do poder que tem, não é? Uma vez que controle suas habilidades ninguém será capaz de te machucar novamente — Ele sacudiu a cabeça — Não terá mais que correr e ocultar-se. De fato, Crane será o que corre e se esconde de você.

Ela piscou.

— OH, então como explica o que aconteceu com meus pais?

— Ah. Bom, ninguém é completamente invulnerável. Por certo, Thomas pensa que você vai ser mais poderosa que seus pais.

— Está bem — Disse ela encolhendo os ombros. Claramente, não acreditava — Talvez depois que tudo isto acabe posso entrar em algum tipo de programa mágico de proteção de

testemunhas.

— Algum dia terá estabilidade de novo. Só que será um tipo diferente de estabilidade. Será uma casa nos subúrbios com dois a cinco filhos e magia dentro do estável.

Ela sorriu.

— Uma estabilidade do tipo “Jeannie é um Gênio e A Feiticeira”.

Ele sorriu

— Algo assim. E o de ser normal, Mira, você nunca foi normal. Desde o dia em que foi concebida.

Ela dirigiu um olhar acido.

— Céus, obrigada.

— Foi um elogio.

Ela suspirou.

Realmente não tinha ideia de seu poder. Por agora, que estava destreinada, estava bem. Ele não queria inexplicáveis tornados arrasando o centro de Minneapolis ao final do inverno, ou nenhum dos inumeráveis acidentes que podiam ocorrer com uma magia do ar descontrolada.

Por outra parte, ela necessitava saber do que era capaz, assim podia defender-se por si só. O pensamento de alguém machucando a Mira era insuportável para ele, especialmente agora que a conhecia pessoalmente. Ela tinha deixado de ser uma mera responsabilidade para ele, uma via para reparar o dano de ter ficado de pé passivamente vendo a mãe de Mira morrer. Da semana passada tinha chegado a conhecer Mira como uma pessoa cálida, inteligente e pormenorizada.

Tinha aprendido que ela sentia uma profunda apreciação pela literatura clássica, como ele, tinha um amor sobrenatural pelas maçãs Braeburn e o queijo Colby, e que apesar de sua fé na religião Wicca, era uma pessoa cética em relação às coisas mágicas.

Não tinha consciência de suas habilidades e definitivamente faltava confiança em si mesma, mas Jack sentia que uma vez que ela dominasse sua magia, também encontraria seu verdadeiro eu. Jack sabia que era incrivelmente poderosa.

Agora era Mira a que tinha que entendê-lo.

Ele deixou seu copo, ficou de pé, moveu alguns móveis para um lado, bem longe de sua antecipada trajetória e caminhou para Mira.

— Se levante. Esta é sua primeira lição em magia defensiva.

Ofereceu sua mão. Ela tomou e se pôs de pé, vendo-se dúbia e um pouquinho nervosa.

— Não tenha medo — Tomou pelos ombros e a voltou pondo-a de costas a ele, suas próprias costas para a área que tinha limpado, e pressionou seu corpo contra o dela — Eu sou o que deveria estar assustado — Murmurou.

Moveu-se de forma um pouco brusca e tratou de voltar-se, mas ele a manteve no lugar. O calor do corpo de Mira enfraqueceu o dele, e a ligeira essência do perfume de rosas apanhado em seu cabelo envolveu o nariz.

Maldição. Por isso era que evitava treiná-la.

Ele fechou os olhos por um momento diante da agradável sensação de seu corpo contra o dela. Um músculo de sua mandíbula se moveu, enquanto ele apertava os dentes, lutando por

controlar seu pênis, que queria elevar-se e endurecer-se diante da proximidade de Mira.

Baseball, precisava pensar em baseball.

— Já que sou um bruxo de fogo, de todos os elementos eu sou o melhor equipado para defender a mim mesmo ou causar dano físico — Ele disse suavemente perto de seu ouvido — Mas cada um de nós tem a habilidade de usar magia em uma briga. Vou ensinar uma forma de usar as suas.

O que ele precisava fazer agora, requeria de um íntimo contato físico. À magia não importava, se matava o tocá-la e não tocá-la realmente. Era necessário que ele fizesse contato com o assentamento de sua magia, assim estaria mais bem capacitado para ajudá-la a controlá-lo, em caso de que saísse do controle.

Ele deslizou seus braços ao redor dela. Ela estremeceu contra ele e sua respiração se dificultou, enquanto sentiam a inegável resposta de sua magia para ele. A magia cessou depois do toque inicial, mas a atração ficou.

Essa ânsia que estava sentindo por ela devia estar se acalmando agora.

Suas magias estavam encontrando um equilíbrio. A resposta erótica acompanhante deveria estar encontrando um equilíbrio também, como reduzir quantidades de água. Demônios, ele tinha estado contando com que a luxúria que sentia por ela fosse diminuindo antes que os deixassem loucos aos dois. Não obstante, contra todas as razões e as leis mágicas, parecia que estava ficando mais intensa.

Quanto mais desta tortura teriam que suportar?

Ele pôs as mãos nos quadris de Mira, e ela ficou muito rígida. Levando suas costas contra ele, Jack acomodou suavemente seu curvado traseiro em sua virilha e deixou de pensar em baseball por um momento. Depois, deslizou suas mãos por seu estômago e colocou os dedos entre seus seios, cuidadoso de não tocá-los.

A respiração de Mira se voltou profunda e pesada. Ele podia sentir o subir e descer de seu peito com seus dedos. Estava excitada nesse momento? Desejava-o, tanto como ele o fazia? Estaria quente e úmida entre suas adoráveis coxas? Ele queria averiguá-lo.

— Fecha os olhos — Murmurou Jack ao ouvido — Se concentre em tirar uma faísca de magia justo da forma em que praticou, só tome um pouco mais de tempo. Tira-a duas vezes mais do que fazia normalmente, mas não mais que isso.

— Entendido — Disse sem fôlego.

— Preparada?

— Estive praticando.

— Está bem. Imagina que sou um atacante. Imagina que estou atrás de você com a intenção de te machucar.

— Quer dizer que imagine que não quero que me toque? — Murmurou ela.

Jack tomou um momento para responder, tratando de imaginar o que aquele comentário significava. Significava que era difícil de imaginar… Ou fácil?

— Sim. Depois dirige-o para mim, com o desejo de me jogar para trás.

Silêncio. Nada.

— Mira?

— Não me apresse. Estou nisso.

— Está bem. Não se preocupe em me ferir.

Uma rajada de vento o expulsou longe de Mira. Foi jogado para trás e aterrissou em suas costas. Sua respiração escapou, e deslizou cinco metros no piso gentil antes de deter-se. Jack ficou deitado, olhando Mira com surpresa.

— Ai meu Deus — Ela exclamou — Sinto muito. Não queria te empurrar tão forte — Correu para ele, e ofereceu uma mão para ajudá-lo a ficar em pé.

Ele a olhou com cautela por um segundo, depois segurou e ficou de pé. Fez uma careta de dor e tocou as costas doloridas.

— Ouch.

— Sinto muito, muitíssimo.

Ele tomou seu rosto entre suas mãos e a forçou a olhá-lo.

— Deixa de dizer isso. Fez o que te pedi que fizesse. Deve ser mais lutadora do que pensa.

Ela deu um débil sorriso.

— Então devemos praticar isto por umas cento e cinquenta vezes?

Ele a olhou, tentando não beijá-la. O sorriso de Mira foi desaparecendo de seus ligeiramente separados lábios, enquanto o olhava. Suas pupilas dilatadas obscureciam seus olhos. Ela o desejava, desejava-o tanto como ele a ela.

Ficaram assim por um comprido momento. O momento suficiente para que toda sua resolução de resistir a ela dissipasse como a névoa afugentada pelo sol na manhã.

Desaparecia.

Jack voltou sua face para a dela por um momento e deixou escapar uma pausa.

— Maldição. Isto está mau, Mira, mas agora mesmo não me importa.

Cobriu suas mãos com as dela.

— A mim tampouco.

Ele baixou sua boca para a dela, parecendo que ia beijá-la suavemente. Em vez disso, empurrou-a contra seu peito e pôs sua boca sobre a dela, ordenando que a abrisse.

Ela deixou escapar um faminto som do mais profundo de sua garganta e separou os lábios. Ele deslizou dentro de sua boca, e encontrou sua língua. Estava doce e quente, toda magia selvagem e essa necessidade sexual.

Jack gemeu. Ele queria tirar a roupa, sentir sua pele nua sob suas mãos. Queria suas pernas separadas e seu pênis penetrando-a bem profundo, levando-a para o ponto onde ficasse exausta, em um rendimento sexual.

Jack queria senti-la gozar ao redor de seu pênis, queria escutar os sons suaves e sexys que fizesse, e queria observar seu rosto enquanto tinha o orgasmo.

Nesse momento, não podia pensar em nada mais. Os pensamentos do que Thomas faria por seduzir sua prima, o segredo que guardava a respeito de seu parentesco e seu passado, todas aquelas razões pelas que resistir a ela se esconderam tão profundo em sua mente, que não eram nada mais que um suspiro.

— Mira — Murmurou enquanto rompia o beijo. Ele aninhou sua bochecha em sua mão— Desejo demais você.

— Eu também te desejo Jack — Murmurou ela contra seus lábios — Desejei desde o momento em que te vi no restaurante — Seus olhos se tornaram marrom escuro delineados com verde.

Lento. Ele tinha que tomar isto lento.

Sentiu-se metade animal, querendo simplesmente tirar a roupa e tomá-la contra o sofá.

Ele poderia somente tombá-la sobre as costas, abrir as pernas e tomá-la pela frente até que gritasse seu orgasmo. Mas ela necessitava um toque mais lento e experiente. Além disso, Mira era uma mulher para saborear, sorver e deixar assentar-se em sua língua. Era uma mulher que merecia a um homem que tomasse seu tempo.

Jack acariciou sua mandíbula com a ponta de seu polegar, estendendo-o para baixo para acariciar sua garganta. O pulso de Mira fluiu por debaixo de seus dedos antes de deixar cair sua mão em seu ombro e seguir mais abaixo. Deteve-se brevemente em seu quadril, e depois pressionou a parte baixa de suas costas, obrigando-a a arquear-se contra ele. Passou seus lábios através da boca de Mira, mas não ficou aí. Em vez disso, percorreu com sua boca para baixo, por sua clavícula até seu pescoço.

Ele desdobrou sua outra mão para seu cabelo e suavemente inclinou a cabeça para trás e para um lado, expondo a linha de sua garganta. Tudo isto enquanto a beijava. O pulso de Mira se acelerou sob seus lábios ansiosos, e sua respiração se voltava mais pesada quanto mais se excitava. Jack tirou sua língua e saboreou o sensível lugar atrás do lóbulo de sua orelha.

Mira estremeceu e seus dedos se espalharam em sua camisa sobre seus ombros. Ele agarrou seu traseiro e deslizou entre suas nádegas para sentir o calor que emanava de seu corpo. O corpo de Mira estremeceu mais e mais enquanto se excitava. Ele imaginou que estava toda pegajosa e doce nesse momento, suave e quente. Ele mordiscou a pele onde seu ombro e seu pescoço se encontravam, e Mira estremeceu. Ele gemeu ao ver como seu corpo respondia.

Diabos, ele nunca teria passado por isso sem uma combustão espontânea.

— Jack — Ela sussurrou.

— O que quer preciosa? — Murmurou ele contra sua pele — Onde quer que te toque?

Ele deslizou uma mão sob a camiseta de Mira, pelas costas, e a subiu por sua pele suave, até o fecho de seu sutiã. Escapou com um giro de seus dedos e seus seios ficaram livres.

— Quer que te toque aqui? — Perguntou. Deslizando sua mão para frente, sustentou um de seus perfeitos seios em sua mão, e acariciou seu mamilo de cima abaixo até que endureceu como um pequeno broto. Ao mesmo tempo, beijou-a de novo em pequenas e sensuais degustações. Algumas vezes esfregava sua língua contra a dela, outras vezes, mordiscava seu lábio inferior.

— Jack — Mira suspirou dentro de sua boca aberta. Afastou-se dele, empurrando-se fora de seus braços e voltando-se. Deteve-se um momento, e depois se afastou uns passos.

Ele ficou de pé, vendo-a retirar-se, seu pênis tão duro como uma barra de aço, pressionando contra o fechamento de seus jeans.

— Mira? O que aconteceu?

Capitulo 11

Mira deu uns poucos passos para a cozinha, sem estar segura exatamente para onde se dirigia ou por que. Ela e Jack tinham alcançado o ponto onde a fome sexual fazia caso omisso à razão. Jack tinha razão, isto era um engano.

Ainda assim, era um engano que ela queria cometer.

Encontrou a si mesma na parede do pedestal, onde tinha estado o vaso azul que ela quebrou. Agarrou a suave borda do pedestal e olhou a obra de arte na parede justo em cima de sua cabeça, por isso não tinha que olhar Jack. Um olhar a Jack e se lançaria a ele, e não deveria fazê-lo.

Senhor e Senhora, estava farta dos deveres.

— Mira? — Disse Jack atrás dela. Pôs sua mão em sua cintura e ela fechou os olhos — Me diga o que está errado.

Ela pôs sua testa contra a parede. Isto era estúpido. Era só sexo. Não era como se estivesse se comprometendo com ele. Não era como se estivesse casando com ele ou tendo um bebê. Era uma mulher adulta. Podia ter sexo sem importância de vez em quando. Depois do que seu ex a tinha feito passar, devia-se um pouco de impulsividade e conduta imprudente, não é? Sim, queria tombar-se na cama com seu extremamente atraente guarda-costas, poderia fazê-lo.

De todas as formas, na sua idade, tinha uma cota de sexo sem importância muito baixo. Era hora que jogasse razão para o ar.

Em todo caso, isto era só o resultado de sua magia, a inata atração do fogo e o ar. Possivelmente, se submetessem desta vez, a poderosa atração diminuiria.

Jack colocou seu cabelo solto em um lado, varrendo seu ombro.

— Mira? — Seu fôlego sussurrou sobre sua pele enquanto dizia seu nome.

Ela exalou rápido e forte.

— Me toque, Jack. Me leve a um lugar onde não possa pensar mais.

— Posso fazê-lo. Quero fazê-lo — Ele baixou sua boca e beijou o lóbulo de sua orelha, o que enviou calafrios através dela.

— Vou dizer que outra coisa quero fazer. Quero tirar esta tola camiseta e deslizar essas calças por suas pernas. Quero fodê-la contra esta parede. Quero tomar rápido e duro para poder tirar tudo isto de nossos sistemas. Depois, quero ter você em minha cama e te fazer amor, lento e com calma, uma e outra vez.

Mira tiritou. Sentiu mais quente e úmido entre suas coxas, seus clitóris inchando-se com necessidade… E ele nem sequer a havia tocado ainda. Suas palavras a despertaram como se tivesse acariciado seu corpo com suas mãos.

— O que quer? — Ronronou ele — Me diga.

Em vez de responder, tomou sua mão de sua cintura e a empurrou debaixo da borda da camiseta, até cobrir seu seio nu. Seu mamilo se apertou contra sua palma.

— Quero que me foda, Jack.

— Ah — Respirou ele através da pele de sua garganta — Essa era a resposta que estava esperando.

Ele empurrou a cintura da calça para baixo. Ficava maior, por isso caiu facilmente, enrugando-se a seus pés. Saiu delas e as atirou longe. Não usava roupa íntima e o ar fresco banhava sua avermelhada pele.

— Mmmm — Jack ronronou, baixando sua mão por sua coxa — Sua pele é tão suave — Esfregou sua palma por suas nádegas e deslizou seus dedos entre suas pernas para arrastar-se sobre seu excitado sexo, fazendo que perdesse o fôlego.

— Mira, estive pensando muito sobre isto — Disse com um duro e sexy tom áspero. Deslizou seus dedos para cima, tomando a barra de sua camiseta com isso, tirou seu sutiã e a camiseta por sua cabeça. Ela tiritou, ficando arrepiada enquanto suas mãos vagavam por ela. Seus mamilos se endureceram em pequenos picos e sentia seu sexo quente e inchado com a necessidade de ser tocado. A áspera sensação de sua roupa esfregando-se através de seu corpo nu a deixou louca.

Queria-o tão nu como ela estava, querendo sentir o deslizamento de sua pele contra a sua.

Mira tentou girar, mas ele a manteve em seu lugar com sua palma contra seu abdômen e suas costas ao mesmo nível de seu peito. Ele empunhou seu cabelo em sua mão e empurrou sua cabeça para o lado, expondo sua garganta, e depositando beijos debaixo do lóbulo de sua orelha até o lugar onde seu ombro se encontrava com seu pescoço.

— Pensei em te tocar por muito tempo — Murmurou ele — Te beijar, te lamber. Quero sentir que goze Mira, com meu pênis enterrando-se profundamente dentro de você.

Ela fechou seus olhos. Seu coração pulsava rápido e seu fôlego ia e vinha enquanto ele movia sua mão por seu estômago para tomar seu peito. Passou a ponta de seu polegar por seu sensível mamilo até que ela gemeu no profundo de sua garganta.

— Eu gosto de ter o controle na cama. Tem algum problema com isso?

— N-não — Não podia dizer que tinha algum problema nesse momento. Maldição, mal podia formar um pensamento. Tudo o que queria era tocar e ser tocada, dar prazer e recebê-lo. Queria sentir seu corpo estendendo-se sobre o dela, queria sentir seu pênis introduzir-se profundo dentro dela.

— Bem — Murmurou ele nessa mesma grosa sexy-doce. Sua mão roçou o estômago e se afundou mais abaixo para arrastá-lo sobre seu montículo. Com suavidade, levou sua mão entre suas coxas e acariciou o clitóris inchado, dolorido. Sabia exatamente como acariciar, como aplicar com habilidade a quantidade perfeita de pressão para fazê-la gemer. Ela fixou um punho da mão contra a parede da frente.

— Sinto-a tão suave, Mira, tão sedosamente quente contra minha mão. Sente-se bem com isto? — Perguntou brandamente.

— Sim.

— Seu corpo foi feito para ser tocado. É tão sensível, tão bela. Amo vê-la assim, nua e gemendo para mim, te enchendo de nata entre suas coxas porque quer meu pênis.

Ela tremeu diante as palavras, sussurradas em seu ouvido. Ele deslizou seu dedo do meio em seu calor úmido, e ela mordeu o lábio inferior. Acrescentou um segundo dedo e o empurrou

dentro e fora muito lentamente, uma e outra vez, encontrando um lugar sensível dentro dela.

— Jack — Disse em uma pausa.

Ela conteve o impulso de pressionar-se contra os dedos que empurravam e desesperadamente agarrou a borda do pedestal, separando a outra mão sobre a parede. Demônios, ia envergonhar a si mesma e ia gozar só com o tato de sua mão de novo.

Pressionou sua mão em seus clitóris. O prazer se deslizou através de seu corpo e Mira gemeu. Seu corpo cambaleava a bordo de um poderoso clímax.

— Por favor, Jack.

— Por favor, o que?

— Só, por favor. — Fechou os olhos e ordenou a sua mente formar frases coerentes — Preciso te sentir. Preciso te tocar. Quero seu pênis dentro de mim. Por favor.

Ele tomou um tempo para responder, depois finalmente falou com voz tensa.

— Da à volta.

Girou olhando-o para cima e vendo seus dilatados olhos. Parecia tão frio a cargo de sua necessidade sexual, enquanto que a deixava louca faz um momento, mas agora ela o viu a borda do abismo. Mira queria empurrá-lo, fazê-lo renunciar a todo esse engrenado controle.

Porque Jack controlado era estupendo, ela só podia imaginar quão incrível seria sem ele.

Ela percorreu suas mãos por seu peito e ombros, sentindo o poderoso feixe de músculos. Sob seu olhar, sentia-se bonita, sensual e desejável. Não se havia sentido assim em muito tempo, se alguma vez o tinha feito.

Ao encontrar a beira de seu suéter de cor creme, levanto-o lentamente. À medida que o tirava, ela lambeu e mordeu por cima de sua carne exposta lambendo em seus marcados músculos e sobre o exuberante, sedoso peito de aço. O homem era arrumado, e queria saborear cada polegada dele.

Ele gemeu e passou os dedos por seu cabelo, libertando-a só o tempo suficiente para que tirasse o suéter sobre sua cabeça e o atirasse ao chão. Parado aí só com jeans, baixou sua cabeça e a forçou a beijá-lo, utilizando seu agarre em seus cabelos para levar sua boca à sua. Sua boca se inclinou sobre a dela, sua língua acariciando a sua a um ritmo eroticamente lento.

Suas mãos percorreram seu corpo e finalmente encontrou o botão de seu jeans. Ela o puxou e baixou o zíper. Só o som fez que Mira se umedecesse mais.

Empurrou seus jeans e deslizou suas mãos sobre a curva de seu maravilhoso traseiro, ainda vestido com sua boxer, depois lentamente baixou à parte frontal dele, onde deslizou seus dedos pela fresta do material e o tomou em sua mão. Tinha um pênis bonito. Amplo e largo, tão amplo que nem sequer estava segura que sua mão se fechasse quando se agarrou a seu eixo.

E ele estava muito, muito excitado.

Mira o acariciou, deixando que seus dedos jogassem na parte inferior de seu pênis e a ponta do dedo polegar acariciasse a coroa de liso cetim. Queria-o em sua boca e explorar cada veia com a ponta de sua língua. Fascinada, acariciou-lhe, sentindo-o sacudir-se contra sua palma em resposta.

Ele rompeu o beijo com um vaio e atirou atrás sua cabeça com um gemido.

— Preciso estar dentro de você. Agora. Merda. Necessito uma camisinha — Ele tentou mover-se e seus braços se apertaram ao redor dele.

Ela aspirou seu aroma, o sabão e a fraca fragrância de sua loção de barbear.

— Não, não me deixe Jack.

Seus braços se apertaram ao redor dela.

— Mira.

Sem responder, empurrou a cintura de sua boxer para baixo. Ele saiu da roupa amontoada a seus pés, deixando-o gloriosamente nu. Tinha uma figura que devia incluir-se em qualquer revista de modelos masculinos.

Ela o olhou por um momento, tendo o pleno efeito dele completamente nu. Ele dirigiu um sorriso confiado que dizia que era todo um homem. Um sorriso que disse que desfrutava muito que ela apreciasse sua beleza masculina. Um sorriso que dizia claramente seu traseiro é meu.

Com um poderoso movimento, levantou-a e suas pernas se enrolaram ao redor de sua cintura como com a intenção de ir aí. Pressionando suas costas contra a parede, encontrou com sua abertura e empurrou ao lado de seu eixo contra suas sensíveis e inchadas dobras, roçando entre seus excitados lábios. A dura longitude esfregou seu clitóris enquanto empurrava suavemente contra ela... Mas não seu interior.

— Haaaa, Merda — Soprou ele para fora, soando agonizado.

Todo seu fôlego a deixou acelerada pela sensação dele tão intimamente apertado contra ela. Entretanto, ela teria preferido um pouco mais íntimo. Não era justo o ter pressionando essa formosa dureza contra ela e não dentro dela.

— J-Jack? — Perguntou vacilante.

— Mudei de opinião. É muito boa para tomar contra esta parede a primeira vez. Quero-te em minha cama, assim, posso te saborear — Ele apoiou as costas dela contra a parede e afundou seu rosto na curva de seu pescoço — E não vou te fazer amor sem uma camisinha, Mira — Ele impulsionou seus quadris para frente, esfregando-se contra seu clitóris e fazendo que Mira gritasse.

— Jack — Ela ofegou — Vamos procurar então as camisinhas. Agora.

Sua risada baixa fez sua pele arrepiar.

— Vamos à cama — Murmurou enquanto lhe acariciava a garganta. Com uma força que raiava o sobrenatural, e talvez o fosse, ele se separou da parede e a levou ao quarto.

Com cuidado, deixou-a sobre o colchão no quarto escuro. O suave edredom acariciava seu corpo nu enquanto ela se movia. Ela o viu tirar da gaveta uma camisinha envolta em papel alumínio e rasgar a embalagem com os dentes. Mira se incorporou, tirando-a das suas mãos. Olhando-o nos olhos, ela o desceu por sua longitude. Ainda sustentando o olhar, empurrou-a contra o colchão e se suspendeu por cima dela. Tomou sua bochecha em sua palma.

— Maldição, é bonita. Estende essas lindas e longas pernas para mim.

Fez o que pediu, e ele beijou o caminho para baixo de seu corpo, detendo-se para adorar cada um de seus seios enquanto acariciava entre a extensão das coxas com seus hábeis dedos. Mira sacudiu a cabeça e gemeu brandamente enquanto ele, de maneira muito suave, beliscava um

de seus endurecidos mamilos, o que provocou uma deliciosa erupção de prazer em todo seu corpo.

Jack produziu um som grave com a garganta e baixou entre suas coxas. Estendeu com os polegares seu sexo e lambeu desde seu períneo até seu clitóris. Ele gemeu.

— Quente e suave. Justo como imaginei.

Mira mordeu o lábio inferior enquanto ele trabalhava com seu inchado clitóris, uma e outra vez com a ponta da língua. Em seguida deslizou dois dedos dentro dela e a penetrou com eles enquanto a lambia. Só a visão de sua escura cabeça esfregando entre suas coxas foi suficiente para fazer que ela gozasse.

Sua acertada língua se alisou sobre seus lábios, sacudindo seu clitóris, para depois afundar-se profundo dentro dela. Às vezes usava seus dedos para bombear em seu interior, às vezes sua língua. Jack se perdeu nela, mordiscando e lambendo até que ela pensou que perderia a razão. Seu orgasmo subiu forte e rápido, fazendo estragos em seu corpo com tanta força que a fez gritar. Acelero o pulso, gozando contra sua face. Ele a segurava com suas duas fortes mãos nas coxas e ela se foi através de seu orgasmo por muito, muito tempo. Por último, sem poder atuar ou falar claramente, relaxou-se no colchão com o Jack lambendo seu sexo e fazendo sons baixos de satisfação no profundo de sua garganta.

Seu corpo ainda zumbia seu clímax quando ele se levantou, olhando-a na penumbra.

— Vou fodê-la até que não possa pensar mais — Murmurou ele — Isso é o que quer neném?

Sorriu, enganchou suas pernas a seu redor, e as usou para puxá-lo para baixo, mais perto dela. Foi uma resposta sem matizes, e isso o fez sorrir abertamente.

Passou sua mão pela bochecha até a clavícula, sobre seus seios, no quadril e posteriormente deslizou a cabeça de seu pênis dentro dela, todo o tempo sem deixar de olhá-la aos olhos. Ela gemeu e cravou os dedos em seus ombros enquanto ele a apertava. Ben não era pequeno, mas tampouco se aproximou do tamanho de Jack. Lentamente, palmo a palmo, empurrou o resto dele entre seus lábios, em seu excitado sexo, até que esteve completamente dentro. Ela gemeu diante seu tamanho.

— Maldição, está apertada. Como se sente?

— Bem. Tão bem. Isto é o que queria — Tinha o cabelo alvoroçado e os olhos frágeis de luxúria, ela sabia. Estava perdida nele, possuída por ele, e não o teria de nenhuma outra maneira.

Ainda sustentando seu olhar, empurrou dentro e fora lentamente. A coluna de Mira se arqueou contra ele, cavando suas unhas em seus braços. Ela podia sentir cada centímetro de seu pênis no túnel de seu interior. Jack empurrou dentro e fora de novo, fazendo que a respiração de Mira assobiasse fora dela.

Jack a pegou pelos pulsos e as apertou à cama a ambos os lados de seu corpo.

Pensou na corda e estremeceu. Gostava das mulheres atadas, ela sabia. Sustentou-a assim durante um momento, olhando sua face, depois baixou a cabeça e a beijou.

Sua língua se deslizou entre os lábios dela e tomou a boca possessivamente, enquanto ele movia seus quadris e fodia lento, e depois ainda mais lento. O suficientemente lento para deixá-la louca enquanto ele a empurrava mais perto do clímax.

Jack moveu de novo os quadris e a cabeça de seu pênis esfregou o feixe de nervos enterrado dentro dela em cada empurre para dentro. Seus olhos se abriram com o profundo prazer propagado através de seu corpo enquanto ele habilmente manipulava essa sensível área. Apanhados em uma espessa bruma de prazer, perguntou se este era o legendário ponto G. Se era assim, era um lugar que Ben nunca tinha sido capaz de encontrar. Então, o pensamento, todos seus pensamentos se foram, arrastados na crista em aumento de seu clímax.

Manteve seus pulsos cravados na cama e sua língua em sua boca enquanto trocava seu ritmo, tomando-o forte, profundo e constante. Aumentou o ritmo de suas investidas e obrigou a seu forte orgasmo alcançá-la, manter-se e explodir.

Os músculos de seu sexo pulsavam em torno de seu pênis. Jack capturou todos seus gritos e gemidos contra sua língua. Moveu um braço entre seus corpos e esfregou seu sensível clitóris enquanto seu orgasmo começava a desvanecer-se.

— Aí está neném — Murmurou ele — Goze para mim outra vez — Seus acariciantes dedos fizeram seu clímax puxar, convulsionar, continuando, acendeu-se a brilhante vida uma vez mais.

— Ah, Jack — Exclamou ela, enquanto se sentia arrastada abaixo de outra intensa onda de prazer. Encontrou seu seio e fechou seus lábios ao redor dele, esfregando seu mamilo. Seu pênis empurrou mais profundo em seu interior, deixando a Mira saber que estava preparado para gozar. Observou-o jogar a cabeça para trás, gemendo seu nome. Era a coisa mais erótica que jamais tinha visto ou ouvido.

Jack caiu sobre ela, ainda em seu interior. Ela passou os dedos por seu cabelo, escuro e sedoso, desfrutando da sensação do ter pele com pele e o rápido aumento e queda de seu peito. Seu coração deu um tombo em seu peito, e sentia seu fôlego quente no pescoço.

Seu corpo ainda estremecia com o aperto íntimo dele, pulsando com o resto dos orgasmos múltiplos que ele tinha dado. Ela nunca tinha pensado que seria capaz de gozar duas vezes seguidas. Mira sorriu, com uma explosão de felicidade. Não se importaria ir por três. Com um gemido, ele rodou para um lado, deixando seu olhar fixo no teto, com as pálpebras pesadas e ainda um pouco aturdido. Uma deliciosa frouxidão se apoderou de seu corpo. Nunca havia se sentido tão saciada depois do sexo.

Voltou à cabeça e o olhou. Tinha os olhos fechados e os braços sobre sua cabeça.

O músculo liso jazia sobre a extensão de seu peito. Uma fina capa de cabelo escuro em um atalho conduzia por seu duro ventre e rodeava seu incrível pênis, que agora jazia meio flácido contra sua coxa. Mira teve a necessidade de levá-lo a sua boca. Nunca tinha querido fazer isso com Ben, não voluntariamente, pelo menos. As poucas vezes que o tinha feito, tinha-o feito por um sentido do dever, e que tinha sido uma tarefa mais que outra coisa.

Mas com o Jack… Queria lhe dar tanto prazer como tinha dado a ela. Queria pô-lo indefeso frente a sua língua e seus lábios da maneira que tinha estado faz uns momentos em seus braços. Queria sentir seu corpo arquear-se debaixo dela enquanto deslizava sua língua de cima abaixo em sua longitude. Havia muitas coisas que queria nesse momento que nem sequer tinha pensado muito antes.

De repente, Mira se deu conta que sua magia não tinha reagido à sua, nenhuma só vez

durante todo o tempo que tinham estado juntos. Abriu a boca para perguntar sobre isso, mas Jack falou primeiro.

— Mira — Disse Jack com a voz entrecortada — Sinto muito — Ele ficou de pé e se dirigiu ao banheiro sem dizer uma palavra.

Confusa, Mira se levantou em suas mãos*. Sinto muito? Sinto muito, por quê? Por fazê-la gritar de alegria sexual*?

— Jack? — Chamou, mas ele já tinha fechado a porta. Um momento depois, escutou o som da ducha.

Ela franziu o cenho à porta por uns instantes, perguntando-se se devia ir atrás dele ou não. Por último, saiu da cama e se levantou. Caminhava pelo quarto, tentou abrir a porta do banheiro, e a encontrou aberta. O vapor saía.

— Jack? — Chamou enquanto entrava no banheiro. Ele não respondeu, assim alcançou a porta da ducha e a abriu.

Jack estava parado em frente, no centro da ducha com todos os jorros contra ele. Tinha os braços acima, os dedos enroscados no cabelo, e os olhos fechados. Sua boca se secou. Parecia um deus de pé ali tudo molhado e nu. Já o queria de novo. Mas estava zangada.

— Jack? É um verdadeiro filho de cadela de humor variável, sabia?

Abriu os olhos e viu algo neles por um momento, algo escuro e doloroso. Foi-se tão rápido como o tinha vislumbrado. Igual às nuvens de tempestade em um dia de verão. Dessa maneira, não se via o tão delicioso deus empapado, mas sim como um homem solitário.

Ela vacilou, meteu-se na ducha e se dirigiu para ele. O calor reconfortante da água a golpeou, molhando seu cabelo e a pele.

Jack a atraiu para si logo que alcançou a mão e a apertou contra seu corpo. Afundou as mãos em seu cabelo e o rosto na curva de seu pescoço. Mira deixou escapar um profundo suspiro de prazer, sentindo-o pressionar-se contra ela e seus braços ao redor. Ela deixou que suas mãos percorressem suas mornas e úmidas costas e seus ombros musculosos.

—O que quis dizer? — Perguntou ela perto de seu ouvido — O que quis dizer com... Que o sente?

Ele só forçou sua boca à sua e mordeu o lábio inferior, exigindo deixá-lo entrar. Abriu a boca e sua língua varreu a sua. Esse mesmo fogo que tinha sentido na sala se apressou através de seu corpo. Era como se Jack tivesse aberto alguma comporta em seu interior. Virtualmente teve que deter si mesma de subir por seu corpo e empalar-se sobre seu pênis.

Jack enredou seus dedos por seu cabelo úmido e a levou a um beijo bruto, quase doloroso, tão demandante e entristecedor como o homem mesmo. Deixou-a sem fôlego, e a sua mente sem um pensamento coerente.

— Mira — Gemia desigual contra seu ouvido — Quero-te outra vez.

— Então, tome. Sou sua.

— Não há camisinha.

— Jack, se preocupa as DST?

— Não — Negou com a cabeça — É quase impossível para nossa espécie pegar alguma.

Estou preocupado pela gravidez.

— OH, isso. Jack, você sabe, Ben e eu tentamos por anos, e nunca concebemos. Não acredito que isso seja realmente um problema.

Ele sustentou seu olhar por um momento antes de falar.

— Ben não era como você, Mira. Ben não era um bruxo como eu. Uma bruxa e um não-bruxo são inférteis. Um bruxo e uma bruxa por outro lado são…— Sua voz se apagou.

Uma compreensão desceu.

— OH.

Ele assentiu com a cabeça.

— Muito férteis.

Bom.

Isso explica muito.

— Mas não estou perto de minha ovulação. Não acredito que haja nenhuma maneira de que possa ficar grávida nesta época do mês. Acredito que estamos a salvo — Ela curvou suas mãos ao redor de seu pênis e o bombeou até que ele gemeu — Jack — Sussurrou com tom de rogo— Me toque.

— Mira.

— Estou toda molhada — Murmurou timidamente com uma sobrancelha levantada. Ela deslizou um dedo sobre um duro mamilo de cor rosa, juntando umidade, para provar o ponto, e posteriormente deslizou sua mão para baixo para tomar a dele e pô-la entre suas coxas — Em todas as partes por você — Concluiu ela.

A fome explodiu em seus olhos escuros. Ele segurou uma mão a sua nuca e a outra na parte baixa das costas e puxou-a contra seu peito enquanto ele a beijava. Sua língua se deslizou entre seus lábios, apossando-se de sua boca.

Sua mão na parte baixa das costas caiu para tomar seu traseiro, e depois se deslizou entre suas nádegas, onde deslizou seus dedos profundamente dentro dela e a acariciou. O prazer se disparou através de seu sexo e ela pôs os quadris para frente, procurando mais de seu tato. Cada respiração ou ligeiro movimento esfregavam seus mamilos rígidos contra seu peito.

Percorreu suas mãos por seus bíceps, sobre seus ombros. Comeram a boca do outro, lambendo, sugando e mordendo como se não pudessem ter suficiente do sabor do outro.

Não estavam diretamente sob a corrente quente da ducha, mas sim o spray os tinha completamente molhados. Seus corpos deslizaram um contra o outro, quentes e escorregadios. Ele rompeu o beijo e abriu caminho para baixo da garganta a seus mamilos. Chupou um enquanto preenchia e acariciava o outro seio com a mão livre. Seus lábios massageavam seus mamilos endurecidos e seus dentes raspavam brandamente através dela. Jack trabalhava duramente, até que Mira sentiu uma onda de umidade entre suas coxas.

Passou a língua para baixo sobre seu estômago e no montículo de cabelo. Depois ficou de joelhos, apertou suas mãos a seu traseiro, e a atraiu para sua face. Ela sentiu sua língua lamber seus sucos e excitar seu clitóris com largas e persistentes lambidas.

Seus joelhos se sentiram fracos. Ela afogou um grito e agarrou os ombros dele para evitar

cair. Ele a sustentou de suas nádegas, segurando-a com suas coxas abertas para que pudesse alimentar-se de seu sexo. Sua língua jogou tranquilamente com seus lábios, deixando-a louca. Por último, encontrou sua entrada e empurrou dentro. Com lentidão agonizante, penetrou-a com sua língua.

— Jack — Gemeu.

Ele ficou de pé, sustentando seu traseiro e levantando-a, deixo suas costas a uns poucos passos pressionando-a contra a parede de azulejos da ducha. Jack a situou sobre a cabeça de seu duro pênis e girou os quadris, pressionando contra sua abertura. Pôs os quadris para frente e penetrou até a base. Seu fôlego assobiou fora dela e lhe envolveu os braços ao pescoço.

— Tem certeza que quer isto, Mira? — Perguntou-lhe com voz áspera perto de seu ouvido.

Os músculos de seu sexo ondularam e pulsaram em torno de seu eixo, ajustando-se uma vez mais ao longo e largo dele. Mira assentiu com a cabeça.

— Quero tudo o que tenha para me dar, Jack — Beijou-o.

Ficaram assim durante um momento, conectados na pélvis, suas bocas trabalhando uma contra a outra e a água correndo por seus corpos. Então Jack tomou seu traseiro e começou a pressionar.

OH, *sim, sim, sim!* Agora ele a levou mais acima pela parede.

Ela gemeu enquanto seu duro eixo se deslizava dentro e fora dela. Suas pernas se ataram ao redor de sua esbelta cintura e se agarrou a seus ombros para manter o equilíbrio. A água da ducha se encontrou com sua boca quando se beijaram.

Jack a cravou na parede, apoiando-a enquanto ele tomava mais forte e rápido, golpeando seu pênis para cima possuindo-a por completo, fazendo que a respiração viesse em pequenas baforadas. Seu orgasmo chegou em uma onda de grande alcance que a fez gritar. Ela jogou a cabeça atrás, fechou os olhos, e gritou seu nome enquanto chegou a seu clímax em torno de seu pênis. Jack a seguiu só uns segundos depois com um grito que ressoou na ducha.

Ofegando, Jack pôs sua testa contra a sua.

— Maldição, eu gosto de estar dentro de você.

Ela sorriu.

— O sentimento é recíproco, asseguro-lhe isso.

Beijou-a primeiro na testa, depois na bochecha, e finalmente nos lábios.

Então soltou suas coxas e a pôs de pé. Seu pênis se deslizou de seu corpo e sentiu a perda.

— Não posso resistir. Maldição, uma vez que a tenho, desejo-te outra vez. É viciante — Grunhiu.

Suas palavras deveriam agradá-la, mas todas tinham um profundo de culpa... De remorso. O olhar em seus olhos era a mesmo. Como se ela fosse um trato pecaminoso que sabia que não poderia ter, entretanto, tudo parecia o mesmo. Jack McAllister estava escondendo segredos.

ଔଔଔ

— Traga-a, Jack — Disse Thomas Monaham.

Jack ficou com o telefone na orelha, esfregando com uma toalha o cabelo úmido.

— Agora mesmo? É urgente?

— Não esta noite. Amanhã pela manhã. Há bilhetes de avião preparados para vocês em Minneapolis no St. Paul International, primeira classe, diretamente através de Chicago. Estamos enviando homens para cuidar de suas costas, mas vão passar despercebidos a menos que sejam necessários. Qualquer outra coisa chamaria a atenção de Crane. Ele esteve vigiando sua casa com um pouco mais de interesse do que nós gostamos. Acreditamos que suspeita que Mira esteja com você, e isso significa que é hora de mover-se — Fez uma pausa — Como ela está?

Jack olhou furtivamente para seu quarto, vendo-a caminhar passando pela porta enquanto se preparava para dormir. Agarrou sua camisola dos pés da cama e o pôs pela cabeça. Viu como a seda embainhava seu corpo. Como estava ela? Linda. Maravilhosa. Divina. Deliciosa.

Irresistível. OH, e por certo, acabo de fazer o amor com ela duas vezes.

— Ela está, humm, bem... — Disse com voz baixa para que Mira não escutasse.

— Conectou sua magia?

— Sim. Acredito que com algum treinamento mais sua prima vai ser capaz de dar um sério chute no traseiro, Thomas. Provamos um pouco de magia defensiva hoje e me jogou do outro lado do piso da sala na primeira tentativa.

Thomas riu com orgulho.

— Esse é o sangue Monahan. O sangue Hoskins é bastante poderoso também. Veio a ela com facilidade? E como se conectou?

Suas perguntas soavam ansiosas. Jack sabia o muito que Thomas estava morrendo por encontrar-se com Mira. A família significa muito para ele, e Mira tinha estado fora desde que nasceu.

— Não mencionou a força de filiação entre o fogo e o ar. Minha magia atraiu a dela. Estava incrédula a princípio, como era de esperar, mas uma vez que o sentiu surgir, tudo tinha terminado. Foi a ela rapidamente depois disso.

Monahan ficou em silencio por um momento.

— Só afasta suas mãos dela, de acordo? Conheço sua fraqueza pelas mulheres bonitas, mas esta é especial. Não te quero em sua cabeça, entendido?

Muito tarde.

— Sim.

— Ok. Tem que estar no aeroporto às 7 da manhã. Vá à entrada noroeste da hospedaria recolher suas passagens. Seu voo sai às 9:09 da manhã. Entendido?

— Entendido.

— Se cuide. Não devo dizer isso duas vezes. Seria melhor se a tirasse sem que fosse vista, mas se não puder, os bruxos do *Aquelarre* que enviei estarão ali para te respaldar. Não quero que aconteça nada a Mira.

— Machucarão a Mira por cima de meu cadáver — Disse Jack com veemência.

— Sei, Jack — Thomas disse em um gentil tom que só um cavalheiro poderia dirigir, que não era muito — Sei o que este trabalho significa para você.

Mira apareceu na porta com um pente na mão. O cabelo caía sobre os ombros em meadas escuras e úmidas, e seus formosos olhos o questionaram. Jack sustentou o olhar por um comprido tempo. Significava mais para ele do que Thomas pensava, mais do que Jack teve alguma vez a intenção.

— Sim — Respondeu ele, ainda sustentando o olhar.

Capitulo 12

Crane contemplou o bruxo do ar que estava sentado em um estupor diante ele. A raiva cresceu com seu mero olhar patético.

Mantiveram Marcus drogado com uma baixa dose de quetamina[13], que tinha o efeito de um tranquilizador quando se introduzia no metabolismo dos bruxos, com apenas uns leves efeitos secundários dissociativos. Era importante mantê-lo apaziguado e um pouco confuso, já que qualquer bruxo de ar era perigoso, inclusive os mais fracos, como Marcus.

As mãos de Marcus estavam amarradas em seu colo. Ele as retorcia uma e outra vez, um claro sinal de sua agitação. Como se os selvagens olhos amplos e a boca aberta não fossem suficientes prova de seu estado mental. Mantiveram-no prisioneiro todo o tempo. Tiraram-no, usando-o quando necessitam a informação que só um bruxo do ar pode oferecer. Como a que se necessitava agora.

Crane tinha tirado Marcus das geladas terras de Minnesota a fins de fevereiro, tudo com a intenção ver se podia de algum jeito dar informações a respeito da mulher e se residia no apartamento de Jack ou não. Principalmente, Crane não tinha recebido absolutamente nada para seu problema, e tinha estado preocupado já que possivelmente teria que admitir que David estivesse certo ao dizer que a bruxa não estava na residência de Jack em Minneapolis depois de tudo.

Depois, finalmente, Marcus tinha ouvido algo. O vídeo e monitor de áudio no quarto onde tinham Marcus o tinham mostrado sacudir-se em sonhos por algum feito. As sequências do vídeo o mostraram deslizar-se fora da cama tentando ocultar-se debaixo desta, obviamente infeliz por ter recolhido a informação que Crane queria e muito aturdido pela dose de quetamina para escondê-lo bem.

Crane estendeu a mão e agarrou as bochechas gordinhas de Marcus, e balançou a cabeça para trás e para frente até que seus rebeldes cachos negros voaram.

— David diz que escutou algo no vento esta noite, Marcus — Disse — Vai nos dize — Fez uma pausa para o efeito — Agora.

Marcus gemeu e se balançou para frente e atrás.

— Não, não, não, não! — Dizia — Não vou dizer. Não o farei!

A forçada servidão mágica tinha deixado Marcus um pouco louco, mas ainda não o tinham quebrado tirando esses ataques, algo imprudentes de rebelião.

---

[13] ***Quetamina***, *também chamada de* ***cetamina***, *é uma droga dissociativa usada para fins de anestesia, com efeito hipnótico e características analgésicas. Conhecido remédio para cavalo, é muitas vezes consumida por causar efeitos psicotrópicos.*

Crane se pôs a rir.

— Maaaar-qs — Cantou em voz baixa — Nossos quebra-feitiços não tiveram êxito, e isso significa que não tenho tempo para jogar — Fechou a mão em seus cachos negro azeviche, depois os apertou forte e rápido e atirou a cabeça para um lado. Marcus gritou e babou, um desafortunado efeito colateral das drogas, saindo pelos cantos de sua boca — Agora nos diga, como um bom bruxinho mascote do ar, e talvez deixe que volte para seu quarto e te de uma bolacha.

Marcus choramingou por um momento, e então claramente enunciou.

— Não.

Crane suspirou profundamente.

— Marcus, sabe por que temos que invocar o círculo, correto?

Marcus assentiu com a cabeça.

— Então já sabe que vou fazer o que for para ganhar uma bruxa do ar para fechá-lo, não?

Ele assentiu de novo.

— Então, o que acha que nos detém de usar a você para fechar o círculo?

A incerteza passou por seus olhos marrons, açoitado por um pingo de temor. Bem.

—Direi isso, Marcus. Não é muito poderoso, isso é definitivamente uma razão. Porque nosso pequeno Marcus mal pode chamar uma ligeira brisa, não é certo? — Crane riu em voz baixa — Aquela maldita genética, de todos os modos. Mas a outra razão, longe a mais importante, é a cooperação que nosso Marcus nos dá — Crane sorriu — Entende?

Marcus assentiu com a cabeça.

— Quando precisamos saber coisas que só um bruxo do ar pode descobrir, você nos ajuda.

Ele assentiu outra vez.

Agora estava chegando a alguma parte.

— Se quer manter seu grande traseiro fora desse círculo, Marcus, se apreciar sua patética vida de alguma forma, dirá o que escutou agora mesmo. De outra forma, te substituirei por ela e espero que tenha suficiente suco para fechar o círculo. Depois que sua magia se combine, simplesmente encontrarei por mim mesmo outra fraca bruxa do ar para moldar como me agrade.

Ele gemeu e uma lágrima deslizou fora de seu olho, mas Crane manteve seu férreo controle sobre o cabelo de Marcus.

— Está bem.

Crane o deixou em liberdade.

Ele choramingou de novo e os mucos arrastaram fora de sua fossa nasal esquerda. Marcus se enxugou com suas mãos atadas.

— Escutei uma conversa telefônica. Isso me despertou. Acredito que havia uma brecha e parte do assunto saiu. Eu estava tão ligado ao apartamento que o apanhei no ar quando passou. A bruxa do ar está no apartamento de Jack McAllister, mas estão planejando sua mudança ao *Aquelarre* amanhã pela manhã.

Crane sorriu friamente a Marcus, e se girou a David, quem estava parado perto da porta.

— Não me interessa como o faz, só pega esses quebra-feitiços para encontrar a forma de

entrar antes do amanhecer — Fez uma pausa — Diga que suas vidas dependem da ruptura desse conjuro. Se falharem, morrerão lenta e dolorosamente. Entendido?

David assentiu com a cabeça.

Com a motivação adequada, o que fosse poderia obter-se. Tinham que entrar agora, porque uma vez que ela estivesse no *Aquelarre*, seria quase impossível de capturar. Poderiam tentar raptá-la a caminho do aeroporto, mas esse seria seu último recurso, já que significava um enfrentamento mágico em público.

E isso seria tolo.

ଔଔଔ

Em algum momento durante a noite, Mira encontrou o caminho para seus braços.

Jack enterrou seu nariz em seu cabelo e inalou, deixando a débil fragrância alagar seus sentidos. Sua respiração era profunda e pesada e sentia seu corpo quente contra ele. Jack fechou seus olhos e se acomodou.

Mas isto não podia acontecer. O que fosse que sentisse por ela, tinha que terminar. Uma vez que descobrisse quem era ele, tudo terminaria. O odiaria. Como poderia ela fazer outra coisa?

A última coisa que queria ver em seus belos olhos era medo ou asco quando o olhasse. Embora não se arrependesse de dormir com Mira, tinha sido um grande engano. Começou por resistir a ela e tinha fracassado. Estes lapsos em sua força de vontade os prejudicaria a ambos ao final, mas em especial a Mira. Por muito que doesse, tudo isto tinha que ser cortado na raiz. Seria mais fácil fazer as coisas mais adiante. Apertou os braços a seu redor e ela murmurou seu nome em seu sono. Maldição. Não queria deixá-la ir, mas isso era exatamente o que tinha que fazer.

Jack tirou com cuidado seus braços de seu morno corpo para não despertá-la. Tomou perto de uma hora olhar fixamente na escuridão antes que finalmente ficasse dormido, sonhando com lugares frios. Em algum momento da madrugada, Jack despertou de seu sonho frio ao calor. Hábeis dedos estavam enroscados ao redor de sua ereção, acariciando a longitude dele. Seu fôlego assobiou entre os dentes diante da sensação de sua mão acariciando-o. Tinha conseguido pô-lo duro, enquanto tinha estado dormindo. A necessidade cavalgou em seu testículo e seu pênis parecia uma barra de aço.

— Deus, mulher — Gemeu ele — O que acha que esta fazendo?

Derrubou-se em suas costas enquanto tinha estado dormindo, e ela tinha tirado as mantas até mais abaixo de seus quadris. Sua cabeça escura se abatia a seu lado. A luz da lua se inclinava através da janela, e caía em seu cabelo.

Ainda não era de dia.

— Não pude resistir. Espero que não se incomode — Respondeu ela com um tom brincalhão.

Demônios. Importava-se. Ao menos, a seu cérebro importava, inclusive se seu pênis não o fazia. Seus pensamentos corriam, encontrando maneiras para sair disto com tato, sem fazer que se sentisse rejeitada.

— Mira, deveríamos... Ah!

Ela tinha deslizado sua boca sobre a cabeça de seu pênis e agora estava ajustando seu caminho a seu eixo.

— Mira! — gritou guturalmente ao sentir sua quente boca cobrindo-o. Era tão úmida e suave. Mais contra o que poderia defender-se. Ponto para Mira. Cada fragmento de força de vontade se foi.

Ela inclinada a cabeça para ele, revelando uma expressão sensual e travessa em seu formoso rosto. Era uma expressão que dificultava resistir. Depois deixou cair seu olhar e lambeu a longitude de seu membro... Como se fosse um sorvete. Ele fez um ruído de estrangulamento.

— Quero tanto fazer isto, Jack — Murmurou antes de lambê-lo de novo — Me deixe fazê-lo.

— Como se supõe que poderia dizer que não?

Seu cabelo roçou as coxas enquanto envolvia seu pênis com a boca outra vez e trabalhava com a língua.

Seus dedos encontraram esses fios de seda à luz da lua e os segurou. Quanto pode suportar um homem? Mira o tinha empurrado além de seu limite quando a sua língua havia tocado.

A mera vista de seu pênis a fez salivar, conduzindo-o através de seus lábios cheios, quase o suficiente para fazê-lo perder. Parecia amar tê-lo em sua boca. Tinha-o empurrado até que a coroa tocou as amídalas, depois passou tempo lambendo seu eixo de cima abaixo e rodeando sua língua ao redor da cabeça. Todo esse jogo o deixou louco. O encanto de sua boca, e o entusiasmo que mostrava em tê-lo ali, tinha-o deixado indefeso. Tinha algum efeito sobre ela? Queria saber se isto a fazia ficar úmida. Excitava-se com isto?

— Demônios, vai me fazer gozar — Murmurou ele. Brigou contra o desejo de enterrar-se em sua boca, querendo deixá-la fazer o que quisesse com ele.

Ela se deteve por um momento e sorriu.

— Essa é a ideia, mais ou menos, não é certo?

Ele se moveu rápido, derrubando-a na cama e arrastando-a sob seu corpo. Ela gritou de surpresa e pôs-se a rir. Ansioso por seu tato, arrancou a borda de sua camisola e acariciou a suave carne rosada até que ela gemeu. OH, sim, o ter em sua boca a tinha aceso.

Jack baixou o olhar para seu rosto enquanto a acariciava entre suas coxas. Ele colocou seus dedos dentro dela para sentir esse delicioso calor úmido.

— Quero gozar quando estiver profundamente dentro de você — Grunhiu — E quero sentir seu clímax correr ao redor de meu pênis antes de gozar.

A respiração dela se fez mais rápida e pesada para ouvir suas palavras. Poderia parecer inocente, mas se excitou ao escutá-lo falar um pouco sujo.

— Não tenho objeções — Murmurou ela.

— Mas primeiro preciso te saborear — Baixou sua boca a dela e a beijou profundamente, sua língua patinando contra a dela no mais fundo de sua boca. Depois de deixá-la sem fôlego, trabalhou mais abaixo, puxando sua camisola mais acima para expor seus doces ocos curvos e planos de seu corpo e seus seios com seus deliciosos mamilos.

Ele adorava tudo com os lábios e a língua, e de vez em quando com os dentes. Mira gostava quando mordia aqui e lá a curva de sua cintura, o sensível lugar onde sua garganta se une com seu

ombro. Isso a fez tremer e gemer.

Cada ruga e dobra de cada mamilo tiveram toda sua atenção. Mira se moveu sem cessar baixo dele na cama, com os dedos amassando seus braços e ombros, os quadris se elevavam e enterravam de uma maneira inconsciente e necessária.

Jack desfrutou excitá-la e ter o controle de seu corpo. O encantaria amarrá-la, para deixá-la completamente indefesa diante ele. Queria levar seu corpo a borda do clímax uma e outra vez, para que, uma vez que gozasse, gritasse seu nome e visse estrelas. Deixou seu mamilo embora pudesse passar horas aí e percorrer a ponta de sua língua lentamente sobre seu abdômen, nas profundidades de seu umbigo e o monte de Vênus. Separou as pernas com o joelho e acariciou a perna com a mão antes de beijar e morder brandamente o lugar onde a face interna da sua doce coxa se juntava com seu sexo.

Mira arqueou suas costas e fechou suas mãos em torno das mantas a ambos os lados dela.

— Você gosta de como te toco, Mira? — Perguntou.

— Sim, Jack — Levantou sua cabeça e olhou pela longitude de seu corpo para ele — Se só soprar sobre mim, provavelmente gozarei.

Jack sorriu e soprou brandamente sobre seu sexo. Mira se estremeceu e gemeu, deixando a cabeça para trás contra o colchão. Aspirou o perfume dela, almíscar e excitação. Seus testículos doíam e seu pênis estava mais duro que o aço. Esta tortura erótica era uma tortura para ele também.

Baixou sua boca a seu sexo e lambeu seu inchado e úmido clitóris.

— Separa suas lindas coxas um pouco mais para mim — Ordenou suavemente.

Mira separou suas pernas e ele deslizou um dedo dentro dela, depois outro, fazendo-a dizer seu nome enquanto começava a penetrá-la. Sua umidade cobriu seus dedos e seus músculos apertavam e soltavam. Seu corpo respondeu ao tato de sua língua e dedos. Jack utilizou essas chaves para ver que tão perto estava de gozar e poder controlá-la, possuí-la. Quando seu corpo se esticou e se estremeceu na beira do clímax, sustentado por ele. Fez uma e outra vez até que o doce som de suas súplicas saiu dos lábios de Mira.

Jack fechou sua boca ao redor de seu clitóris e trabalhou com seus dedos para esfregar o doce ponto em seu interior. Ao mesmo tempo, lambeu seu excitado clitóris até que Mira se retorceu baixo ele.

— Jack — Ofegou — Por favor, não pare.

Desta vez, não tinha essa intenção. Mira se retorceu sob sua boca e os músculos de seu sexo se esticavam e relaxavam. Ela gritou, arqueando as costas. Seus formosos seios se elevaram ao ar enquanto subia nas ondas de seu clímax. Ele nunca cedeu, mantendo sua atenção com o fim de chupar cada bocado de prazer de seu corpo tanto como pôde. Deus, era tão sexy quando gozava. Queria fazer uma e outra vez. Selvagem e meio drogado com a necessidade sexual, subiu a seu corpo. Tinha um olhar lânguido em sua face enquanto o olhava avançar nela. O olhar de uma mulher muito satisfeita. Fez com que Jack quisesse tê-la assim para sempre.

Jack se acomodou entre suas coxas e enganchou a parte traseira de seus joelhos ao redor dos cotovelos, abrindo as pernas para ele, e colocou a cabeça de seu pênis na entrada.

— Não posso ter suficiente de você — Disse em voz baixa — Deixa-me louco. Está muito dolorida para isto?

Mira mordeu seu lábio inferior e sacudiu sua cabeça.

Agarrou sua ereção e guiou a cabeça de seu pênis dentro dela lentamente e com cuidado, para não machucar. Seu calor o envolveu. A simples presença da metade de seu eixo nela era suficiente para fazer derramar-se antes do tempo, mas resistia a fazê-lo. Tinha mais controle que isso, embora com Mira fosse difícil de conseguir. Pouco a pouco se deslizou dentro até ficar profundamente em seu interior.

Mira suspirou e murmurou seu nome enquanto seu corpo se ajustava para sustentá-lo, seus músculos ondeavam ao redor de seu eixo. À pálida luz da lua podia ver seu pênis reluzente com seus sucos enquanto se retirava e ver a forma em que cavava nela voltando a entrar empurrando.

Jack colocou um par de vezes, profunda e lentamente, antes de soltar as pernas e instalar-se sobre ela, situado em seu interior à base de seu pênis. Podia sentir seu traseiro aveludado contra suas bolas e a pulsação e a onda expansiva de seu perfeito e glorioso sexo, ao redor de seu eixo. Jack deslizava dentro e fora enquanto cobria sua boca com a sua. Cada pequeno gemido e suspiro, cada movimento necessário contra seu inquieto corpo o levou até a borda de um clímax.

Sim, ele não ia durar muito.

— Mais forte —Murmurou ela. Mira entrelaçou seus dedos em seu cabelo e os percorreu até a barba de três dias, que tinha sem barbear. Ao mesmo tempo rodeou com suas longas e magras pernas ao redor de sua cintura e o atraiu mais perto dela.

— Quero te sentir forte e rápido.

Não, não ia durar absolutamente.

— Está segura? Não está dolorida?

Ela levantou a cabeça para olhá-lo. Seus olhos eram escuros pela luxúria.

— Forte Jack.

Ele sorriu com malícia, deslizou uma mão de seu seio, a seu quadril, continuando, segurou seu perfeito traseiro... E tomou duro, profundo e rápido.

— Sim — Gritou Mira. Cada impulso de seu pênis penetrava e possuía. Ele ficou olhando-a, a suas pesadas pálpebras, a seus lábios inchados por seus beijos e ligeiramente separados. Deslizou uma mão entre seus corpos e acariciou o clitóris. Ela moveu a cabeça de lado a lado e depois arqueou as costas. Seu corpo se esticou enquanto se perdia em outro orgasmo.

Seu próprio clímax ondeou por suas bolas. Enterrou a seu pênis dentro dela e gemeu seu nome, enquanto gozava. Respirando pesadamente, depois de fazê-la rodar a um lado e a estreitou contra ele. As sequelas do prazer ainda o aturdiam, mas atrás dele apareceu o agudo sabor de pesar. Fechou os olhos.

Maldição.

— Mira — Engoliu seco e tratou de recuperar o fôlego — Temos que deixar de fazer isto — E como podia fazer isso? Quebrava a cabeça. Como diabos poderia resistir a esta mulher? Em nomes de todos os deuses e deusas. Como?

Ela soprou, deu um beijo na boca, e murmurou:

— Por quê?

ଔଔଔ

Mira despertou para ver a pálida luz da manhã na fresta da janela do quarto. Jack estava estendido sobre suas costas a seu lado, belamente nu.

Estirou-se, sentindo uma dor deliciosa ao longo de seu corpo, muito especialmente entre as coxas. Mira nunca tinha tido sexo essa quantidade de vezes em um período de vinte e quatro horas, nunca o tinha querido essa quantidade de vezes seguidas, mas com um homem tão perito como Jack... Igual a um íncubo, ele tinha o poder de fazer que nunca quisesse sair de sua cama.

Era como se tivesse aberto as comportas de sua sexualidade reprimida. Como se com seu beijo na cozinha tivesse despertado não só a magia, mas também uma porta que conduzia a sexual terra desperdiçada onde tinha vivido. Mira pensou na quantidade de vezes que Jack a tinha levado a orgasmo. Frígida? Que nada.

Ela tocou seus lábios, recordando como a necessidade de sentir seu pênis em sua boca tinha sentido com tanta força, que a voltou agressiva. Mira tinha querido senti-lo gozar contra sua língua, queria que Jack se perdesse por completo ao tato de seus lábios sobre seu pênis. Teve isso durante um momento, até que arrebatou o controle de novo dela. Jack era um homem que gostava de estar ao comando, não havia nenhuma dúvida a respeito. Resultava que era uma mulher que gostava que o tivesse.

Mira se aconchegou a seu lado e viu a pálida de luz crepitando sobre o corpo do Jack, iluminando um de seus planos mamilos. Suas pálpebras caíram na fadiga e se perguntou por um momento o que a tinha despertado, em primeira instância.

Algo soou... Como o pomo da porta. Mira se sentou de repente. Vozes murmuraram em tom baixo, soando muito longe. Ainda assim, foi suficiente para pô-la em pânico.

Ela sacudiu Jack para despertá-lo.

— Jack! — Disse suave e com urgência — Acorda Jack!

— O que? — Murmurou sonolento — O que aconteceu?

— Escutei algo.

Jack se sentou. Os lençóis se moveram com seus movimentos e depois ambos ficaram em silêncio. O som do pomo da porta se escutou de novo.

— Escutou isso? — Sussurrou ela.

— Escutar o que? O que está escutando?

— O som de alguém tentando abrir a porta e gente murmurando — Ela respirou enquanto veio de novo, desta vez mais forte. Sua adrenalina aumentou.

— Procede da porta principal do apartamento e a porta que conduz ao teto.

— Poderia ser sua magia em aumento soando como uma advertência — Fez uma pausa — Merda. Mira, vista-se — Ela se moveu com rapidez, encontrou a roupa e vestiu-a enquanto Jack fazia o mesmo. Jack encontrou seu telefone celular e chamou a alguém, provavelmente os bruxos do *Aquelarre* que Thomas tinha enviado, e rapidamente disse o que estava acontecendo.

Os sons que só ela podia ouvir se fizeram mais fortes. Parou no centro do quarto, escutando enquanto os intrusos rompiam as fechaduras de ambas às portas quase ao mesmo tempo. Jack e ela estavam apanhados no meio.

Os alarmes se romperam com um estalo de energia vibrante que a fez estremecer. Jack ficou quieto em resposta, capaz de sentir as proteções fracas, também. Era uma sutil, mas alheia, sensação. Se tivessem estado adormecidos poderiam ter passado despercebido.

Ela olhou com os olhos abertos para Jack, que a olhava com a camisa na mão.

— Estão dentro — Sussurrou ela sem necessidade.

Seu peito se sentia quase vazio de algo, só seu coração pulsando e o pulso quente de seu poder. A respiração de Mira era rápida e superficial. Ao menos sua magia tinha dado uma pequena advertência, e não tinham sido apanhados com suas calças baixa... Literalmente.

Deslizou a camisa por sobre sua cabeça, agarrou-a pelo braço e puxou-a trás de seu corpo enquanto ele avançou para a porta do quarto. Mira procurou a seu redor desesperadamente algo para usar como arma e depois recordou sua magia. Brilhava ali no centro de seu peito de forma tranquilizadora. Com sorte, podia acessar e dirigi-la.

Os ruídos que ouvia agora eram menores em sua mente e mais em sua física realidade imediata. Pés arrastando-se no chão. Soavam como alguém não pretendia estar calado.

Jack a empurrou à um canto do quarto e levou um dedo aos lábios, como se ela necessitasse que dissesse que se calasse, e esperou pelo lado da porta do quarto. Mira escutou alguém mover-se pouco a pouco mais perto. Antes que pudesse tomar uma nova pausa, Jack saltou pela porta.

Uma bola de fogo apareceu, invocada por Jack, ela supôs, iluminando a sala de estar tão intensamente que Mira teve que proteger os olhos. Jack enviou a bola assobiando através do ar. Um dos intrusos gritou de dor e um jorro de líquido golpeou o chão de madeira dura.

O fogo, encontrou a água. É óbvio, tinham enviado bruxos de água para triunfar sobre o fogo de Jack. As vozes se levantaram com ira. Móveis se derrubaram. Ela se aproximou mais à porta, incapaz de permanecer de braços cruzados enquanto Jack arriscava sua vida em seu nome.

— Só queremos à mulher, Jack — Disse um dos homens asperamente — Está superado em número e rebatido em magia. Só entrega-a e não vamos ter que te matar para chegar a ela.

— Vá a merda — Grunhiu Jack. Um punho se encontrou com a cara de alguém.

Deixando que Jack fosse direto.

Uma magia passada de moda se precipitou, ao longo da briga. Os homens grunhiam, amaldiçoavam, e se arreganhavam uns aos outros, com pés enredados, abajures roda e punhos encontrando a carne. A quantos homens estava tentando Jack de enfrentar-se? O pensamento deixou uma fria bola na boca de seu estômago.

Sentindo sua magia no centro de seu peito, caminhou nas pontas dos pés para a porta mais próxima. Ela agarrou a borda de seu imprevisível poder e se dispôs a puxá-lo, moldá-lo, e usá-lo se era necessário. Era sua única defesa, e talvez fosse a única defesa de Jack, também.

— Aí está! Disse um homem que tinha aparecido como um gato na escuridão a sua direita. Uma forte mão se fechou em seu cabelo e a puxou, fazendo que Mira gritasse de dor e perdesse o controle sobre sua magia. Arrastou-a pela porta e a sala pelos cabelos. Ela lançou um ataque,

lutando contra o homem chutando-o e insultando-o. Ele a agarrou pela cintura e a puxou muito rápido e com força contra seu corpo. Sua respiração se esfumou de seus pulmões. Mira soltou uma exclamação e ficou imóvel enquanto as náuseas ameaçaram. Todos na sala ficaram em silêncio.

Jack ficou com a mão enroscada na camisa de um dos intrusos, obviamente com o punho a meio caminho. Havia seis deles que Mira pôde ver, todos vestidos de negro da cabeça aos pés. Jack fazia um rápido trabalho com dois deles. Ficaram estendidos no chão. Ficou de pé no centro da sala, olhando a cena. Todos os olhos estavam postos nela enquanto fez uma careta e se removeu contra o domínio que o homem tinha em seu cabelo e corpo.

— Ahhh, é uma pena. Odeio quando são tão lindas — Disse o homem que Jack tinha segurado — É um desperdício.

Jack o golpeou.

O homem que a sustentava começou a arrastá-la ao redor do sofá, longe de Jack e para a porta. Mira lutou contra ele e só conseguiu que o agarre sobre seu cabelo fosse ainda mais doloroso. Gritou, sentindo como se fosse lhe arrancar o couro cabeludo em qualquer momento, mas as arrumou para chutar a canela do homem com seu calcanhar fazendo que liberasse sua cintura. Ele grunhiu e a amaldiçoou, mas não a deixou ir.

Jack avançou pela sala para eles.

— Tira suas mãos dela — Grunhiu baixo.

Sua fúria parecia uma coisa evidente na sala. Algo que se podia tocar. Esquentou-se o ar e picou na pele de Mira como lambidas de chama. Estendeu a mão e uma bola de fogo se acendeu — Ou vou queimar cada centímetro de sua pele.

Mira acreditou.

Os dois homens atrás de Jack se moveram para ele.

— Atrás de você — Gritou ela. Jack se voltou no último momento e lançou sua bola de fogo, mas um deles um bruxo de água, obviamente o apagou imediatamente. Ambos os homens atacaram Jack ao mesmo tempo. Um dos punhos do homem deu na mandíbula de Jack. O outro deu um chute no estômago e depois deu um murro na cabeça.

Mira gritou enquanto via Jack cair no chão e instintivamente um rastro de sua magia apareceu em seu peito. Dizer que doeu estava de mais. Sentiu-se como se a bola de fogo de Jack tivesse pego justo entre seus seios. Conteve o fôlego, mas ignorou a dor. Depois de imaginar o que queria fazer, atirou a magia no ar, moldou-a com suas intenções, e explodiu.

E esperou o melhor.

Imediatamente, uma rajada de ar atirou o homem que a havia sustentado para trás. Levando algo de seu cabelo com ele. Mira gritou de dor, cobrindo-se imediatamente com as mãos a dor da cabeça. A sala ficou em caos.

O vento formava redemoinhos a seu redor, mas não a tocava e, se o tinha feito bem, tampouco a Jack. Ansiosamente, esperava-o. Não podia vê-lo, pois os escombros formavam uma bagunça a seu redor. Tudo se obscureceu em sua visão, mas não entrou na borbulha de quatro pés encerrando-a. O vento se revolveu e os móveis se destroçaram.

Mira apertou as mãos sobre seus ouvidos e fechou os olhos. Ela caiu de joelhos, gritando a todo pulmão, embora não pudesse ouvir sua própria voz no caos que tinha desatado. Tudo ficou em silêncio.

— Mira — Jack gemeu com voz rouca.

Mira abriu seus olhos para encontrar Jack de pé no centro da sala, olhando a seu redor com os olhos abertos. Sua roupa estava rasgada e tinha a face manchada com sangue. Se sacudindo violentamente e agarrando o lugar no peito onde tinha esmigalhado a magia, Mira lutava por ficar de pé e olhou a seu redor. Toda a sala tinha sido varrida. Todos os móveis, tapetes, obras de arte, livros, tudo o que havia na sala anteriormente estava quebrado agora e as paredes estilhaçadas nas bordas. Só ela e Jack estavam ilesos no centro da sala.

Todo o resto estava… Destruído. Todos outros estavam…

Sua respiração se voltou entrecortada e rápida. Não, não, não.

— Me diga que não os matei — Disse depressa, olhando os escombros a seu redor.

A dor no peito palpitava onde tinha estado o rastro de sua magia.

Metafisicamente, se a pessoa podia sentir metafisicamente, sentia seu peito ensanguentado e ferido. A dor chegou até o final através de sua garganta à cabeça. Cambaleou um pouco para um lado e se conteve antes de cair.

— Mira — Ele fez uma pausa, respirando pesadamente e fazendo uma careta por suas próprias feridas — Foi em defesa própria. Eles teriam me matado rapidamente. Depois, a teriam matado, também — Balançou a cabeça — Não o duvide.

A porta do apartamento de cobertura se abriu bruscamente, e mais homens de negro apareceram. Todos eles se detiveram em seco, com expressões de assombro em suas faces enquanto observavam a cena diante deles.

Jack deu um olhar de desgosto.

— Chegam tarde — Grunhiu. Sua cólera repentina arremeteu com fogo, fazendo que ela recuasse.

A dor que havia sentido quando tinha rasgado a magia marcou o peito completamente.

Mira se rendeu no chão.

Capitulo 13

Mira despertou, com o som de vozes baixas, e o movimento de um veículo. Seu corpo intumescido pela dor, especialmente onde o cabelo tinha sido arrancado de sua cabeça. Também lhe doía o peito, cada vez que realizava uma respiração, queimava.

Simplesmente abrir os olhos doía, por isso os voltou a fechar depois de uma olhada ao interior do que parecia ser uma limusine. Havia outros no carro, mas podia sentir Jack junto a ela e decidiu que estava segura. O desconforto físico excluía todo o resto refletindo sobre o tema de sua segurança pessoal.

Umas mãos fortes a ajudavam a embalar-se em seu peito. Ela estremeceu diante o movimento.

— Jack? — Murmurou. Conhecia a sensação dessas mãos, e desse peito.

— Sou eu. Tudo está bem — Sussurrou. Tirou-lhe o cabelo da testa — Continua se apoiando em mim. Temos que encontrar a maneira de que siga fazendo isso.

— Diga que deixe de romper sua magia. Isso ajuda — Disse uma mulher em algum lugar do interior do automóvel.

Jack pôs a palma de sua mão sobre a testa de Mira. A pele que tocava se voltou mais cálida. A dor pouco a pouco se distanciava.

— Ingrid — Suspirou — Se seus homens tivessem estado ali um pouco antes, não teria se visto obrigada a fazer o que fez. Você sabe que Thomas não vai estar muito contente com esta confusão — Pôs uma mão entre seus seios, e a dor diminuiu ali também.

— Nem sequer Thomas previu que os *Duskoff* eram capazes de romper as proteções. Deve ter sido o bruxo do ar sequestrado quem avisou a situação. Tiraram todo o possível para irromper antes que fosse ao aeroporto. Crane a quer desesperadamente.

— Eu não estou falando da intrusão. Refiro-me à incapacidade de seus homens para chegar a tempo — A voz de Jack tremia de ameaça, e seu corpo cresceu notavelmente mais quente com sua ira cuidadosamente resguardada — Se Mira não tivesse empurrado essa magia, eu poderia estar morto e ela já não estaria aqui.

Ingrid, quem quer que fosse, ficou em silêncio, claramente culpada.

A dor na cabeça e no corpo de Mira tinha diminuído o suficiente para ser capaz de funcionar, graças a Jack. Abriu os olhos atordoada e lutou para sentar-se. Jack estava machucado e maltratado. Um pouco de sangue seco marcava sua testa e mantinha a mão direita como se doesse. A mulher, Ingrid, era magra e vestida com um traje cinza escuro e sapatos de salto. Seus tornozelos estavam cruzados regiamente e com um par de óculos negros com estilo que se balançavam sobre sua face com forma de coração. Mira não sabia como de comprimento era seu cabelo loiro apertado em um coque francês. Teria sido bonita, não fosse por seu cenho franzido.

Dois homens estavam sentados a cada lado de Ingrid, ambos vestidos de negro e corpulentos. Qual era o trato com estes meninos de negro? Mira os reconheceu como dois dos homens que tinham irrompido no apartamento justo depois de... Levou sua mão à têmpora, recordando.

— Eu os matei, não é certo?

Jack passou o braço pelos ombros.

— Mira...

— Espera um minuto — Ela se separou dele e levantou uma mão — Não quero falar disso agora. Nem sequer quero pensar nisso agora mesmo — Necessitava tempo para digerir o que tinha acontecido.

— Limpar esse incidente está sob minha autoridade — Disse Ingrid — Tenho bruxos do *Aquelarre* investigando entre o desastre. Não sabemos o que fazer com os bruxos que os atacaram.

Ela olhou para Ingrid. Acaso não tinha ouvido que acabava de dizer que não queria falar disso? Incidente. Limpar. Desastre. Tinha matado gente, e a mulher falava como se tivesse

derramado uma caixa de leite no piso da cozinha.

Jack suspirou.

— Neste momento estamos a caminho do aeroporto. Uma vez que estejamos no *Aquelarre*, os *Duskoff* não serão capazes de te tocar.

Mira pôs a mão de volta em sua têmpora.

— Dói-me muito porque impulsionei muito poder? — Seu corpo ainda doía apesar da cura do Jack, e sentia náuseas.

— Sim. Pensa em sua magia como um jardim, Mira — Respondeu Jack — Atende-o cuidadosamente e o alimenta. Você abusou, agarrou um punhado grande dele, e há consequências, quando toma tanto poder como o fez e na forma em que tomou, pode adoecer. Sua magia necessita tempo para recuperar-se.

— De onde veio tudo isso? A magia, quero dizer?

— Essa é uma pergunta para os filósofos do *Aquelarre*, Mira — Respondeu Ingrid. Rodando os olhos — Eles vão discutir com você interminavelmente se perguntar.

Jack lançou um suspiro de irritação.

— Mira, conheça Ingrid Harris. Ela é a mão direita de Thomas.

Mira massageou sua têmpora e a olhou.

— Isso te faz sua mão esquerda?

Sua boca se torceu.

— Algo assim.

— É uma bruxa muito poderosa, Mira — Disse Ingrid — Terá o treinamento necessário em Chicago, e uma vez que tenha sua magia enlaçada — Ingrid sorriu — Crane será o que sairá fugindo de você.

Mira moveu a mão de sua têmpora para olhar à mulher.

— Realmente eu gostaria de ver isso — Respondeu com veemência sentindo-o até a ponta dos dedos dos pés.

O sorriso de Ingrid se alargou.

A limusine se deteve diante do aeroporto internacional St. Paul em Minneapolis, e o condutor abriu a porta. A luz se verteu no interior escuro do carro, Mira entrecerrou os olhos enquanto se ajustavam à luz e estremeceu com o vento frio que se apressou em encher o espaço quente.

—Que tenham um bom voo — Disse Ingrid — Viajarei a Chicago em uma semana. Até lá.

Jack só disparou a Ingrid um feio olhar. Definitivamente havia um pouco de tensão ali. Perguntou-se por um momento de que tipo. Era sexual ou profissional? Ou Ambas? Depois pôs a hipótese longe de sua mente. Não era de sua incumbência.

Depois de dizer adeus a Ingrid, agarrou seu casaco de inverno, que alguém tinha deixado sobre o assento a seu lado e saiu do veículo. Jack saiu atrás. Mira rapidamente encolheu os ombros em seu casaco para refugiar-se contra o frio, enquanto os guarda-costas levavam sua bagagem na calçada ao lado deles. Bom, por só destruir a sala de Jack. Os quartos, e sua roupa, tinham estado bem, aparentemente.

Jack falou com o condutor, depois se voltou para ela. Sua face era um verdadeiro desastre, agora que o via claramente à luz.

— OH, Jack — Disse com um rápido fôlego que nublou de branco o ar frio. Trocou de roupa antes de deixar o apartamento e limpou o sangue, mas o lábio estava partido, o olho do lado esquerdo tinha um grande hematoma.

— Os feiticeiros tinham um malvado gancho direito — Grunhiu enquanto recolhia suas malas e se dirigia ao aeroporto.

Depois de comprovar sua bagagem, tinham reservas na primeira classe, para a surpresa de Mira, e guiada por segurança e pelas lojas do outro lado, Mira o puxou para o banheiro de mulheres.

— Ah... Mira?

— Está sangrando de novo, Jack — Respondeu ela, puxando ele para a borda dos ralos ao longo de uma parede e ganhando olhadas divertidas e outras aborrecidas das mulheres no banheiro enquanto se foram — Não pode ir se sentar na primeira classe parecendo que brigou corpo a corpo com um assistente de voo para entrar.

— Eu viajo na primeira classe com este aspecto frequentemente — Grunhiu a ela.

Menino, que estava de mau humor. Ela o ignorou e umedeceu um pedaço de toalha de papel sob a torneira.

— Só não estou de humor, de acordo? — Fez uma careta enquanto limpava um pouco do sangue no lábio inferior — Têm primeiros socorros em Chicago? Uma espécie de médico ali?

— É óbvio. Há uma equipe completa de médicos e enfermeiras, que não fazem perguntas.

Trocou a um corte perto de seu couro cabeludo.

— Não deveria ter perguntado. Provavelmente o conhecem bem, não é certo, Jack?

Ele segurou sua mão, detendo o movimento.

— Não te verei muito quando chegarmos a Chicago — Ele fez uma pausa, procurando seus olhos — Minha parte nisto terá terminado uma vez que cruzemos a soleira do *Aquelarre*. Você estará a salvo, e eu irei a outro trabalho.

Ela ocultou a súbita punhalada de melancolia que sentia lançando a toalha de papel no lixo. Que reação tão estúpida! Discutiu consigo mesma mentalmente. O último que queria agora era envolver-se em uma relação. De modo que tinham dormido juntos umas quantas vezes. Grande coisa. Foi fabuloso, mas os dois eram adultos.

Mira tinha idade suficiente para compreender que tinha sido puramente físico. Bem. Havia dito no começo que não era um homem para ela. Sabia que algo assim ia acontecer.

Ainda assim, doía

— Está bem — Respondeu ela com um sorriso forçado — E eu que pensava que seguramente ia perguntar se queria me casar contigo.

— Mira...

Revirou os olhos.

— Era brincadeira — Olhou sua face inspecionando os cortes no espelho, segura de que tinha a parte posterior da cabeça absolutamente careca, e fez uma careta a seu reflexo.

Terminado, voltou-se sobre seus calcanhares e saiu do banheiro — Não me casaria com você de todos os modos — Disse por cima do ombro.

— Por que não? — Perguntou ele capturando-a.

— Bom, você é grandioso na cama, vou dar essa qualidade. O resto de você, entretanto, é uma espécie de desastre, acredito.

— Obrigado.

— Não tome como pessoal. Não me casaria de novo com ninguém jamais — Ela o olhou — Acredito que aprendi minha lição da primeira vez. O matrimônio e eu não nos entendemos bem.

— Não culpe à instituição do matrimônio. Culpe a seu imbecil ex-marido.

Mira encolheu os ombros.

— Ele não era um imbecil, era um mulherengo — Ela soltou um bufido — OH, sinto muito, queria dizer que era um viciado no sexo. Esse é o termo clínico para sua aflição. Ele simplesmente não pôde evitá-lo. Pobre homem.

— Não, ele era um imbecil — Grunhiu Jack.

Mira se deteve em meio da saída. Voltou-se a enfrentá-lo. Um enxame de pessoas se dirigia ao redor deles.

— Por que segue dizendo isso?

A resposta do Jack chegou com rapidez.

— Porque só um idiota poderia deixá-la ir.

Ela o olhou por um instante e depois disse

— Então, isso faz de você o quê? — Mira mordeu a língua, fazendo uma careta pelas palavras que tinham saído de sua boca sem sua permissão, continuando, passou junto a ele para porta. Sentia seu rosto quente e um nó se formou em sua garganta. Por que havia dito isso? Estúpida, estúpida!

Jack demorou um momento antes de segui-la.

ଔଔଔ

Seus assentos se encontravam ao lado da porta e se sentaram em silêncio. Mira se chutou uma e outra vez por falar antes de pensar. Suas palavras mostravam claramente o fato de que, apesar de tentar pensar de outra maneira, para ela não estava bem dormir com o Jack sem algum tipo de compromisso emocional. Oxalá pudesse dizer que era uma mulher sexualmente liberada, uma mulher cosmopolita, que era capaz de ter relações casuais e depois seguir com sua vida, mas ao que parecia não era dessa maneira. Ou talvez se preocupasse com Jack.

Olhou-o sentado junto a ela. Tinha as mãos cruzadas em seu colo e olhava como se estivesse a milhões de quilômetros de distância, perdido em algum lugar estranho de sua cabeça onde não podia segui-lo. Jack era um homem com segredos, os que, obviamente, não tinha nenhum desejo de confiar. Tinha estado certo. Não era o homem para ela. É óbvio. Desde quando o sentido comum tinha algo que ver com a emoção?

Mira esta preocupada, mordia o lábio inferior entre os dentes e se concentrou no assento

vazio frente a ela. Sim, preocupava-se com ele. Só tinha que superá-lo.

A aeromoça pediu que a primeira classe embarcasse. Ela e Jack entregaram seus bilhetes e se acomodaram eles mesmos em dois cômodos assentos; Mira olhava pela janela e todo mundo, vistos mais subir ao mesmo tempo fazendo malabarismos com suas malas e procurando sinais de perseguição. Mira se aconchegou no assento, apoiou a cabeça contra a janela, e fechou os olhos. Anteriormente só uma vez tinha viajado em um avião, quando ela e Annie foram de férias a Florida quando tinha doze anos. Não tinha andado nunca em primeira classe, mas pensou que poderia acostumar-se a isso muito rápido. Um horrível pensamento ocorreu, e abriu os olhos.

—Uh, Jack? Poderia um bruxo do ar derrubar um avião? — Pegou uma das revistas dos aviões.

— Sim, claro, um poderoso poderia — Jack a olhou — Você poderia.

Mira engoliu seco.

Jack colocou a revista no bolso frente a ele.

— Mas não se preocupe que Craine queira tentá-lo. Ele te necessita viva.

— Ingrid mencionou que Crane tinha um bruxo do ar sequestrado?

Ele soltou um grunhido.

— Um homem chamado Marcus. É um refém. Ele não é o suficientemente poderoso para defender-se, o que o faz bastante mais vulnerável. Crane o apanhou, drogando-o, talvez já o tenha matado. Não estamos seguros. O *Aquelarre* tratou de tirá-lo várias ocasiões sem êxito. Marcus tem energia suficiente para ouvir as coisas no ar, mas não tem a capacidade suficiente para elevar muito mais que uma forte brisa. Marcus não podia acabar com um avião.

— Marcus foi a razão pela que esses homens irromperam esta manhã?

— Estamos adivinhando que tenha ouvido a chamada telefônica que Thomas fez para me deixar saber dos planos. Se Marcus escutou parte da conversa através dele, o disse a Crane, e Crane mandou a seus quebra-feitiços.

— Pode um quebra-feitiço irromper no *Aquelarre*?

Jack encolheu os ombros.

— O *Aquelarre* não é impenetrável, mas está muito, muito perto se sê-lo. Inclusive se pudessem entrar, não seria conveniente para seus interesses — Lançou um sorriso torcido — Todos os bruxos do ar com qualquer talento, os poucos que tem, se encontram trabalhando conosco.

— Mas ainda podem entrar — Confirmou ela.

— Em teoria, sim, mas seria quase impossível que passasse inadvertido.

Mira mordeu o lábio inferior e voltou a atenção sobre o asfalto frente a sua janela. As imagens do apartamento de Jack depois de ter explodido sua magia passaram por sua cabeça, e as rejeitou. Ainda não estava preparada para lutar com o fato de que tinha matado seis homens; maus homens, homens de *Duskoff*; teve que recordar isso. Jack estava certo, tinha sido em defesa própria. E não tinha querido fazê-lo. Não conscientemente, de todos os modos. Mas em algum lugar em sua mente tinha estado o desejo de vê-los mortos a fim de proteger a si mesma e Jack... E, talvez fazer justiça pelos assassinatos de seus pais.

Apoiou a cabeça contra a janela e olhou para fora, a dor afogava a garganta.

ଔଔଔ

O aeroporto de Chicago era enorme, havia muita gente. Jack e Mira se reuniram nas fitas de bagagem com uma bruxa morena do *Aquelarre* chamada Belinda, que era alta e bonita, e muito simpática com Jack, na opinião de Mira.

Outra limusine os recolheu e transportou do aeroporto. Eles lutaram a sua maneira através de construções e se dirigiram aos subúrbios do norte. Mira nunca tinha estado em Chicago, e agora parecia que não chegaria a ver o centro da cidade. Francamente, a paisagem fora da janela da limusine se parecia muito a Minnesota. Tinham estado em silêncio durante toda a viagem. Quando o telefone móvel de Jack soou, assustou-se.

Depois de uma série de hostis "sim" e "uh já", Jack cortou com brutalidade.

— Era Ingrid. Boas notícias, não matou nenhum dos intrusos desta manhã. Só estão muito feridos. A equipe de Ingrid os recolheu de entre os escombros, e estão sendo tratados por um médico local.

O alívio se estendeu através ela. Fechou os olhos por um momento, sentindo-se um pouco tonta, e tomou uma comprida respiração.

— Então, estão sendo tratados por um médico bruxo local...?

— Linda. Sim, o médico é uma bruxa.

— O que vão fazer com eles?

— Imagino que drogá-los o suficiente como para que não possam usar sua magia defensiva e, finalmente, levá-los ao *Aquelarre*. São prisioneiros agora — Jack passou uma mão pela mandíbula, que estava escura, sem barbear — Seria agradável saber por que Craine quer levantar esse demônio. Talvez estes meninos saibam.

Mira tomou um momento para responder.

— Mas, teremos a informação sem torturá-los, em outras palavras.

Jack lançou um olhar tormentoso.

— Mira, sei que tem altos valores morais, mas estamos brigando uma guerra aqui, Mira, e você é o prêmio.

Ela apertou os lábios.

— E você não tem muitos valores, não é, Jack?

Ele desviou o olhar, olhou pela janela à zona industrial pela qual passavam.

— Faço o que tenho que fazer. Esse é meu trabalho — Voltou o olhar para ela — farei tudo para te proteger, Mira — Sua voz tremia um pouco — O que for. Entende?

— Por quê? Por que se importa? Apenas me conhece. O que é o que não está me dizendo, Jack?

Mira quase podia sentir o muro de pedra entre eles. Não respondeu. Só voltou a cabeça e olhou pela janela. Poderia manter seus segredos. Por agora.

A limusine entrou em uma pequena estrada marcada como propriedade privada. Passaram

por um conjunto de torres, portas de metal e por diante do edifício sentinela que estava ali. O comprido caminho pelo que viajavam se retorcia a medida de que avançavam, depois do que deviam ter sido duas milhas de comprimento. As árvores altas davam sombra a ambos os lados do meio-fio, dando forma a um formoso parque que se estendia fora do lugar a ambos os lados.

Finalmente desceram por um dossel das árvores e passaram através de outra série de portas, em um circular caminho de entrada frente a uma mansão monstruosamente enorme.

— Bem-vinda ao *Aquelarre*, Mira — Disse Jack antes que saísse da limusine.

O condutor entrou pelo lado e a ajudou a descer do carro. Negou-se a olhar Jack quando saiu. Tratou de tomar sua bagagem do porta-malas da limusine, mas o condutor não o permitiu, dizendo que as levaria a seu quarto. Sentindo-se de repente como alguém da realeza, seguiu Jack pelas escadas de pedra e entrou a casa.

Mira não pôde reprimir sua exclamação de surpresa quando entraram no vestíbulo de mármore reluzente. Ao que parecia, o *Aquelarre* estava bastante bem por si mesmo. Este lugar era como o Architectural Digest[14], todos os tetos abobadados, mármore e cristal.

Um homem alto em seus quarenta e tantos anos com o cabelo prematuramente embranquecido surgiu através da porta de sua direita e se dirigiu para eles.

— Jack — Saudou calorosamente. O sorriso do homem desapareceu quando mais se aproximava — O que aconteceu?

—Deram-me um duro no final da briga desta manhã — Jack estreitou a mão e se voltou para Mira — Mira, este é Douglas. Ele dirige a casa. Douglas, esta é a bruxa que causou toda a atividade dos últimos tempos.

— Prazer em conhecê-la, Mira. Ouvi falar muito de você. Todos ouvimos.

OH, bom. Encaixou um sorriso e estreitou sua mão. Parecia ter provado o sal por um momento quando suas mãos se tocaram. Água salgada quente, como o mar. Era Douglas um bruxo de água, talvez? Interessante. Sempre tinha tido algo de PES[15], seria cada vez mais forte agora que tinha puxado sua magia?

— Thomas diz que o encontrarem na biblioteca — Disse Douglas — Então deixarei que descansem um pouco. Ouvi que ambos tiveram uma manhã muito ocupada.

— Em que espécie de estado de ânimo se encontra? — Perguntou Jack.

Douglas sorriu.

— Impaciente, resmungão, obstinado.

— O que há de novo? — Jack olhou para a porta.

Douglas se pôs a rir.

— Bom, vou deixar aos dois então — Deu uma pequena saudação a Mira e uma piscada e depois saiu pela outra porta.

Quem era este cara, Thomas? Era uma espécie de ogro ou o que? Parecia que todos, inclusive o grande e mau Jack, eram cuidadosos com esse cara. Embora Mira supusesse que um o homem não chegava a estar à cabeça do *Aquelarre* sem ser algo mais que o cão alfa do quarteirão.

[14] *Revista de Arquitetura.*

[15] *Percepção extrassensorial.*

Jack caminhou para a porta que tinha olhado um momento. Mira o seguiu.

Livros novos, livros antigos, livros de todas as formas imagináveis e de tamanho estavam empilhados em altas estantes que se estendiam tão alto como o teto abobadado. A parede do fundo era uma massa de janelas que iam do chão ao teto que continuava o comprido dos jardins. Várias mesas de pé na sala com equipamento de informática.

O resto do salão estava decorado em couro e caros móveis de madeira. Um bar estava ao longo da parede a sua esquerda, entre as estantes. Uma biblioteca com um bar. Bom, talvez se necessitasse um gole de vez em quando ao estudar atentamente as estantes.

A sala estava vazia salvo por um homem. Ficou de pé no outro extremo da sala, olhando pela janela. Usava um traje cinza magnífico. Mira não sabia muito a respeito da roupa de homem, mas parecia caro. Seus ombros eram largos e fortes, e seu cabelo comprido, negro e sedoso preso em sua nuca. O homem se voltou e caminhou para eles. Este era Thomas Monahan? Tinha estado esperando uma pessoa muito mais velha... E muito menos atraente. Mira o olhou porque, maldição, valia a pena olhá-lo. De constituição parecida com a de Jack... Poderoso. Ele e Jack eram de aparência agradável, o suficiente para fazer que a própria língua de Mira caísse fora, mas isso era quando às semelhanças terminavam.

Jack era dos que trabalhavam de forma independente, alguém que não jogava bem com outros, mas Thomas se moveu com a presença de um homem que sabia liderar. Ou essa era a impressão de Mira, de todas as formas, enquanto o olhava caminhar para eles. Parecia exsudar qualidades perfeitas, força e carisma, para governar a seu povo.

— Bem-vindo de volta — Disse Thomas a Jack enquanto se aproximava.

— Me alegro de estar aqui — Estreitaram-se a mão e Monahan puxou ele lhe dando um abraço varonil com uma dessas típicas palmadas nas costas, que sempre faziam rir a Mira.

Monahan se voltou para ela.

— Mira, é tão bom te conhecer por fim. Meu nome é Thomas Monahan.

Tomou a mão e a sacudiu.

— Muito prazer, também — Fez uma pausa — Obrigada por tudo o que tem feito por mim.

— Acredito que Jack fez muito mais. Ele é quem arriscou sua vida.

— Sim, eu... Tem razão — Talvez pela primeira vez Mira se desse conta disso. Ela se voltou para ele — Obrigada, Jack — Disse ela com sinceridade em sua voz. Apesar de que parecia tão insignificante, dizer simplesmente obrigado.

Um músculo da mandíbula do Jack se fechou. Ele não a olhou.

— Não me dê sua gratidão. Por favor.

Mira deu um pulo para ouvir o tom frio da voz fria de Jack e a forma em que a rejeitou. Não podia ocultar sua expressão. Muito tinha acontecido esse dia, e não tinha energias para dissimular. Não era muito boa nisso de todos os modos.

— Em qualquer caso, protegeu meu traseiro esta manhã. Não ao contrário — Jack via o chão sem olhá-la.

Sim, mas se não fosse por Jack, seu traseiro teria sido pasto, a noite que os *Duskoff* romperam sua porta para entrar. Por que não podia receber bem um simples agradecimentos

dela? Não pôde evitar a dor e a confusão de seu rosto.

Thomas olhou de Jack e a Mira, apertando a boca em uma linha aborrecida.

— Jack, parece que necessita alguns pontos de sutura. Sei que o doutor Oliver está na casa. Por que não vai encontrá-lo? Tenho que falar com Mira as sós de todas as maneiras.

Jack assentiu com a cabeça, olhou a Mira, e saiu da sala, fechando as grandes portas de madeira a sua saída. Mira estremeceu, sentindo um comichão de temor por sua ausência. Ele estava bem e agora havia realmente desaparecido. Sentiu isso. Mira cruzou os braços sobre seu peito, engolindo o súbito nó de sua garganta.

— Tem fome, Mira? Tem sede?

— Estou bem. Só um pouco cansada.

— Estou seguro de que esta — Fez um gesto para que se sentasse em uma cadeira próxima. Ele se sentou ao lado contrário — Ingrid chamou e me contou todo o acontecido desta manhã. Houve muitas mudanças para você ultimamente.

Trata-se de um eufemismo.

— Considerando que não acreditava na magia faz uma semana e meia atrás, eu diria que sim.

Sua boca se torceu em um sorriso.

— Parece que se adaptou muito bem. Só necessita um pouco de instrução para que possa aproveitá-la e utilizá-la de maneira eficaz, de maneira responsável. Annie era leal a seus pais, e não nos incumbe dizer se estavam bem ou mau em sua decisão de te manter afastada de nós.

— Quer dizer para manter minha magia afastada de mim — Ela não pôde evitar a nota de amargura em sua voz.

Encolheu os ombros.

— Se não tivesse sido tão leal, teria sido treinada da infância. Tem muito para te pôr ao dia, mas pelo que escutei até agora é uma rápida aprendiz.

— Estou preocupada com Annie, Thomas. Jack disse que estava cuidando dela?

— Pedi que viesse viver no *Aquelarre* por um tempo como hóspede, mas se negou. Disse-me que não permitirá que esses "bruxos bárbaros" trocassem sua vida e que tem uma loja para manter funcionando.

Mira sorriu. Isso soou como Annie.

— Essa loja de artesanato é seu mundo.

— Devido a que recusou a proteção nossa aqui no *Aquelarre*, enviamos um par de bruxos para protegê-la por um tempo e enviamos a alguns excelentes tecedores de feitiços para blindar sua casa e sua loja contra os *Duskoff* — Mira assentiu com a cabeça, sentindo-se um pouco melhor. Faria a Annie uma chamada mais tarde.

Ele a olhou com olhos que pareciam negros como seus cabelos. Eram malvadamente bonitos, de um tipo de obsidiana. O homem verdadeiramente parecia um bruxo. Mira se perguntou se havia algum toque de cor nos círculos escuros em algum lugar. Jack havia dito que era um bruxo da terra, mas não estava muito segura do que para a magia da terra.

— Tenho uma mudança mais para você, Mira — Continuou.

Ela jogou a cabeça para um lado, deixando que seu olhar viajasse através das bonitas linhas sem polir de seu rosto. Além de sua carroceria, que era o mais chamativo nele, Thomas possuía uma beleza masculina única com sua pele morena, cabelo negro e comprido, e olhos escuros. Adorou suas maçãs do rosto largas e sua sensual boca. Sua boca parecia uma contradição com o resto da impressão que ele dava, algo brando e exuberante ao homem esculpido em granito.

Eram todos os bruxos arrumados? Era algum pré-requisito para um homem que tinha magia ser também uma fantasia sexual induzida? Ela não estava tão atraída por Thomas como a tinha estado pelo Jack, que tinha sido como uma forte fundida, e entretanto...

— Eu sou seu primo irmão.

Capitulo 14

Cada pensamento de Mira se explodiu contra o chão como um montão de pratos de porcelana. Ela piscou.

— Perdão?

Thomas se inclinou para frente, enroscando seus dedos diante dele.

— Sua mãe, Eva Monahan, era a irmã de meu pai. Isso nos faz primos irmãos.

De repente, ela se sentiu tonta. Era quase meio-dia, e não tinha comido nada. Isso tinha consequências em um estômago vazio, quase tinha matado a seis homens empregando mal sua magia e depois tinha descoberto que tinha um primo perdido fazia muito tempo. Não era de estranhar que se sentisse um pouco indisposta. Jogou uma olhada ao bar.

— Penso que poderia tomar essa bebida agora.

Ele riu e ficou de pé.

— O que você gostaria?

— Um suco de laranja, se o tiver — Com meia garrafa do vodca nele— Isso seria grandioso.

Thomas voltou com seu suco de laranja e ela tomou um gole, deixando estabilizá-la e tranquilizar seus nervos.

Depois de um momento de digerir tanto o líquido como a nova informação, ela falou.

— Notei em seguida que Monahan era também o sobrenome de solteira de minha mãe, mas pensei que era só uma coincidência. Eu, uh, nem sequer sabia que minha mãe ou pai tivessem algum irmão.

Seu peito e estômago se sentiam pesados pela tristeza. Annie tinha oculto todos os segredos de seus pais, tudo. Inclusive embora Mira soubesse que o tinha feito para honrar seus desejos, isto ardeu. Não tinha entendido ela quão só Mira se sentiu no mundo? Sentiu-se traída. E cansada de segredos.

— Imagino que eles não queriam que localizasse a sua família e descobrisse que é uma bruxa, Mira. Eles tentaram te proteger porque a amavam — Ele fez uma pausa e estudou o olhar em sua face — Que quer saber?

Mira suspirou.

— Tudo.

— Teremos tempo para te pôr à corrente. Estou seguro que também conhecerá um pouco do resto da família enquanto esteja aqui.

— Resto da família?

— A família Monahan está diretamente implicada com o *Aquelarre*. Meu pai, Richard, conduziu-o antes que o controle me fosse dado pelo conselho. Tem um punhado de primos que perdem o tempo aqui bastante frequentemente. De fato, minha irmã Serena deveria estar aqui hoje, mais tarde. Vou ver se ela quer assumir seu treinamento. Ela é uma bruxa da terra, como eu.

Ela piscou.

— Não é que eu objete, mas por que Serena?

— Só quero ao redor de você às pessoas em quem confio implicitamente.

— Jack esteve dirigindo minha educação até agora. Não confia nele?

Thomas tomou um momento para responder.

— Eu não teria permitido que Jack fosse seu guarda-costas pessoal se não confiasse nele, e ainda penso que ele é o melhor homem para esse trabalho em particular, mas provemos a alguém novo para sua educação.

Seu tom pareceu proibir qualquer desacordo. Mira suspeitou que não muitas pessoas tratavam de discutir com o Thomas. Em qualquer caso, ela queria chegar a conhecer Serena.

— Bem — Disse ela com um encolhimento fácil — Espero com impaciência conhecer sua irmã... Primo.

Ela fez rodar a palavra "primo" em sua boca, tratando de acostumar-se ao sentimento disso.

— Sua mamãe tinha dois irmãos — Disse Thomas — Meu papai e o Tio Andrew. Ambos casados e com filhos. Tem quatro outros primos, todos ao redor de nossa idade. Estão Serena, Kathryn, Phillip, e Micah. Sei que tem primos pelo lado Hoskins, também.

Mira não podia responder. Pôs seu copo de suco de laranja sobre a mesa ao lado dela.

— Deixarei você descansar. Posso dizer que está esgotada e afligida. Só me avise se necessitar algo. É família, Mira, e estou feliz de que encontrasse seu caminho de volta a nós.

Família. Caralho!. Sentindo-se um pouco com neurose de guerra, observou Thomas tomar um álbum de fotos de uma das estantes. Ele caminhou para ela e o estendeu.

— Levarei-a até seu quarto — Continuou ele — Pode se instalar, comer algo, talvez tomar uma sesta. Isto é um álbum cheio de fotos da família. Estão todas etiquetadas para que saiba quem é quem.

Ela passou seu dedo sobre a coberta encadernada em couro e sorriu.

— Obrigada.

Ele a conduziu pela enorme casa, passou por corredores decorados com gosto em tons neutros. Abundavam os chãos de madeira com grandes tapetes Borgonha e ouro. Pequenas mesas cheias de vasos com flores frescas nos cantos e contra as paredes. Formosas obras de arte penduradas por toda parte. Passaram por áreas para sentar-se dispersas aqui e lá, todos os móveis se viam cômodos e esportivos e convidavam às pessoas a relaxar-se.

Enquanto Thomas fazia o percurso, explicou-lhe que a casa tinha duas cozinhas grandes com pessoal de cozinha, um estufa, um salão de baile, um ginásio, e uma piscina de interior e exterior.

— Quem é dono de tudo isto? — Perguntou ela enquanto desciam por um corredor no terceiro piso. Ela estava bem e realmente perdida naquele ponto.

— O *Aquelarre* se mantém por doações das famílias mágicas mais ricas e se leva por um sistema parecido a uma junta diretiva. As famílias Hoskins e Monahan têm ambas os assentos no Conselho do *Aquelarre*. O Conselho emprega assessores financeiros que fazem investimentos que produzem bons rendimentos. Também obtemos ganhos da pessoa que mantém alojamentos aqui e não trabalha diretamente para o *Aquelarre*. Por último, o *Aquelarre* possui alguns negócios proveitosos.

— Então, portanto, o Conselho é o conselho de administração?

— Como temos um, sim. O Conselho decide quem controla o *Aquelarre* e toma as decisões importantes que afetam os bruxos de um modo geral.

— Soa complicado.

Ele ofereceu um sorriso pesaroso.

— Este é um trabalho árduo, mas eu gosto — Thomas tomou um chaveiro de seu bolso e abriu uma das portas — Aqui está sua suíte.

A porta se abriu em um salão decorado em tons creme e ouro. Havia uma TV, uma mesa com um computador, um canapé com uma cadeira, e uma pequena geladeira. Portas Francesas conduziam a um quarto grande, bem equipado com uma cama imensa. O banheiro era enorme, com uma tina de balneário que não podia esperar para provar.

Alguém já tinha colocado suas malas sobre a cama.

— É muito mais do que necessito, Thomas — Disse ela, voltando de seu percurso — Penso que meu apartamento caberia aqui aproximadamente três vezes.

— Estas serão suas suítes enquanto esteja no *Aquelarre*. Para sempre.

— Não, Thomas...

Ele sustentou uma mão para cessar seu protesto.

— As famílias Hoskins e Monahan contribuíram com muito dinheiro para o *Aquelarre*, e você é ambos. Não diga outra palavra. Estas são suas suítes tanto se decide ficar aqui como se não. Sempre — Outra vez com o tom que dizia, não discuta.

Mira abriu e fechou sua boca, mas não sabia que dizer em resposta a algo disto.

Ele deu a volta e caminhou para a porta, mas fez uma pausa antes de partir.

— Se necessitar qualquer outra coisa, faça-me saber. Você é da família, Mira, e faríamos o que fosse por você.

Ela se jogou sobre a cama no momento que Thomas se foi e abriu o álbum de fotos. Dentro estava página após página de fotografias brilhantes de pessoas que ela não conhecia. Estranhos que não tinham que ser estranhos, mas sim pela excessiva proteção de seus pais. Eles tinham trocado sua vida em um esforço para protegê-la e ainda o perigo a encontrou. Na verdade, o perigo era o dobro como consequência da tentativa de seus pais de mantê-la a salvo.

Não teria sido melhor para ela crescer sabendo o que era e fazer-se mais forte em suas habilidades, tão forte que Crane e *Duskoff* alguma vez haveriam inclusive pensado em vir atrás dela?

Ela sacudiu sua cabeça. Não sabia qual tinha sido o raciocínio de seus pais porque nunca os tinha conhecido. Mira folheou as páginas, de vez em quando encontrando por acaso uma mulher que se parecia com ela, uma prima? Às vezes tinha encontrado alguma foto do Thomas mais jovem. Então girou uma página e encontrou fotos de seus pais. A metade final do álbum estava cheia delas, quando eles eram jovens e risonhos e rodeados pela gente que os amou.

As lágrimas caíram sobre as páginas protegidas por plástico antes ainda de que Mira se desse conta que estava chorando.

ଔଔଔ

Thomas estava em seu estado mais perigoso quando estava calmo. Ele sempre estava tranquilo e calado quando excepcionalmente furioso. Dois anos mais velho que Jack, Thomas sempre foi como um irmão maior para ele, e, como o irmão mais jovem, Jack frequentemente dançava na borda de seu humor.

Fazendo uma careta diante a dor em sua face, Jack esfregou sua mandíbula limpamente barbeada e olhou para Thomas ir e vir frente a um grupo de janelas em seu escritório. Thomas nunca parecia vestir nada mais que trajes sob medida e sapatos italianos e nunca parecia baixar o guarda. O homem estava muito tenso, tinha muitas barreiras eretas. Precisava aliviar-se um pouco, possivelmente até relaxar de vez em quando.

O doutor se ocupou das feridas de Jack, tinha costurado o corte perto do nascimento seu cabelo, e pôs um unguento no resto. Ele tinha dado a si mesmo toda a cura que podia, o que significava que suas feridas melhorariam mais rápido. Tinha renunciado seu afeto sobre Mira com muito mais dor de que tinha aguentado fisicamente essa manhã. Deixá-la ir tinha chutado seu traseiro pior que algo que pudesse recordar.

Mira tinha sido instalada em suas suítes, escolhida cuidadosamente por seu primo Thomas, e descansava ali agora. Jack não a tinha visto em todo o dia. Já sentia falta dela, e isto queria dizer precisava se mandar do *Aquelarre*, precisava ir-se longe de Mira, de modo que não pudesse machucá-la mais do que já tinha feito.

— Tem algum trabalho para mim, Monahan? — Provocou Jack, já que Thomas não falava e ele não queria estar ali de pé todo o dia — Posso voar de retorno a Minneapolis, ajudar Ingrid a trazer de volta aos reféns do *Duskoff*. Só me dê algo que fazer.

Thomas se voltou contra ele.

— Dormiu com ela, não é?

Ah, inferno!

Jack não respondeu, mas seu silêncio disse tudo a Thomas. Thomas amaldiçoou entre dentes.

— Pude ver quase no momento que entrou na biblioteca, a forma em que parou e o modo no que vocês dois se olhavam um ao outro.

Thomas amaldiçoou outra vez e ficou de costas para Jack. Ele sacudido sua cabeça.

— Talvez pensasse em me ocultar isso Jack, mas estava tudo ali em sua linguagem corporal.

A magia da Terra punha Thomas em sintonia com todos e tudo a seu redor, cada pequeno matiz.

Thomas estava presente e conectado com a terra de uma maneira que o fazia parecer psíquico. Jack realmente não estava surpreso de que Thomas captasse tudo sobre isso.

— Mira é sua prima — Respondeu Jack — Mas é também uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões.

— Não me dê essa merda, Jack — Voltou-se para encará-lo — Vê uma mulher bonita e a seduz, essa é sua maneira. É por isso que não te queria nesta tarefa para começar. Mas confiava em que não se colocaria com ela por seu passado, e você seguiu adiante e fez exatamente isso.

— Nunca quis que acontecesse. Maldição, Thomas. Tentei pará-lo uma vez que sentimos a força da afinidade mágica entre o fogo e o ar e a atração sexual que veio com ela. Mas não posso dizer, não direi que lamento o que aconteceu.

— As atrações são fortes a princípio, mas depois deveriam encontrar um equilíbrio e deveriam ter se apagado.

Jack apertou seus dentes durante um momento e olhou fixamente a Thomas, estreitando seus olhos.

— A afinidade mágica realmente encontrou um equilíbrio, mas a atração sexual não se apagou. Para nenhum de nós. Em todo caso, era maior então.

A face de Thomas ficou mais tempestuosa.

— Ponhamos todas as cartas sobre a mesa. Alguma vez lhe disse quem é, ou sim? Nunca lhe disse a verdade.

Um temor doentio e culpa se elevaram do mais fundo dele. Jack vacilou antes de responder.

— Não.

— Então deveria se arrepender — Respondeu Thomas com uma voz baixa, perigosa.

— Pensei que queria que eu mantivesse em segredo — Grunhiu Jack, tratando com muita força não perder completamente os estribos — Disse-me que não queria que dissesse algo sobre isso até que estivesse fora de perigo.

— Fiz... Realmente quero que evite dizer-lhe por agora. É o melhor que temos para protegê-la, e não quero que odeie seu guarda-costas — Thomas amaldiçoou e se separou dele — Somente nunca pensei que dormiria com ela. Nunca pensei que teríamos este problema.

Odiar a seu guarda-costas. As palavras soaram por sua cabeça.

— Sou consciente da complicação — Ele fez uma pausa — Sou consciente do que fiz. Ferir Mira é a última coisa que quero...

Thomas deu volta para confrontá-lo.

— Pensei que poderia confiar em você com ela devido a seu passado e a maneira em que este se vincula com o futuro de Mira. Pensei que ao tomar este trabalho te proporcionaria um pouco de cura. Em troca só a usou.

Uma cólera repentina pôs rígido seu corpo. Sentiu a labareda de sua magia, quente e rápida no centro de seu peito, em resposta. Dobrou suas mãos contra o comichão de fogo em seus dedos.

— Não a usei — Grunhiu ele.

Thomas deu uma risada curta, aguda de brincadeira.

— Estou contando todas suas mulheres em minha cabeça agora mesmo, Jack, todas as suas aventuras — Jack queria gritar, dizer que era diferente com Mira, que ele se preocupava com ela e a queria mais do que nunca seria capaz de ter dela. Queria gritar sua frustração pela situação no topo de seus pulmões, mas isto não faria nada melhor.

A crua verdade era que ele nunca poderia ter Mira. Ela descobriria bastante logo quem era ele, e depois o odiaria. Thomas tinha razão. Seria o final.

— Sei que tenho que deixá-la ir — Respondeu Jack.

—Sim, tem que deixá-la ir. Não deveria tê-la tocado em primeiro lugar. Que estava pensando — Thomas riu — Ah, certo, não o fazia.

— "Thomas, alguma vez esteve com uma mulher a que simplesmente não podia resistir? Alguma vez conheceu uma mulher que, sem importar quanto tentasse, simplesmente não podia deixar de tocá-la?"

Thomas ficou sério, o sorriso frio morreu em seus lábios. Um músculo em sua mandíbula se apertou. Ele não respondeu.

— Tomarei essa resposta como um não — Seus olhos se estreitaram — Espero que encontre uma mulher assim algum dia. Então entenderá como era entre Mira e eu — Jack girou sobre seus calcanhares e saiu da sala.

— Jack — Thomas o chamou — Maldição, não se afaste de mim.

Mas Jack só seguiu.

Capítulo 15

Crane escutava as notícias de sua derrota com uma intrínseca raiva crescente. Seu fogo respondeu a chamada de sua emoção, flamejando dentro de seu peito até que a necessidade de pô-lo em liberdade quase o afligiu.

As faíscas se moveram de dedo a dedo em sua mão direita. A chama fez cócegas em sua palma. Ele poderia explodir em uma rajada mortal de fogo com um mero pensamento. Poderia matar o mensageiro parado frente a ele, queimá-lo até cinzas em seus mocassins de pele de bezerro.

Em troca, golpeou com seu punho a mesa que estava diante dele, enviando pequenos raios de energia em todas as direções. Uma dor profunda se disparou por seu braço no movimento. Todos na sala deram um passo para trás. Crane apertou seus dentes, fechou seus olhos, e respirou com cuidado. Ele não tinha chegado tão longe na vida perdendo o controle. Matar por paixão ou por motivos desnecessários era um esbanjamento e uma dor no traseiro que limpar.

Sem importar quanto poderia satisfazê-lo ouvir alguém gritando de agonia agora mesmo, cheirar o gratificante aroma rangente da carne queimada, ele precisava manter sua ira sob controle. Tirou sua mão da mesa e a abriu e fechou, sentindo por um momento a irritação muscular sempre presente em seu corpo crescer como uma brilhante labareda de dor.

Este maldito câncer. Odiava sentir-se tão vulnerável, odiava sentir que seu corpo era algo estranho que se voltava contra ele. Ele tinha dado a si mesmo toda cura que podia, o suficiente para poder funcionar ainda, mas estava quase no limite de sua capacidade. Ao longo, forçariam-no a entregar-se a doutores não mágicos pouco confiáveis para pinçar nele e cravá-lo até que ele tomasse seu último fôlego, justo como qualquer ordinária bolsa humana de ossos.

Mais que nada, isto era o que mais doía.

Ele olhou fixamente as nervuras finas da mesa.

— Devo fazer tudo eu mesmo? — Perguntou à sala com uma voz enganosamente tranquila. O medo encheu o ar, empapado doce e delicioso. Ele levantou seu olhar e todos olharam para outro lado — Bem?

David clareou garganta.

— Não sabemos que aconteceu. Tudo o que sabemos é que seis de nossos homens foram preparados para lutar e retornaram em macas. Suspeitamos da mulher, já que enviamos dois bruxos de água altamente qualificadas para neutralizar Jack. Talvez ela seja ainda mais poderosa do que tínhamos imaginado.

Crane o olhou fixamente.

— Poderosa ou não — Disse ele apertando os dentes — Ela não teve tempo para aprender a controlar suas capacidades

David se encolheu.

— Sorte de principiante?

A cólera de Crane flamejou outra vez, e ele fechou suas mãos, lutando para conter-se. Seu corpo doeu pelo esforço, fazendo-o estremecer.

Do final da mesa, Stefan falou.

— O tempo se esgota. Sugiro que substituamos com Marcus e esperemos que tenha suficiente poder para abrir o portal — Encolheu um elegante ombro — Se não podermos abrir o portal com o Marcus, simplesmente estamos sem quatro bruxos. Podemos encontrar facilmente três outra vez, não? E a quarta sempre foi um problema de todos os modos, estejamos contentes de nos desfazer dela. Encontraremos uma substituição.

Stefan ainda conservava um pesado sotaque francês, e seu aspecto era gentil e sofisticado. Isso mascarava a maldade escura inerente que Crane respeitava tanto. Stefan era seu filho mais do que Jack tinha sido alguma vez. Apesar de tudo Crane devia tomar cuidado com Stefan. Ele o tinha criado muito bem e sabia quanto cobiçava a posição de seu pai como chefe dos *Duskoff*... E o dinheiro e o poder que vinham com a liderança.

Ele examinou Stefan durante um momento, perguntando se estava sendo manipulado. Contudo, ele não podia encontrar nenhum defeito no plano. Na verdade, parecia sua única opção neste ponto.

Tomou sua decisão.

— Então Marcus deve ser protegido — Crane se pôs de pé, sentindo agonia, real ou imaginária, não estava seguro, como uma lanceta través de cada fibra de seu corpo. Vacilou, estremecendo-se, depois se moveu rapidamente por sua mansão para a sala em que mantinha o

Marcus. Seus passos ecoaram no corredor do porão. O bruxo que vigiava a porta descartou sua revista e foi rapidamente para a porta quando vislumbrou Crane, Stefan, e David girar no canto e vir para ele.

— Abra — Ordenou Crane com voz rude.

O guarda extraiu sua chave e abriu a porta. Esta se balançou para dentro, e Crane lutou contra o grito de raiva e a frustração que se elevou em sua garganta. Tudo que o pôde fazer foi um som estrangulado diante a visão frente a ele.

Marcus pendurado no centro do quarto com um lençol ao redor de seu pescoço. Crane parou na entrada e olhou o pesado bruxo balançar-se suavemente para trás e para frente. Stefan se deteve atrás dele e estalou sua língua.

— Que vergonha — Os dedos do Crane agarraram o pomo da porta tão forte que se tornaram brancos. Lutou com o desejo intenso elevar fogo e carbonizar o corpo de Marcus onde este pendurava. Melhor, ele poderia queimar o guarda ineficaz que atualmente se sacudia de medo a sua esquerda.

Ele girou e fixou seu olhar no guarda, sua palma esquentando-se. Faria uma confusão, seguro, mas ele poderia fazer alguém mais limpar. O guarda deu alguns passos para trás, tropeçou com a cadeira, e caiu sobre seu traseiro.

Stefan pôs uma mão sobre o ombro de Crane.

— *Ne t'inquiete pas*. Não se preocupe, pai. Tenho outro plano. Até será divertido — Sua voz levava o tom perversamente brincalhão aquele Crane tinha chegado a conhecer bem, ou seja, ser cauteloso com ele, durante os anos.

Bem. Era hora de jogar as luvas.

ଔଔଔ

Mira tentou alcançar outra vez sua magia e falhou no limite desta. Frustrada, soprou um fio de cabelo longe de sua face.

— Sinto muito, Serena — Desculpou-se pela centésima vez — Sei que a tenho aqui dentro em algum lugar — Serena pôs uma mão sobre seu ombro — Não a force. Sei que provavelmente se sente como se estivesse correndo contra o tempo, mas preocupar-se só o fará pior.

Mira fechou seus olhos durante um momento e tomou uma respiração profunda. Serena, sua prima e uma bruxa de terra, tinha se encarregado de treinar a Mira em sua magia. O problema era que sua magia pareceu ter tudo, mas desapareceu na última semana e meia, quase logo que tinha chegado ao *Aquelarre*.

Thomas tinha dado períodos de tempo na estufa para treinar-se. O espaço era impressionante, completamente revestido em cristal e cheio com quase cada planta, flor e erva conhecida pelo homem. Um lago cheio de Peixes Koi[16] fervia pelo lugar, com pequenas pontes de madeira para unir os atalhos de paralelepípedos construídos aqui e ali. Era um lugar excelente para que Mira experimentasse com sua magia.

[16] ***Peixe Koi*** *Variedade de Carpa Comum (Peixe de água doce) que possui um notável colorido.*

Fora estava em pleno o inverno, embora o inverno aqui em Chicago fosse um pouco mais suave comparado ao inverno em Minneapolis. Dentro estava morno e tranquilo, cheio com quantidades calmantes da alma de terra, água, e ar.

Nenhum fogo, em que pese a tudo.

Jack tinha desaparecido quase ao mesmo tempo em que sua magia.

Ela não o tinha visto em nenhuma parte na casa. A única vez que tinha perguntado a Thomas sobre ele, tudo o que tinha recebido em resposta era um silêncio sepulcral e uma mudança de tema. Mira sentia falta de Jack. Desejava não fazê-lo, mas não podia evitá-lo. Sentia saudades de suas brincadeiras, seu lento sorriso cheio de pecado, sentia saudades de seu aroma, sentia saudades de seu toque.

Era patética.

Mira se centrou nos olhos azuis de Serena. Ela era uma mulher atraente a princípios de seus trinta. O cabelo loiro caía até sua cintura, e tinha um sorriso fácil. Tinha travado em seguida uma amizade com Mira, e Mira apreciava a perseverança que a magia de terra de Serena parecia emprestá-la a sua personalidade.

— Estou meio inclinada a receber aqui uma bruxa de fogo e ver se a afinidade pode levantar sua magia outra vez — Disse Serena, franzindo o cenho.

— Quer dizer como Jack, talvez? — Serena sacudiu sua cabeça — Você e Jack já deveriam ter encontrado um equilíbrio. Necessita uma bruxa de fogo diferente para provocá-lo, uma com a que não tenha passado nenhum tempo.

— O que quer dizer? Está dizendo que passado um tempo uma bruxa de ar e uma de fogo perderão a estimulação de sua magia?

— Exatamente.

— E quanto a, uh, a parte sexual disso? A atração?

Serena sorriu abertamente.

— Esta se apaga também. Cedo ou tarde, eles encontram um nível, um equilíbrio de magia, e a atração física incrementada se alivia conjuntamente com a intensificação de poder.

De modo que significava que no momento que sua magia deixou de reagir a de Jack... A compreensão a impactou. Isto queria dizer que o que ela sentiu por Jack ao final não tinha tido nada que ver com sua afinidade mágica. É por isso que havia sentido a magia de ambos roçar e depois recuar na noite que tinham passado na cama. A magia se equilibrou, mas a atração intensa tinha permanecido.

Quando eles tinham feito amor, tinha sido tudo deles, não da magia.

Só Jack. Só Mira.

— Quer tentar outra vez, ou necessita um descanso? — Perguntou Serena — Parece um pouco distraída — Pensando em um homem?

Uhau! Era ela tão transparente?

— Por que o diz?

Sua prima riu.

— Bom, acaba de perguntar sobre a atração sexual, Mira.

— Bom, sim — Ela riu — Acredito que o fiz.

Serena se parecia com seu irmão só no aspecto de que eles eram os dois atraentes. A irmã de Thomas era luz onde ele era escuridão, embora eles compartilhassem alguns traços faciais, como as altas maçãs do rosto e a boca, sensual. Seus olhos tinham um bonito tom de azul, em vez do desconcertante quase negro dos de seu irmão.

Ambos tinham herdado capacidades elementares da terra, que abrangiam muitas coisas, incluindo a capacidade de usar misturas de ervas melhor que qualquer farmacêutico poderia misturar um medicamento. Eles magicamente "ajustavam" a potência e capacidades da poção para satisfazer suas necessidades. A magia da Terra, Mira começava a descobrir, era o tipo magia estereotípica. As bruxas da Terra se ocupavam das poções e do lançamento de feitiços apoiados em plantas. Eles eram o que a população não mágica tinha visto como bruxas verdadeiras durante os anos.

Quando Mira tinha tido seu período menstrual na semana anterior, este tinha vindo com cólicas fortes que a tinham mantido longe do treinamento. Mira elaborou seu chá balsâmico favorito de limão para aliviar a dor, mas nem sequer isso o tinha eliminado de tudo. Então Serena tinha dado uma provisão a base de ervas mais fortes para usar para as cólicas e disse que também atuariam como um controle de natalidade eficaz sem nenhum efeito secundário. Mira os tinha aceito agradecida, embora não sabia se teria a necessidade do controle de natalidade devido a que Jack parecia estar evitando-a bastante bem. E por que a evitava Jack de todos os modos?

— Mira?

Ela se sacudiu para estar de volta de qualquer parte em que tinha ido, à deriva no amplo mar de Jack e encontrou a Serena olhando-a com o cenho franzido.

— Sinto muito. Acredito que seu irmão mais velho estará preocupado porque não posso ter acesso a minha magia.

— Ele é seu primo — Corrigiu ela suavemente — Não só meu irmão mais velho. Mira ainda não podia acostumar-se à ideia.

— Ele só quer que seja capaz de se defender se chegar a necessidade. E de todos os modos, ele é mais homem que late do que morde. Bom... A maior parte do tempo.

— Caramba, obrigado. Isso me tranquiliza, Serena. Qual é sua história de todos os modos? Por que se fez ele cargo do *Aquelarre* e não você?

— A posição não é pelo geral hereditária. O conselho o escolheu como a melhor substituição para nosso pai apoiado na força de sua magia e seu caráter. De todos os modos, eu quis ser veterinária desde que tinha cinco anos e isso é o que fiz. Sou feliz como veterinária, e ele é feliz dirigindo o *Aquelarre*... Acredito — Ela franziu o cenho — É difícil dizê-lo com o Thomas.

— Parece haver muita tensão entre ele e Jack.

— Obtém tensão quando dois bruxos dominantes estão juntos. Confia em mim, é ainda pior quando ambos são bruxos de fogo. Jack e Thomas são como irmãos e às vezes brigam como irmãos — Ela encolheu os ombros outra vez — Thomas pensa que Jack é muito descontrolado, e Jack pensa que Thomas precisa soltar-se um pouco — Ela sorriu — Ambos têm razão.

— Essa é a natureza do elemento de Jack. O fogo pode ser imprevisível e incontrolado —

Respondeu Mira em seguida. Foi gracioso como sentiu o desejo de defendê-lo. Ela balançou a cabeça — E a Terra é estável e sólida.

— A não ser que haja um terremoto — Serena sorriu abertamente — Certo. Thomas age como se tivesse tudo sob controle, mas sei que isto é parcialmente um verniz, o faz com a intenção de nos tranquilizar a todos, bruxas ajudantes. Realmente ainda não conheço tão bem o Thomas, e sou sua irmã.

— E depois está Jack. É um homem com alguns segredos.

Serena apertou seus lábios e não disse nada durante uns momentos.

— Jack tem a tragédia em seu passado, que afeta seu presente — Respondeu ela simplesmente — Ele é um bom cara e todas as mulheres o adoram — Ela fez uma pausa — Seja cuidadosa com ele, Mira.

— Ou poderia me queimar?

— Ele tem tendência a fazer isso, sim.

— Soa como se falasse por experiência.

Serena riu.

— Ah, não. Nunca estive envolta com o Jack. Tive algumas fantasias, possivelmente, mas...não, ele é muito volátil para meu gosto.

A Mira gostava do volátil, ao que parecia.

— Então, quer tentá-lo outra vez? — Perguntou Serena — Ou está pronta para um descanso?

— Eu gostaria de descansar por um momento. Deixa-me estar sozinha com minha magia por um momento?

Serena sorriu.

— Certamente. Chama-me quando quiser praticar outra vez.

Mira observou a Serena sair da estufa, deixando fechar atrás dela as amplas portas de cristal que separam o espaço da parte principal da casa. Encontrou um lugar tranquilo na base de uma árvore e se sentou. As calças de moletom e o pulôver branco folgado que pôs aquela manhã eram perfeitos para uma pequena sessão de meditação. Um colibri zumbia perto dela, tomando néctar de uma flor com garganta de trompete[17]. Pássaros cantores gorjearam suavemente dos ramos das árvores ao seu redor. Eles eram parte do ecossistema cuidadosamente controlado da estufa. A paz de seu entorno se moveu sobre e através dela e Mira se entregou a isso. Encontrou uma posição cômoda e fechou seus olhos. Sua magia fez presente no centro de seu peito, tal como o tinha feito desde que Jack a tinha provocado com seu beijo. Sentiu-se morna e consoladora, uma pequena bola de luz vivendo em seu coração.

Estava ali. Então por que não podia ter acesso a ela? Procurou dentro de si mesma, analisando um fio dela, somente um fio, para tirar e formar... E deslizou através de seus dedos mentais. Tentou-o uma e outra vez. Cada vez algo escuro e indefinível a fazia falhar no último momento e causava que o fio escorregasse de seu agarre.

Mira sentiu uma presença perto, ao mesmo tempo sua magia flamejou um pouco mais forte

[17] *No original "trumpet-throated flower", também chamada Trompetista de Anjo. São flores do gênero Brugmansia.*

no centro de seu peito. Talvez desta vez ela pudesse tomá-la. Outra vez tentou puxar um fio, outra vez falhou. A agitação de magia mais forte dentro dela recuou.

— Maldição — Resmungou ela, abrindo seus olhos.

Jack estava de pé perto dela, a folhagem esfregando a perna de sua calça negra. Vestia um pulôver de lã tecido com desenho de tranças que complementava seus olhos azuis claro. Seu coração deu um tombo.

— Olá Mira. — Disse ele com sua voz baixa e áspera. Esta enviou um tremor através dela.

— Olá, Jack. Não te vi por aqui em algum tempo — Esperava não soar afetada por sua presença. Tranquila. Desapegada. Em realidade tinha suas mãos em punhos tão apertados dentro de suas mangas muito largas, que suas unhas virtualmente tiravam sangue de suas palmas.

Ele afastou os olhos, para a árvore muito alta em cima dela.

— Tive que partir por um curto período de tempo, mas já estou de volta. Está bem?

Ele soava tão desinteressado. Era como se eles nunca tivessem estado fazendo amor um ao outro, uma e outra vez, em um período de vinte e quatro horas, como se ele nunca tivesse coberto seu corpo com o dele, murmurado coisas docemente sujas em seu ouvido, fazê-la quase gritar enquanto a levava a orgasmo.

Ela tentou sorrir, mas não o obteve de tudo.

— Estou melhor do que estive em muito tempo — Em alguns aspectos isso era certo, mas nem tanto em outros. Mira estava feliz de ter encontrado este componente perdido dela, mas apesar de tudo sentia falta de Jack. Maldito seja, de todos os modos. Ele tinha ido e tinha feito que ela rompesse a promessa que fez a si mesma, tinha ido e a tinha feito preocupar-se com ele — Exceto minha magia, se danificou.

— Duvido — Ela encolheu seus ombros e forçou suas mãos a relaxar-se. Ela realmente ia extrair sangue logo, Jack fazia isto bastante bem simplesmente por sua presença e ligeireza.

— Posso senti-la ali em meu peito, mas parece que não posso ter acesso a ela. Posso puxar o fio, como me ensinou, mas não posso sustentá-lo. Serena pensa que talvez seja esgotamento ou tensão o que causa o bloqueio. Não sei.

— Poderia ser isso, mas tenho a suspeita que sei o que o causa — Jack deu uma olhada ao redor no estufa — Tentou atrair magia em outro lugar que não seja este?

— Não. Thomas sugeriu que usássemos este espaço e limpou períodos de tempo para que pudéssemos fazê-lo sem distrações.

— Bom, aí está seu problema. Está no lugar incorreto para praticar.

— O que? — Ela riu — Este é o melhor lugar no *Aquelarre* para isso.

Jack lambeu seus lábios e sorriu. Ele jogou uma olhada ao redor de estufa, inalando o fragrante ar floral e fechando seus olhos durante um momento. O fôlego de Mira foi apanhado em sua garganta olhando-o.

— Por que você gosta deste lugar?

Ela jogou uma olhada ao redor para as orquídeas amarelas e vermelhas a sua esquerda e desfrutou do som próximo da corrente.

— É bonito, tranquilo. Esta é uma área absolutamente deliciosa onde todos os elementos

trabalham em unidade.

— Estou de acordo, e entendo quanto desfruta da estabilidade, a tranquilidade, e a ordem. Mas, que o que aconteceu da última vez que atraiu magia?

Ela se estremeceu e atou suas mãos em seu colo.

— Caos. Destruição.

— Bingo.

— Está dizendo que em algum nível tenho medo de causar isso aqui?

Ele assentiu.

— Seu subconsciente bloqueia suas tentativas de tomar a magia devido ao respeito que tem por seu entorno.

Ela jogou uma olhada ao redor, compreendendo que ele tinha razão. Tinha medo de destruir este formoso lugar. Agora mesmo tinha um pouco de medo de sua magia, ponto, apesar das conversas de ânimo racionais que deu a si mesma. Jack deu um passo para ela e lhe ofereceu sua mão.

— Vamos, preciosa, façamos voar deste lugar por um tempo.

Ela pôs sua mão na dele, e ele puxou-a para cima tão rápido que a lançou direto a seus braços. Uma vez que conseguiu equilibrar-se, ela deu um passo longe dele e fingiu alisar a prega de seu suéter e ajustar suas mangas muito longas. Deu um sorriso falsamente alegre.

— Vamos.

Jack a conduziu para uma área de armazenagem grande e vazia no porão. A sala mostrava a idade da casa e cheirava a umidade. Ela enrugou seu nariz enquanto estava de pé no centro da sala, inspecionando o chão e as paredes de cimento.

— Não é bonito, mas não deve ter medo de estragar algo aqui. Tenta-o.

Ela fechou seus olhos e tentou alcançar sua magia. Com cuidado, ela puxou um fio e conseguiu agarrar a ponta, mas este escorregou de seus dedos.

Mira abriu seus olhos.

— Quase o tinha, mas ainda não pude agarrá-lo.

— Tem medo disso — Disse Jack — Não o tenha. É sua magia. Você a controla, recorda? Ela faz o que você ordene. Tem que fazê-la sua — Ele tinha razão. Só o medo a detinha. Sabia que podia vencê-lo, se só...

— Ajudaria-me? — A pergunta pega em sua garganta de uma combinação de desejo e apreensão, mas sabia que se Jack estivesse preparado para ajudá-la a controlar sua magia, poderia ser capaz de mantê-la e superar seu bloqueio mental.

Jack só ficou ali parado olhando-a atordoado. Mira lamentou sua pergunta naquele momento um milhão de vezes. Obviamente, ele não tinha tido a intenção de estar tão perto dela.

Ela sentiu rubor em suas bochechas.

— Quero dizer... Não importa...

— Não, eu estaria feliz de poder te ajudar — Disse Jack, interrompendo-a.

Isto era embaraçoso.

— Não, de verdade. Estarei bem...

Ele caminhou para ela.

— Mira, shhh, dê a volta — Ela deu a volta, e ele se aproximou de suas costas. Sua masculinidade quente a envolveu e a ligeira essência de sua colônia atormentou as janelas de seu nariz. Ele tirou o cabelo de seu ombro, fazendo-a sentir cálida, fazendo-a desejar seu toque. Ela tinha que enfocar-se, recordou-se. Ele a tocava porque queria ajudá-la a acessar a sua magia, não porque a quisesse.

Mira fechou seus olhos lentamente e suspirou quando seus braços ficaram a seu redor, as pontas seus dedos encontraram o assento de sua magia se localizado entre seus seios.

— Tudo bem? — Murmurou ele. O fôlego morno de Jack movia o cabelo que caía sobre seu ombro. A pesar do momento incômodo que eles acabavam de compartilhar, Mira se relaxou instantaneamente em seus braços. Com Jack tão perto dela se sentia a salvo, protegida, o suficientemente segura para atrair sua magia e usá-la.

— Sim… — Respondeu ela distraidamente.

— Continue — Disse Jack brandamente perto de seu ouvido — Ajudarei a controlá-la se atrair muito.

Mira encontrou um fio, agarrou-o, e puxou sem nem sequer uma piscada de vacilação. Ela o trouxe para cima e deu a forma de uma brisa agradável com sua mente. Esta soprou pela sala, golpeando a ambos e fazendo a Mira tremer nos braços do Jack.

— Outra vez — Sussurrou Jack.

Mira o fez outra vez. Depois outra vez. E outra vez. Às vezes fazia que a brisa soprasse mais forte, mais suave. Às vezes a fazia ir de esquerda a direita, ou de direita a esquerda. Uma vez criou uma aprazível corrente descendente. Perdeu a si mesma na criação e liberação, beliscando aqui e ali, aprendendo as sutilezas de seu poder. Mira se encontrou inundada nisso, fascinada sem fim pelas maneiras em que podia dar forma para realizar a tarefa que ela mesma lhe tinha atribuído.

Não sabia quanto tempo esteve ali parada em seu santuário de concreto, mas quando finalmente abriu seus olhos e voltou para mundo ao redor dela... Jack tinha ido.

Capitulo 16

Jack retornou a sua suíte, no *Aquelarre*, no meio da noite para encontrar sua porta entreaberta. Ficou parado no corredor, sua mochila pendurando solta em uma mão, e observou. Acabava de chegar de uma viagem a Minneapolis, para dirigir a limpeza final da destruição em seu apartamento e tinha tomado um voo noturno de retorno ao *Aquelarre*. Estava bastante seguro de ter apagado todas as luzes antes de ir-se, e certamente estava seguro de ter fechado e travado a porta.

Abriu a porta e entrou, considerando o resplendor de luz vindo de seu quarto. Por um momento imaginou a Mira ali dentro, com a cálida luz derramando-se por sua nua pele enquanto deitava em sua cama esperando-o. O fez dar um passo adiante e depois o parou no lugar. Se Mira estava ali, não estava seguro de ser capaz de partir.

A quem estava enganando? Não haveria maneira de que a negasse.

Uma mistura de desejo e temor o manteve de pé na sala de estar. Parecia que Mira tinha posto um feitiço nele do primeiro dia. Totalmente imerso nele, estava condenado.

— Jack? — Perguntou uma feminina e rouca voz do quarto.

Decepção e alívio queimaram dentro dele ao mesmo tempo. Ingrid. Não Mira.

Deixou cair sua bolsa no piso perto do sofá e caminhou pelo curto corredor até o quarto.

Ele e Ingrid tinham um caso intermitente. Ambos estavam nisto pelo sexo. Sem ataduras. Sem compromissos. Como dois bruxos do fogo, o sexo era grandioso, mas suas magias os faziam uma má equipe na soma de todo o resto. Terminavam como cães e gatos em qualquer outro lugar salvo no quarto. Os bruxos do fogo, por regra geral, não trabalhavam ou jogavam bem com outros bruxos do fogo salvo que seja entre os lençóis.

Ela jazia na cama com seu comprido e sedoso cabelo loiro esparramado contra o edredom negro e uma expressão sensual em seu rosto. Ingrid parecia-se com uma bibliotecária a maior parte do tempo, mas uma vez que soltava o cabelo e relaxava, era um golpe de graça. Agora levava só um quente sutiã de renda rosa e umas calcinhas de seda fazendo jogo. Velas na pequena mesa redonda do canto de sua cômoda, e a mesinha de noite junto à cama emitiam um brilho dourado pelo quarto. Música suave soava em seu sistema de estéreo.

Ele se apoiou contra a entrada e assimilou a bonita vista dela deitada ali só em seu sutiã de seda e calcinhas. Ela já tinha assegurado as largas peças de corda nos aros da argola na parede por cima de seu colchão.

Ingrid sabia como ele gostava de foder, e gostava de ser fodida dessa maneira.

Antes de ter conhecido Mira, ele teria tido essas pequenas e insignificantes partes de seda rasgadas de Ingrid em um segundo. Agora, sua luxúria e emoção se centravam em outra direção, ela era somente um obstáculo entre ele mesmo e uma boa noite de sono. Ainda assim, tinha que fazer isto bem. Ingrid não merecia ter seu ego esmagado.

— Ingrid, é um espetáculo agradável para que um homem retorne a casa — Saudou-a sinceramente — Mas, carinho, estou acordado desde as 4 horas da manhã.

Ela rodou fora da cama e passeou para ele.

— Te darei doces sonhos, Jack — Ronronou em um contralto baixo ao deter-se diante dele.

— Estou seguro de que o faria.

Ingrid sorriu e estirou a mão para tocar sua bochecha. Tomou a mão gentilmente e beijou seus dedos.

— Mas em realidade, estou cansado — Terminou ele.

A ira passou por seus olhos, e o fogo dele respondeu com um pequeno pulso involuntário em seu peito.

— Com certeza não estaria muito cansado para essa bruxa do ar que trouxe para o *Aquelarre*. Mira? Esse é seu nome correto?

Jack não sentiu nenhum ciúme nela, só desagrado de que seus planos para ter sexo esta noite estivessem sendo frustrados. Ingrid não tinha sentimentos românticos por ele, até onde sabia.

— Por que diz isso, Ingrid? — Ele era tão fácil de ler?

Ela caminhou para a cadeira, onde tinha descartado sua roupa, e colocou o suéter de caxemira e as calças de linho.

— Vi a maneira que a olhava na limusine no caminho ao aeroporto em Minneapolis, enquanto estava ferida e você estava preocupado por ela — Ela tomou seus óculos da mesinha de noite, empurrou os pés nos sapatos, e depois fez uma pausa para olhá-lo — Não vi nunca que olhasse a uma mulher dessa forma antes, Jack, e te conheço faz muitos anos.

Maldição. Era assim fácil de ler.

Ingrid passou junto a ele, mas ele agarrou a mão antes que pudesse deixar o quarto.

— Ingrid? — Só queria assegurar-se de que ela estivesse bem. Basicamente a tinha chutado fora de sua cama.

Ela se deteve e o olhou com um sorriso e uma expressão suave no rosto.

— Está tudo bem. Me alegro de vê-lo. Faz-me pensar que poderia não ser uma causa perdida, depois de tudo, Jack.

ଔଔଔ

Mira despertou com uma sacudida e se endireitou na cama respirando com dificuldade. Ofegando, centrou-se em seu entorno. Estava no *Aquelarre*, só em seu quarto. A salvo.

Ainda assim, inclinou-se e acendeu o abajur de noite.

Não podia recordar o pesadelo que tinha tido, mas se agarrava a ela como uma teia de aranha que tivesse atravessado. Havia sussurros, sussurros de planos para sequestrá-la, drenar os poderes e a vida.

Mira estremeceu e abraçou a si mesma. Era possível que tivesse escutado ao Crane e a seus seguidores através de sua ainda incontrolável magia do ar. Uma vez que fosse capaz de controlar sua capacidade, Selena disse que seria capaz de sintonizar conversas e ruídos de uma grande distancia. Já tinha ocorrido de maneira espontânea enquanto ia crescendo, embora sempre o tivesse tratado de explicar como um sonho. Nestes dias estava ocorrendo mais e mais seguido.

Crane provavelmente não se deu por vencido com ela.

Levantou a vista para a janela, onde o céu claro mostrava uma dispersão de estrelas brilhantes. Em Minnesota, uma noite de inverno como esta, sem nuvens que isolassem a terra, significava que estava frio no exterior.

Era em noites destas aonde sentia falta do apartamento e da presença de Jack até mais. Mira sentia saudades do aroma de sua pele e a sensação de seus braços ao redor dela. Sentia falta do som de sua voz e o calor do olhar em seus olhos. Doía que agora não parecesse ter interesse nela, embora apreciasse sua ajuda com sua magia. Ao que parecia, ainda ficava uma parte dele que importava se ela vivia ou morria.

Tinha passado mais de uma semana da última vez que o tinha visto. Ele tinha acionado outro ato de desaparecimento depois do incidente do porão. Quando tinha perguntado a Thomas, onde tinha ido, Thomas havia dito que tinha dado ao Jack outro trabalho que requeria viajar, mas não tinha revelado nada mais especifico que isso. Thomas não parecia querer falar muito de Jack.

Mira suspirou, sentindo-se indignada consigo mesma. Um ano. Era um ano realmente tanto tempo? Aqui ela tinha ido e caído por alguém dentro dos primeiros seis meses. Além disso, seus sentimentos não eram correspondidos. Isso fazia o assunto extra estúpido.

Ela roçou os mamilos com as pontas dos dedos e se esticaram imediatamente sob seu toque ao recordar as mãos dele sobre ela… sua boca.

Infernos, ela tomaria o que pudesse obter de Jack. Se isto era só sexo, estava bem. Recolheria os pedaços de seu quebrado coração depois. Não seria a primeira vez que tivesse cuidado de uma ferida emocional.

Mira estirou a mão e tomou a garrafa vazia de sua mesinha de noite. Desceria à cozinha e obteria uma garrafa fresca. Talvez quando retornasse seria capaz de voltar a dormir. Possivelmente, milagrosamente, Jack McAllister se apagaria de algum jeito de seu cérebro.

Sim, claro.

Afastou as mantas e encontrou o robe negro de seda para vestir por cima de sua camisola, outro presente de Serena. Depois de fechar a porta atrás dela, dirigiu-se para a cozinha pelos escuros corredores do *Aquelarre*.

Assombrava-a o quanto segura se sentia aqui. Ao que parecia, talvez devesse sentir um pouco mais em guarda. Depois de tudo, a casa estava cheia de pessoas que não conhecia e, portanto em quem não podia confiar. Entretanto, Thomas tinha explicado o sistema de proteção e feitiços em lugares ao redor do edifício e da propriedade, confirmando sua segurança. Ela acreditava. De fato, a própria energia do edifício se sentia cômoda e segura.

Ao passar por uma das muitas salas de sessão através do *Aquelarre*, divisou a um homem em uma cadeira. Ele se inclinava para frente com os cotovelos nos joelhos e embalava a cabeça entre as mãos, vendo-se absorto em seus pensamentos ou com problemas, possivelmente. Havia algo na forma de seu corpo e o modo em que se sustentava… Se deteve perto dele.

— Jack? — Perguntou com voz suave.

O homem moveu as mãos e levantou a vista.

— Mira?

— Por que está sentado aqui só no meio da noite?

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— Acabo de chegar e me sentia inquieto, pensei em conseguir uma pequena mudança de cenário antes de ir para cama.

— Eu tampouco podia dormir — Fez um gesto para a cozinha — Ia por uma garrafa de água fresca. Quer algo?

— Não, obrigado.

Silêncio incômodo.

Mira passou de um pé ao outro.

— Bem, vemo-nos.

— Como está indo seu treinamento? — Perguntou ele, interrompendo-a — Thomas me disse que está fazendo progressos.

— Você resolveu meu problema. Obrigada. Meu treinamento foi maravilhosamente após.

Estou ganhando muito controle.

— Isso é maravilhoso.

— Sim — Ela sorriu e assentiu com a cabeça, sentindo-se estúpida — Sim, é.

Deus. Pequeno bate-papo. Ela tinha se reduzido a fazer pequenos bate-papos com este homem que a tinha feito gritar seu nome cinquenta vezes em uma noite. Isto estava mau.

Mira vacilou por um momento e depois se sentou em uma cadeira junto a ele. Ele se afastou com cuidado. Ela ocultou a pontada de dor que sentiu, agachando-se a pôr a garrafa vazia de água no chão.

— Em realidade é muito oportuno que tenha te encontrado. Estive esperando para falar.

— Está bem — Disse ele — Do que?

O escuro interior aveludado da área parecia tão íntimo. A luz de lua entrava em torrentes pelas janelas em cima de onde estavam sentados, e as sombras distorciam o rosto de Jack, o que fazia para ela impossível ler a expressão.

Era melhor só ir ao grão, supôs.

— Podemos simplesmente deixar toda esta merda? Odeio me sentir incômoda a seu redor — Ela respirou antes de mergulhar-se no que tinha estado preparando em sua cabeça por dias — Disse um par de coisas estúpidas antes, e acredito que te dei a impressão equivocada. Então tivemos sexo. E o que? Não é como se queria ter seus filhos ou algo assim...

— OH, agora estou ofendido — Veio um suave murmúrio da cadeira oposta.

— Jack — Ela suspirou — Só estou dizendo que não há razão para que não possamos ser amigos. Tivemos sexo, bem, algumas vezes, e foi genial. Mas as coisas ficaram estranhas depois, e sinto como se pensasse que estou a ponto de lançar um assédio psico-sexual contra você e, francamente, embora acredite que é mais que quente e grandioso na cama, não acredito que seja tão quente e grandioso na cama. Não o suficiente para que me faça te perseguir. De qualquer maneira, não sou da classe psico-perseguidora emocional porque, já sabe, venho de um mau matrimônio, recorda? — Deu uma risadinha forçada. Wow, seu discurso "preparado" se converteu em uma missão kamikaze — Não tem sentido o que digo, mas sabe ao que me refiro...

— Mira, deixa de balbuciar — Inclinou-se pelo espaço do meio metro entre eles, pôs com cuidado a mão no pescoço, atraiu-a para si, e a beijou. Ela ofegou contra sua boca e se esticou com surpresa.

Jack trespassou os dedos em seu cabelo e inclinou a boca pela sua com um sexy gemido que a fez tremer. Relaxou-se contra ele quando sua língua se deslizou dentro de sua boca para golpear preguiçosamente contra a dela.

O corpo dela reagiu imediatamente à imprensa de seu corpo sobre o seu. Tinha perdido a sensação do duro peito dele contra ela, e a flexão e protuberância de seus bíceps sob suas mãos onde ela o agarrava.

Ele agarrou seu lábio inferior através de seus dentes, e Mira estremeceu em seus braços.

— Se pensa que já não te quero, está equivocada — Murmurou — Diabos, não posso conseguir o suficiente de você. Esse é o problema.

— Mas… Estou confusa. O que há a respeito desse dia no porão? Você simplesmente me

deixou ali sem uma palavra.

— Porque queria que entendesse que não necessitava que te visse para que utilize sua magia. Essa é a razão pela que parti — Fez uma pausa — Além disso, fui porque sabia que não podia confiar em mim mesmo a só contigo.

Ela mordeu o lábio inferior por um momento.

— Mas, por que sente a necessidade de resistir a mim, Jack? — Sussurrou.

Ele tomou um momento para responder. Seu quente fôlego agitava os finos fios ao redor do rosto dela.

— Não quero te machucar.

Ela entrecerrou os olhos, sentindo um brilho de chateio.

— Acha que sou feita de porcelana ou algo assim? Não sou tão frágil. Não espero matrimônio nem nada. Quis dizer o que disse no aeroporto. Atravessei coisas sérias por um comprido tempo. Sou uma garota maior de idade e posso tomar minhas próprias decisões — Ela se deteve — Então, por que esteve me evitando?

Jack gemeu e apertou os braços ao redor dela.

— Porque te desejo — Sua voz tremia quase imperceptivelmente — Desejo-te tanto, e a única maneira de resistir a você é não estando perto.

Deixou-a sem fala. Sem palavras, em choque e com a repentina pressão de perguntas em sua cabeça.

Ficou calado, e quando voltou a falar, sua voz era mais baixa, um som um pouco mais selvagem.

— Então você aparece na metade da noite fora de meu quarto. Só a passos de minha cama. Como se supõe que dirija isso?

A respiração dela se fez menos profunda e mais rápida diante suas palavras.

— Não entendo o problema. Deseja-me. Eu definitivamente te desejo. Não espero um compromisso nem nada assim. Jack. Não quero um compromisso. Se isto for só sobre sexo...

— Maldição, Mira — Inclinou sua boca sobre a dela e a arrastou até seu colo. Sua mão encontrou a abertura de seu robe e se fechou sobre seu seio, fazendo-a ofegar contra seus lábios.

Seu mamilo se endureceu contra a palma de sua mão e ele o acariciou sobre o tecido de sua camisola, e depois, brandamente o rodou entre seus dedos enquanto sua boca trabalhava na dela. Ela sentiu um pequeno jorro de umidade entre as coxas.

De repente, esqueceu-se do que tinham estado falando.

Fome como nunca havia sentido antes se estendeu por seu corpo. Nada a manteria fora da cama de Jack esta noite. Condenadas consequências.

Ela precisava sentir a pele dele contra a sua como precisava respirar.

— Jack, te desejo — Ofegou.

Ele meio a levantou e ela meio ficou de pé, ambos até envoltos nos braços um do outro.

— Este não é o lugar para isto — Murmurou ele contra seus lábios.

Havia lugares melhores que este? A poltrona perto deles parecia bem a ela. O chão se via fantástico. Quase qualquer lugar parecia simplesmente estupendo. Obrigou-se a pensar através da

neblina que tinha caído sobre sua mente e recordou que estavam em uma zona pública da casa. Ela assentiu.

Ele a puxou pela mão e a conduziu pelo corredor e através de uma porta. O interior do quarto estava mal iluminado por um pequeno abajur na zona de descanso. Este era seu quarto aqui no *Aquelarre*. Ela não podia ver muito dele, não se importou, em realidade. Toda sua atenção estava enfocada em Jack.

Jack fechou e travou a porta, e selaram seus corpos juntos, beijando um ao outro e tentando tirar os objetos de vestir ao mesmo tempo. De algum jeito abriram passo dentro do quarto de Jack e estiveram ambos nus para quando chegaram ali. Perifericamente, ela se deu conta que as velas subministravam a única luz.

Mira suspirou ao sentir a pele de Jack deslizar-se contra a sua ao pressioná-la para baixo sobre a cama.

— Senti falta de você, Jack.

Jack cobriu seu corpo com o dele, beijando seu ombro, seu pescoço, e o sensível lugar justo debaixo de sua orelha.

— Também senti saudades. Sente-se como o céu para mim.

Acariciou-lhe os seios com as mãos, provocando seus mamilos, depois baixou com cuidado por seu estômago e afundou entre as coxas. Com seus hábeis dedos, tamborilou seu clitóris até que se inchou e despertou e ela se moveu inquieta no colchão debaixo dele.

Um pequeno gemido abriu caminho de sua garganta ao sentir essa familiar neblina sexual estabelecer-se em sua mente. Jack a empurrou a um lugar aonde mal que podia pensar só pelo toque de seus dedos por sua pele.

— Camisinha — Ele exalou contra seus lábios.

Começou a afastar-se, e ela apertou os braços ao redor dele.

— Serena me deu ervas. Está bem.

— Está segura?

Mira assentiu.

Ela encontrou seu pênis e deixou que seus dedos jogassem ao longo de seu eixo até que ele gemeu. Ele a moveu ao centro da cama e tomou seus pulsos, levando suas mãos por cima de sua cabeça. Languidamente, permitiu-lhe fazê-lo.

Todo o tempo dava golpes de língua dentro de sua boca uma e outra vez até que a mente de Mira balbuciou através da nuvem de necessidade sexual em que tropeçou.

Jack lhe abriu as pernas com seu joelho, esfregando seu dolorido sexo ao longo de sua coxa. Por cima da cabeça, ela escutou o entalhe de um ferrolho, depois outro. Tentou baixar os braços e percebeu que não podia.

— Jack? — Perguntou suavemente.

— Quero você a minha mercê, mas se você não gosta, diz-me. Deixarei você ir.

Ela queria que ele nuca a deixasse ir.

Mira comprovou seu movimento, descobrindo que suas algemas estavam forradas com algo suave e permitiam uma quantidade significativa de mobilidade, embora não pudesse baixar seus

braços nem separar as mãos. Seus pulsos estavam unidos juntos por cima de sua cabeça.

Jack deslizou uma mão por debaixo de suas costas e a desceu por sua espinha. Ela se arqueou para trás nos travesseiros diante de seu toque, e ele beijou e suavemente mordeu o caminho por seu pescoço, pondo a pele arrepiada por todo o corpo e fazendo que seus mamilos se sentissem como pontas de diamantes em seus seios.

— Confia em mim, Mira?

— Confio.

— Me deixe te ter até manhã pela manhã. Se me disser que me detenha, farei-o. Do contrário, se entregue a mim.

Capitulo 17

— Sou sua.

Ele ficou olhando um momento, seus olhos de gelo sustentando esse calor contrastante. Depois baixou a cabeça e lambeu o mamilo com o liso da língua. Mira observou com interesse enquanto seus sensuais lábios trabalhavam a cúpula. Ao mesmo tempo, acariciava-a entre as coxas, provocando seu clitóris até fazê-la gemer na borda de seu clímax, depois acomodando-a para trás e construindo tudo de novo outra vez.

Ela quase engole a língua quando ele deslizou um dedo em seu interior, depois acrescentou outro, e lentamente, muito lentamente, começou a empurrá-los dentro e fora dela.

Morte por jogos preliminares. Esse tinha que ser seu plano.

— Jack — Ela gemeu.

— Seu corpo esta noite é meu. Faço o que quero salvo que me diga que pare. Eu gosto da forma que sente, e quero fazer que seu prazer dure. — Ele golpeou os dedos sobre esse ponto doce profundo dentro dela — Quer que pare?

— N-não — Ela respondeu.

Só deu um sorriso malicioso por resposta e voltou a provocar seu mamilo, enquanto permitia que seus dedos se deslizassem dentro e fora dela.

Jack a levou a borda do clímax uma e outra vez até que não existiu nada mais no mundo salvo Jack, suas mãos, e o que o fazia. Ela jogou a cabeça para trás e para frente contra os travesseiros e moveu os quadris sem cessar, desejando que deslizasse seu pênis em seu interior, para lhe permitir uma liberação. Manteve-a balançando-a ali na borda do êxtase, assegurando-se que quando por fim gozasse fosse espetacular.

Mira confiava o suficiente em Jack para entregar-se a ele, seu corpo a seu toque, sua vontade à sua por este pedaço de tempo. Confiava o suficiente nele para permitir atar seu corpo e sabia que nunca faria nada para machucá-la, nunca faria nada, que ela não quisesse que ele fizesse. A profunda verdade dessa compreensão trouxe lágrimas a seus olhos.

O que seja que tivesse lugar entre eles na manhã, neste preciso momento se sentia cômoda dando-se a si mesma às hábeis mãos de Jack. Ele beijou o caminho por seu corpo, colocou as mãos por debaixo de seu traseiro, levantou-a até sua boca… E deslizou a língua no profundo de seu

interior.

Ela ofegou, agarrou a corda que conectava as algemas à parede e se agarrou enquanto Jack empurrava sua língua dentro e fora dela. Observou sua escura cabeça entre as coxas e a maneira em que os músculos de seus ombros e braços trabalhavam enquanto ele a agradava. Ele lambeu seu clitóris e o massageou entre os lábios.

O clímax a golpeou rápido e forte.

Mira arqueou suas costas e se sacudiu debaixo dele. Ele a sustentou pela cintura, pressionando-a para baixo sobre o colchão enquanto a enrolava. Ela gritou sob as torturantes ondas de prazer feitas mais intensas devido a Jack a retinha, construía a energia da mesma. Seu corpo tremia com um êxtase que apagava todo pensamento de seu cérebro.

Jack desceu por seu corpo e deixou que sua língua tamborilasse contra a sua, deixando-a saborear o fraco sabor de si mesma na boca dele.

— Isso foi bonito — Murmurou ele — Adoro quando goza contra minha língua. Amo a sensação de você e seu sabor.

Mira mal podia formar pensamentos, menos palavras. Suas mãos exploraram seu corpo, começando um fogo entre suas coxas novamente. Alguma vez obteria suficiente deste homem?

Ele recuperou dois pedaços de corda da gaveta na mesa junto a sua cama. Ela quase se afasta quando atou a corda ao redor de seus joelhos, não muito apertado, não muito solto. Depois atou os extremos contrários aos aros da argola.

O resultado teve a Mira respirando rápido e com dificuldade. Estava completamente aberta a ele, incapaz de fechar suas coxas ou baixar seus braços.

— Jack — Disse ela em uma tremula e insegura voz.

— Dá medo, não? Dá medo ceder o controle total — Ele fez uma pausa — Mas está se excitando, também. Posso vê-lo em seus olhos. Posso escutá-lo na cadência de sua respiração — Ele estirou a mão e acariciou o exposto sexo — Posso senti-lo.

Dava medo, e mesmo assim, essa confiança dele a preenchia. Fez relaxar-se e ceder à experiência disso. A fazia querer mais. Ele cobriu seu corpo com o seu, afundando sua língua profundamente em sua boca. As cordas que a atavam a frustravam e a excitavam ao mesmo tempo. Gostava de estar à mercê de Jack. Excitava-a. Entretanto queria… Precisava tocá-lo.

E então ele a tocou.

Deslizou a cabeça do pênis nela, fazendo-a ofegar contra sua boca. Jack agarrou seus quadris e a beijou profundo enquanto entrava polegada a polegada até que se sentiu completamente cheia por ele.

Jack apoiou a testa contra a sua por um momento e respirou com dificuldade.

— Sentia falta de te sentir, Mira — Sussurrou em uma voz cheia de emoção.

Ela não pôde responder. Sustentou-lhe o olhar enquanto inundava seu pênis e o retirava lentamente, deixando-a sentir cada glorioso centímetro, cada sulco, de seu eixo. Observou as pupilas obscurecer-se e o escutou reter a respiração quando de propósito, apertou os músculos de seu sexo ao redor dele, tentando retê-lo dentro dela no movimento para o exterior.

Uma e outra vez penetrou-a lentamente, até que ofegou e gemeu, até que jogou a cabeça

para trás e palavras entrecortadas se derramaram de seus lábios. Seu clitóris se tornou tão inchado e sensível. Ela se balançava na borda de outro poderoso clímax. Ele a sustentou ali, atormentando-a até que todo seu mundo era só sobre ele e só sobre o prazer.

Ela pensou em como se deviam ver, ela atada à cama e Jack sempre empurrando tão lentamente entre suas estendidas coxas atadas. O pensamento em si mesmo foi suficiente para quase fazê-la gozar e desfazer toda a tortura sexual de Jack. Ele se levantou um pouco, para poder contemplá-la, e começou a incrementar o poder e a rapidez de seus impulsos. Ela arqueou as costas, e estendeu as coxas tanto como o permitiam as cordas, lhe dando as boas-vindas.

Jack deslizou uma mão a sua cintura e se apoderou da cabeceira com a outra, notando-os a ambos enquanto tomava com compridos impulsos controlados. Suas pélvis se encontravam com cada empurre para dentro e o som de pele se chocando contra pele enchia o ar. Jack tinha tomado controle completo de seu corpo, feito exatamente o que queria, da maneira em que o desejava. No processo, tinha dado mais prazer do que alguma vez poderia ter imaginado.

— Jack — Ofegou enquanto seu clímax florescia através de seu corpo. Ele desceu sobre ela, cobrindo a boca com a sua e engolindo seus gritos e gemidos enquanto o orgasmo, provocado até o ponto de ter incrível poder pela segunda vez, afligiu seu corpo.

Empurrou profundo dentro dela e seu pênis saltou enquanto ele também gozava. Enquanto o corpo dela se esticava e se estremecia, beijou-a profundamente, empurrando sua língua dentro e possuindo sua boca da maneira em que havia possuído seu corpo.

Depois de um momento, pôs sua testa contra a dela, e ambos descansaram ali, respirando profundamente.

— Fica comigo esta noite — Ele ofegou — Quero despertar a seu lado.

Mira assentiu e sorriu.

Ele desfez os nós das cordas e a estreitou contra ele. Mira o envolveu com os braços, e Jack a puxou debaixo dele, beijando-a. Seus corpos se deslizaram juntos como a seda. A alegria se apoderou de seus membros como uma manta cálida. Ela não podia pensar em nenhum outro lugar no mundo aonde queria estar.

As velas corriam em seus contêineres, quase esgotadas, e mostravam oscilantes sombras nas paredes. Quem as tinha acendido? Tinha estado Jack esperando a outra mulher quem não se apresentou e depois se conformou com ela quando tinha chegado? OH, esse era um pensamento desagradável. Ou Jack simplesmente gostava das velas? Ele era um bruxo do fogo depois de tudo.

Abriu a boca para perguntar, mas Jack respondeu antes que pudesse falar.

— Uma mulher estava me esperando quando cheguei de minha viagem esta noite. Desejava sexo, mas eu não queria a ela.

Um ciúme não bem-vindo, de outra mulher estando no quarto de Jack, levantou. Ela tirou um pouco de magia e apagou de um sopro todas as ofensivas velas com um pequeno estalido de energia, sumindo o quarto na escuridão.

— Como sabia que ia perguntar isso?

— A pergunta estava por toda sua face.

— Uma mulher tentou te seduzir, e você a rejeitou? Jack, não estou segura de acreditar.

Ele riscou padrões sobre sua pele na escuridão, fazendo-a suspirar.

— Acredite.

Ficaram enredados juntos sobre o colchão com os lençóis e mantas atiradas ao final da cama. Estava um pouco frio no quarto, mas Mira não o estava sentindo, não com as mãos de Jack movendo-se inquietas por seu corpo.

Ele acariciou seus mamilos até que foram pequenas pontas duras e sua respiração se acelerou novamente. Depois afundou entre suas coxas e acariciou seu clitóris. Este respondia preparado cada vez que ele a tocava, fazendo nata para ele.

Não falaram, só se tocaram e beijaram ao longo de toda a pele do outro. Na escuridão, Mira usou suas mãos para ver, explorando seu duro peito, ombros, traseiro, e seu duro pênis. Parecia não poder obter o suficiente dele. Provavelmente poderia abandonar a comida e a água e obter todo seu sustento de tocar Jack.

Relaxada, saciada, e sentindo-se mais a salvo do que se sentiu em muito tempo, Mira deixou que o esgotamento a empurrasse às primeiras horas da manhã.

Despertou com a luz de sol da manhã e um corpo excitado. Mira havia se tornado sobre seu estômago durante o sono e Jack se abatia sobre ela, beijando seus ombros e para baixo por sua espinha. Afundou os dedos entre as bochechas de seu traseiro e os arrastou por seu sexo.

— Jack?

Ele não disse nada. Ela tentou dar a volta, mas ele a segurou no lugar com uma forte mão na parte baixa de suas costas. *Maldição,* ele era dominante na cama. Abriu-lhe as coxas e bombeou seus dedos dentro. A respiração dela saiu em um assobio e terminou em um gemido. Ele usou seus sucos como lubrificante sobre seu clitóris, provocando-o com a ponta do dedo. Sentia-se enorme e inchado. Mira estremeceu e tremeu com necessidade.

— Jack? — Perguntou novamente.

Ainda não respondeu.

Quando mal podia suportá-lo mais, sem uma só palavra, ele a levantou sobre seus joelhos e entrou nela por trás. Ela ofegou e agarrou em punhos as mantas a cada lado dela diante a sensação de seu grosso pênis deslizando-se em seu interior.

Tentou levantar-se, de quatro, mas ele apertou seu grande corpo a suas costas e ancorou seus pulsos à cama.

— Mmmm, não se mova — Ronronou — Tenho-te justo onde quero.

Ele rodou seus quadris para frente e para trás, montando-a lento e seguro, suave e constante. Cada golpe para o interior roçava a cabeça de seu pênis sobre seu ponto G. Ela levantou os quadris, reunindo-se com suas investidas.

Mira curvou os dedos nas mantas, sua bochecha pressionada contra o colchão, enquanto Jack tomava controle de seu corpo com tanta segurança como quando a tinha preso à cama.

Ele se levantou, sustentando-a pelos quadris enquanto a fodia mais forte e duro, com largos ataques brutais que enviava prazer explodindo por seu corpo. Ele estirou a mão ao redor e acariciou o clitóris, regulando seu orgasmo até que se precipitou através dela. Seu clímax disparou o dele. Caíram em um matagal na cama e permaneceram ali. Ainda assim, Jack parecia não poder

manter suas mãos fora dela e a acariciava pelas costas e traseiro uma e outra vez até que Mira se sentiu tão relaxada que cambaleou na borda do sono uma vez mais.

Ele se inclinou e beijou a parte baixa de suas costas.

— Este era meu lugar favorito no corpo de uma mulher — Murmurou ele. Mudou-se à parte posterior de seus joelhos e pôs outro beijo — Aqui, também.

Mira deu a volta, apressou-se perto dele, e enterrou a cabeça aonde a garganta se encontrava com seu ombro, inalando o débil aroma persistente de sua colônia.

— Meu lugar favorito em você é tudo — Disse ela com um suspiro.

— Eu disse que esses eram meus lugares favoritos em uma mulher — Sua profunda voz ressoou por seu peito e dentro dela quando falou. Inclinou a face para a dele — Meu lugar favorito de seu corpo são seus olhos.

Ela pôs-se a rir.

— OH, que espécie de linha é essa? Diz isso a todas as garotas?

O leve sorriso dele desapareceu.

— Não, não o faço.

Seus olhares se encontraram por um instante e o sorriso de Mira também se desvaneceu. Ele em realidade soava… Sério. Poderia ser que seus sentimentos por ela fossem tão profundos como os dela para ele?

OH, esses eram pensamentos perigosos.

Ele liberou sua mão do quadril dela até a cintura e se inclinou para beijá-la. Mira ficou sem fôlego quando os lábios dele tocaram os seus. Ele a tinha beijado muitas vezes antes, mas este parecia de algum jeito diferente, mais significativo. Rodeou-o com seus braços enquanto a boca de Jack trabalhava na dela.

Jack rompeu o beijo e viajou até seus seios, lambendo cada um de seus mamilos, por turnos.

— É óbvio, também eu gosto destes — Disse com um sorriso malicioso.

Aos olhos de Jack, com suas mãos sobre ela, ela se sentia desejada. Sentia-se atraente e sexy. Toda esta situação, passar a noite com Jack e fazer amor uma e outra vez, sentia-se decadente e bonita.

Ele retirou as mantas de ambos, expondo-a ao ar da manhã.

— Mira, é magnífica em todos os sentidos — Disse, com seu olhar patinando por todo seu corpo.

Sem fala, diante a emoção tremula que escutava em sua voz, ela embalou sua bochecha e o beijou nos lábios.

— Se toque para mim — Murmurou contra sua boca.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Faça você mesma gozar para mim — Grunhiu antes de beijá-la rudemente. Dilataram as pupilas. A escuridão tragou seus olhos — Quero ver suas mãos em seu corpo, entre suas coxas.

Mira se sentiu fortemente cheia de excitação diante sua ordem. Seu fôlego prendeu em sua garganta.

Ele recuou, olhando-a de maneira significativa com pálpebras pesadas.

— Me mostre como goza quando está totalmente sozinha.

Um momento de acanhamento a fez vacilar. Depois, sustentando seu olhar, ela estirou a mão e acariciou o seio. Ele observou com avidez enquanto ela provocava seu próprio mamilo ereto. Passou as pontas dos dedos sobre este uma e outra vez. Enviou ondas de prazer por seu corpo e fez nata entre as coxas. Mira moveu seus quadris sem cessar, imaginando o pênis de Jack enterrado profundamente dentro dela, recordando à forma autoritária com que tinha feito amor a noite anterior.

Ter seu corpo totalmente preso para cada desejo dele, para cada toque, tinha sido uma excitação séria. A lembrança era ainda excitante. Cravou os dentes em seu lábio inferior, fechou os olhos, e gemeu. Contra sua perna, sentiu o pênis dele endurecer-se.

— Isso, bebê — Sussurrou ele.

Mira desceu sua outra mão pelo abdômen, trespassando-a pelo cabelo que cobria seu monte de Vênus, depois arqueou as costas e estendeu as coxas. Seu sexo estava inchado com excitação e por ser bem amado por Jack. Tamborilou o clitóris até que floresceu sob seu tato, chegando a estar sensível e necessitado do clímax, então deslizou seu dedo médio profundamente em seu calor.

Sentia seus músculos sedosos e quentes. Apertou-os um pouco para poder sentir o que tinha sentido Jack ao redor de seu pênis. Acrescentando um segundo dedo, deslizou-os para dentro e fora de seu sexo, imaginando que era Jack quem a fodia. Os olhos de Jack estavam escuros e focados nela. Obviamente, realmente o excitava vê-la tocar-se. Mira fechou os olhos e se entregou. Mordendo o lábio inferior e fechando os olhos, trabalhou seu sexo e se aproximou mais e mais ao clímax.

Ele se ajoelhou a seu lado e se inclinou sobre ela, embalou sua nuca e a beijou duramente, enquanto massageava seu seio e suavemente beliscava o mamilo com a mão livre.

Mira gemeu, sentindo as primeiras ondas sérias de seu iminente clímax. Cravou os calcanhares no colchão e sacudiu os quadris para frente e para trás. Parecia libertina com suas coxas esparramadas e sua própria mão entre elas. Esse fato simplesmente a excitava mais.

— É tão bonita, Mira. Tão sexy — Murmurou ele enquanto acariciava seu abdômen com a mão — Está por gozar?

Ela assentiu, seus olhos revoando abertos para vê-lo observando-a. Ele cobriu a mão com a suas entre as coxas, pressionando um pouco para que o movimento do balanço de seus quadris esfregasse seu clitóris contra sua palma.

Mira gritou quando o clímax explodiu através de seu corpo.

Os músculos de seu sexo pulsaram ao redor de seus penetrantes dedos quando o prazer torturou seu corpo.

— Aí o tem, bebê — Murmurou ele — Isso.

Mira ofegou quando o último de seu orgasmo se desvanecia. Abriu os olhos para encontrar um muito excitado Jack observando-a.

— Vamos, sobre seus joelhos — Disse com brutalidade — Segure na cabeceira. De cara à parede.

Suas ordens concisas, emitidas em voz rouca, obtiveram que seu sexo se sentisse dolorido com desejo uma vez mais. Tudo o que queria era seu pênis ali. Levantou-se, sentindo quanto molhada estava entre as coxas, e se ajoelhou no colchão, olhando a parede.

Ele voltou a pôr seus pulsos nas algemas e seus dedos encontraram cabo ao redor da corda atada ao aro da argola.

Jack lançou as almofadas ao chão e deixou que as mãos percorressem o corpo. Embalou seus seios, rodando seus mamilos entre os dedos até que Mira ofegou. Apoiou o peito contra suas costas e a beijou nos ombros, facilitando uma mão entre suas coxas para massagear seu sensível clitóris. Ela gemeu.

— Isso é bom? — Ronronou ele em seu ouvido.

— Sim.

— Separa as coxas e te farei sentir até melhor.

Ela as separou e, gemendo, ele deslizou seu pênis dentro por trás. Ela afogou um grito diante a repentina e feliz sensação de ter toda essa amplitude e longitude estirando seus músculos.

Mira voltou a cabeça para vislumbrar o corpo dele contra o seu, e apanhou o reflexo destes a sua direita. Um espelho de tamanho real parava no canto do quarto. Não o tinha notado na noite anterior, possivelmente porque tinha estado escuro. Agora era de amanhã e o ângulo os mostrava perfeitamente, o grande e musculoso corpo do Jack cavando o seu, consumida-a e excitado olhar no rosto dele enquanto as mãos exploravam seu corpo.

Sua própria expressão era lassa, seus olhos amplos e escuros, seu cabelo despenteado, seu corpo preso à cama de Jack. Por um momento, mal pôde reconhecer essa criatura sexual como ela mesma. Ele moveu o cabelo para um lado, agarrou a cabeceira e afirmou seu outro braço ao redor de seu abdômen.

Então começou a arremeter.

O reflexo mostrava o efeito alavanca que utilizava para empurrar para cima dentro de seu corpo. Os músculos de suas coxas e traseiro se ondulavam com cada movimento para cima dentro de seu corpo. O prazer a percorreu inteira diante a fricção de seu pênis entrando e saindo de seu sexo, estirando-a e enchendo-a até o limite.

Jack a mordeu no pescoço e deixou que a mão em seu abdômen caísse até seu clitóris.

— Sente-se tão bem, Mira — Murmurou — Tão quente, tão pegajosamente doce.

Observou-o mover a mão entre suas coxas no reflexo do espelho enquanto acariciava seus clitóris com a ponta do dedo. Aumentou o ritmo de suas investidas, mais rápido, mais forte. A sensação fluiu por ela, afligindo-a.

— Jack! — Gritou enquanto seu corpo se encontrou apanhado em outra surpreendente liberação. Ela se agarrou à corda com tudo o que tinha.

Jack grunhiu algo por baixo, até golpeando em seu interior inclusive quando seu clímax varreu todo pensamento de sua mente. Despiu-a, estendeu-a nua, depois a encheu com apenas Jack e o que o fazia.

Ele também gozou, empurrando profundamente nela e gemendo.

Ambos ofegando, ambos suando, ele liberou seus pulsos e caíram sobre o colchão.

— OH, Jack — Ofegou Mira. Ela estava pegajosamente úmida entre as coxas e doía em todos os lados. Mesmo assim, nunca havia se sentido melhor ou mais satisfeita em sua vida. Seu corpo ainda estremecia com as lembranças de suas mãos sobre ela e seu pênis em seu interior.

Jack a puxou para si e cobriu seu corpo com o seu, beijando as pálpebras, as bochechas, e a garganta. Ficaram dessa maneira, paralisados em um montão exausto e enredados juntos por um tempo. Jack finalmente puxou as mantas sobre eles e se aconchegou debaixo, dormitando dentro e fora do sono.

— Mmm, esta é uma manhã agradável — Murmurou Mira contra a curva de sua garganta.

Os braços dele se apertaram a seu redor.

— Mais que agradável — Sua voz retumbou no peito, fazendo-a sentir a salvo e cômoda.

— Suponho que devemos pensar em deixar o quarto em algum momento.

Ele tomou um comprido tempo para responder.

— Sim, com certeza. Tomarei isso em conta em uma hora ou duas.

Mira riu em voz baixa, mas alguém golpeando a porta a interrompeu.

— Quem é?

Jack jogou um olhar ao relógio em sua mesa de noite. Mira seguiu seu olhar. Eram quase 10 da manhã.

Ele se deslizou da cama e colocou um par de calças esportivas de uma das gavetas.

— Fique aqui. Voltarei — Disse enquanto saía pela porta, empurrando uma mão por seu alvoroçado cabelo para domesticá-lo.

Jack abriu a porta para encontrar Thomas do outro lado.

— Fui a seu quarto esta manhã — Saudou-o Thomas em um tom cortante. Ambos sabiam a quem se referia — Ela está aqui, não?

Jack simplesmente assentiu.

A noite anterior tinha sido outro prego em seu caixão. Jack tinha tentado manter-se afastado dela, mas simplesmente não pôde dizer não. O aroma dela o tinha embriagado, e a luz da lua derramando-se sobre sua pele o tinha tentado e isso tinha sido tudo. Não tinha nenhum autocontrole quando se tratava dela.

Desejava tanto a Mira que doía. Queria-a não só no sentido carnal, mas também no amplo sentido. O que era o que dizia a pessoa da natureza humana? A pessoa sempre queria o que não podia ter. Salvo que Jack queria Mira porque a amava, não porque não pudesse tê-la. Agora sabia.

Amava sua inteligência, suas inseguranças e sua força, sua compaixão e seu desejo de não machucar os outros mesmo que eles significassem seu dano. Amava o som de sua risada e como se viam seus olhos e seu rosto quando estava excitada.

Jack amava a Mira, cada aspecto dela.

Thomas tomou um momento para responder.

— Sabe que eu não tenho nenhum problema com você, Jack — Ele falou em voz baixa para que Mira não pudesse escutá-los no outro quarto — Se não fosse por sua história e como se cruza com a dela, estaria alegre de que estivessem juntos. Só estou tentando protegê-la.

— Sei, Thomas. Também me preocupo com ela. Eu gostaria de te fazer poder ver isso.

— Talvez seja hora de dizer quem é.

— Pensei que queria que esperasse até que isto tivesse acabado.

— Quero-o. Continuo pensando que é o melhor homem para protegê-la de Crane, e dizer quem é interfere com isso — Fez uma pausa e depois grunhiu — Eu só gostaria que deixasse de dormir com ela. É isso tão difícil?

Era muito difícil. O que Jack não podia dizer era que não era só a respeito de dormir com Mira. Não se tratava só de sexo. Era a respeito de conectar-se com ela da única maneira que podia, da única forma em que sabia fazê-lo. Era a respeito de unir-se com ela, voltar uma parte dela, inclusive quando fosse só por um curto tempo.

Jack recordava a noite anterior, como tinha visto as tênues marcas vermelhas em seus pulsos e pernas feitas pelas cordas e as algemas antes que as velas se apagaram. Havia sentido um brilho de pura satisfação nesse preciso momento de ter marcado a Mira. Cada célula primária de seu corpo se regozijou nesse milésima de segundo ao saber que Mira era dele e somente dele. Sua para amar. Sua para apreciar, proteger, e adorar.

Não, dificilmente era só sexo.

Mas Jack não podia expressar nenhum destes pensamentos a Thomas. Em troca, olharam-se um ao outro por um comprido momento em um desafio silencioso.

Foi Thomas quem finalmente afastou o olhar.

— Vista-se. Faz que Mira se vista. Ambos venham a meu escritório — Disse entre dentes em uma voz de aço — Tenho notícias — Girou sobre seus calcanhares e se afastou a pernadas.

Jack fechou a porta e se encaminhou de novo ao quarto. Mira deitava enredada nos lençóis, seu comprido cabelo esparramado sobre seu travesseiro e uma magra panturrilha e pé aparecendo por debaixo das mantas. Tinha os olhos fechados. Não é de estranhar. Realmente tinham feito uma noite, e uma manhã, disso.

Queria aproximar-se e despertá-la com um beijo. Queria engatinhar de retorno à cama, tomá-la entre seus braços e abraçá-la. Queria passar o dia inteiro na cama com ela, ordenar que subissem algo da cozinha quando tivessem fome, mas do contrário passar todo seu tempo imersos um no outro.

A fria realidade o esbofeteou na cara. Merda. Ele seguia piorando esta situação.

Thomas queria que ele esperasse que tudo isto tivesse terminado antes de revelar que ele em realidade era o filho de Crane. Jack não queria dizer-lhe nunca. Não queria ver nunca esse inevitável olhar de ódio em seus olhos quando se inteirasse de sua ascendência e descobrisse que ele tinha observado morrer a sua mãe justo diante dele… E tinha permitido que ocorresse.

— Mira — Disse com aspereza.

Os olhos dela se abriram à deriva.

— Era Thomas. Quer que nos reunamos com ele em seu escritório. Ele tem algo que nos dizer.

Ela afastou as mantas e ficou de pé, coberta por nada mais que a luz solar da manhã. Rastelou uma mão por seu comprido cabelo. Pequenos e apertados mamilos rosados apareciam de onde as meadas escuras jaziam caídas sobre seus ombros. A curva de sua cintura e quadril

rogava por seus lábios e língua.

Seu pênis começou a levantar-se. *Abaixo menino!*

Ele se voltou e se entreteve na busca de roupa.

— Preciso retornar a meu quarto. Tudo o que tenho aqui é minha camisola e meu robe — Disse ela.

Ele se girou para ela, com um par de jeans na mão.

— Isso é provavelmente o melhor. Se ficar aqui mais tempo, vou empurrá-la de novo à cama e te manter ali todo o dia.

— Isso seria algo tão mau?

— Considerando o estado de ânimo de Thomas? Sim.

Ela pôs-se a rir e deslizou sua camisola pela cabeça.

— Notei que pode ser um pouco espinhoso às vezes. Mal-humorado é talvez uma melhor palavra para usar — Ela agarrou o robe e o passou uma brisa — Encontrarei-o lá em baixo.

Ele a agarrou pela cintura e a arrastou contra seu peito para um beijo final, desejando o sabor dela em sua boca um pouco mais.

Romperam o beijo, e ela ficou ali por um momento com seus lábios entreabertos e seus olhos entrecerrados.

— Mmmm — Suspirou ela e mordeu o lábio inferior — Realmente nos importa se Thomas estiver um pouco aborrecido?

— Vá — Deu uma palmada no traseiro.

Ela foi, lançando um último sorriso resplandecente por cima do ombro.

Infernos, ele a amava.

E a ia perdê-la logo. Sentia-o.

Mira se apressou a seu quarto, assentindo e sorrindo às pessoas enquanto passava no corredor como se não fosse nada estranho que devesse estar caminhando pelos corredores em camisola e robe tão tarde da manhã.

Doía em lugares íntimos, lugares que não tinham recebido muita atenção desde que tinha deixado o apartamento de Jack em Minneapolis. Jack a tinha amado bem. Isso a fez tremer só de recordá-lo. A fazia querer mais.

Chegou a seu quarto, tomou uma ducha, e se vestiu com um suéter verde, uma saia negra com uma prega que chegava a metade da panturrilha, e um par de bonitos saltos de cunha negros que Selena tinha tido a amabilidade de dar depois que sua prima foi a uma expedição de compras. Mira estava bastante pega ao *Aquelarre*, incapaz de abandonar a estreitamente protegida propriedade.

Serena tinha tomado conta no assunto e decidido ser a prima fada madrinha, trazendo toda espécie de artigos do exterior. Mira não colocou meias. Tinha sorte de ter a pele o suficientemente escura como para não as necessitar, nem sequer em pleno inverno.

Antes de partir para ir ao escritório de Thomas, frisou-se rapidamente o cabelo e colocou um pouco de rímel, ruge e lápis de lábios. Está bem, assim que talvez sim, se preocupava um pouco mais a respeito de sua aparência nestes dias. Isso estava tão mal? Sentia-se bonita aos olhos de

Jack. E, olhando seu reflexo no espelho, deu-se conta que estava começando de novo a sentir-se bonita a seus próprios olhos também.

Depois do divórcio, tinha perdido isso. Sua auto estima havia tocado o fundo. Encontrar sua magia e aprender a controlar seu poder latente tinha muito que ver com o fato de finalmente estava recuperando um sentido positivo de si mesma. De fato, encontrar sua magia parecia estar refletido em tudo o que ela era, inclusive sua aparência. Seu cabelo parecia mais brilhante e grosso. Seus olhos pareciam mais resplandecentes, seus lábios mais cheios. Inclusive sua pele parecia mais cremosa. Possivelmente era um efeito secundário de recuperar essa parte perdida de si mesma e integrá-la ao conjunto.

Mira se observou no reflexo do espelho e inclinou a cabeça para um lado, deixando que seu pesado cabelo deslizasse pelo ombro. Ou talvez simplesmente estivesse se vendo sob outro ângulo. Deixou a suíte, travou a porta, e se dirigiu ao escritório de Thomas, onde encontrou a ambos os homens esperando. Logo que entrou, sentiu a tensão na sala, espessa como o mel sendo lubrificado por sua pele. Desde que tinha começado a treinar sua magia, deu-se conta de que sua capacidade para sentir emoções, algo que sempre tinha tido em certa medida, se estava intensificando.

— Mira — Saudou-a Thomas.

— Thomas — Respondeu ela com cautela. Queria perguntar a causa da tensão, mas pensou melhor. A borda de uma tormenta brilhava nos olhos negros do Thomas.

— Sente-se — Thomas indicou uma cadeira frente a Jack.

Ela se sentou, cruzou as pernas, e tratou de acomodar-se na cadeira de couro. Deveria ter sido fácil de fazer, mas a testosterona na sala tinha alcançado níveis quase insuportáveis. Obviamente, estava passando algo entre o Thomas e Jack do que ela não tinha conhecimento e, o que seja que fosse, era sério.

Thomas se inclinou em sua mesa, emoldurado pela ampla janela atrás dele e a neve caindo no exterior. Ele apertou os lábios.

— Temos nova informação de Crane. Não quis te dizer até que fosse verificada — Deu um olhar a Jack — Crane tem câncer. Câncer de ossos. É por isso que necessitava o círculo demoníaco. Seu prognóstico é sombrio. Se não puder chamar um demônio com fins curativos, vai morrer.

A sala ficou em silêncio.

— Portanto, suponho que está bastante motivado então — Disse Mira por último. Foi um comentário bastante desnecessário e caiu no ar quieto como uma rocha.

Crane queria sacrificar quatro vidas para salvar a própria. Mais que isso, talvez, dependendo do que o demônio pedisse em troca da cura.

— Ele recusou o tratamento médico tradicional, provavelmente por seu orgulho desmedido, e não tem muito tempo antes de perder a mobilidade — Respondeu Thomas — Só há um pouco de auto-cura que um bruxo de fogo pode fazer, inclusive um tão poderoso como William Crane. Ele vai agir com rapidez, talvez inclusive um pouco desesperado. Isso vai fazê-lo tanto descuidado como perigoso. Alertamos a todos os bruxos no *Aquelarre* que estejam em guarda, em especial os bruxos do ar.

— Mas isso significa que ele não vai perder seu tempo em vir atrás Mira, ou tentar sequestrar a um dos poderosos bruxos do ar — Jack esfregou a mão pela mandíbula — Ele porá Marcus no círculo.

— Marcus está morto — Respondeu Thomas.

— O que? — Responderam Mira e Jack ao mesmo tempo.

— Marcus contatou com um bruxo do ar de nosso formulário, justo antes de suicidar-se. Enforcou-se com um lençol. Assim é como sabemos do câncer. Depois de que frustrasse a tentativa do bruxo *Duskofff* de te levar do apartamento de Jack, Marcus assumiu que seria posto no círculo e se suicidou para impedi-lo.

— OH — Disse Mira — Pobre Marcus.

— Ele pode não ter sido muito poderoso, mas teve uma coragem admirável no final — Respondeu Thomas com tristeza — E nos deu um valioso aviso da situação. Parece que nunca o quebraram realmente.

— Supus que os reféns do *Duskoff* deram a informação — Disse Jack.

Thomas sacudiu a cabeça.

— Eles estiveram muito herméticos.

— Então, sem poder usar o Marcus, com segurança ele virá atrás Mira, dado que ela é a bruxa mais poderosa do ar perto com menor habilidade para usar sua magia — Disse Jack pensativo — Ele fará todo o possível.

— É por isso que embora queira que vá do *Aquelarre* precisa ficar aqui — Houve uma qualidade desumana na voz de Thomas, algo estranhamente agressivo, que Mira examinava — E ficar perto de Mira.

— Farei — Respondeu Jack sem vacilação.

Thomas pareceu apertar os dentes por um momento.

— Sei.

Olharam-se um ao outro desafiantes.

— Está bem — Mira saltou da cadeira — Alguém pode me dizer o que está acontecendo? Por favor? — Ambos os homens ficaram em silêncio enquanto ela olhava de um ao outro.

Capitulo 18

Thomas cruzou os braços sobre seu largo peito.

— Não há nada de errado.

—Tudo está bem — Disse Jack ao mesmo tempo.

— E uma merda — Ela pôs uma mão em seu quadril — Não me façam usar um de meus superpoderes de bruxa e ler suas mentes.

—A telepatia não está no reino do ar, Mira — Respondeu Jack.

Ela levantou a mão.

— Não fale a menos que seja para me dizer o que está acontecendo entre os dois, porque parece ter algo haver comigo. Isso significa que tenho direito de saber.

Jack suspirou.

— Seu primo está sendo superprotetor contigo, e com razão.

— Superprotetor? — Seu olhar voltou para o Thomas — O que quer dizer?

Ele se moveu incômodo.

— Conheci o Jack mais que você. Isso é tudo. Você é uma mulher bonita e ele é um bom cara. Jack é o melhor dos homens. Respeito-o e confiou nele. Mas Jack é também... — Ele vacilou e começou outra vez — Jack é...

—Não é suficientemente bom para sua prima? — Ela se adiantou com as sobrancelhas arqueadas.

Jack simplesmente seguiu olhando à frente como se não pudesse ouvir a conversa, como se nem sequer estivesse na sala. Seu rosto tinha ficado em branco, ilegível.

— Não, não é isso absolutamente. Estaria orgulhoso… — Thomas se apagou de novo. Ela nunca o tinha visto perder suas palavras — É que Jack é...

— Um homem que gosta de jogar no campo?

Thomas olhou para Jack, este não reagiu. Seguiu olhando estoicamente pela janela como caía a neve.

— Isso não é uma declaração falsa sobre ele. Bonita forma de dizê-lo, em realidade. Eu poderia chamá-lo um pouco diferente — Concluiu com ironia Thomas.

— Aprecio sua preocupação, Thomas. Sério — Ela suspirou — Mas desejaria que todos deixassem de preocupar-se tanto por mim. Sou uma mulher adulta. Posso cuidar de mim mesma. Tomar minhas próprias decisões. Me recuperar se me romperem o coração, se o digo — Ela encolheu os ombros — De todos os modos, sinto decepcionar os dois, mas só estou usando o Jack para ter sexo quente.

Jack elevou o olhar da janela à face de Mira e piscou. Por fim uma reação, inclusive se sua expressão era indecifrável.

Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu.

— Sinto muito Jack.

Ela só desejava que fosse certo. Mira tinha a sensação de que Jack estava destinado a romper seu coração, assim preferia não levá-lo debaixo de sua manga. Ia tomar tudo o que pudesse dele, ia lutar com ele com os olhos abertos e depois curaria suas feridas quando ele já não a quisesse depois de que tudo tenha terminado.

Alguém bateu na porta e Thomas disse que entrasse. Serena colocou a cabeça

— Mira vai estar disponível para praticar comigo hoje?

Jack clareou garganta.

— Farei eu hoje. É bom para ela trocar de instrutores de vez em quando. De todos os modos, tenho ordens de permanecer perto dela — Fez uma pausa — Certo, Thomas?

Thomas hesitou antes de responder.

— Jack se fará cargo por hoje, Serena, se estiver bem para Mira.

Uma tarde inteira com o Jack para ela? Tentou não babar quando respondeu:

— É óbvio.

— Muito bem, então. Vemo-nos depois, prima — Serena deu uma piscada a Mira e fechou a porta.

— Só fique dentro das paredes do *Aquelarre*, Mira — Disse Thomas sem necessidade — Mantenha-se perto de Jack. Concentre-se em aprender a controlar sua magia, porque, quanto mais poderosa for, menos será uma isca. Nós faremos o resto.

— Se posso ajudar com outra coisa mais que proteger a Mira, faça-me saber — Disse Jack.

— Já tem toda a responsabilidade que decidi te dar.

Jack olhou a Mira. Seus olhos azuis pareciam estranhamente quentes.

— É um trabalho que tomo muito a sério.

— Já sei — Respondeu Thomas.

— Que será de Annie... — Disse Mira.

Thomas levantou a mão para deter o fluxo de suas palavras.

— Chamei-a esta manhã, tratei de raciocinar com ela de novo. Não quer vir ao *Aquelarre*. Sinto muito.

Isso soava como à teimosa de sua madrinha. Engoliu o nó na garganta.

—Annie está trabalhando agora, mas pode chamá-la esta tarde e tratar de fazê-la pensar com a razão, se quiser. Agora vá, se concentrar em aprender a controlar melhor sua magia. É importante.

Sim, agora mais que nunca.

Ela e Jack terminaram com o Thomas e foram encontrar um lugar para treinar.

— Sexo quente, hmmm? — Jack perguntou enquanto caminhavam pelo corredor que conduzia fora do escritório de Thomas. Ele deu esse sorriso preguiçoso tão familiar que tinha a capacidade de deter seu coração — Sinto-me adulado.

Depois de deter-se na estufa para pôr uma pena e uma rocha em seu bolso, não disse a ela para que eram, depois Jack a levou a porão de novo.

— Uh, Jack? — Disse uma vez que chegaram a abaixo da escada — Estou bem para ir agora à estufa. Ajudou-me a superar meu bloqueio.

—Não vou te levar ao armazém. Vou te levar a salão de baile.

— Ao salão de baile? Por quê?

Levou-a através do porão, até outro lance de escadas, e por baixo da ala do *Aquelarre* que não sabia que existia. Seus sapatos se afundavam no tapete de felpa vermelha do corredor ricamente decorado. Ele não respondeu até que abriu uma série de portas dupla.

— Porque há um espelho.

A sala era enorme e estava vazia por completo. Tapetes de felpa vermelha cobriam o chão, embora no centro da sala houvesse uma área coberta em madeira, provavelmente para dançar. Um abajur pendurava do teto e um espelho forrava uma parede, dando a ilusão de que a sala era o dobro do tamanho.

Ela deu um passo no interior, e Jack fechou as portas atrás dela.

— E por que necessitamos um espelho? — Ela perguntou com uma sobrancelha alta e um olhar feminino em seu rosto. Sua voz ressoou no espaço grande.

Jack riu da insinuação.

— Sei que pode fazer levitar objetos, mas quero tratar de fazê-lo quando está desorientada. O espelho está aí para te confundir.

Ele a levou a sentar-se com as pernas cruzadas sobre o tapete frente ao espelho, e pôs a pena e a rocha a uma distância atrás dela a sua direita. Podia vê-los, mas era um reflexo e, portanto desconcertante. Tinha acreditado poder por si mesma realizar estas tarefas no passado. Obviamente, Jack sabia e queria romper sua dependência.

— Levita os dois ao mesmo tempo — Disse recuando contra uma parede — Faz até que estejam ao mesmo nível no ar.

Ela soprou uma mecha de cabelo de sua face, sua expressão era sombria. Isto ia ser difícil. Não só nunca tinha levitado objetos de diferentes massas antes, nunca o tinha feito utilizando um reflexo.

Leu sua expressão.

— É importante que tenha o controle total de sua capacidade. Com sorte não será necessário que as utilize para se defender, mas se o fizer, terá que estar preparada. É uma bruxa forte. Não quer terminar como Marcus, com seu destino em mãos de bruxos mais poderosos.

Mira pensou em Marcus por um momento. Nem sequer o conhecia, mas sentia um parentesco com ele porque ambos eram bruxos do ar. Tinha acabado pendurando do extremo de uma corda só e usado.

— Não, não quero isso.

Ele assentiu com a cabeça para a pedra e a pena.

— Então a levita.

Mira desenhou um fio e manipulou por debaixo dos dois objetos. Criando um movimento no ar, era bastante fácil, mas trabalhar corretamente usando o vento para fazer levitar objetos era muito mais complicado. Várias vezes soprou a pluma muito longe e teve que recuar com cuidado usando pequenas nuvens de ar. Ela regulava as correntes no ar para cada objeto, muito mais forte e firmemente à figura debaixo da rocha e apenas um sopro para a pena.

Tomou toda sua concentração e várias tentativas falhas, mas finalmente conseguiu a pressão adequada e muito lentamente levantou tanto a rocha e a pluma ao mesmo tempo, para depois as fazer recuar para baixo. O suor empapava sua testa no momento em que terminou a tarefa. Não tinha ideia de quanto tempo tinha levado. O tempo desaparecia quando ela trabalhava.

—Bom trabalho — Disse Jack — Estou impressionado. Manipulou bem sua magia.

Tinha-o feito. Para voltar para o que tinha sido antes que seu poder aparecesse, que agora ronronava no centro de seu peito como parte dela, tirar seria como arrancar um braço ou uma perna.

— Agora faça de novo — Disse Jack.

Ela o olhou furiosa.

— Vamos — Pediu ele.

Ela levantou a rocha e a pluma cinco vezes mais. Cada vez fazia mais fácil e mais rápido. Mira olhou para Jack com o triunfo em seu rosto quando ele disse que parasse.

— Bem, agora faça com os olhos fechados.

— Jack!

— Mira, faça.

Ela suspirou e se preparou para uma longa tarde, mas finalmente conseguiu dominar a tarefa. Quando Jack disse que parasse, sentia-se esgotada pela concentração tão enfocada em sua lição.

— Fez algo para aproveitar sua capacidade de escutar conversa de longe? Perguntou.

— Minha capacidade de escuta é estupenda. O que me está ocorrendo é de forma espontânea — Ela tomou fôlego e falou em sussurros o que tinha ouvido essa manhã cedo — É por isso que tinha ido à cozinha quando o vi. Não podia voltar a dormir depois disso. Queria pensar que era só um pesadelo — Ela estremeceu — Mas sei que não foi.

— Era um pesadelo, está bem, mas um diferente.

Mira baixou o olhar, sentindo uma mistura de temor e pânico sobre ela. Não gostava de ser uma isca, uma vítima potencial. Isso a fez estar até mais motivada para ganhar o controle de seu poder. Levantou seu olhar e se reuniu com seus próprios olhos no espelho.

— Está bem, me dê outra lição, ensina-me.

— Me encontre uma conversa em algum lugar do edifício — Titubeou pensando — Não, encontra o Thomas, Ingrid ou Serena e me diga se estão tendo uma conversa. Se for assim, espia-os. Conhece-os, por isso deve ser um pouco mais fácil localizá-los no *Aquelarre*. Além disso, podemos comprová-lo depois.

— Uh, não vai importar se me meto em suas conversas privadas?

— Eles sabem que há uma bruxa do ar no edifício forjando sua formação. Isso é um bom sinal de alarme.

— Se você o diz, Jack — Fechou os olhos e colocou sua consciência a deriva para lugares mais profundos. Mira tinha estado meditando todos os dias, formando-se para que sua consciência roubasse um pouco de magia e ia explorar.

Logo se perdeu a maior parte de sua conexão física com a sala e desdobrou o fio de poder que tinha adotado para o passeio. Chegou à casa, a classificação através das vibrações vocais o encontrava perturbador pelas correntes de ar. Mira descartava as que não pareciam familiares e se detinha investigar as que o eram.

Por último, encontrou um padrão que parecia muito familiar e se concentrou nisso. Usando sua magia, ajusto a frequência de modo que se fez menor o zumbido e cada vez mais podia ouvir a conversa. Era Ingrid.

Mira só ouviu a metade da discussão. Ou Ingrid estava falando por telefone, ou Mira não tinha uma boa compreensão da pessoa que estava falando com Ingrid. Tirando um pouco mais de magia, procurou a resposta e descobriu à segunda pessoa. Uma vez mais trocou a frequência, forçado a voz da outra pessoa escutando-a com claridade.

Tinha esperado algumas intrigas suculentas, mas em seu lugar teve uma discussão sobre a coleta de lixo.

Que alucinante.

Com cuidado, desenredou o fio de sua magia e se retirou. Suas vozes se desvaneceram quando Mira pouco a pouco voltou a entrar em seu corpo. Deixou que seus olhos se abrissem lentamente e encontrou Jack sentado no chão, com as pernas e os braços a seu redor. Tinha estado tão envolta em seu projeto, tão fora de seu corpo, que nem sequer tinha reparado nele quando se instalou a suas costas.

Mira se aconchegou contra seu peito quente. Isto era o que ela tinha estado esperando todo o dia.

— Bom, isso foi aborrecido.

— Bem. O que ouviu? — Deslizou a mão debaixo de seu suéter e esfregou o polegar para trás e para frente por cima de seu sob ventre. Se fazia difícil pensar.

— Ingrid e outra pessoa desconhecida discutiam o entretido tema da organização de novas formas de coleta de lixo para o *Aquelarre*.

— Fascinante. Se puder recordar detalhes específicos, verificaremo-lo mais tarde.

— Posso.

— Bem — Estendeu a mão livre para frente dela com a palma para cima — Uma tarefa mais para este dia — Disse ele, com sua profunda voz através de suas costas. Uma faísca se prendeu na palma de sua mão — Faça-o brilhar. Faça que seja um rojão de luzes.

Sua magia respondeu a ele instantaneamente, crescendo cada vez mais cálida e formigando no centro dela, querendo ser livre, querendo jogar com a magia dele. Tirou um fio, moldando-o na forma que ela queria e o dirigiu sinuosamente ao redor da chama, como um gato esfregando-se contra uma pessoa em sua perna, sedosa e suave.

Atrás dela, Jack estremeceu, e se perguntou se de algum jeito podia sentir o que ela fez. Obviamente, ele não podia ver as diminutas correntes de ar. Ela jogou com a chama uma e outra vez, a que fez erupção no centro da mão dele.

Por último, ela alimentou sua magia em sua totalidade, causando que fogo crescesse maior e mais brilhante até que fez que saísse completamente de sua mão e permitiu que pendurasse diante deles. Sua magia combinada dançava, suspensa no ar, em cores vermelha brilhante, laranja, amarelo e azul. Parecia uma versão de fogo das luzes do norte.

Jack meteu as mãos na borda de seu suéter, e Mira falhou em seu controle da magia.

— Não o perca — Suspirou em seu ouvido — Não me deixe romper sua concentração — Ele beliscou sua orelha com suavidade, pondo sua pele arrepiada por todo seu corpo.

— É malvado — Murmurou, tentado manter seu controle sobre o espetáculo de luz diante deles — Mas em realidade não me importa esta lição em particular.

— Mmm — Ronronou quando ele passou as mãos por seu abdômen — Quem disse que o treinamento não pode ser divertido?

Seu sutiã veio abaixo.

Jack tomou os seios com as mãos e esfregou os polegares sobre seus mamilos. Ela gemeu profundamente em sua garganta, mantendo o olhar no fogo diante deles. O calor que sentia das chamas, não tinha nada que ver com as que vinham de Jack.

—Tem uns seios preciosos, tão sensíveis e receptivos. Eu gosto de tocá-los. — Enquanto

falava, ele localizou cada crista de cada um de seus mamilos, fazendo que Mira sentisse os efeitos de seu toque muito mais profundo — Às vezes te põe tão excitada quando brinco com eles, que acredito que poderia gozar só com isto.

—Uh — Sua voz saiu entrecortada por sua excitação — Pode ser que tenha razão nisso.

— Sério? Vamos ver quão excitada está — Ele colocou uma mão por seu estômago.

A magia escorregou e esteve a ponto de que perder a concentração.

— Deixa-o, Mira — Murmurou a seu ouvido — O treinamento terminou. É tempo de brincar.

Capitulo 19

Deixou que a magia paralisasse, extinguindo o incêndio, revelando seu reflexo no espelho que estava em frente. Tinha uma mão em seu suéter, acariciando o mamilo. A outra jazia em sua coxa, seus dedos jogando distraidamente com a prega de sua saia.

Levantou uma sobrancelha, apanhando seu olhar no reflexo do espelho.

— Humm. Isto tem possibilidades — Sussurrou no ouvido.

— Sabia que o espelho jogaria algum papel em seus planos nefastos — Respondeu ela sem fôlego. No reflexo do espelho, Mira podia ver como suas pupilas estavam dilatadas pela excitação, seus olhos se viam escuros. Sua mandíbula estava um pouco frouxa e sua expressão relaxada. Parecia uma mulher sob a influência do poderoso Jack com seu toque sensual. Mira reconheceu a esta mulher como a mesma que tinha visto essa manhã com o Jack no canto do espelho. Tratava-se de um aspecto de sua personalidade que só Jack tinha sido capaz de tirar a luz.

— Pegou-me — Parecia um predador, como se soubesse exatamente o que estava fazendo... E o que tentava fazer era fazê-la chegar ao clímax justo aqui, na pista de baile.

Ela não tinha verdadeiras objeções a isso.

Jack sustentou o olhar no espelho enquanto empurrava a mão mais à frente da borda de sua saia e arrastava as pontas dos dedos para cima sobre sua pele. Deteve-se na face interna da coxa a um par de centímetros de seu sexo e acariciou para trás e frente nesse lugar, até que conteve a respiração. Depois mudou ao material umedecido que cobria seu sexo e acariciou seu clitóris através dele, acariciando sobre seu nó de nervos excitados.

O prazer quente entre suas coxas se estendeu para fora. Ela fez um pequeno ruído na parte posterior de sua garganta, quando se sentiu, ao encontrar esse lugar, agora a tinha a borda de um orgasmo.

— Vamos tirar esta calcinha — Murmurou-lhe no ouvido. Agarrou a borda da pequena renda da roupa íntima e puxou. A seda se rasgou.

Mira ficou sem fôlego pela surpresa.

— Eram um fino par perfeito...

— Comprarei outros novos — Levantou o biquíni azul pequeno — Eram bastante insustentável de todos os modos.

— Se quiser que ponha calcinha de avozinha, estou segura de que posso encontrar algumas.

Atirou a calcinha a um lado e agarrou a borda de sua saia, levantando-a para cima até que

pôde ver seu monte de Vênus.

— Mira, fala menos — Ronronou no ouvido — Mais gemidos — Cobriu seu sexo com a mão — Agora onde estamos? Ah, sim vai olhar enquanto te faço gozar.

Mira tinha a boca seca.

Jack acariciou o clitóris com uma mão e a outra mão viajou até seu seio. Mira se moveu sem descanso contra ele, sentindo-se drogada e necessitada. Ele moveu um dedo para cima, a seu calor, e tirou um gemido. Acrescentou outro, estirando-a até o delírio.

—Você gosta de ver, não é? — Murmurou em seu ouvido.

Ela encontrou seu olhar no espelho e assentiu com a cabeça.

Ele dirigiu um sorriso.

— Me dei conta esta manhã. Deixa seu olhar fixo, Mira. Observa o que estou fazendo.

Fez o que pediu e observou sua mão grande trabalhando entre suas coxas, os músculos flexionados do antebraço enquanto ele empurrava diretamente a esse lugar onde se centrava um mundo inteiro só de prazer.

Desejava-o muito. Queria senti-lo em seu interior, mas Jack estava atormentando-a, queria claramente que chegasse ao clímax com a mão dele... E ela ia fazer precisamente isso. Cravou seus saltos no tapete e arqueou as costas. Jack trabalhou seus grossos dedos dentro e fora dela enquanto rodava seu mamilo de ida e volta com a outra mão.

— Jack, vou gozar— Sussurrou. Fechou os olhos, sentindo as cãibras que saltavam através de seu corpo.

— Olhos abertos — Ordenou com suavidade — Se olhe.

Abriu os olhos e olhou a decadente e excitante visão. Seu olhar agarrou o dele e a sustentou. Os olhos dele estavam escuros, com uma expressão dura.

— Infernos. É linda, neném — Murmurou.

Mira gozou com força contra seus dedos. Seus músculos se estremeceram e apertaram em torno deles quando o prazer explodiu contra seu corpo. Sustentou o olhar todo o tempo que pôde, e depois jogou a cabeça para trás e estremeceu, gemeu seu caminho para o céu e de volta. Quando as ondas finais se perderam, deixou-se afundar em seus braços. Ele alisou a saia e a beijou com ternura na têmpora.

— Eu queria que visse quão linda é quando goza.

Mira fez um esforço para formar uma resposta. Levantou uma sobrancelha.

— Bom, ao menos estou obtendo o que eu queria ter de você.

Uma risada baixa retumbou através dele.

— Darei a você todo o sexo quente que queira mulher.

Ela deu a volta e o empurrou sobre o tapete.

— Isso é bom, porque há algo que quis fazer a um tempo, e segue me detendo.

— O que é?

Só lhe dedicou um sorriso travesso e o beijou, primeiro nos lábios, e depois pelo peito, empurrando para cima o pulôver bege para pôr seus lábios sobre sua carne. Quando chegou a suas calças jeans, passou a língua pela parte superior da cintura e o olhou com uma expressão

sensual em seu rosto.

Ele deixou cair à cabeça para trás e gemeu.

Depois veio o ruído suave de um botão ao abrir-se, o som de um zíper descendo... E seu pênis magnífico saiu livre e queria sua atenção. Passou seus dedos por ele, espalhando a umidade das gotas de pré-ejaculação sobre sua crista.

Jack estremeceu e Mira sorriu.

— Quero-te a mercê de meus lábios — Murmurou ela — E minha boca. Quero sentir seu corpo totalmente vulnerável enquanto estou te chupando com minha língua... Até que me dê tudo o que tem para dar.

— Vai me deixar louco.

— Não quero que fique louco. Eu só quero fazer você gozar.

Ela acariciou um pouco mais de tempo com os dedos, sentindo cada gemido, cada estremecimento, cada rigidez muscular que passava de seu próprio corpo. Mira lambeu a cabeça brandamente, fazendo a ponta de sua língua passar ao redor dos lados de seu eixo, e baixou os lábios ao redor de seu pênis.

Seus dedos agarraram seu cabelo enquanto o trabalhava dentro e fora da boca. De vez em quando, empurrava brandamente até que a cabeça de seu pênis tocava suas amídalas.

Quando finalmente gozou, dentro em sua boca e lançou um gemido. Seu sabor era quente e almiscarado contra sua língua e sua garganta. Mira fechou os olhos desfrutando de saber que ela tinha feito isto a este homem, ele que gostava de ter o controle e o perdeu por completo pelas carícias de seus lábios.

Jack esteve por um momento respirando com dificuldade, e depois a arrastou a seu corpo, afundando os dedos no cabelo da nuca.

— Maldição — Grunhiu antes de pô-la debaixo dele e a beijou profundamente.

Ela nunca pensou quanto o sexo poderia ser bom, este doce dar e tomar, a emoção e o corpo. Não havia vergonha. Não havia acanhamento. Só prazer. Não importava o que acontecesse a ela e Jack no final, ele tinha dado tudo isso a ela.

Passaram o resto do dia juntos, e essa noite foram em seu quarto em vez do dele.

De noite chamou Annie e tentou convencer sua madrinha a vir para o *Aquelarre*. Annie se negou rotundamente, dizendo que tinha uma loja que cuidar e uma vida que seguir. Depois de desligar, Mira ficou olhando o telefone na sala de estar com uma bola de emoções em seu estômago.

Jack entrou na sala e estendeu a mão. Deixou-se puxar de uma posição sentada a seus braços. Inclinou o queixo e a beijou brandamente, sem necessidade de palavras para consolá-la.

Ela o seguiu até o quarto onde se despiram e se aconchegaram sob a colcha, nus, sentindo prazer com a sensação de tocar pele contra pele e a mistura de seus calores corporais.

Jack guiou seu rosto para ele e sem dizer uma palavra, beijou-a. Seus lábios se deslizaram sobre os seus, suaves e lentos como se ele saboreasse o sabor dela. Mira fez um ruidinho com sua garganta e o beijou de volta.

Sua língua arrasou contra sua boca e ela a abriu para ele.

Quando os beijos foram para baixo para abranger seu pescoço e seus seios, ela o deixou. Quando começou a jogar com sua mão em sua coxa, ela abriu as pernas para ele. Pacientemente, com seu toque destro, preparou-a para ele. Quando estava escorregadia e torcida, deslizou-se dentro dela. Ele a montou lento e depois ainda mais lento. Manteve seu olhar constantemente contra a seu, rompendo-a uma só vez quando a beijava ou soprava ao ouvido. Era tão íntimo e excitante que suas emoções se transbordaram, lágrimas encheram seus olhos.

A fez sentir-se protegida e inclusive, quase amada e apreciada.

Ela chegou a seu clímax com as pernas enroscadas em seus quadris e seu pênis empurrando dentro dela. Seu orgasmo disparou o seu e afogaram os gritos com suas bocas e línguas.

Quando ficaram adormecidos, estavam empapados de suor, satisfeitos em um matagal de corpos entrelaçados.

Mira não podia recordar a última vez que tinha dormido tão profundamente.

ଔଔଔ

Annie invadiu sua cozinha e pôs uma sacola de mantimentos no mostrador da cozinha. Cedo na manhã estava frio, mais frio que a teta de uma bruxa. Sempre tinha amado essa expressão.

Tirou jaqueta de inverno e se ocupou de desempacotar as sacolas. Hoje foi um dia agitado na loja porque ia dar um par de aulas de artesanato, por isso tinha feito suas compras cedo. Graças aos céus pelos mercados que estavam abertos vinte e quatro horas.

Depois que tudo estava guardado, serviu-se uma xícara de café e se sentou em sua pequena mesa de cozinha. Cedo na manhã, a luz se filtrava pela janela, sobre a pia. Desde seu assento, olhava além da luz verde das cortinas, tratando de pensar em tudo o que tinha que fazer esse dia, mas para terminar só pensando em Mira e a chamada de telefone da noite anterior.

Sua afilhada tinha parecido tão preocupada com ela. Annie se sentia culpada por não apressar-se a unir-se ao *Aquelarre* para protegê-la, só por que Mira estava preocupada, mas sentia uma necessidade de ficar em sua terra. Os *Duskoff* sempre enviavam a todos correndo pelas colinas, e já estava farta disso. Se os bastardos a queriam, poderiam muito bem tentar agarrá-la.

Não estava familiarizada com o uso de magia em uma briga.

O olhar de Annie trocou. Na prateleira sobre o lavabo, junto a um pequeno vaso de barro de rosas em miniatura que tinha conseguido manter viva no interior durante todo o inverno, estava a imagem da graduação da escola de Mira.

Sua afilhada tinha sido sempre bela e talentosa em muitas maneiras. Era muito empática, um efeito colateral de ser uma bruxa, e teria sido uma grande psicóloga se tivesse terminado a escola. Annie tinha estado contra seu matrimônio com o Ben desde o começo. Tinha notado que ele não era bom para Mira. Tinha deixado suas preocupações ao descoberto, mas não tinha pressionado a Mira muito sobre o tema. Era a vida de Mira. A escolha de Mira.

Mas inclusive Annie não tinha suspeitado que Ben a sua vez fosse o idiota que era. Tinha traído a Mira, justo como sua própria madrinha tinha feito. Annie fechou os olhos, sentindo o sabor amargo do remorso. Ela lamentou vivamente a decisão de honrar os desejos dos pais de

Mira. Se houvesse dito ao *Aquelarre* dela, Mira teria crescido com a formação que necessitava, e nunca se encontraria na situação que estava hoje, sendo caçada.

Seus pais, simplesmente queriam que ela tivesse uma vida normal como uma pessoa não-mágica. Eram conhecidos os perigos que enfrentava uma bruxa do ar de grande alcance, como a que Mira tinha sido destinada a transformar-se desde sua concepção. Tinham querido fazer o bem e também Annie, mas o caminho ao inferno está pavimentação de boas intenções, que grande verdade.

Perguntou-se como estava indo agora Mira no *Aquelarre*. Não tinham falado durante muito tempo ao telefone a noite anterior. Annie confiava em que Jack McAllister mantivesse a Mira a salvo dos danos físicos, mas como o estava levando mental e emocionalmente? Além da noite anterior, só falou com ela uma vez desde que tinha chegado ao *Aquelarre*, e Mira parecia longínqua no telefone, confusa e aflita pelo fato de que tinha uma família que nunca tinha conhecido.

A família que Annie tinha mantido em segredo.

Odiava-a agora? Tinha todo o direito, Annie o supunha. Esperava que Mira soubesse que a amava como a uma filha. Uma lágrima escorregou por sua bochecha e a limpou.

Fora na rua estavam dois guarda-costas que o *Aquelarre* tinha enviado para cuidá-la. Sempre levava aos homens comidas quentes e chá, mas sempre declinavam sua oferta de entrar em sua casa ou na loja. Thomas Monahan também tinha enviado os melhores tecedores de feitiços para que criassem poderosas proteções ao redor de sua casa e no negócio, para protegê-la. Preocupavam-se com ela devido a sua conexão com Mira.

Mas Annie só se preocupava com Mira.

Um dia, quando tudo isto terminasse, tentaria compensar as coisas com ela. Só esperava que Mira a perdoasse. Seu coração se sentia pesado como o tinha estado durante semanas, Annie se levantou, pondo sua xícara de café na pia, agarrou sua bolsa e seu casaco e se dirigiu por volta da porta traseira para começar seu dia.

Seus saltos não se escorregavam diante o caminho perfeitamente espaçoso que conseguiu limpar com sua magia. Altas sebes crescidas a cada lado de seu pátio, ocultavam o que para aos olhos não-mágicos. Tirar a neve era fácil para ela, porque estava composta de água. Esquentava-a até que se derretia, ou simplesmente a mudava a ambos os lados da passarela.

Chegou ao beco e a seu carro. O sedan verde com os dois bruxos se encontrava estacionado um pouco mais abaixo. Ela saudou com a mão como de costume, mas não devolveram sua saudação. Annie franziu o cenho, baixando a mão e sentindo algo desconjurado. Entrecerrou os olhos, tinha um pouco de astigmatismo, para obter uma melhor visão.

Os bruxos se deixaram cair outra vez em seus assentos. Viam-se incapacitados, mortos no pior dos casos.

Isso não augurava nada bom.

Passos soou pela calçada limpa atrás dela. Dois homens.

A adrenalina fluía nela, Annie tirou um pouco de magia quando se voltou para enfrentar os dois bruxos *Duskoff* atrás dela. Um deles era da terra e o outro do fogo.

Ela não lhes deu tempo de reagir. Empapou-os de água e os esfriou tão rápido que nenhum dos dois pôde tomar represálias. Ambos se congelaram em seu lugar. Então deu a volta, esperando que mais estivessem atrás dela. Era uma tática comum. A primeira só era uma isca. Quando os *Duskoff* queriam tomar uma bruxa de grande poder, esgotavam-na confundindo-a.

Outros dois vinham pelo canto da garagem, uma bruxa de água e uma bruxa de terra, atirando magia tão rápido que temia que não fosse poder detê-las. Com reflexos aperfeiçoados, criou um feitiço e o jogou nelas, as congelando no lugar.

Respirando com dificuldade, moveu-se em círculos, esperando o resto. Não havia mais bruxos que ela pudesse ver... Mas não havia modo que ela terminasse esta batalha. Um homem com um impermeável negro e comprido saiu do beco. Como se fosse um pistoleiro nas ruas de Deadwood, Annie tirou sua magia e a dirigiu ao homem, mas ele moveu a mão, e sua água se acendeu em um repentino brilho de fogo e se evaporou. Tentou de novo e de novo enquanto o homem a acertava. Era um professor de seu elemento. Nunca havia sentido um bruxo de fogo mais poderoso em sua vida. Annie revisou em sua mente alternativas, outras formas de derrotar a este. Algumas bruxas de água poderiam manipular a água no corpo de uma pessoa, mas ela não possuía essa capacidade. Sem opções, Annie se separou dele, protegida por um dos homens que tinha congelado.

À medida que se aproximava pôde ver seu rosto com mais claridade. Era irresistivelmente formoso, com um grosso e encaracolado cabelo loiro e olhos cinza. Stefan. A comunidade dos bruxos inteira sabia quem era. Stefan era quase tão bem conhecido como o bastardo de seu pai.

Jogou os braços como se fosse saudar um velho amigo e sorriu.

— Annie, é tão bom te conhecer.

Com chamas em ambas as palmas das mãos.

Ele a abraçou.

Annie gritou.

Capitulo 20

Jack despertou para encontrar sua cama vazia. Sentindo que Mira ainda estava no quarto, deu a volta, olhando a seu redor para ela. Estava com seu robe de dormir, junto à janela, olhando para a grama em frente, envolta pela manhã.

— Mira o que está fazendo? Volta para a cama.

Deu a volta. A expressão de seu rosto o gelou. Estava pálida e sua expressão parecia desolada. Seus olhos pareciam não conter nada.

Levantou-se da cama e se dirigiu a ela. Seus braços estavam frios ao tato.

— Carinho, o que aconteceu?

Ficou olhando um bom momento até que finalmente piscou.

— Um pesadelo.

Jack a atraiu para ele, mas ela se sentia como uma tabua. Esfregou os braços, tentando esquentá-la.

— Tem que ter sido um mau — Ele murmurou com sua bochecha pressionada contra seu cabelo — Ainda é cedo. Veem, volta para a cama — Queria abraçá-la, afastar esse olhar de horror de seus olhos.

Ela se separou dele, piscando duas vezes rapidamente. Um sorriso apareceu em sua boca.

— Sinto muito. Realmente me aterrorizou.

O coração dele começou a pulsar de novo.

— Às vezes o treinamento de magia pode produzir pesadelos. Não é incomum.

— Sério?

— Quando a magia é pela primeira vez perturbada, a mente às vezes se vê alterada também. Os pesadelos são um problema para as bruxas adolescentes por isso. Posto que você só esteja treinando agora, parece provável que os tivesse.

Ela se estremeceu.

— Foi muito vivido, como se estivesse ali em realidade.

—As bruxas sonham vividamente. São propensas a sonhos luzidos e espontâneos também. Não acredito que tenha que te dizer como de lúcido pode ser um pesadelo.

— Acredito que acabo de descobrir.

— Vamos — Ele a levou para a cama. Uma vez que ambos estavam sob as mantas pesadas, ele puxou-a contra ele e a abraçou, situando sua mão entre seus seios para cobrir o centro de sua magia — Pode me falar sobre isso, se achar que poderia ajudar.

— Não — Respondeu rapidamente — Só quero esquecê-lo — Ela alcançou sua mão, levando-a a sua boca e a beijou— Mas, obrigada.

— Está bem — Olhou o relógio. Colocado contra seu corpo, ela finalmente estava começando a esquentar-se. Eram 8 da manhã. Tinham outra meia hora antes de ter que levantar-se e começar a treinar esse dia.

Eles poderiam gastá-lo justo assim.

ଔଔଔ

Mira estendeu a mão e ajudou Jack a ficar de pé. Fez caretas, Jack se levantou e estirou as costas e o pescoço. Ela estava chutando seu traseiro hoje e se sentia culpada por fazê-lo.

Tinha-a levado a treinar depois de Serena, pensando que era o momento de começar a concentrar-se mais na magia defensiva, essa era sua especialidade. Tinham voltado para a sala de armazenamento, onde tinha disposto esteiras colocadas no chão. Estava fazendo progressos, embora fosse difícil para ela concentrar-se com os restos do sonho que ainda se agarravam a ela. Ainda assim, conseguiu reter Jack cada vez que vinha para ela, cada vez melhor.

Jack havia dito que era só um pesadelo, e necessitava desesperadamente acreditar. A alternativa era muito espantosa para considerá-la.

— Vou acrescentar fogo agora — Jack tinha estado muito sério durante todo o dia de seu treinamento, levando-a a tentar coisas novas, modificando sua magia de uma forma a outra. Ele tinha a intenção de que aprendessem novas técnicas defensivas.

Estava agradecida por seu enfoque, porque o compartilhava. Algo estava construindo-se. Podia senti-lo. E era algo mau.

— Como é que o ar tem alguma defesa contra o fogo, Jack? O ar só faz ao fogo mais quente e mais brilhante.

— Pensa por um momento. O que é o que o fogo tem, que o faz arder em primeiro lugar?

Chego-lhe imediatamente.

— OH.

Jack assentiu com a cabeça.

— Magia defensiva é muito parecida ao jogo de pedra-papel-tesoura, embora isso seja uma enganosa e simples descrição. Muito disto depende de cada uma das habilidades dos bruxos, os criativos e rápidos que são, e seu nível de poder.

Estendeu a mão e uma bola de fogo formada se fez maior com rapidez, obrigando Mira a desenhar uma linha de magia e utilizá-la para encerrá-la em uma borbulha e tirar todo o ar. Tomou muita concentração, mas finalmente a bola de fogo se extinguiu.

—Bom. Muito bom Mira.

Sorriu, orgulhosa de si mesma.

Agora vamos provar quando não estou parado e esperando por você.

Seu sorriso desapareceu.

ଔଔଔ

Uma e outra vez praticaram. Jack fez o fogo maior e menor, atirou-o pela sala, e o jogou diretamente a ela. Ao final, Mira podia perceber e extinguir o fogo com os olhos fechados. No momento em que tinha dominado essa habilidade se sentiu esgotada e com uma terrível dor de cabeça, mas o difícil treinamento mágico tinha limpado os últimos vestígios do pesadelo de sua mente, felizmente.

Jack a olhou atravessar a sala com o calor inconfundível em seus olhos enquanto ela se inclinava e se ajustava as mãos em seus joelhos, a respiração pesada por perseguir o fogo ao redor da sala. Ele a apanhou apressadamente, aprisionando suas costas contra a parede atrás dela. Jack a cobriu com as mãos a ambos os lados da cabeça e ficou olhando-a fixamente.

Ela piscou.

— Hei. Há algo que queira me dizer, Jack?

— Só que acredito que é incrível, linda, inteligente e sexy.

Sentia-se ruborizar pelo louvor.

— Tem mais adjetivos aí dentro que queira me dizer?

— Vi-a fazer frente a cada desafio que se lançou em seu contrário durante estas últimas semanas. Nenhuma só vez choramingou, nunca se queixou. Neste período de tempo reuniu mais conhecimentos mágicos de que tomaria vários anos aprender para os bruxos.

— Humm, obrigada — Não soube o que fazer com o elogio — É porque estou motivada, sabe?

Sua voz baixou sedutora.

— Mencionei a parte sexy? A parte linda? — Inclinou-se para ela e roçou seus lábios com suavidade, com os ela. O toque leve fez que seu corpo zumbisse pela consciência dele. Apoiou a testa contra a dela — Maldição, Mira. Eu acredito que... — Calou no final da oração —...que me preocupo muito por você. E não há forma de que te permita utilizar qualquer desta magia defensiva que aprendeu. Crane e seus seguidores vão se aproximar de você por cima de meu cadáver.

Ela sorriu diante a proteção veemente em sua voz.

— Bom, isso é o último que quero, Jack, porque também me importa muito.

Algo escuro se moveu em seus olhos.

— Última tarefa para o dia. Me atire para trás. Sou o inimigo. Me repele.

Ela negou com a cabeça.

— Não, já terminei por hoje. Provavelmente já tem dez hematomas...

— Faça-o.

— Não.

— Faça-o.

— Não!

Seus olhos se voltaram com uma sombra terrível de vermelho e as chamas pareciam piscar em suas profundidades.

— Faça-o, Mira — Grunhiu baixo.

Ela o fez.

Jack se foi para trás e caiu de traseiro a uns três metros de distância. Não se movia.

Homem estúpido! Mira correu para ele e se ajoelhou a seu lado. Tinha os olhos fechados.

— Jack, está bem?

Abriu os olhos e a tinha abaixo ele tão rápido que inclusive não pôde gritar da surpresa.

— Genial... agora — Murmurou antes que sua boca baixasse até ela.

Seus lábios trabalharam sobre os seus, e seu joelho se insinuava entre suas coxas. As dores de Mira do dia, o cansaço, a dor de cabeça, tudo se desvaneceu sob seu tato. Ela deixou que suas mãos jogassem sobre seus largos ombros, deixou que seus dedos se enredassem no cabelo sedoso de sua nuca enquanto ele a beijava.

Amava-o.

Mira não poderia nunca dizer isso, mas o fazia. Não havia nada que pudesse fazer a respeito. Os sentimentos a golpearam como um caminhão Mack.

Jack deslizou a mão sob sua camisa e esfregou o polegar para trás para frente contra sua cintura, fazendo que tremesse. Ela o fez subir e o obrigou a cair de costas para que ela pudesse estar sobre ele, escarranchada. Sua boca se movia sobre ele enquanto ela puxava a prega da camisa, querendo beijá-lo sobre seu peito.

Tomou o rosto entre as mãos antes que pudesse baixar sua boca para ele.

— Mira...

Nesse momento alguém abriu a porta. Thomas apareceu a cabeça. Deu um olhar à cena por

um momento antes de falar.

— Me alegro de ver que o treinamento vai bem.

Mira ficou de pé e sacudiu a si mesma, enquanto que Jack se levantava.

— Mira, preciso falar com você — Disse Thomas. Deu um olhar ao Jack — A sós.

— Está bem — Olhou para Jack antes de dirigir-se para a porta com o Thomas.

Caminharam a seu escritório, sem dizer uma palavra. Tinha uma expressão triste que fez que todo o temor que Mira tinha sentido em seu pesadelo viesse correndo de novo e a golpeou justo no peito.

— Thomas, eu…

— Não até que cheguemos a meu escritório.

Finalmente, chegaram a seu destino, e fechou a porta atrás deles. Ela se deixou cair em uma das cadeiras de couro. Ele se sentou na borda da mesa e se beliscou o nariz com o polegar e o indicador.

Mira se preparou. Centrou seu olhar em uma das pernas da mesa.

— Tive um pesadelo ontem à noite. Sonhei que um bruxo poderoso tinha a Annie — Fez uma pausa, respirou e levantou o olhar à face de Thomas — Só me diga Thomas.

Thomas só levantou o olhar. Tudo estava em seu rosto.

Uma rajada de ar frio correu pela sala, como consequência de uma explosão incontrolada das emoções de Mira.

O desespero desapareceu até que Mira se sentiu feita de madeira.

— Me conte mais.

— Recebemos uma mensagem faz uns quinze minutos, enviada pelo Stefan, filho adotivo de William Crane. Sabe quem é Stefan?

Ela assentiu.

— Ele é um bruxo do fogo muito poderoso. Ao que parece, matou os dois guardas que enviamos e levou Annie de sua casa esta manhã, enquanto ia no caminho a seu trabalho.

Mira respirou tremendo. Teria que haver um milhão de perguntas, mas sua mente estava em branco.

— Annie é uma isca — Ele fez uma pausa — Para você.

Obrigou-se a pensar através da bruma adormecida em que se inundou.

— Disse que os *Duskoff* ficaram em contato contigo?

— Enviaram fotos.

Mira engoliu seco, sentindo náuseas. As fotos tinham que ser más.

Thomas seguiu em questão com seu tom, mas Mira podia ouvir o tremor da emoção por baixo.

— Foi queimada por Stefan. Necessita tratamento médico. Além disso, eles dizem que vão matá-la se não a entrego a eles dentro de vinte e quatro horas.

Mira fez que toda essa informação se estancasse, sua vida pela vida de sua madrinha.

— Não vai fazer isto — Ordenou.

Seu adormecimento se fundiu com cólera aguda. Ficou de pé, e outra rajada de ar se

precipitou pela sala, espalhando os papéis sobre o escritório do Thomas. Seu cabelo comprido e negro soprava ao redor de sua cabeça, mas sua expressão sombria não trocou.

— Como o inferno que vai me dizer o que fazer, Thomas. Annie é a única mãe que conheci. Não vou deixá-la morrer nas garras de Crane para salvar a mim mesma. Não vou permitir que Crane leve a meus pais nunca mais.

— Tem que se acalmar. Não tenho nenhuma intenção de deixar que você ou Annie morram. Por favor, sente-se.

Ela permaneceu de pé, cruzando os braços sobre o peito.

— Sei que está procurando briga, e vai conseguir o que quer em certo modo, mas vamos ser inteligentes a respeito disso. Temos os recursos para confrontar esta provocação se anteciparmos seus movimentos adequadamente.

Thomas, obviamente, podia pensar muito mais claro do que ela podia. A única coisa que queria era ir-se, agora. Fazer algo para que Annie voltasse sã e salva.

— Não está pronta para lutar contra bruxos, Mira, sinto muito.

— Estou preparada, Thomas. Lutei com seis deles no apartamento de Jack.

— E quase se matou.

— Estive treinando. Percorri um comprido caminho após. Tenho mais controle agora.

— Não está preparada. Confia em mim.

Ficou jogando fumaça durante um bom momento antes de gritar

— Vou ser parte de tudo que o *Aquelarre* vá fazer Thomas!

Ele não disse nada.

Uma brisa tanto de sua impaciência como de sua irritação sacudiu o cabelo.

— Thomas, digo a sério. Trata-me como se fosse feita de cristal. Igual a Jack. Sou mais forte do que ambos acreditam que sou, e não há maneira de que eu não faça o Crane pagar por tudo o que me fez. Agora quero que me dê sua palavra de que vou ser uma parte de tudo que o *Aquelarre* organize. É minha escolha. É minha vida. Annie é minha madrinha.

Thomas a olhou fixamente durante um bom momento.

— É definitivamente filha das casas Hoskins e Monahan. Tem minha promessa.

— E não quero que Jack saiba nada disto — Acrescentou — Nenhuma palavra.

Choque e raiva se derramaram no rosto de Thomas por um momento, mas ele o conseguiu reter rapidamente, deixando em branco a tão familiar a máscara sobre seu rosto.

— Por quê? Ele pode ajudar.

— Ele é condenadamente protetor. Deteria-me. É mais fácil se não souber o que está acontecendo.

— É um engano.

Ela negou com a cabeça.

— Prometa-me isso como meu primo, Thomas. Como minha família. Disse que faria tudo por mim. Jurou.

Thomas fechou os olhos e suspirou derrotado.

— Coloquei-o com você por uma razão. Ele é o melhor homem para te proteger, Mira. Ele

daria sua vida para te manter a salvo.

— Sim, sei. Esse é o problema.

Capitulo 21

O dia amanheceu frio e cinza. Saiu da limusine a uma rua elegante na cidade de Nova Iorque. Mira nunca tinha visitado este lugar, não sabia nada disso, e estava muito concentra em prestar atenção a seu redor nesse momento. O melhor que podia fazer era notar o inverno estéril do Central Park, enquanto cruzava a rua. Ao menos, suspeitava que fosse o Central Park. De todas as maneiras, era um parque muito grande. Estavam no apartamento de Thomas, não muito longe do *Duskoff* Internacional.

Mira olhou ao céu um instante, seu fôlego se fez branco contra o ar frio. Escapou da cama do Jack durante a noite. Teria se levantado logo para descobrir que ela se foi, mas não ia pensar nisso.

Thomas pôs uma mão apropriadamente na parte baixa de suas costas e a conduziu ao interior do edifício, passaram os porteiros, à pessoa de recepção, até o elevador. Vários bruxos os perseguiam. Mais os estariam seguindo.

O alojamento de Thomas em Nova Iorque era tudo o que Mira tinha esperado, os pisos de madeira, caros móveis, grandes janelas de piso ao teto com vista ao parque. Era bonito, mas Mira notou só algo além do óbvio. Todos seus pensamentos se centravam em Annie.

Tirou sua jaqueta, e uma das bruxas acompanhantes que a cuidavam a recebeu, levando a alguma parte. Deixou-se cair em um sofá de Thomas e olhou pela janela. Atrás dela soou o telefone.

Thomas se levantou e falou em voz baixa à pessoa no outro extremo.

Thomas aproximou depois de desligar o telefone. Não se incomodou em olhá-lo.

— Eles sabem que estamos aqui. Dizem que às 16:00 horas, no *Duskoff Internacional*. A pretensão é que esteja de acordo no intercâmbio de sua vida pela de Annie, mas todos sabemos que não é a forma em que isso vai acontecer. Estamos aqui para lutar. Sabem muito bem. Farão todo o possível para te arrancar de nós. Precisamos estar preparados.

Mira só assentiu e seguiu olhando pela janela. Uma curiosa sensação de poder se instalou nela, um sentimento de confiança. Todo seu medo estava bloqueado em algum lugar profundo dentro dela. Não podia permitir o medo neste momento, não enquanto Annie estivesse com Crane e necessitando atenção médica. Não havia tempo que perder com sentimentos que não serviam de nada, não traria a Annie de volta. Tudo parecia tão claro como o cristal para ela.

— Onde está *Duskoff Internacional* em relação com seu apartamento? Perguntou a Thomas ligeiramente.

— A cinco quadras ao norte deste edifício.

— Obrigada — Ficou de pé e caminhou pelo corredor, procurando um lugar tranquilo.

— Mira, onde vai?

Deu a volta.

— Sou uma bruxa. É hora de que comece a agir como tal.

— Tenho que me preocupar com você? Parece muito tranquila.

— Não precisa preocupar-se, Thomas — Mira deu a volta e seguiu pelo corredor, encontrando um dos quartos na parte posterior da moradia. Sentou-se com as pernas cruzadas no centro da cama, fechou seus olhos, e deixou que sua consciência fosse à deriva profundamente, até que já não pôde sentir mais seu corpo físico.

Ouviu um pequeno pop como se sua consciência se liberasse, e se dirigiu fora do quarto e à parte principal do apartamento.

Sua consciência era o mesmo ar, e podia dirigir sua atenção a qualquer lugar que escolhesse. Regulando os sons das bruxas no apartamento de Thomas para que se desvanecessem em um nada e dirigindo do clamor da rua mais à frente, Mira se voltou para o norte e para o edifício *Duskoff* e a Annie.

O edifício cinza bronze ficava na esquina de uma intercessão de grande tamanho. Um alto, esculpido de granito era um sinal no espaço comum frente à marca do edifício que procurava. Apesar de ser sábado, muitas pessoas caminhavam pela rua, frente às portas de duplo cristal esmerilhado. Mira tratou de enviar a sua consciência ao edifício, mas não pôde superar um obstáculo pesado que corria a seu redor.

Proteções.

Tinha esquecido que o edifício *Duskoff* provavelmente teria umas poderosas proteções a seu redor. Recordou o que Jack havia dito uma vez. As barreiras estavam destinadas a não permitir que os mágicos o atravessassem, mas não qualquer velha bruxa. Nenhuma magia que não seja a que os tecedores de feitiços tinham decidido assegurar, podia-se passar.

Isso significava que estava definitivamente fechada. Não era segura para eles.

Mira se deslizou ao longo da barreira, procurando o que parecia uma brecha na magia. Seguiu-a. Talvez encontrasse uma imperfeição de algum tipo, um engano ou uma porta traseira. Isso é o que tinham encontrado os quebra-feitiços no apartamento de Jack, de acordo com Thomas. As completamente perfeitas proteções eram um golpe de sorte. Algumas proteções eram melhores que outras, mas nenhum bruxo poderia conseguir levantar uma barreira até que estivesse completamente sólida.

Este conjuro parecia perfeito.

Explorou durante o que pareceram horas e não encontrou nada. Mira procurou até que sentiu um desespero crescer até o centro dela. Parecia que não havia imperfeições em nenhuma parte da barricada mágica ou ao longo de sua perfeita composição.

Justo quando estava a ponto de admitir a derrota, encontrou-se com uma pequena greta na base da parede sul. Foi direta sobre ela em princípio porque era muito pequena. Mira estava preocupada de que sua própria magia tratasse de extrai-la, mas se manteve firme. Estava imaterial, depois de tudo, não podia esperar ter muito esse efeito.

Tomando uma tática diferente, empurrou e apertou até que obrigou a sua consciência a atravessar a minúscula lágrima e transpassar para o edifício. Sentiu que sua consciência atravessava uma lama, similar a um líquido viscoso.

Agora encontraria a sua madrinha.

No momento em que se enfocou em Annie, Mira experimentou uma parada de força diretamente a ela, como se só ao pensar nela houvesse uma espécie de atração magnética. Sua madrinha estava retida em um armazém, em algum lugar da *Duskoff Internacional*.

Annie estava de barriga para baixo em uma cama de armar. Negras e vermelhas, as queimaduras com ampolas lhe marcavam as costas onde sua roupa se acendeu e queimou. Tremores sacudiam seu corpo, fosse pelo frio ou pela dor de suas feridas. A quantidade de dano que tinham feito a Annie inundou a Mira em uma falta de reação... Um momento antes que a fúria perfeita a enchesse. Mira podia sentir seu corpo físico tremendo de volta no quarto de Thomas.

Mira tentou algo que nunca tinha provado antes. Tirou um fio de magia e criou uma cálida brisa nesse lugar remoto que acariciou Annie até que já não se estremeceu mais.

Annie se levantou, fazendo uma careta diante a dor que causou o movimento.

— Mira? — Sussurrou.

Mira podia sentir as lágrimas que corriam por suas bochechas físicas, mas não tinha forma de responder. Em seu lugar criou outra brisa constante na sala, esquentando o ar para ela. Era tudo o que podia fazer.

Deixou ir à deriva, fora da sala, examinando o edifício e o lugar onde Annie estava retida. Podia dizer pela vista das janelas que estava em algum lugar alto. Ao encontrar o vestíbulo e o elevador, descobriu o andar em que se encontrava com certeza.

Finalmente, chegou a uma grande sala de reuniões. Dois homens estavam de pé perto da larga mesa no centro. O mais velho dos homens estava de costas a Mira. O mais jovem e bonito, reconheceu-o imediatamente como Stefan. Como os dois homens falavam em voz baixa, deu-se conta de que no rosto de Stefan havia uma seriedade brutal que não permitia que o mundo o visse. Este era o homem que tinha capturado Annie e que a tinha queimado.

A ira de Mira se acendeu, e Stefan sacudiu a cabeça levantando-a. Pôs sua mão sobre o ombro do velho, ajudou-o a sentar-se em uma cadeira, e depois deu a volta na sala, olhando para o teto. Ele sabia que não estavam sozinhos.

Havia inadvertidamente causado uma perturbação no ar, ou simplesmente Stefan era muito sensível a outras magias?

Não tinha tempo para pensar mais à frente. Stefan sacudiu seu pulso, e tudo o que Mira viu, provou, e sentiu foi fogo. Sua consciência se estrelou de novo em seu corpo, fazendo que se obstruísse. O aroma acobreado do sangue queimado enchia suas fossas nasais e a sensação persistente de que tinha sido cauterizada permanecia ao longo de sua pele. Tocou sua face e peito, assegurando-se de que não tinha sido verdadeiramente queimada. Só tinha sido uma ilusão.

Deixou-se cair de lado e fechou os olhos, seu coração palpitando grosseiramente. Suas pernas ficaram adormecidas, e sofreu a dor de espetadas como de agulhas. Quando seu ritmo cardíaco diminuiu a um nível aceitável e a dor nas pernas se foi, Mira abriu os olhos. Sabia que Annie se encontrava detida no edifício, e sabia o que tinham que fazer. Não podiam esperar até a hora do encontro e lutar contra eles.

Tomariam de surpresa antes da hora.

Deslizou-se da cama, irrompendo na outra sala, e disse a Thomas tudo.

— Se esquece das proteções, amor — Disse Thomas — Farão os conjuros antes de 16:00 horas. Assim poderemos entrar. Não podemos rompê-los antes desse momento, não sem nossos melhores quebra-feitiços trabalhando sem parar entre agora e então. Eles necessitam mais tempo.

— Mas eu sei onde há uma greta no conjuro, Thomas. Assim é como entrei. É uma pequena fissura na base da parede sul, mas talvez possa ser detonado com a magia adequada. Sei exatamente onde está.

— Whoa, se acalme — Ele a tomou pelos braços e a guiou a sentar-se no sofá — Do que está falando?

— No quarto me concentrei e... não sei... viajei a *Duskoff Internacional*. Queria ver se podia localizar a Annie. Encontrei-me com a proteção, mas depois de passar algum tempo explorando, encontrei uma greta pequena e trabalhei a minha consciência sem corpo para atravessá-la.

Thomas compartilhou um olhar com um bruxo de pé atrás do sofá. O tipo enorme, loiro, e construído como um tanque. Mira recordava que seu nome era Brian ou Brandon ou algo assim.

— É forte — Disse Brandon ou Brian.

— Em primeiro lugar, é incrível que arrumasse para fazer isso — Thomas negou com a cabeça com incredulidade, enviou a seu cabelo solto a deslizar-se sobre seus ombros — Mas é porque tem a magia do ar. Necessita só a menor greta para poder atravessá-la. Fazê-lo em forma física é algo completamente diferente.

Mira fechou os olhos por um momento de frustração.

— Deixa de me dizer o que não se pode fazer Thomas. Se puder dar aos quebra-feitiços a localização exata da imperfeição, não podem fazer que se rompa à distância?

Thomas passou uma mão pelo cabelo.

— Andrea?

Uma ruiva elegante que estava apoiada contra a parede do hall de entrada com os braços cruzados falou.

— Talvez.

— Mira, esta é Andrea, nosso melhor bicho-tesoura de feitiços e quebra-feitiços.

A ruiva sorriu. Mira permitiu que um fantasmal sorriso passasse por cima de seus lábios. Não tinha tempo de fazer novos amigos neste momento.

— Tenta-o — Disse Thomas.

ଔଔଔ

Jack se dirigiu pelo corredor para o escritório da única pessoa que saberia onde Mira e Thomas tinham ido. Despertou em uma cama fria, vazia e para saber que Thomas, Mira, e os quinze mais poderosos bruxos do *Aquelarre*, exceto ele, foram-se.

A ira inquietou sua magia, fez saltar faíscas dos dedos quando não estava concentradamente as suprimindo.

Ontem de noite, Mira o tinha beijado, aconchegado contra ele para conciliar o sono... e

depois o deixou em algum momento esta manhã para se por em caminho para o Crane. Estava seguro disso.

Tinha acreditado ontem, quando disse que sua reunião no escritório do Thomas tinha sido de caráter pessoal. Havia dito que tinha sido sobre sua família. Toda a noite pareceu deprimida e apagada, mas o tinha relacionado a seu pesadelo. Agora Jack suspeitava que, por razões desconhecidas, Thomas tinha mudado Mira para longe dele.

O medo se sacudiu através dele. Estava Thomas ligado com Crane? Não. Deu a sua cabeça um forte movimento para livrar-se da ideia. Impossível. Mas, que outra razão poderia causar que Thomas levasse Mira e o deixassem para trás quando ele tinha sido o encarregado de manter Mira a salvo?

Chegou ao escritório de Ingrid e parou na porta, olhando seus papéis espalhados sobre sua mesa.

Ela levantou a vista, olhando-o, e suspirou.

— Diga-me.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso. Sinto muito.

Ele foi para ela.

— Me diga.

— Não posso te dizer nada. Está perdendo tempo.

— Ingrid, eu amo Mira.

Ela olhou para outro lado.

— Estou seguindo ordens, Jack.

Jack tomou pelos ombros e a fez olhá-lo.

— A amo, Ingrid — Repetiu — Não me faça isto, por favor.

Ingrid suspirou, xingou, e se suavizou.

— Stefan sequestrou à madrinha para trocá-la por Mira. Retêm-na no *Duskoff* Internacional. Mira se foi com outros para tentar recuperá-la — Fez uma pausa — O que vai fazer?

— Vou assegurar-me de que esteja a salvo. Matarei a qualquer um que se interponha em meu caminho.

Ela assentiu lentamente.

— Esse é um bom plano. Simples. Brutal. Efetivo. Fácil de recordar.

— Assim acredito.

— Eles não disseram por quê... Jack? Jack?

Ele já estava a caminho de Nova Iorque.

ଔଔଔ

Mira conseguiu um curso intensivo fascinante de tecedores de feitiços e quebra-feitiços com Andrea, uma bruxa da terra. Ao que parecia, só os bruxos da Terra podiam construir ou desfazer um conjuro, porque estava tudo feito com andares e poções e coisas que ficaram esquivamente

misteriosas para Mira.

Ela e Andrea instalaram suas operações na cozinha de Thomas, com uma dúzia de pequenos frascos e copos com vários líquidos e pós. Via-se mais complexo que uma aula de química.

Trouxeram um exemplar de mostra do conjuro onde Mira tinha encontrado a brecha no edifício do *Duskoff*, algo assim como uma cópia a carvão metafísica, e tentaram diferentes combinações de poções para derrubá-lo. Mira ajudava descrevendo a textura da fissura. Era a única com esse conhecimento desde que tinha transpassado por ele. Andrea e outro bruxo da terra chamado Davon trabalharam para explodi-lo.

Finalmente, às 2:00 horas algo na cozinha explodiu. Não uma grande explosão, só uma pequena. Suficiente para fazer retumbar os ouvidos de Mira.

— Bingo — Declarou Andrea.

Thomas entrou na cozinha.

— Maldição, que boa é, Andrea.

—Sim, sou. Mereço um aumento — Respondeu ela, sorrindo — Entretanto, devo dizer que Mira o fez possível. Sem o conhecimento da inconsistência e a localização dessa fissura, não poderia tê-lo quebrado.

— Então, vamos? — Mira perguntou com impaciência.

— Vamos em cinco minutos — Disse Thomas em voz alta enquanto ficava a um lado de Mira. Todo mundo saltou a preparar-se para sair — Escuta, sobre o Jack. Acredito que há algo que deve saber antes de ir.

Ela levantou a mão para detê-lo.

— Não posso pensar nele agora. Sinto-me mal por deixá-lo para trás, e é importante que centre toda minha atenção e concentração em conseguir liberar Annie.

Ele franziu os lábios.

— Está bem. Só quero que saiba que sempre terá um lugar no *Aquelarre*. Sempre terá um trabalho conosco. Quando isto tenha terminado.

— Quer dizer, se não nos matarem — Acrescentou.

Inclinou a cabeça um grau.

— Se não nos matarem, terá um lar e uma carreira esperando por você em Chicago.

Deu a seu ombro um apertão quente.

— Obrigada, Thomas. Se o obtivermos hoje, vou considerar sua oferta.

— Viria-nos bem alguém como você. Cresceu incrivelmente poderosa nestas últimas semanas, por isso não digo isso só porque é da família. Digo-o porquê logo vai chutar seriamente alguns traseiros mágicos, e quero a meu lado.

Mira sorriu e o abraçou.

— Me alegro de que seja meu primo, Thomas.

— Agora vou falar como um primo. Sei que tenho que te atar e encerrar no banheiro para evitar que venha conosco e nem sequer funcionaria devido a sua magia. Portanto, te vou pôr com o Brian — Assinalou um bruxo loiro que estava construído como um tanque — Craig e Alex — Assinalou a dois bruxos mais, construídos também como tanques.

— Thomas...

— E James — Assinalou um bruxo bonito de cabelo vermelho dourado, curto e encaracolado, óculos e com grande poder que irradiava dele. James era um bruxo da terra, podia senti-lo. Um forte.

Ela começou a protestar, mas ele pôs um dedo nos lábios.

— Não. Nenhuma palavra. Deixou Jack. Significa que vou dizer com quem vai. Não se afaste de seu lado. Entendido?

Ela assentiu.

Thomas suspirou.

— Eu gostaria que Jack estivesse aqui.

A Mira também, mas não o disse.

ଔଔଔ

Tinham o elemento surpresa, até que chegassem em realidade ao edifício. Quando os conjuros se rompessem, todos os bruxos no edifício *Duskoff* saberiam.

Mira levou as mãos sobre as orelhas quando Thomas e Andrea utilizaram a poção para dissolver o conjuro. Vibrava como um arame grosso em uma ponte quando estava ajustada e se movia.

Thomas tinha levado a quinze dos melhores e mais brilhantes bruxos do *Aquelarre*, mas mais se uniram em Nova Iorque. Todos eles se reuniram no apartamento de Thomas durante o dia, chegando suavemente de dois em dois e de três em três. Ele os tinha posto em grupos e tinha dado instruções antes de ir romper o conjuro.

Enquanto estavam ocupados em violar as defesas dos *Duskoff*, os bruxos saíram de seu apartamento, pouco a pouco, para não chamar a atenção.

Inclusive embora seu plano fosse descoberto, Thomas enviou a vários bruxos com a tarefa específica de baixar a vigilância do edifício, de modo que Crane e seus seguidores não soubessem exatamente em que parte do edifício se encontravam.

O grupo que entrou justo depois foi o que tinha ordens de deter os bruxos que se precipitassem a defender seu edifício. Esses bruxos eram sua primeira linha defensiva... Bom, a ofensiva neste caso. Os *Duskoff* estavam à defensiva agora.

A Mira gostava muito disso.

O resto dos bruxos do *Aquelarre* entrou de vários pontos diferentes na planta baixa depois que Thomas confirmasse que as câmaras de segurança estavam desabilitadas.

Mira e seus homens entraram por uma porta lateral que conduzia a um comprido corredor com muitas portas que levavam fora dos escritórios e salas de reuniões. Seus sapatos eram silenciosos no chão de mármore marrom, embora Mira estivesse segura que todos provavelmente podiam ouvir o ruído de seu coração pulsando à medida que avançavam.

O bom era que os *Duskoff* tinham conduzido a seu único bruxo do ar ao suicídio, assim pelo menos, não poderia dizer a que distância estavam Mira e seus guardas. O mau era que Mira, ao

não ter a experiência suficiente ainda, não podia enviar sua habilidade de consciência enquanto estava nervosa e distraída e, portanto, não podia dizer onde estavam eles de forma remota.

A outra coisa boa era que esta batalha levaria a cabo dentro dos muros do edifício *Duskoff*, bem longe da consciência de qualquer não-mágico. Avançaram pelo corredor o mais silenciosamente que puderam. Seu objetivo era chegar ao quadragésimo andar. Aí era onde Annie se encontrava. Um ruído veio de mais abaixo no corredor. Mira e seus guardas se meteram em todas as salas vazias, mas nenhuma descendo pelo corredor. Mira olhou com cautela mais à frente do marco da porta. O som parecia vir do vestíbulo principal ao final do corredor.

Bom, infernos. Tinham que passar por ali para chegar à escada principal ou ao elevador.

O bruxo a seu lado, James, saiu da sala e avançou pelo corredor. Fez-lhes gestos quando considerou que era seguro. Juntos chegaram ao final do corredor. Do vestíbulo vieram vozes, gritos, e o som de uma briga que já estava em andamento.

Mira se agachou e olhou ao redor do canto do corredor, onde se abria para o vestíbulo.

Os bruxos do *Aquelarre* tinham contratado mais bruxos, mas estavam dando metafísicas patadas no traseiro. Precisavam ajudar. Além disso...

— Temos que passar através deles para chegar a Annie — Mira, sussurrou a James. Havia algo de pânico em sua voz? Merda.

— Então vamos — Respondeu James com entusiasmo. Sua magia parecia jogar ondas de equilíbrio e um esmagante poder. Mira notou que ele estava mastigando um pouco de magia deliciosa, rica magia saía de seu controle.

Respirou estabilizando-se. Podiam fazer isto. Ela podia fazer isto. Pelo bem de Annie, e o seu próprio tinha que fazê-lo. Não queria ir acovardada, com medo. Iria ali, como a bruxa poderosa em que se transformou e poria o medo da Deusa neles.

Era o momento de fazer uma entrada.

— Muito bem. Todo mundo preparado? — Sussurrou aos homens a seu lado.

Brian e James assentiram. Não podia ver os outros, mas ninguém se opôs.

Seu estômago estava cheio de mariposas nervosas, mas no fundo Mira estava resolvida a tirar Annie dali com vida.

Mira fechou os olhos e tirou um fio de sua magia, um importante, e se preparou. A seu redor ouviu e sentiu os homens preparar sua magia também.

Levantou-se de sua posição de cócoras e deu a volta no canto, levantando uma tempestade, junto com ela. A roda de vento suave converteu-se em forte e rápida. Arrancou seu comprido abrigo negro e soprou seu cabelo ao redor de sua cabeça até que provavelmente se parecesse com Medusa. A adrenalina se apoderou de seu corpo, mas pôs tudo o que tinha em manter uma aura de perigosa confiança. Inclusive rebolando um pouco.

Havia perto de treze bruxos no vestíbulo e só um par de bruxos do *Aquelarre* em pé.

Uma vez que o vento aumentou, todas as olhadas se voltaram para eles. Ela não podia fazer o truque do tornado, como o tinha feito no apartamento de Jack já que o esforço poderia deixá-la inconsciente, e também porque não podia estar segura de que não machucaria a sua própria gente.

Os bruxos avançaram para eles. Seus guardas se aproximaram, e a luta começou em torno dela, mas Mira nunca vacilou em sua marcha para frente. Caminhando para eles, levantou sua mão e atirou para trás um bruxo golpeando-o contra a parede, quando sentiu que planejava tirar seu poder. Outro tratou de lançar fogo, mas ela aspirou o ar da mesma maneira como Jack tinha ensinado. Um dos bruxos a orvalhou com água. Sentindo que se esfriava cada vez mais, levantou um vento, esquentando tudo ao redor dela, secando-a pele, o cabelo e a roupa antes que o bruxo pudesse congelá-la.

Mira seguiu avançando entre eles, mas agora estavam se retirando. Um a um, sentindo seu crescente poder, jogou os bruxos para trás para tirá-los de seu caminho.

Quase se sentia tonta. Agora compreendia o poder do ar. Ninguém podia derrotar ao ar. Era muito grande, muito flexível, e fácil de dirigir por um bruxo que o exercia bem.

Quem poderia opor-se a ela?

Ninguém, essa era a questão.

Um novo poder deslizou sobre sua pele, escuro e forte. Magia da Terra. Um feitiço conjurado da magia da mesma terra. Um fio se liberou de uma diminuta bruxa loira curvilínea, a sua direita. Mira deu a volta bem a tempo para impedir uma explosão de energia com uma parede de ar, dispersando o feitiço antes que a alcançasse.

— Vamos, rapazes — gritou eufórica — É isso tudo o que têm? Poderia fazer isto todo o dia!

Algo golpeou sua garganta. Amordaçaram-na e sentiu um objeto bicudo em seu pescoço.

Capitulo 22

Oh, isso nunca era uma boa coisa.

A dor aguda invadia suas veias, sangrando rapidamente a uma nebulosa, um nada a adormecia. De repente, sentiu-se envolta em algodão, sua mente, seu corpo... Tudo. O vento na sala cessou, e ouviu os vivas e os aplausos, como da distância.

Mira desabou de joelhos, tentando tirar outro fio. Sua mente se sentiu confusa. Pensando em como tentar recolher um grão de areia com os dedos inchados. Sem a magia do ar dela para defendê-los, os bruxos do *Aquelarre* com os que tinha chegado estariam desprotegidos. Houve um momento tenso de silêncio depois dos aplausos antes que o caos se desatasse a seu redor.

Um homem se aproximou dela. A cacofonia que a rodeava se desapareceu até que pôde ouvir só seus sapatos de couro no chão. Parecia um eco em sua mente. Parou frente a ela, e levantou o olhar com esforço.

Stefan.

Caminhou ao redor dela uma vez mais, cantarolando a canção *Behind Blue Eyes*, e obviamente desfrutando de sua falta de poderes.

Oh, por favor.

A raiva brotava dentro dela, mas estava impotente. Não podia chegar a sua magia. Tinham-na drogado com algo que fazia impossível acessar a seu centro. Sentia-se insensível, lenta. Ela não podia mover suas extremidades. Inclusive agora, sua habilidade para mover a cabeça se

desvanecia. Mira tentou falar, e só um incompreensível gorgolejo saiu de sua garganta.

Stefan se pôs a rir devagar. Era uma risada formosa, rica como o veludo sussurrando sobre sua pele.

— Acreditou que a magia do ar era invencível, *ma Jolie Sorcière*[18]? — Ele estalou a língua— Uma bruxa é tão boa como sua capacidade para exercer seu poder. Isso significa que inclusive uma bruxa como você, pode ser derrotada. Deu-nos uma boa surpresa hoje, de todas as maneiras. Felicitarei-a por isso.

Reatou seu zumbido, o que permitiu ser testemunha do que ocorria no vestíbulo. A seu redor os bruxos do *Aquelarre* tinham sido derrotados pelos *Duskoff* um por um. Craig foi derrotado. Depois Brian. Depois James.

Pedra. Papel. Tesoura.

Stefan a obrigou a ver tudo com o irritante som de seus passos dando voltas e sua cançãozinha.

Seus processos mentais pareciam lentos e confusos, embora sua mente parecia estar clareando um pouco mais com cada momento que passava. Apesar de que queria, não podia lutar quando Stefan a atraiu para seus pés e a recolheu, embalando-a em seus braços como um amante. Sua pele tentou levantar-se e partir sem ela diante o contato íntimo dele contra seu corpo.

— Eu não gosto quando a pessoa tenta fazer mal ao William Crane, Mira — Stefan sussurrou enquanto a levava pelo vestíbulo para o elevador — Ele é o único pai que conheço. Portanto, entendo seu desespero por ajudar a sua madrinha. Não te culpo por isso.

Bom, isso foi uma carga para sua mente.

Viajaram até o andar quarenta, e ele a levou pelos corredores vazios da *Duskoff Internacional*, passando os luxuosos escritórios de prata e ouro brilhante e as áreas de recepção, e entraram em uma sala de reuniões. Um bar e um espelho forrado por um lado e uma longa mesa com cadeiras giratórias dominavam o centro. As janelas davam à cidade de Nova Iorque.

Um homem se sentou em uma cadeira no outro extremo da mesa. O velho cavalheiro se voltou quando Stefan entrou na sala. Mira alcançou a ver sua face antes que Stefan a depositasse na parte superior da mesa.

Crane.

— O que é todo este alvoroço? — Exigiu Crane.

— Thomas e seus bruxos nos surpreenderam. Conseguiram romper as proteções e entrar no edifício adiantando-se a nossa reunião programada. Nossa gente segue lutando contra eles, mas já não importa. Trouxe-te a bruxa que cobiças, Pai.

William Crane lutou para levantar-se e avançar ao redor da longa mesa para olhá-la. Seus olhos eram azuis em sua enrugada e pálida face. Eram como Jack, essa tonalidade clara tão distintiva que não via em qualquer lugar.

Enrugou o nariz.

— Bonita, mas cheira a meu filho. Sua magia esta toda sobre ela.

[18] ***Ma Jolie Sorcière*** *Minha linda bruxa.*

Sua mente se revolveu por um momento. Seu filho? Ele se referia a Stefan? Mas Stefan estava de pé justo a seu lado. Por que falar dele como se não estivesse na sala?

Crane se inclinou para ela. Seu fôlego cheirava a enfermidade.

— Esteve na cama de Jack, não? Sua pele pegou contra a dele numerosas vezes. Posso dizê-lo — tocou o nariz — Uma de minhas habilidades especiais, vê-o, menina? Posso cheirar toda a magia como um cão de caça.

A compreensão explodiu contra ela. Sentia-se como se tivesse sido lançada através de uma janela de cristal.

Fragmentos da verdade brutal brilhavam a seu redor, atravessando-a e a fez sangrar.

Jack era o filho marginalizado de Crane. Senhoras e Senhores.

As coisas tinham mais sentido agora. O anel que tinha encontrado em seu apartamento que levava a inicial C, a forma em que nunca a tinha olhado nos olhos quando falava de sua família, e por que sempre parecia incômodo quando se falava de Crane e Stefan.

Ao que parecia, não era muito boa em mascarar sua expressão, porque Crane pôs-se a rir.

— Ele não te disse que eu sou seu pai, não é? Jack sempre esteve um pouco envergonhado de sua família.

O telefone celular de Stefan soou e ele se afastou para responder, deixando a Crane olhando-a para baixo.

— Não tome tão a sério, querida. Jack se deita com todas as bonitas, me disseram. Nunca se aproxima o suficiente de nenhuma delas para dizer todos os seus segredos. Ele estava aí, já sabe, o dia que sua mãe morreu.

O medo se instalou na boca do estômago.

Crane assentiu.

— Lembro desse dia muito bem, porque foi à última vez que fui capaz de convocar um demônio— Ele franziu o cenho — Nem sequer recordo por que tivemos que chamá-lo— Coçou a cabeça, pensando, e depois fez um gesto de demissão com a mão.

Stefan desligou seu telefone celular, fechando-o e o meteu no bolso interior de sua jaqueta.

— Thomas e seus bruxos ainda se encontram no edifício, mas David está trazendo outros aqui para que possamos completar o ritual. Não tem sentido perder tempo.

— Muito bem. Vamos ter o demônio por algum tempo. Outros podem cuidar de Thomas e seus bruxos. Vamos dizer que é um benefício — Ele soltou uma risada áspera e vacilou sobre seus pés.

Stefan pôs uma mão no cotovelo de Crane para sustentá-lo.

— Depois terá que ocupar-se de você, Pai.

Que asco. Stefan realmente se preocupa com este monstro. Monstros que engendram monstros.

Isso fazia Jack um monstro?

Não. É óbvio que não.

Ainda assim, por que Jack não disse esta monumental noticia? Tinha mentido ocultando seu verdadeiro ser a ela, e tinha traído sua confiança... Igual a Ben o tinha feito.

As lágrimas corriam dos cantos de seus olhos, mas faltava a habilidade de tirá-las. Tinha terminado com os homens pelo resto de sua vida. Seria um juramento fácil de manter, já que parecia que sua vida teria terminado em uns quinze minutos.

— Onde eu estava? — Continuou Crane. Ele se aproximou para servir uma taça no bar. Crane e Stefan pareciam totalmente indiferentes ao feito que o *Aquelarre* se infiltrasse em seu edifício — Oh, sim! Jack viu sua mãe morrer. Hmmm, sim. Perdeu a vontade de viver depois de que seu pai se foi um dia antes que ela — Crane sacudiu a cabeça — Foi muito triste, a verdade seja dita. Senti-me mal por ela.

— Diga a ela a respeito de derrotá-los, pai. Eu adoro essa história — Disse Stefan de seu lugar junto a ela. Estendeu a mão e agarrou uma de suas lágrimas da borda de seu olho e deixou que se pendurasse em seu dedo por um momento, antes que caísse.

Mira sentia como se estivesse em uma história de terror, paralisada e com vida, enquanto todos a seu redor pensavam que estava morta. E estavam a ponto de pô-la em um caixão e enterrá-la dessa maneira.

— Foram difíceis de sequestrar — Disse Crane depois de que tomasse um gole de seu coquetel — Pode estar orgulhosa deles nesse aspecto. Deve estar muito comprometido para perseguir um bruxo do ar de qualquer talento, e nós fomos atrás de dois ao mesmo tempo. Foi um dos melhores momentos dos *Duskoff* — Sua voz continha uma grande quantidade de orgulho.

— Seus pais mataram dez de meus melhores bruxos antes que finalmente os capturássemos. Seu pai quase morreu durante o sequestro. Queimou-se muito feio, enquanto tentávamos capturá-lo e a sua mãe. No final, mal podíamos manter seu pai com vida até o ritual. Ele era um bruxo poderoso. Com o suficiente poder para abrir três portais — Inclinou o copo para ela antes de terminá-lo — Sua mãe também.

— Eu senti o poder nesta — Adicionou Stefan, alisando o cabelo com os dedos — Ela herdou sua capacidade, apesar de que carece de controle.

— Por quanto tempo durarão essas drogas? — Crane perguntou, olhando-a com um pouco de temor.

— O suficiente para que levemos a cabo o ritual, pai, *ne t'inquietes pas*!

Mira sentiu náuseas. Não estava segura se era por ter que escutar falar com o Crane sobre o assassinato de seus pais como uma boa lembrança, ou se era porque as drogas em seu sistema estavam dissipando. Discretamente, moveu um dedo do pé em seu sapato.

As drogas estavam dissipando. Mira sentiu um momento de triunfo. Talvez Stefan tivesse confundido a dose, ou as drogas reagiam de maneira diferente em seu sistema.

— Jack olhou todo o ritual que matou a sua mãe, mas saiu antes que o demônio saísse à luz — Crane fez uma careta — Pensei que era um sinal de fraqueza, mas era que o moço não era fraco absolutamente. Suas falhas foram minhas. Se eu o tivesse criado de outra maneira, ele teria saído bem.

A porta se abriu, e entraram vários bruxos com outros três bruxos amordaçados e atados. A última em passar através da porta foi Annie.

Mira foi capaz de mover-se um pouco mais agora, um fato que a fez seguir muito em guarda.

Pouco a pouco, para que ninguém pudesse se dar conta, moveu a cabeça para ver o captor de Annie levando-a através da sala. Os cabelos grisalhos de Annie não tinham nada de seu brilho normal, e seu rosto parecia esmagado pela dor.

Seu olhar se voltou para Mira antes que o bruxo que a levasse a deixasse cair em uma cadeira do outro lado da sala, fazendo uma careta de dor e marcando seu branco rosto. A queimadura ao longo de seus braços e a pele exposta de suas costas parecia inflamada, irritada, sem dúvida infectada. O olhar de sua madrinha cruzou com ela através da sala e não se moveu.

Um momento depois, outro grupo de bruxos entrou.

— Senhor, os bruxos do *Aquelarre* estão por toda parte do edifício — Disse um homem pequeno, gordo, com uma feia peruca. Parecia preocupado.

— Sim, não vamos perder mais tempo — Respondeu Crane — Stefan.

Stefan a recolheu em seus braços enquanto que os outros bruxos colocavam os três atados e amordaçados bruxos na área vazia no extremo da sala, perto do bar. Todos os bruxos lutaram contra seus captores e lutaram até a submissão. Os obrigaram a ajoelhar-se. Estavam submissos, suas caras perdidas. Tinham sido drogados eles também? Mira não estava segura.

Um círculo invisível marcava o piso, mas Mira detectou algo metafísico. Magia da Terra assinalava ao norte, ao sul, ao leste e ao oeste.

Stefan começou a forçá-la até que se deitou sobre seu lado na posição do norte.

Sabendo que só tinha esta pequena janela de oportunidade, tirou seu ás. Quando a recostou abaixo, ela saltou com os joelhos e agarrando-se na frente da cintura de Stefan. Seus músculos se sentiam como a borracha, e tinha menos capacidade de mover-se do que tinha suposto. De todos os modos, golpeou o bastardo francês atrás uns passos antes de cair para frente sobre sua cara.

O ás não tinha sido realmente mais que um ás.

Os bruxos na sala riram.

— Calem-se — Grunhiu Stefan — Ela tem espírito e vontade de viver. Deem o respeito que merece. *Merde*!

Stefan a agarrou pelos ombros, e tentou lutar quando a puxou para cima. Seus músculos só não cooperaram. Uns minutos mais e a droga estúpida desapareceria, mas sentiu que não tinha tanto tempo.

Não dispunha de mais minutos para ela.

— Os tranquilizantes não funcionaram muito bem em ti, *ma chéri*? — Murmurou ao ouvido — Não estava seguro de quanto devia usar em uma bruxa como você. Bom, não importa.

Ele se deixou cair de costas em posição, e ela ofegava pelo esforço de tentar lutar contra seu corpo paralisado. Olhou os outros três bruxos no círculo enquanto Stefan recuava. Havia duas mulheres e um homem. O homem tinha talvez uns quarenta e tantos anos. Tinha o cabelo rapado tão perto da cabeça que não podia dizer se era cinza ou loiro.

As duas mulheres eram morenas e pareciam similares no rosto e o corpo, talvez irmãs. Aos *Duskoff* gostava de apanhar famílias. Talvez tivessem sido duas pelo preço de uma.

Crane começou a dar ordens a todo mundo para que tomassem posições.

— Ande depressa — Queixou-se ele — Uma vez que tenhamos o feitiço começado,

estaremos a salvo. Nenhum bruxo do *Aquelarre* será capaz de penetrar a barreira da magia.

OH, merda. Aí se foi sua última oportunidade de resgate.

As duas mulheres lutavam contra seus ossos, seus olhos olhando a seu redor na sala, ainda com a esperança, talvez, de um indulto de última hora. Não ia acontecer. O homem tinha estado muito quieto e ajoelhado com os olhos abatidos, resignado a seu destino.

Perto deles, os bruxos se organizavam em um diferente círculo a sua esquerda e o canto começou. Era uma língua estrangeira, nada do que Mira pudesse entender. Parecia uma canção velha e poderosa, e muito, muito perigosa. Ao princípio, suas vozes eram distintas, como um coro fora de tempo. Pouco a pouco, fundiram-se e se converteram em uma só voz.

A magia se levantou no ar e a tranquilizou. Sentia-se contra sua pele suave, cheirava a rica baunilha ou bolachas de açúcar para assar. Era agradável, nada ao que temer. Mira relaxou, suspeitando que fosse uma ilusão para fazê-la passiva, para permitir que os bruxos a violassem, mas, estranhamente, não se importava.

Continuando, a magia trocou, tornou-se agressiva.

O poder mudou, picando sobre sua pele. O canto se fez forte. O consolo, a magia pacificadora tinha sido um chamariz para fazer a armadilha mais potente, e agora todos os bruxos estavam encerrados em seu interior.

Mira fez uma careta. Isto era o que sua mãe havia sentido, o que seu pai tinha tido que suportar. Este era o poder que os tinha matado. A magia a arrastou de joelhos como uma marionete, e a textura da energia tinha mudado ainda mais. Agora tinha sabor como um bom vinho em sua língua, encheu seu nariz com um aroma antigo, ligeiramente a umidade. O sabor da magia tinha um toque de noz da terra, impregnada de uma nota clara, ligeira de água, atravessada por fios de picante fogo.

A magia era em sua maioria de terra e se parecia com fissuras de terra sem fundo e altos picos de montanha. Sentia-se rico, sem fundo e muito, muito poderoso. O som do canto se fez mais forte e se transformou em um em sua mente, cada palavra já não por separado. A moléstia se converteu em dor real aguda. Todos os bruxos no círculo ficaram sem fôlego. A coluna vertebral de Mira se arqueou e sua cabeça caiu de novo, enquanto tentava suportar a sensação próxima à paralisia.

A magia a agarrou, apanhando a todos eles e os manteve escravizados. As expressões de todos na sala pareciam extasiadas quando o canto se intensificou. Fez-se mais forte, desvanecendo-se em um comprido zumbido de poder.

A vibração encheu seu corpo, suave a princípio e depois mais e mais forte até que doeu. Não era nenhum tipo ordinário de dor, era uma dor com letra maiúscula. Infiltrava-se em cada poro de seu corpo e sua mente, com uma intensidade tal que deu vontade de desmaiar, mas ao que parecia, a ela não permitiriam esse luxo.

Era a sensação de sua magia extraindo-se.

Estava morrendo.

Imagens de sua vida passaram por diante de seus olhos, justo como sempre diziam que ocorria no momento em que uma pessoa morria. Passavam em sua mente tão rápido que só podia

centrar-se em algumas delas.

Viu Annie sorrindo enquanto escolhia livros da biblioteca quando tinha sido uma menina. A pequena rajada de chuva no pátio traseiro de Annie. Viu as imagens da escola secundária, a noite do baile de graduação, e a graduação. Viu Ben, suas bodas, o dia em que seu divórcio foi definitivo.

Continuando, brilhos de Jack. Jack sorria. Jack inclinando-se para beijá-la. Despertando-a na manhã e dando-se voltas para encontrá-lo meio nu enredado nos lençóis a seu lado.

A dor queimava brilhantemente através de seu corpo, e todas as imagens desapareceram.

Tudo desapareceu.

Capitulo 23

Jack tentou abrir as portas blindadas de duplo cristal da *Duskoff Internacional* e as encontrou fechadas. As proteções estavam quebradas, pelo que sabia Mira e Thomas estavam dentro. O sistema de alarme estava desligado, provavelmente graças ao *Aquelarre*, não é que se importasse se não o estava. Esperou que não houvesse ninguém perto dele na rua e usou sua magia para fundir o exterior da porta, onde o ferrolho se encontravam, e entrou com cautela.

Os cadáveres jaziam espalhados pelo chão de mármore do vestíbulo, o resultado de uma luta mágica espantosa. As janelas da frente do edifício estavam também cristalizadas, protegendo o interior dos olhos normais, mas não seria uma boa coisa para um não-mágico vagar pelas portas da rua, assim Jack soldou a fechadura do interior.

Abriu caminho através do vestíbulo, em busca de Thomas, Mira, ou algum bruxo do *Aquelarre*, mas além dos já caídos, não pôde encontrar nem rastro de ninguém mais. Claramente, ele chegava tarde para a festa.

— Maldição, Thomas — Murmurou Jack. Abriu seu telefone celular e tratou de chamá-lo, mas ninguém respondeu.

Sabendo que era sua única oportunidade em um edifício tão enorme como este, dirigiu-se aos elevadores. Apoiou-se na parede do outro lado da borda das portas e olhou ansioso por Mira e a irritação roía um buraco em seu estômago.

Nada.

Depois, por último, a tela mostrou o movimento de dois dos elevadores. As pessoas estavam no vigésimo segundo andar, o outro no trinta e oito. Era cara ou cruz. Impaciente, apertou o botão para chamar um elevador e bater no andar vinte e dois.

O fio musical no elevador era uma versão orquestrada da canção *Witchy Woman*. Justo agora tinha que escutar música antiga, especialmente a ideia de algum bruxo do que era uma brincadeira, fez ao Jack querer golpear algo. Ia fazer precisamente isso.

Por último, abriram-se as portas no vigésimo segundo andar, revelando Thomas e a um punhado de bruxos do *Aquelarre*. Os corpos inconscientes de vários bruxos caídos lassos, derrubados no chão a seus pés. Os bruxos do *Aquelarre* lhes tinham dado, obviamente, uma surra no vestíbulo. Jack se animou ao ver que o *Aquelarre* tinha ganhado esta pequena escaramuça,

pelo menos.

Esse conhecimento fez pouco para aliviar seu mau gênio.

Thomas se voltou para olhar de pé fora do elevador.

— Jack — Disse com surpresa.

Jack se equilibrou para ele, agarrando-o pelo colarinho e golpeando as costas contra a mesa da recepção.

— Onde está Mira? — Espetou à cara.

Vários bruxos do *Aquelarre* detiveram Jack e puxaram ele afastando-o de Thomas. Ele lutou contra eles, mas o sustentaram rapidamente por seu antebraço, permitindo que seu chefe se endireitasse.

— Há uma série de bruxos do *Aquelarre* no edifício agora. Ela está com os mais fortes.

— Viu o açougue no vestíbulo, Monahan? — Gritou.

— Estamos todos no mesmo lado, Jack. Se acalme.

Seus intestinos diziam que Mira estava em perigo.

— Crane a tem.

— Como sabe isso?

— Posso senti-lo — Grunhiu. Queria golpear Thomas até que sangrasse por deixá-lo para trás. Jack subtraiu importância aos homens sustentando-o — O trabalho de resgate já terminou aqui, Thomas — Murmurou ele e procurou um dos bruxos ainda quase inconsciente atirado no chão.

Sem tempo que perder em um pequeno bate-papo, mostrou ao bruxo da terra uma bola de fogo muito quente. O homem aturdido abriu os olhos como pratos.

— Quando vão fazer o ritual?

O bruxo não disse nada. Seus lábios se moviam em silêncio. O homem estava obviamente muito drenado para chamar a qualquer poder para sua própria defesa. Tanto melhor.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Não ache que não te queimarei.

Algo na expressão do Jack fez gaguejar ao bruxo

— A-andar q-quarenta. Sala das Conferências.

Jack deixou cair o homem ao chão, apagou o fogo, e se voltou para o elevador.

Thomas e outros bruxos do *Aquelarre* o seguiram.

Logo que se abriram as portas no andar quarenta, um enjoativo poder encheu rapidamente o elevador. Era suave e passava ao longo de suas peles como a seda negra, sedutora e perigosamente arrulhadora. Todos os homens no elevador gemeram sob o peso esmagante do mesmo.

Era familiar para o Jack.

O som de seu canto encheu seus ouvidos. Recordou o som e o tato da magia fazendo cócegas através de sua mente e seu corpo. Os bruxos de *Aquelarre* caíram no chão do elevador, mas Thomas e Jack lutaram por sair adiante da porta que poderia fechar atrás deles outra vez.

Olhou para trás, à cabine do elevador fechando-se. Grandioso. Ao que parecia, ia ter que

encarregar-se de uma sala cheia de bruxos ricos de poder por sua conta. Jack piscou e se empurrou através do poder asquerosamente forte. Abriu caminho através do lobby e desceu por um corredor para onde nascia o som. Jack cambaleou e se sacudiu em seu caminho à sala onde tinham a Mira sob o peso de tudo isso. Thomas o seguiu, tropeçando e cambaleando.

Lançou-se na sala com uma enorme força de vontade e apanhou a si mesmo na parte traseira de uma cadeira antes que ele caísse, mas ninguém se fixou nele. Thomas cambaleou atrás dele e caiu de joelhos. Os *Duskoff* tinham contado com a magia de seu guardião. Não tinham esperado que algum bruxo pudesse atravessá-lo, mas ele e Thomas tinham a força necessária para obtê-lo por causa de seu profundo amor por Mira.

Mira.

Ela se ajoelhou no círculo com três bruxas, todos eles pendurando suspensas de joelhos no círculo de magia. Sua expressão estava em branco, com os olhos fechados. Seu rosto parecia uma folha branca, seus lábios e pálpebras estavam violáceos. A visão dela assim aumentou sua adrenalina e o fez querer ir por ela. Um grito de negação atravessou sua mente.

Não, ela não podia já estar morta. Deuses, não. Simplesmente não era possível.

— Ajude-a — Soluçou uma mulher atada a uma cadeira próxima.

Annie? Olhou a sua direita antes que um aumento de magia quase o levasse a ajoelhar-se.

Como o veludo, o poder se esfregou ao longo de sua pele nua. Dentro da magia podia distinguir uma cadeia de Mira, esse aroma característico de roupa fresca e limão enchia seus sentidos. Nesse momento Jack entendeu o que não tinha feito quando era menino. O poder que enchia a sala era a violação da magia dos bruxos no círculo, quanto mais poderosos os bruxos no círculo, mais potente era a "receita" da magia.

Esta mistura era muito, muito forte.

Jack ajudou Thomas a ficar de pé, e juntos se dirigiram até o final da sala onde William Crane e o mais alto dos *Duskoff* estavam cantando. Os homens e mulheres no círculo tinham olhares de beatífica alegria em seus rostos. Não tinham ideia de que alguém mais estava ainda na sala.

Jack empurrou Crane com força, rompendo o círculo dos bruxos, mas o canto não se deteve. Crane tropeçou e caiu no chão, tomado por surpresa. Ele se voltou e olhou para Jack com incredulidade em seu rosto.

Thomas puxou um dos bruxos do círculo e os jogou da sala a murros.

O canto balbuciou em seu fim, as magias poderosas se sossegaram, e os sons mais reconfortantes de uma luta encheram a sala. É óbvio, ele e Thomas estavam superados em número de treze a dois. Todos os bruxos no círculo caíram a um lado com seus olhos fechados, desmoronando-se para baixo como marionetes em cadeia quando a magia pesada se dissipava. Todos eles pareciam inconscientes.

Esse era o melhor de todos os casos.

— Jack? — A respiração de Crane, saía de seu estupor.

— Quanto tempo sem vê-lo, papai — Grunhiu antes que ele o agarrasse pelas lapelas e o levantasse do piso.

Alguém agarrou seu ombro e girou em torno dele, fazendo perder seu domínio sobre Crane.

Teve meio segundo para ver a cara de Stefan antes que um punho se conectasse firmemente em sua bochecha. Uma greta de dor ecoou pela cabeça de Jack, o fazendo cambalear de novo.

Jack se agarrou à beira da mesa de reuniões, com sua cabeça retumbando. Stefan tinha dado um bom murro. O quente resplendor da magia de fogo se elevou justo antes que Stefan lançasse uma bola para ele. Jack se lançou fora de seu caminho. Golpeou o pé da mesa, incendiando-a.

Os bruxos do *Aquelarre* invadiram a sala e a magia quente se acendeu contra sua pele, quando começaram a exercer contra os outros bruxos que estavam ainda recuperando-se. Um deles empapou a mesa com a água, fazendo-a chispar e evaporar.

Nenhum estava interessado em queimar o edifício por agora.

Não disposto a usar sua magia de fogo em um lugar tão perto e com os bruxos inconscientes no círculo e vulneráveis, Jack se lançou para Stefan.

Rodaram pelo chão, lançando-se murros entre si. Jack tinha alguns golpes que satisfazer, e deu dois bem dados, antes que um novo poder começasse a formar redemoinhos a seu redor. Sussurrava sobre sua pele a princípio, crescendo com intensidade.

Ele e Stefan deixaram de tentar se socar na cara. Tudo na sala se deteve em virtude dessa flutuação misteriosa de magia na sala. Uma brisa fez cócegas na face, e sentiu o poder distintivo de Mira. O aroma de roupa limpa e limão encheu a sala, muito mais forte do que alguma vez tinha experimentado.

A brisa se transformou em vento. Jack lutou por separar-se de Stefan e olhou para cima para ver Mira de pé, em seu lugar no círculo do demônio. Ficou de pé com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados. O vento sacudia seu casaco ao redor de seu corpo, fazendo voar seu cabelo ao redor de sua cabeça. Jack e todos os outros, quem já não estavam lutando por ficar de pé, pousaram seus olhos diretamente na bruxa que irradiava tanta força. Seus lábios se retraíram de seus dentes em uma careta de dor.

— Mira? — Perguntou tentativamente, dando um passo para ela.

Sem olhá-lo, ela levantou uma mão para detê-lo. Deteve-se em seco.

Várias coisas aconteceram quase ao mesmo tempo. Fogo de seu lado esquerdo ondulou magnificamente. Jack se voltou para ver Crane acender uma bola de fogo de vermelho vivo e jogá-la para sua face a queima roupa. Jack estirou suas mãos para proteger-se, sabendo que era muito tarde. De repente, o fogo se foi.

E também Crane.

O vidro se rompeu. O grito apavorado de um homem encheu o ar, desaparecendo à distância. Quase ao mesmo tempo, a sala se encheu com o som de corpos golpeando as paredes, a sala se alagou do voo de homens e mulheres.

Silêncio.

Continuando, gemidos. Maldições.

Jack olhou a seu redor. Mira tinha atirado todos os bruxos, mas só os bruxos de Crane, contra as paredes. Seu olhar se aproximou da janela, entendendo que Crane tinha sido impulsionado através dela. Os vidros quebrados brilhavam nos caros azulejos e o ar frio do inverno penetrou esfriando a sala de reuniões.

Mira desabou no chão, mas consciente. Forçou-se a sentar-se, sustentando sua cabeça. Seu olhar cruzou com o seu.

Mira tinha matado William Crane.

Jack trocou seu olhar e ficou paralisado por um momento na janela rota. William Crane, o homem a quem não tinha considerado como um pai em muito tempo estava morto.

— Onde está Stefan? — A voz de Thomas soou forte diante a repentina ausência da magia.

Jack rompeu sua fixação na janela rota e olhou ao redor da sala às bruxas e os bruxos. Estes últimos se esforçavam em levantar-se. Ninguém estava lutando. Todo mundo parecia aturdido pelo que tinha acontecido.

Stefan não estava em nenhum lugar da sala.

Seu olhar se reuniu com a de Mira e o sustentou. Tinha lutado por sua vida e parecia a ponto de chorar.

Thomas recitou as ordens aos bruxos do *Aquelarre* para que fossem procurar Stefan, mas Jack já tinha terminado. Com várias pernadas, chegou até Mira e a agarrou em seus braços, abraçando-a com força, beijando cada parte de seu corpo que pôde encontrar.

— Está bem? — Perguntou entre beijos.

Ela assentiu.

Ele tomou sua face entre as mãos e a beijou nos lábios, saboreando o sal das lágrimas que corriam por suas bochechas. Envolveu seus braços ao redor dele e aprofundou o beijo.

Ele estava tão feliz que estivesse a salvo que a ira que havia sentido porque ela o deixou para trás e ficou em perigo desapareceu. Quão único importava era que estava fora de perigo.

Deuses, sentia-se tão bem tê-la devolvida em seus braços. Ele nunca a deixaria ir outra vez.

Mira rompeu o beijo lentamente. Ela ficou em seus braços por um momento, mas não o olhou nos olhos. Com o olhar abatido, lambeu os lábios.

— Obrigada por vir, Jack — Disse ela. Depois levantou os olhos e sussurrou — Já sei o que me escondia. Sei tudo.

Comoção e espanto sacudiram através dele diante do olhar firme de seus olhos. Esqueceu-se de tudo por querer vê-la a salvo.

Ela deu um passo atrás, afastando-se dele, de seus braços. Era como um abismo aberto entre eles. Deu um último penetrante olhar e depois correu ao lado de sua madrinha.

ଔଔଔ

— Cuidaremos de nossos próprios feridos — Disse Thomas.

Mira balançou a cabeça.

— Não. Não a minha madrinha. Quero que alguém chame uma ambulância para ela agora mesmo. Neste momento, Thomas — Ela não queria nada menos para Annie.

Ele a olhou um momento, mas levava a face de-não-se-meta-comigo. Sentia-se muito mais cômoda usando-a estes dias.

— Adam, leva a Sra. Weber de novo a meu apartamento. Diga ao porteiro que chame uma

ambulância — Disse Thomas.

— Obrigada.

Adam, um bruxo de fogo que tinha o corpo de um levantador de pesos e um nariz quebrado mais de uma vez, ajudou-a com Annie a pôs de pé com uma suavidade que parecia contradizer sua óbvia força física. Annie se deteve frente a ela, Mira segurou a face de sua madrinha em suas mãos e a beijou na bochecha.

— Te amo, Annie.

As lágrimas corriam pelas bochechas de Annie.

— Te amo, também, garota.

— Agora vá. Estarei atrás de você.

Adam a ajudou a sair pela porta.

Mira podia sentir o olhar de Jack a suas costas. Ela olhou para Thomas, lutando para não dar a volta e ir para ele.

— Mira — Disse Thomas — Jack é um bom homem. Ele não tem culpa de ser filho de que é.

Ficou rígida. Trocou seu olhar a Thomas, em vez do dele.

— Não me importa isso, Thomas. Não me importa quem era seu pai ou que ele era um menino quando viu morrer a minha mãe. Mas, me importa que mentiu a respeito — Disse com voz apagada — Eu o amo, Thomas, mas ele mentiu.

Thomas suspirou.

— A culpa é minha. Eu pedi que não te dissesse quem era. Pensei que poderia interferir com o trabalho, se soubesse. Nunca pensei que se apaixonariam.

— E ele te obedeceu cegamente. Não aceito isso. Teria que ter me dito — Mira, passou junto a seu primo sem olhar para Jack e saiu da sala para seguir Adam e Annie.

No edifício de Thomas, o porteiro chamou uma ambulância. Ajoelhou-se junto ao sofá no vestíbulo, onde Adam tinha ajudado Annie a sentar-se.

Annie fixou suas tremulas mãos em seu colo.

— Pensei que talvez me odiasse.

— Te odiar? — Cobriu as mãos de Annie com as suas — Eu nunca poderia te odiar, Annie. Foi uma mãe para mim durante toda minha vida.

— Mas te ocultei coisas.

— Fez o que meus pais pediram. É leal. Quando tudo começou a ir de mau a pior, fez todo o possível por me proteger — Ela sacudiu a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas — Eu não te odeio, Annie. Te amo.

A ambulância parou na calçada e os paramédicos se apressaram, atendendo Annie. Adam disse que se queimou acidentalmente com um aquecedor quebrado. Os paramédicos olharam com suspeita, mas não fizeram perguntas, só enfaixaram Annie na parte traseira da ambulância.

Quando Mira tentou subir à parte de trás com ela, o paramédico a deteve.

— Vai ter que nos seguir em um carro. Vamos levá-la ao Mercy Geral. — Fechou a porta.

A ambulância se dirigiu ao hospital, descendo a rua. Mira ficou olhando até que dobrou a esquina. Sentiu Jack chegar a seu lado antes de entrevê-lo com a extremidade do olho. Ficaram

um momento em silêncio.

Cada parte de seu corpo parecia doer ao saber que ele a tinha enganado deliberadamente. Tinha oculto e retorcido a verdade.

— Eu esperava que rompesse meu coração, no final, Jack, mas nunca pensei que ia acontecer desta maneira — Sussurrou. Deu a volta e caminhou pela rua e sem olhar para trás.

Capitulo 24

Mira lançava pratos de peru, molhos e purê de batatas, o especial do dia.

A hora do almoço no Mike's Diner estava em pleno apogeu, e Mira agora deveria estar usando seu dom. Mas duvidava que alguma vez mais encontrasse seu dom para o restaurante.

Foi-se, junto com o homem malvado, magnífico, e enganoso em última instância, de olhos azuis. Mira deixou cair sua ordem, serviu as bebidas, e foi limpar a mesa. Seu corpo fazia os movimentos porque sua mente estava a um milhão de milhas de distância.

Annie tinha recebido alta dois dias depois de que a tinham internado, e tinha partido para sua casa em Nova Iorque. Mira havia retornado a trabalhar no dia seguinte, necessitando algo em que ocupar-se principalmente. Mike tinha contratado uma garçonete a tempo parcial para cobri-la, enquanto tinha estado ausente, mas Mike havia devolvido seu antigo trabalho, sem hesitar um instante.

Não é que ela o estivesse desfrutando muito.

O mundo tinha mudado diante seus olhos durante as últimas semanas, e ela tinha mudado com ele. Já não encontrou a satisfação que tinha conhecido uma vez no restaurante. Não depois de ter destampado seu poder e encontrado sua magia. Fazia que tudo parecesse muito pálido em comparação.

Ou talvez só estivesse deprimida.

Mira recolheu uma tina de pratos sujos e os levou a parte posterior. Depois de que os deixou na lava-louça, deteve-se para lavar as mãos. Pegou um pano de cozinha limpo perto da pia, saiu de trás do mostrador para ver o restaurante meio cheio. Viu o televisor no canto de uma plataforma por cima da mesa e deu um pulo. As notícias da tarde mostravam a imagem do edifício *Duskoff*. Pegou o controle remoto de cima da cafeteira e aumentou o volume.

"A polícia ainda está investigando a misteriosa morte do multimilionário W. Anderson Crane, o Diretor Geral e presidente do Duskoff Internacional. No sábado passado, caiu por uma janela do edifício Duskoff de Nova Iorque e se especulavam quarenta histórias sobre sua morte. A polícia não tinha testemunhas nem pistas no caso; Entretanto, suspeitava-se de um suicídio. Seu filho adotivo, Stefan Faucheux, informou, revelando que Crane sofria de um avançado câncer nos ossos. Crane não esperava sobreviver e tinha expressado, supostamente, intenções suicidas..."

Ela silenciou o televisor e desceu o controle remoto, estremecendo-se com a lembrança do vidro quebrado, o grito e o silêncio. Não foi até agora que havia começando a lutar com o fato de

que tinha assassinado alguém. Apesar de que tinha sido um caso de legítima defesa, ainda assim, tinha tomado uma vida.

Poderia Stefan vir trás dela pelo que tinha feito? Tinha visto e sentido como era poderoso, e Mira não estava segura de poder opor-se se ele o fizesse.

O tinido da porta do restaurante ao abrir-se chamou sua atenção. A grande forma familiar de Jack McAllister encheu o marco da porta. Ele procurou com o olhar pelo restaurante e a viu ali, secando as mãos com o pano de cozinha.

Isto era a última coisa que necessitava. Suspirando, jogou a toalha sobre o mostrador.

Via-se magnífico, como sempre, embora um pouco desgastado. Uma barba de três dias obscurecia a linha da mandíbula. Usava um par de jeans, botas e suéter negro, e seu jaquetão azul marinho.

Jack se sentou em sua área como se tivesse tido sorte. Ou talvez tivesse estado observando de seu carro antes de vir, assim saberia onde sentar-se.

Mira se fez cargo de todos os seus outros clientes antes de aproximar-se da mesa de Jack com a cafeteira e uma xícara nas mãos.

Deixou a xícara e a encheu, continuando, deixou um pacote de açúcar ao lado. Não tinha que perguntar como tomava seu café.

— O que está fazendo aqui?

— Vem pedir desculpas.

Levantou uma sobrancelha.

— Sério? Vai pedir desculpas por mentir?

— Não menti. Simplesmente ocultei algumas coisas.

— Sim, isso seria outra maneira de dizer que mentiu, Jack — Replicou ela com fúria.

— Tem razão. Menti — Passou a mão pelo queixo — Cometi um erro, e agora estou pagando por isso. Só queria vir e me desculpar. Sei que deve me odiar agora que sabe quem era meu pai e eu só queria...

Pôs a cafeteira sobre a mesa com um ruído metálico, fazendo que o café chapinhasse de um lado a outro. A família na mesa do lado dirigiu a ela um olhar curioso.

Mira se inclinou para Jack.

— Não me importa quem era seu pai! Você é por quem me apaixonei. Seu parentesco não significa nada para mim. O que importa é que não encaixei bem para que me dissesse algo a respeito. Não confiou em mim o suficiente para me revelar algo tão importante como essa informação.

Olharam um ao outro durante um bom momento.

— Importava-me — Sussurrou, sentindo que seus olhos se enchiam de lágrimas. Ela piscou. De maneira nenhuma ia deixá-lo ver que chorava — Mas já passei por isso com Ben, e não posso fazê-lo de novo.

Agarrou a cafeteira e se afastou. Quando ela retornou, Jack tinha ido. Tinha saído deixando seu café sem tocar.

ଔଔଔ

Abriu a porta de seu apartamento e tentou acender a luz do corredor, mas o interruptor não funcionava.

— Grandioso — Queixou-se, empurrando a porta com grandes sacolas plásticas que penduravam de seus braços e cortavam sua circulação. Fechou a porta com o pé.

Thomas tinha enviado um cheque para pagar suas contas e o aluguel. Tinha pagado pelo correio ontem, mas certamente não tinha detido o corte por parte da companhia de eletricidade devido a sua demora e, ao que parecia, cortaram-lhe o serviço.

Fazia frio no apartamento, também.

— Duplamente grandioso — Murmurou.

Depois de chocar e bater o joelho contra a cadeira da cozinha e amaldiçoando pelos cotovelos, conseguiu depositar suas sacolas no mostrador. Tirou umas velas de emergência de sua gaveta e acendeu uma. Com essa escassa luz, procedeu a procurar e acender mais. Logo seu apartamento esteve suficientemente iluminado para que não chocasse, e não acabasse cheia de hematomas.

Com o brilho da vela, guardou em seu lugar os comestíveis. Pegou um pacote de bolachas doces, agarrou uma e se afundou em sua cadeira da cozinha, com seu casaco ainda posto. Comendo a bolacha, ficou olhando a chama vacilante da vela sobre a mesa pequena.

Por que tinha que vir para vê-la hoje? Tinha estado indo bem, bom, tinha estado fingindo como se estivesse indo muito bem, até que se apresentou. Suspirou. Provavelmente não havia dito a respeito de ser filho de Crane, porque lhe dava vergonha, ou porque pensava que o odiaria por isso. Talvez tivesse sido muito dura com ele? Além disso, Thomas havia dito que tinha estado sob a ordem de não dizer. Como Annie, que tinha estado sob as instruções de seus pais de não dizer a respeito de sua magia. Tinha perdoado a Annie, por que não Jack?

A parte dela irremediavelmente apaixonada por ele queria utilizar essas razões para perdoar Jack por seu engano... Mas não podia deixar Jack sair disse com tanta facilidade. O engano deliberado a golpeava em um ponto muito sensível.

Amá-lo tanto como fazia, só fazia que doesse até mais.

A Mira não importava quem o tinha concebido. Esse não era o ponto. Se a tivesse conhecido um pouco melhor, acreditado nela um pouco mais, deveria ter se dado conta disso.

Sua magia se agitou inquieta em seu centro. Pôs sua mão entre seus seios. Tinham passado alguns dias desde que tinha utilizado um pouco de magia, e agia como um cachorrinho que precisava dar um passeio. Tirou um fio e se permitiu deixar uma cálida brisa muito suave, não o suficientemente forte para soprar suas velas, flutuasse pela sala. Ela fechou os olhos e o desfrutou enquanto revolvia seus cabelos.

Não era a mesma pessoa que tinha sido quando deixou o lugar com Jack faz um mês. Agora já não estava feliz de ficar neste apartamento, de trabalhar como garçonete, e lutar para entrar na universidade a uma carreira que não estava segura se queria. Sua magia era uma parte dela, e queria usá-la todos os dias se pudesse. Thomas tinha oferecido um trabalho no *Aquelarre*, e uma

vez que conseguisse dominar suas emoções no que se referia a Jack, aceitaria.

A suave, cálida, brisa logo esquentava o suficiente seu apartamento para que Mira tirasse o casaco. Encheu sua pia com água. A vida continuava. Havia homens para superar e pratos para lavar. Alguém bateu a sua porta, fazendo-a saltar. Mira fechou os olhos, sentindo quem a tinha vindo visitar imediatamente.

Ali estava ela a ponto de começar tudo de novo, exceto o homem em sua porta, nesta ocasião, tinha a capacidade para ferir seu coração em vez de seu corpo.

Brigou consigo mesma um momento, suas mãos caíram profundamente na água saponácea, e depois suspirou derrotada. Mira pegou uma toalha e secou as mãos no caminho para a porta.

— Mira — Disse Jack logo que abriu a porta — Coloquei os pés pelas mãos.

— Pode dizer isso outra vez — Apoiou a cabeça contra o marco da porta, agarrando o pano de cozinha em suas mãos, e o olhou. Via-se miserável. Ben nunca se viu tão miserável, tão arrependido.

E Ben tinha mentido durante muito mais tempo e em coisas muito piores.

Tinha reagido exageradamente devido a sua relação com Ben? Suas emoções estavam tão confusas, só não sabia. Não podia tirar as emoções fora de seus olhos, de sua face. Não era boa em fingir esse tipo de coisas, assim sabia que ele podia ver sua dor e sua vulnerabilidade.

— Sinto muito. Necessito de você. Necessito como preciso respirar. Estou aqui para te pedir que me perdoe.

Vacilou um momento e depois se voltou e entrou em seu apartamento, deixando a porta aberta atrás dela. Foi sentar a sua pequena sala de estar. A porta se fechou, e os passos de Jack soaram no curto corredor.

Apoiou-se contra a parede que separa a sala de estar e o corredor parecendo miserável.

— Podemos voltar a começar em algum lugar perto do começo? Acha que pode me dar outra oportunidade?

— Jack... — Começou e depois se deteve. Maldição, amava-o. Amava-o tanto que doía o ter tão perto e não ser capaz de tocá-lo — Golpeou-me justo onde estava mais indefesa. Não entende? Ben mentiu uma e outra vez, me ocultando as coisas... segredos — Ela balançou a cabeça, sentindo as lágrimas picando em seus olhos — Não posso fazer isso de novo. Não posso estar com um homem que me faz isso, Jack.

Ela aproximou-se e ele se ajoelhou a seus pés.

— Sei, mas eu não sou esse homem. Cometi um engano ao não confiar o suficiente para pensar que podia aguentar saber quem eu era realmente, mas não sou Ben. Por favor, reconheça isso.

Não era nada como Ben. Sentiu isso, no fundo dela. Sim, era um homem que amava às mulheres, não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Entretanto, Mira entendia que Jack não era o tipo de homem que rogava a uma mulher, não era do tipo de se desprendia casualmente das emoções de uma mulher para seus próprios desejos egoístas e sexuais. O fato de que tinha chegado a pedir perdão e até ajoelhar-se a seus pés era uma prova disso.

— Não é como Ben, Jack.

Ele negou com a cabeça.

— Não, não sou. Não sou tão estúpido para deixar que uma mulher como você me escorra através dos dedos sem lutar — Sua voz tremia de emoção — Maldição, Mira. Nunca esperei isto. Nunca esperava encontrar a alguém como você. Só... explodiu direto contra mim quando menos o esperava.

Nenhum dos dois disse nada durante um bom momento.

Tomou fôlego.

— Te amo, Mira.

Mira ficou sem fôlego na parte posterior da garganta e uma lágrima escorregou por sua bochecha. Não tinha esperado escutar essas palavras. Limpou a lágrima.

— E, sim, fiz tudo errado. Coloquei as coisas feias. É que tinha medo de que me odiasse por ser quem sou e por ter estado ali... — Fez uma pausa e engoliu seco —... quando sua mãe morreu e o escondi de você, inclusive sabendo de que te doeria quando finalmente soubesse.

A emoção ficou apanhada em sua garganta, por isso foi difícil falar.

— Jack, amo quem você é, sem ter em conta quem é seu pai. Esse dia que viu morrer a minha mãe, era um menino. Por que te culparia por estar aí e deixar que acontecesse?

Afastou o olhar, mas ela viu a impressionante dor e a culpa em seus olhos azul claro antes que baixasse o olhar.

Mira entendeu algo nesse momento. Jack tinha estado levando essa pesada culpa e em seu coração, se sentia responsável desde o dia em que tinha ocorrido. Esse dia, a alma de Jack tinha sido marcada com o peso emocional da morte de sua mãe e sua incapacidade para evitar que ocorresse. O fato de que fosse um menino não era importante. A lógica não tinha capacidade nos eventos dolorosos que Jack tinha tido que suportar. Culpava-se pela morte de sua mãe. Ponto.

Não era de estranhar que tivesse querido ocultar isso.

Entendendo o que necessitava, inclusive se Jack não o fazia, tomou o queixo e o obrigou a olhá-la.

— Perdoo você, Jack. Eu, como filha de minha mãe, absolvo-o do que seja que pensa que fez de errado esse dia.

— Mira, não...

— Jack. Ouviu o que acabo de dizer?

— Sim.

Mira, não acreditava que ele tivesse feito algo para necessitar o perdão, mas, em algum lugar profundo dentro dele, Jack precisa saber que o tinha.

— Eu te perdoo por estar lá. Perdoo-o por observar a morte de minha mãe. Perdoo-o por não ter idade suficiente para fazer algo a respeito. Perdoo-o por ter estado muito assustado para tentar detê-lo. Perdoo-o por ter sido feito por William Crane — Ele a olhou antes de voltar sua face. Vislumbrou o alívio em seus olhos. Talvez ainda não estivesse preparado para absolver-se da responsabilidade, mas esperava ter dado um ponto de partida para se curar.

Deteve-se, sentindo que seus olhos se enchiam de lágrimas frescas.

— E também te amo — Sua voz tremia — Te amo tanto.

Inclinou-se para frente e a tomou em seus braços, dando um doce beijo na boca.

— Estou muito contente de escutar essas palavras de seus lábios — Murmurou — Estou muito aliviado.

Sentiu outra lágrima por sua bochecha, e ele a beijou imediatamente. Mira rodou os olhos e deu um pouco de risada.

— Por favor, Jack. Amei-o desde dia que me deu um beijo na cozinha e liberou minha magia.

— Acha que algum dia poderá me perdoar por te ocultar à verdade? — Ele segurou sua bochecha na mão — Com muito gosto passaria o resto de minha vida trabalhando para isso.

— Wow — Ela soltou uma curta gargalhada — O resto de sua vida. E pensei que estava nisso só pelo sexo.

— O sexo é grandioso — Passou o dedo pela bochecha — Mas eu adoro todo o pacote. De fato, não posso imaginar viver sem você.

Um sorriso apareceu em sua boca.

— Eu sinto o mesmo, Jack. Cometeu um engano ao não me dizer a verdade, mas todos cometemos enganos às vezes. Posso te perdoar.

— Eu não estava brincando a respeito de passar o resto de minha vida compensando isso.

Sua respiração se enganchou em sua garganta. Isso tinha parecido como uma proposta e estava de joelhos... E agora estava tirando uma pequena caixa de joalheria de seu bolso. Não! Não podia casar-se de novo. Nunca, jamais. Ele abriu a caixa, que revelava o mais precioso anel de diamante e safira que já tinha visto. Não era um anel de compromisso tradicional, mas estava o suficientemente perto para fazê-la preocupar.

— Jack — Disse com cautela.

Ele devia ter visto o olhar de horror em sua face porque riu entre dentes.

— Não estou te pedindo que se case comigo, Mira — Ele tomou o anel e o deslizou por seu dedo. — Encaixava perfeitamente. Ela o olhou brilhar em sua mão. Era muito mais bonito do que o que tinha ganhado em suas bodas.

Apertou sua testa na dela e tomou sua bochecha na palma de sua mão.

— Mas te peço que se mantenha em minha vida de maneira permanente, do tipo para sempre — Murmurou — Talvez algum dia veja que o matrimônio com o homem correto não é tão terrível, e este anel poderá transformar-se em um anel de compromisso em vez de um simples presente de alguém que te ama profundamente.

— Jack — Ela começou e depois se deteve, tentando encontrar as palavras adequadas. Nunca as encontrou. Sorria tanto que pensou que seu rosto poderia gretar-se — Está bem.

Beijou-a com doçura a princípio, logo sua língua atravessou seus lábios, insistindo a separá-los. Fez, e deslizou dentro da boca para esfregar sua língua contra a dela. Ouviu que a caixa da jóia caía ao piso quando Jack tomou em seus braços e a tirou do sofá. Estendendo-a no chão abaixo ele, com a boca ainda trabalhando nela. A forma em que a beijou, o calor de seu corpo, e sua mera presença masculina a afligia e roubava o fôlego.

Ela deslizou suas mãos sobre seus ombros, por debaixo de suas costas, e puxou levantando a barra de seu suéter, em busca da carne quente. Seu corpo respondeu com tanta facilidade a seu

beijo. Seus mamilos se endureceram e seu sexo reagiu, sentia-se cada vez mais quente e excitada.

— Jack — Sua voz entrecortada, quando rompeu o beijo — Desejo-o — Mira tirou um fio de magia, e as velas se apagaram, sumindo a sala na escuridão.

— Carinho, eu sou seu.

Fim

